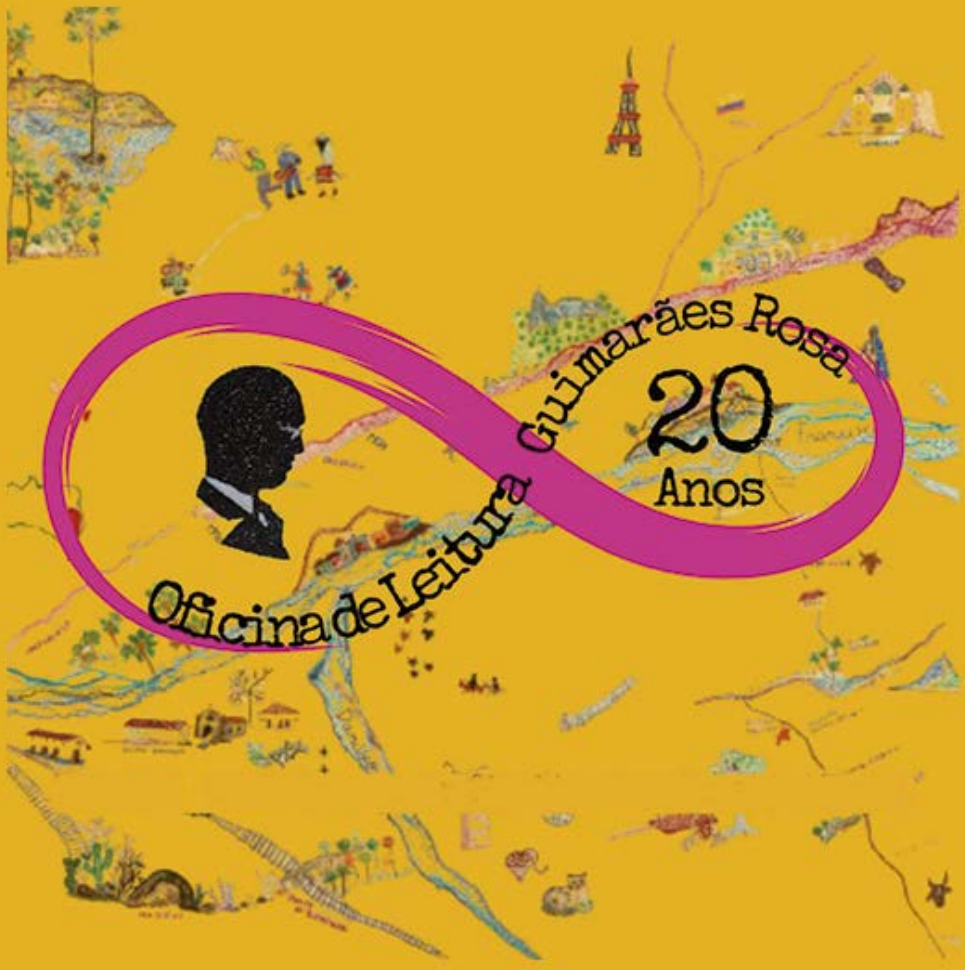
Travessias

20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP

Livro III - Entrevistas



Elni Elisa Willms
Rogério de Almeida
Michel Riaudel (orgs.)

FEUSP

Travessias:

20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP

Livro III

Conselho Editorial:

Alberto Filipe Araújo, Universidade do Minho, Portugal
Alessandra Carbonero Lima, USP, Brasil
Ana Guedes Ferreira, Universidade do Porto, Portugal
Ana Mae Barbosa, USP, Brasil
Anderson Zalewski Vargas, UFRGS, Brasil
Antonio Joaquim Severino, USP, Brasil
Aquiles Yañez, Universidad del Maule, Chile
Belmiro Pereira, Universidade do Porto, Portugal
Breno Battistin Sebastiani, USP, Brasil
Carlos Bernardo Skliar, FLASCO Buenos Aires, Argentina
Cláudia Sperb, Atelier Caminho das Serpentes, Morro Reuter/RS, Brasil
Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, UFABC, Brasil
Daniele Loro, Università degli Studi di Verona, Itália
Elaine Sartorelli, USP, Brasil
Danielle Perin Rocha Pitta, Associação Ylê Seti do Imaginário, Brasil
Edesmin Wilfrido P. Palacios, Un. Politecnica Salesiana, Ecuador
Gabriele Cornelli, Universidade de Brasília, Brasil
Gerardo Ramírez Vidal, Universidad Nacional Autónoma de México
Jorge Larossa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha
Ikunori Sumida, Universidade de Kyoto, Japão
Ionel Buse, C. E. Mircea Eliade, Unicersidade de Craiova, Romênia
Isabella Tardin Cardoso, UNICAMP, Brasil
Jean-Jacques Wunnenberger, Université Jean Moulin de Lyon 3, França
João de Jesus Paes Loureiro, UFPA, Belém, Brasil
João Franscisco Duarte Junior, UNICAMP, Campinas/SP, Brasil
Linda Napolitano, Università degli Studi di Verona, Itália
Luiz Jean Lauand, USP, Brasil
Marcos Antonio Lorieri, UNINOVE, Brasil
Marcos Ferreira-Santos, USP, Brasil
Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, USP, Brasil
Marian Cao, Universidad Complutense de Madrid, España
Mario Miranda, USP, Brasil
Patrícia P. Morales, Universidad Pedagógica Nacional, Ecuador
Pilar Peres Camarero, Universidad Autónoma de Madrid, España
Rainer Guggenberger, UFRJ, Brasil
Regina Machado, USP, Brasil
Roberto Bolzani Júnior, USP, Brasil
Rogério de Almeida, USP, Brasil
Soraia Chung Saura, USP, Brasil
Walter Kohan, UERJ, Brasil

ELNI ELISA WILLMS
ROGÉRIO DE ALMEIDA
MICHEL RIAUDEL
(ORGS.)

Travessias:

20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP

Livro III

DOI: 10.11606/9786587047652

FEUSP

SÃO PAULO, SP
2024

© 2024 by Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
Coordenação editorial: Elni Elisa Willms e Rogério de Almeida
Projeto Gráfico e Editoração: Rogério de Almeida e Marcos Beccari
Capa: Renata Oliveira Ribeiro. Imagem da capa: bordado Do Danúbio ao São Francisco - Guimarães Rosa para todos, Grupo Teia de Aranha (@teia_aranha)
Revisão: Regina Pereira

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catalogação na Publicação
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

T781 Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP: Livro III / Organizado por Elni Elisa Willms, Rogério de Almeida, Michel Riaudel. -- São Paulo: FEUSP, 2024.
4.337 Kb ; PDF.

ISBN 978-65-87047-65-2 (E-book)
DOI: 10.11606/9786587047652

1. Rosa, Guimarães (1908-1967) 2. Oficina de leitura 3. Literatura 4. Estudos brasileiros I. Willms, Elni Elisa II. Almeida, Rogério de III. Riaudel, Michel IV. Título

CDD 22. ed. 375.101

Ficha elaborada por: Nicolly Leite – CRB-8/8204

Universidade de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda Nascimento Arruda

Faculdade de Educação
Diretora: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto
Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto
Avenida da Universidade, 308 - Cidade Universitária - 05508-040 – São Paulo – Brasil
E-mail: spdfe@usp.br / http://www4.fe.usp.br/

FEUSP

Projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*

SUMÁRIO

Nota Introdutória 10
Elni Elisa Willms

Prefácio 17
Luís Antônio Jorge

TRAVESSIA I – Palavras dos organizadores 20

Apresentação 21
Elni Elisa Willms, Rogério de Almeida, Michel Riaudel

Entrevistas: os 20 anos da Oficina de Leitura – a pesquisa e seus procedimentos 29
Elni Elisa Willms

A memória e uma certa escuta sensível 45
Elni Elisa Willms

TRAVESSIA II – Precursores 52

Dieter Heidemann – *Idealizador da Oficina de Leitura, o inventor da Roda* 53

Beth Ziani – *Território literário, experiência coletiva e valorização da identidade local* 67

Mônica Fernanda Rodrigues Gama – *Experiência nos arquivos de Rosa e estratégias de leitura* 80

Marily da Cunha Bezerra – *Memória e homenagens afetivas* 96

Rioco Kayano – *Homenagem de honra para Marily da Cunha Bezerra* 105

Em memória de Marily da Cunha Bezerra*: poema e flor, por Rosa Haruco Tane* 107

TRAVESSIA III – Coordenadoras atuais 109

Rosa Haruco Tane – *A Roda de Leitura e a integração das diversas culturas* 110

Regina Pereira – *Uma devota de João Guimarães Rosa* 131

Linda Yazbek Rivitti – *Na Roda de Leitura a gente vai se trabalhando, refletindo e vai mudando* 147

TRAVESSIA IV – Parceiros 158

Ronaldo Alves – *Educação patrimonial como manifestação da cultura viva* 159

Dôra Guimarães – *Grupo Miguilim: A importância de narrar de forma poética* 173

Elisa Almeida – *Grupo Miguilim: Quando o texto escorrega da boca!* 180

Brasinha – *Estórias reais dentro da ficção de Rosa* 195

Maria Cristina Ferreira e Rioco Kayano – *Grupo Teia de Aranha: natureza, imagens e sentimentos rosianos bordados no pano* 217

Almir Paraka – *O Caminho do Sertão: Ideia força que traduz o que é o Brasil* 235

Pedro B. de Meneses Bolle – *A Oficina de Leitura João Guimarães Rosa é um dos braços de um dos acervos mais importantes do IEB* 250

Marise Soares Hansen – *Para quem gosta de ouvir a palavra* 265

TRAVESSIA V – Participantes 275

Uiara Sabrina Miranda – *Algumas estórias vivas* 276

Fernanda Rivitti – *O encanto de ser corpo e suporte para o texto literário e para a partilha* 286

Gabriel Brigagão Ábalos – *Eu fico só escutando, mas aprendo pra caramba!* 305

TRAVESSIA IV – Equipe da técnica 309

Renata Oliveira Ribeiro – *Alguns desdobramentos da Oficina de Leitura* 310

Gabriella Roesler Radoll – *Na equipe técnica um trabalho respeitado e enriquecedor* 320

Paula Felice – *Dos conhecimentos básicos para a superação da técnica* 329

Epílogo*: louvor à leitura e à literatura de Guimarães Rosa* 338

Kátia Regina Moreno Caiado – *O Rosa, a Roda, a pandemia e eu: excertos de um diário* 340

Marise Hansen – *Ia haver a festa* 346

Organizadores 349

NOTA INTRODUTÓRIA

Elni Elisa Willms[1]

No movimento das palavras: Oficina de Leitura e Roda de Leitura, rosiano e roseano, estórias e histórias, confraria e devotos...

> Mas o cabedal é um só, do misturado viver de todos, que mal varêia, e as coisas cumprem norma. João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas.* (ROSA, 2017, p. 1162).

Oficina de Leitura João Guimarães Rosa. Assim figura no site do IEB[2] – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – USP. Entre os participantes o costume é Oficina de Leitura Guimarães Rosa – como está grafado no logo da camiseta comemorativa aos 20 anos. Oficina: lugar de experimentação, de fazer reparos, de fazer a manutenção de veículos ou equipamentos. Oficina de Leitura: lugar para experimentar, onde se pode reparar, no sentido de fazer algum conserto ou reparação a respeito de alguma palavra ou até mesmo do sentido de algum trecho de literatura.

Também se evoca outro sentido da palavra reparar: prestar atenção, vigiar, olhar com mais vagar tudo que nos envolve. Reparar no singular azul do céu, no movimento do vento nas palhas dos buritis, nas cores e nos modos de vida dos pássaros e de tantos outros seres que compõem conosco. Ler Guimarães Rosa é aprender a reparar na

[1] Professora da UFMT e do PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.
[2] Conforme consta em https://www.ieb.usp.br/ofrosa/ Acesso em: 19/5/2023.

grandeza da vida – das plantas e dos animais, dos rios e do ar, do céu e da terra, da noite e do dia, do visível e invisível, do fogo e também das pessoas – com todos os percalços, perigos e belezas, além dos sentimentos de que se revestem os personagens, tão humanos como cada um de nós, ambíguos, contraditórios, incertos e maravilhosos. Está tudo lá na literatura de João Guimarães Rosa. Tudo misturado. Tudo é e não é, e nós, na Oficina de Leitura, aos poucos aprendemos a pôr reparo nisso tudo, nas tantas travessias de leituras compartilhadas no grupo e em voz alta.

É Oficina de Leitura e é Roda de Leitura. Oficina e Roda. Porque quando ela acontecia presencialmente as pessoas sentavam-se em círculo para melhor ler, ouvir, olhar-se, escutar, dialogar, fazer circular, na roda, toda a estética roseana. Oficina e Roda de Leitura. O leitor terá que se familiarizar com o movimento de oscilação entre estas duas palavras: Oficina de Leitura e Roda de Leitura, dois nomes para a mesma experiência de encontro com a literatura roseana. Neste livro seguimos a lógica da convivência com as ambiguidades (GALVÃO, 1972) e acolhemos esses dois nomes, além daquele que consta no site do IEB, como mencionado acima.

O uso das palavras rosiano e roseano também foi objeto de algumas discussões e trocas de mensagens no grupo do WhatsApp dos Amigos da Roda. Cecilia Marks afirma fazer uso do termo rosiano com base no Dicionário Houaiss:

> terminação em que se inclui (no masc. e no fem.) o suf. -ano (ver) e, eventualmente, a term. -ano; us. nas formas de adj. ou subst.; no âmbito da língua de cultura, vem impondo-se uma regra segundo a qual só se escreverá -eano quando a sílaba tônica do derivante for um -e- tônico ou ditongo tônico com base -e- ou, por fim, em que, mesmo átono, o -e- for seguido de vogal átona: arqueano (Arqueu), cuneano (Cuneo/Cúneo), daomeano (Daomé), egeano (Egeu), galileano (Galileu), lineano (Lineu); os demais, mesmo que as palavras de que tenham derivado se grafem com e, serão sempre em -iano: acriano (Acre), camiliano, ciceroniano, eciano, freudiano, zwingliano etc.; em conexão, veja-se que se faz hugoano (Victor Hugo), mas peruano (Peru); exemplos esses que podem servir de padrão para ocorrências morfológicas acaso semelhantes.

Cecilia comentou que na época do doutorado[3] conversou com o seu orientador, Marcus Vinicius Mazzari – FFLCH-USP, a respeito do uso da palavra roseano ou rosiano e acabaram pesquisando outros termos também. Optaram pela norma – rosiano – em função do caráter do trabalho, mas lembra que, como roseanos raiz, podemos usar qualquer um e até os dois. Informa que em suas pesquisas encontrou em ensaios acadêmicos, inclusive recentes, ambas as formas.

A professora Márcia Morais, da PUC-MG, esclarece que, depois de uma conversa com o seu orientador do doutorado, Davi Arrigucci, ele trocou, no seu texto da tese[4], todos os seus "roseano(a)" por "rosiano(a)". Afirma que ficou bem frustrada, até porque, no seu "modelo imaginário", estava o genitivo "*rosae*" (de rosa-*rosae*), em que o "*rosae*" se leria "rose", daí, roseano(a), ou seja, do Rosa (genitivo). Mas, como diz o ditado popular: "quem pode manda e quem tem juízo obedece", afirma, e acabou por adotar em sua tese o termo rosiano.

Elisa Almeida nos conta que na sua tese[5] ficou roseano e roseana mesmo e, além disso, esclarece que talvez nem tenha ocorrido à sua orientadora da Escola de Belas Artes da UFMG discutir a especificidade desses termos. Portanto, caro leitor, seguiremos com as pessoas e as suas formas rosiana(s) e roseana(s) também nos textos a seguir. Embora o termo rosiano conste da norma, respeita-se o costume do termo roseano, e assim, bem de acordo com a literatura de Guimarães Rosa, cumprimos norma.

Entre outros pares de palavras, vamos encontrar muito mais a palavra estória do que história. Neste sentido, evoco os argumentos de Fabiana de Pontes Rubira, uma contadora de estórias da tradição oral que também faz a opção pela palavra estória:

> Abstendo-me da discussão de uma eventual exclusão desse termo **estórias** da nossa língua portuguesa e de uma acepção de que não designar os contos

[3] MARKS, Maria Cecilia. A voz das vozes: uma leitura bakhtiniana de Grande sertão: veredas. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-26062018-101804/pt-br.php Acesso em: 18/3/2023.

[4] MORAIS, Márcia Marques de. A travessia dos fantasmas. Literatura e psicanálise em Grande sertão: veredas. Tese defendida em 1999, também disponível em livro editado em Belo Horizonte pela Editora Autêntica, em 2001, com 175 p.

[5] ALMEIDA, Maria Elisa Pereira de. O acontecimento da narração oral de Guimarães Rosa: o Grupo Miguilim de Cordisburgo. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2020. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/47132 Acesso em: 18/3/2023.

> tradicionais de origem popular como **histórias** seria negar-lhes uma maior veracidade e importância perante a História da humanidade, optei pela grafia **estórias** para essa dissertação de mestrado com a intenção de marcar o caráter atemporal que os contos, principalmente os da tradição oral, possuem. Abdiquei do "h" das horas, do tempo cronológico linear que nos devora, em favor do "e", da eternidade que nos imortaliza (RUBIRA, 2006, p. 36, grifos da autora).

João Guimarães Rosa igualmente valoriza a oralidade e prefere a palavra estórias, inclusive nos títulos de alguns de seus livros. Amadou Hampaté Bâ nos legou um texto fabuloso no qual defende o valor da oralidade no âmbito das culturas originárias da África:

> Para alguns estudiosos o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata de testemunho de fatos passados. No meu entender não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais do que testemunho humano, e vale o que vale o homem (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

O geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, importante climatologista brasileiro e estudioso da obra de João Guimarães Rosa, aponta para a necessária compreensão desse tempo outro que se experimenta no sertão e, portanto, na leitura da obra rosiana: "Assim, a 'História' possível (em escolha deliberada na criação artística) é aquela que se tece a partir das inúmeras 'estórias', emanadas da oralidade dos 'causos', da música das cantigas, do imaginário popular, reveladora dos arquétipos, do inconsciente coletivo" (MONTEIRO, 2006, p. 56). Assim, por essas razões, fundamentadas em escolhas teóricas, se fez a opção pelo termo estórias na transcrição das entrevistas que recheiam este livro. São testemunhos humanos de experiências que, de alguma forma, eternizaram instantes e valem o que vale ser humano.

Rosa Haruco Tane, uma das coordenadoras da Oficina de Leitura que participa deste o início da sua criação, assim como outros componentes, considera-se da Confraria Roseana. Regina Pereira, outra coordenadora, costuma referir-se a si e a outros membros como Devotos do Rosa. E é nesta convivência literária e respeitosa da diversidade de modos de ser e de se expressar que a Oficina segue há 20 anos. Bem se

veja como as coisas "cumprem norma", como anunciado na epígrafe desta seção, bem ao gosto da literatura roseana.

O que o leitor vai encontrar neste terceiro livro são estórias de muitas pessoas que, por um lado, "mal varêia", parafraseando Rosa na epígrafe, nos elogios e no reconhecimento do quanto tem sido valorosa a experiência com a literatura de Guimarães Rosa e, por outro lado, aceitaram o convite para falar sobre essa experiência.

Entre uma entrevista e outra há diálogos e espaços vazios. Nos movimentos das vozes e das palavras escritas desfiam-se narrativas das ricas experiências de contato com a literatura de João Guimarães Rosa. Nomes de pessoas se repetem como se fossem refrões, nomes que são evocados da memória, mas principalmente pelos sentimentos de algo vivido num grupo que tem nos afetos uma potente força que mantém as pessoas juntas e em movimento.

Há um trânsito dos saberes da cidade – da universidade, da USP, do IEB, de São Paulo e de outras localidades brasileiras – para o sertão de Minas Gerais – para Cordisburgo, Morro da Garça, Andrequicé e demais cidades do circuito roseano. E vai e vem e volta para São Paulo, para o IEB. Há trocas. Há trânsito entre as pessoas e os seus conhecimentos e saberes, transitam os afetos, os gestos, as materialidades do bordado, dos textos narrados de cor, das fotografias, do teatro, do cinema e dos documentários, das danças, dos cantos e das cantigas, das músicas e de tudo aquilo que compõe a literatura de Rosa. Leva-se algo, oferta-se algo, recebe-se algo, retribui-se algo, e o circuito da dádiva se realimenta, como fizeram muitos povos nos seus movimentos de dar, receber e retribuir, conforme lemos em Marcel Mauss no seu *Ensaio sobre a dádiva* (2013). Este autor enfatiza, a partir de estudos dos fenômenos de trocas entre os povos da Polinésia, da Melanésia e de indígenas da América do Norte, que a dádiva sempre tem valor social; que dar implica receber e em seguida retribuir; que essas trocas incitam os homens a ser generosos; e que "as oferendas aos homens e aos deuses têm também por objetivo obter a paz com uns e outros" (MAUSS, 2013, p. 33).

As imagens que ilustram este livro

Os bordados que ilustram as diferentes seções deste livro fazem parte do projeto **Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos** (2008)[6], iconografia bordada sobre a vida e a obra do escritor Guimarães Rosa. O projeto foi idealizado por Beth Ziani, professora e estudiosa do autor, com pesquisa realizada pela especialista Neuma Cavalcante e pelo grupo *O Recado dos Gerais*, de alunos da Universidade Federal do Ceará e a colaboração especial do prof. Carlos Augusto Monteiro, geógrafo da USP/SP. Finalmente, os desenhos criados por Rioco Kayano foram bordados pelas mulheres do Grupo *Teia de Aranha*. Agradecemos ao Grupo Teia de Aranha, na pessoa de Beth Ziani, por ter oferecido esses bordados para ilustrar o nosso livro III.

Este chama-se LIVRO III – Entrevistas, pois faz parte de uma trilogia juntamente com o LIVRO I e o LIVRO II. O Livro I apresenta uma coletânea de variados textos produzidos por mais de 20 pessoas, todas participantes da Oficina de Leitura, em que narram algo de sua experiência com a literatura de Guimarães Rosa. O Livro II é um imponente registro fotográfico – e escrito – da maioria das atividades que aconteceram na Roda de Leitura em seu trânsito com o sertão rosiano, organizado por Regina Pereira, uma das coordenadoras da Roda de Leitura. Todos os livros estão disponíveis no Portal de Livros Abertos da USP[7]. São como vozes do coletivo e no conjunto dos três livros ficamos sabendo um pouco do muito que aconteceu nestes 20 anos na Oficina de Leitura.

Com essas palavras iniciais delineia-se o sentido de organizar em livros as narrativas que, com variadas vozes, formas e estilos, consigam dar conta de uma parte da travessia da Oficina de Leitura Guimarães Rosa desde 2004 até este ano de 2023.

Desejamos que todas as pessoas possam fazer da leitura deste livro um motivo para conhecer mais e melhor a obra de João Guimarães Rosa.

Boas leituras!

[6] Para mais informações indicamos o blog e o Instagram do Grupo Teia de Aranha https://grupoteiadearanha.blogspot.com/2020/10/exposicao-do-danubio-ao-sao-francisco.html / https://instagram.com/teia_aranha?igshid=YTQwZjQ0NmI0OA== Acesso em: 11/12/2023.

[7] Acessível em https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/series/travessias

Referências

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso.** São Paulo: Perspectiva, 1972.
HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In*: **História geral da África I**: metodologia e pré-história da África. 2.ed – Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-214.
MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas). **Estudos Avançados**. N. 20 (58), p. 47-64, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/j/ea/a/3JwQhymkR59hQZSdr5pq6tp/abstract/?lang=pt# Acesso em: 1/9/2023.
ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 1. ed. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutaméia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra! Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
RUBIRA, Fabiana de P. **Contar e ouvir estórias**: um diálogo de coração para coração acordando imagens. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2006. 241 p.

Prefácio travesso

20 anos redondos da Roda do Rosa

O terceiro livro da trilogia "Travessias", grande pesquisa da professora Elni Elisa Willms, concebida para indagar a experiência dos "20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa – IEB-USP", recolheu 20 depoimentos, um para cada ano, para traçar uma travessia temporal destes encontros que vai dos precursores às coordenadoras, aos parceiros, aos participantes e à equipe técnica responsável pelo atual formato em comunicação digital.

Uma história. Muitas estórias. 20 anos redondos.

O círculo é uma figura geométrica encantadoramente regular, onde qualquer ponto da linha que o configura é equidistante a um ponto invisível, precisamente localizado, chamado centro. O centro da Roda de Leitura ou das cirandas permanece sempre vazio. A disposição dos corpos dos participantes da roda ou dos cirandeiros (ou mesmo desses 20 entrevistados) desenha o círculo, a roda, o redemunho dos leitores de Guimarães Rosa. A geometria nas artes do espaço, sempre adquiriu significados acentuadamente simbólicos. Nas rosáceas das fachadas das catedrais góticas, por exemplo, representava-se a sabedoria, a harmonia e a ordem criadora do cosmos. Na subdivisão do círculo em setores, formando um vitral de luzes coloridas, grafava-se o movimento cíclico do tempo, do dia e da noite, ano após ano, infinitamente, conforme a ordem divina, e exaltava-se a unicidade do centro, a origem de uma só fonte de energia criadora detentora de todo poder, perpétuo e universal: Deus. Ou o Diabo? Ou o mundo a decifrar?

20 anos redondos, rondando os sertões, circulando entre campos e cidades, cirandando em eventos diversos, rodeando novos leitores, bordando a imaginação e, sobretudo, praticando e compartilhando leituras, pensamentos e sentimentos. Ler juntos não é a própria construção de uma profunda amizade, aquela que acumplicia leitores em uma grande travessia que se mostra continuamente renovada pelas astúcias do nosso guia, João Guimarães Rosa?

20 testemunhos dos integrantes da Roda, aqui reunidos, formam um mosaico sobre a experiência transformadora realizada pela literatura do Rosa. Ao falarem da história da Roda, das suas histórias de vida, da rede de acontecimentos, dos eventos concebidos e realizados, das instituições afins e dos leitores que se encontraram, percebemos, para além do deleite e do usufruto que cada reunião, cada conto ou cada livro propiciou aos seus participantes, o poder da difusão desta magnífica obra literária e o alcance das suas ações, fundamentalmente, educativas, sertões afora.

20 anos redondos da Roda do Rosa: uma história da leitura compartilhada da obra do Rosa e dos frutos que essa comunhão nos ofereceu.

O que a leitura coletiva instaura é a convicção de que estamos, os leitores de Rosa, imersos em uma obra aberta, dialógica, arrebatadora para as nossas reflexões e sensibilidades. Um mundo linguagem, um mundo viagem, um mundo a descobrir: o lugar sertão. Travessias.

Por que retirar o leitor da sua reclusão e trazê-lo à roda? Haveria ali, na obra do Rosa, um tipo de convocação silenciosa para formar uma roda de leitores? Para ouvir-nos uns aos outros? Para presenciarmos no outro, o leitor que imaginamos que somos? Ou que seremos, de agora em diante? Que tipo de linguagem é essa – meu Deus, que diabo – que reúne, por 20 anos, uma turma crescente de leitores empenhados a viver e reviver estórias numa experiência coletiva, teatral e especulativa? Este livro mostra que a roda foi formada por esses depoentes aqui presentes, viventes, assim de se pegar, e por aqueles nomes bem sublinhados e evocados pelas memórias e afetos externados nesta forma saborosa de conversas que o fabulista Rosa tanto apreciava. No entanto, a experiência de participar da Roda sugere que, no fundo, mas de verdade mesmo, foram as reticências, as brechas, os abismos e as imensidões da poesia roseana (ou rosiana?) que dispôs todo esse povo em roda para ler e conversar. Para ler e cantar. Para ler e dançar. Para ler e bordar. Para ler e narrar. Para ler e escrever. Para ler e criar. São

muitos e múltiplos os frutos nutridos pela Roda, pelo Rosa. “Tudo, nesta vida, é muito cantável”, diria o Riobaldo, ao participar dessa Roda.

Luís Antônio Jorge
Professor Associado
Chefe do Departamento de Projeto

FAUUSP
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

TRAVESSIA I - Palavras dos organizadores

Recorte do projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*

Apresentação

Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP – Livro III - ENTREVISTAS

Travessia I – Palavras dos organizadores

Elni Elisa Willms inicia o percurso com a escrita de um texto em que explicita como realizou as **Entrevistas: os 20 anos da Oficina de Leitura – a pesquisa e seus procedimentos**. Em seguida, noutro texto, traz porções de fundamentos teóricos do trabalho com **A memória e uma certa escuta sensível** e conclui: "Nenhuma pessoa, com a sua entrevista, dá conta de contar tudo. Cada um puxa um fiozinho, ele aparece, se mostra, brilha e se recolhe no avesso. No conjunto é possível perceber um movimento de algo que perdura, como um bordado. Fica o convite para que os leitores estabeleçam diálogos com os entrevistados, compartilhando pensamentos e simpatias. Para que escutem o mundo das vozes transcritas e também a si mesmos. Que se perguntem e busquem respostas para os vazios e as incertezas, no movimento de reflexão e com sensibilidade, como se estivessem no movimento de peregrinos saboreando o mundo: em travessias".

Travessia II – Os precursores

Dieter Heidemann, nos idos dos anos 2002-2006, como vice-diretor do IEB e na qualidade de **Idealizador da Oficina de Leitura, o inventor da Roda**, inicialmente passa a palavra para Beth Ziani e em seguida, sem muita precisão de datas e sem se preocupar com as origens, ambos nos revelam algumas raízes da Oficina de Leitura. Dieter salienta o necessário diálogo entre universidade e sociedade como algo que o moveu, junto com um grupo de pessoas, a iniciar as atividades da Oficina de Leitura, pois "O IEB tem esse caráter interdisciplinar, então fazer a Roda de Leitura no IEB era um esforço de facilitar a integração universitária e também com as pessoas de fora". E foi com as viagens de campo, prática comum aos geógrafos, que "A Roda de Leitura nasceu, e se estabeleceu, com essa viagem de 2003, quando para a gente ficou mais clara a necessidade da sonoridade e da musicalidade da obra rosiana".

Beth Ziani aborda a sua extensa vivência rosiana a partir de um tema ao qual se dedicou em seu doutorado: **Território literário, experiência coletiva e valorização da identidade local** dos moradores do sertão. Como uma das precursoras da Oficina de Leitura é das suas recordações que emergem notícias sobre a viagem de 1995, feita com a professora Regina Sader, do curso de Geografia da USP, e posteriormente ela narra sobre outra viagem, a de 2003, na companhia de Dieter Heidemann, Marily da Cunha Bezerra e um grupo de 20 pessoas. Ambas as viagens para o sertão rosiano foram como divisores de águas para Beth Ziani. Ela também conta a sua experiência com o grupo Teia de Aranha, do qual participa desde o início das suas atividades, em que mulheres unem a literatura às linhas do bordado.

Mônica Fernanda Rodrigues Gama trabalhou nos arquivos do IEB como estagiária e por isso a sua entrevista se intitula **Experiência nos arquivos de Rosa e estratégias de leitura**. Por suas palavras ficamos sabendo quais foram os primeiros passos da Oficina de Leitura, como as pessoas foram convidadas, as relações afetivas que permearam os primeiros contatos de estudiosos da literatura rosiana. No mestrado e no doutorado os seus estudos se alimentaram das pesquisas nos arquivos de Guimarães Rosa que ela ajudou a organizar nos seus primórdios. Mônica destaca que a leitura realizada em grupo e em voz alta funciona muito bem para os textos de Rosa, algo que nós na Roda de Leitura confirmamos semanalmente.

Marily da Cunha Bezerra – Memória e homenagens afetivas, pequeno acervo fotográfico cedido pela sua filha, Maria Andrade, se constitui numa forma singela de honrar uma pessoa que esteve nos primórdios da Oficina de Leitura, mas que já faleceu. Vários entrevistados trouxeram à memória as suas realizações, e por isso também a **Homenagem de honra para Marily**, em forma de poemetos e duas telas de **Rioco Kayano** e também a homenagem à memória de Marily, por **Rosa Haruco Tane**, com um poema e flor.

Travessia III – As atuais coordenadoras

Rosa Haruco Tane, japonesa e urbana e sertaneja, se entrega livremente às memórias e nos apresenta o seu percurso na entrevista **A Roda de Leitura e a integração das diversas culturas**. Das suas lembranças florescem os nomes de pessoas que deram os primeiros passos para que a Roda de Leitura frutificasse ao longo do tempo: Dieter Heidemann, Neuma Cavalcante, Marily da Cunha Bezerra, Mônica Gama, Rioco Kayano, Maria Cristina Ferreira, Vitor e Daniel... Das conversas nas casas de amigos, passando pelo bordado, a generosidade de Rosa, a sua capacidade ímpar para mobilizar e reunir pessoas, para fazer o trânsito entre o sertão e a cidade, sempre com afeto e com um sorriso integrando pessoas e suas habilidades. Entre tantas estórias Rosa narra sobre os bastidores da Oficina online: há aqueles que abrem a câmera e são bastante participativos, mas ela também acompanha silenciosamente algumas pessoas que, por estar passando por algum momento delicado, permanecem com a câmera fechada, mas garantem a sua participação e se beneficiam dos comentários e das leituras.

Regina Pereira, que também responde pela atual coordenação da Roda de Leitura, se declara como **Uma devota de João Guimarães Rosa**. Desde 2006 ela participa da Roda. Inicialmente apenas comparecia aos encontros semanais para a leitura, mas gradualmente foi se embrenhando no sertão roseano, fazendo viagens e descobrindo outras tantas nuances dos textos. Por ser jornalista, tem sido assumido os trabalhos de divulgação dos eventos ligados à obra roseana nas redes sociais. Regina destaca o papel da leitura em sua vida, o gosto pelos textos de alguns autores, em especial por Guimarães Rosa, a quem considera como um oráculo.

Linda Yazbek Rivitti revela que no seu percurso de leitora **Na Roda de**

Leitura a gente vai se trabalhando, refletindo e vai mudando. Nalguns momentos contou com sua mãe e sua filha, três gerações participando e se desenvolvendo juntas da Roda de Leitura presencial no IEB. Linda narra como tem sido coordenar na modalidade online, os cuidados com o grupo de WhatsApp, além de outros trabalhos na organização dos eventos promovidos pela Roda de Leitura na cidade e no sertão.

Travessia IV – Alguns parceiros da Oficia de Leitura

Ronaldo Alves aborda a **Educação patrimonial como manifestação da cultura viva**. Com o falecimento de Guimarães Rosa, em 1967, a criação do Museu Casa Guimarães Rosa efetiva-se em março de 1974, fruto de movimentos que se articulam em torno da casa em que nasceu o escritor. Ronaldo, como diretor do Museu, destaca o trabalho do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim, formado por jovens moradores de Cordisburgo, terra natal de João Guimarães Rosa. Atualmente as atividades do Museu se dão em torno da educação patrimonial, por meio de parcerias com escolas locais, instituições e universidades, além de ser um importante foco irradiador da obra rosiana e da cultura de Cordisburgo, com as suas manifestações culturais, como as Folias de Reis, a Festa do Rosário, a Congada e a montagem do presépio nas proximidades do Natal. Finalmente Ronaldo destaca que a tecnologia do Museu Casa Guimarães Rosa é a oralidade.

Brasinha, como leitor de Guimarães Rosa, procura – e encontra – as **Estórias reais dentro da ficção de Rosa**. Morador de Cordisburgo, desde a mocidade escuta muitas estórias, inclusive de algumas pessoas que se transformaram em personagens da obra de Guimarães Rosa. Paralelamente a isso, Brasinha recolhe objetos os mais variados em uma casa que vale a pena conhecer ao vivo, e então a gente aprende que cada objeto conta uma estória. E assim, enquanto a entrevista transcorre, ficamos sabendo dos movimentos de criação do Grupo Miguilim quando Calina Guimarães teve a extraordinária e bela ideia de chamar as crianças e os jovens para guiar os turistas no Museu Casa Guimarães Rosa. Brasinha é o idealizador do grupo Caminhos do Sertão, que faz caminhadas ecoliterárias, mostrando a obra de Rosa para as crianças, para as escolas e para os visitantes das Semanas Roseanas.

Dôra Guimarães conta na sua entrevista sobre o **Grupo Miguilim: A importância de narrar de forma poética**. Junto com Elisa Almeida coordena o

processo de formação dos jovens Miguilins, conduzindo-os para se tornarem narradores orais de textos rosianos para os visitantes do Museu Casa Guimarães Rosa, além de se apresentarem em eventos culturais onde forem convidados no Brasil inteiro. Dôra lembra o nome de Calina Guimarães, quando criou a Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, revitalizou o Museu e criou o Grupo Miguilim, quer dizer nessas três ações de Calina está a raiz de tudo que atualmente se faz em Cordisburgo em torno da obra de Rosa. Inclusive a própria Dôra se descobriu narradora: "Eu gosto de narrar porque, por exemplo, além de contar a estória, é importante passá-la de uma forma poética!"

Elisa Almeida, de maneira deliciosa, traduz o que faz o **Grupo Miguilim: Quando o texto escorrega da boca!** É esse trabalho com a oralidade que vem à tona no processo de preparação dos jovens narradores, numa pareceria profícua dessas duas mulheres, Dôra e Elisa, que se constituíram por caminhos paralelos e se especializaram para narrar textos de cor de Guimarães Rosa. Ela conta: "Lembro que Dôra e eu fomos na Roda de Leitura lá em São Paulo fazer narração. Participamos também de uma mesa em um evento, justamente falando sobre o Projeto Grupo Miguilim". E ela conclui: "É bom ouvir porque a literatura é fruto de um trabalho de criação de um artista, um escritor, um poeta que trabalha justamente com a questão da emoção e da poesia através da beleza da palavra falada".

Maria Cristina Ferreira e Rioco Kayano, numa agradável conversa, contam as estórias do **Grupo Teia de Aranha: natureza, imagens e sentimentos rosianos bordados no pano**. O grupo se reuniu para não reproduzir valores que estão na sociedade, não queriam competição, não fariam bordado para ganhar dinheiro, nem para uma ser mais importante do que a outra. Aquelas mulheres queriam dar um não para tudo aquilo que está na sociedade capitalista. E logo passaram a ter na literatura de Guimarães Rosa a fonte de inspiração para muitos e grandiosos trabalhos, inclusive com outros autores. E assim se fortaleceram como grupo, sendo também parceiras da Oficina de Leitura: por isso cresceram juntos!

Almir Paraka é o idealizador d'**O Caminho do Sertão: ideia força que traduz o que é o Brasil**. Ele conta o seu percurso como ativista socioambiental na região do Urucuia e na cidade onde nasceu, Paracatu. Sempre engajado politicamente com os valores culturais da região onde nasceu Guimarães Rosa, Almir aprendeu que

"Todo o território tem que ser necessariamente um território de cultura, território de identidade cultural, porque, se não for assim, ele não se constitui enquanto tal". Por isso, ele insiste: "A visão do Rosa da transformação social passa pela arte, porque a leitura que eu faço dele, para mim o Rosa é um grande político, só que é um político que, apesar de criticar muito a política convencional, ele era político, sim, porque ele tinha uma leitura correta do Brasil, uma leitura muito profunda, sociológica, histórica, e a proposta de transformação do país era exatamente a partir da cultura, área a que ele se dedicou, criou uma obra tão importante como essa que conhecemos".

Pedro B. de Meneses Bolle afirma que **A Oficina de Leitura João Guimarães Rosa é um dos braços de um dos acervos mais importantes do IEB**. Ele inicia a sua entrevista contando da grandiosa contribuição da Oficina de Leitura durante a pandemia na produção de podcasts sobre Guimarães Rosa. Pedro comenta como é feita a divulgação, pelo IEB, das atividades da Oficina: basicamente envia-se e-mails para as unidades da USP convidando as pessoas interessadas para participar, e finalmente ele aponta para algumas questões relativas ao futuro da Oficina de Leitura: "Talvez seja importante a própria Oficina de Leitura pensar como vai ser, como eles querem ou elas querem a Oficina de Leitura daqui a cinco, dez ou 20 anos. Quem cuida? Como ela se mantém? São questões um pouquinho mais filosóficas, mas que trazem para a realidade talvez as necessidades de uma sustentabilidade da própria Oficina".

Marise Soares Hansen conta que, **Para quem gosta de ouvir a palavra**, a Oficina de Leitura gera um movimento de aproximação à literatura de Rosa! Como professora e pesquisadora da obra rosiana, tem sido uma parceira, proferindo palestras sempre que é convidada. Marise afirma que "Nada mais rosiano também do que pegar e estabelecer essa ponte, esse diálogo entre uma coisa que se dá dessa forma mais descontraída, na forma de conversa, de leitura, sem preocupações, que é como se dão as leituras na Roda, mas trazer isso para esse outro espaço, para esse outro universo, para que as pessoas conheçam, para deixar isso registrado, isso é muito rosiano".

Travessia V – Alguns participantes da Oficia de Leitura

Uiara Sabrina Miranda é moradora de Andrequicé, distrito de Três Marias, e é de lá do sertão que ela narra **Algumas estórias vivas**. Sabrina conta que no início

não achava nenhuma graça nas apresentações locais sobre a literatura de Rosa, mas, na medida em que começou a ler, percebeu que ali estavam as estórias muito parecidas com as quais ela conviveu, e por isso ela nos conta sobre a sua avó raizeira, algumas memórias de infância, e assim nos apaixonamos pela beleza da narrativa mineira, narrativa viva do sertão, amostra da riqueza da língua portuguesa que Rosa soube tão bem valorizar.

Fernanda Rivitti nos revela **O encanto de ser corpo e suporte para o texto literário e para a partilha**. Formada em Letras, dedicou-se à arte de narrar oralmente textos de Guimarães Rosa, e hoje ela também oferece os seus conhecimentos em cursos sobre diferentes obras do Rosa. Para dar conta de narrar de cor e oralmente, Fernanda convive com o texto: "Eu estou repetindo, estou repetindo, eu estou memorizando, eu estou internalizando. Eu não tenho nenhum outro suporte. Eu vou ser suporte daquele texto! É tudo na voz, no corpo, numa mudança de postura. É curioso isso, porque é onde se encontram a narradora de estórias e a professora de literatura".

Gabriel Brigagão Ábalos conta em sua entrevista **Eu fico só escutando, mas aprendo pra caramba!** Como participante que não abre a câmera, ele nos revela de maneira singela que ao escutar e observar também se pode desenvolver o gosto pela leitura e pela literatura de Guimarães Rosa.

Travessia VI – A equipe técnica da Oficia de Leitura

Renata Oliveira Ribeiro aponta **Alguns desdobramentos da Oficina de Leitura**, desde que começou a participar até o momento em que passou a desempenhar um papel muito importante durante a pandemia. e junto com as duas outras entrevistadas logo a seguir, que foi o suporte com as tecnologias para que a Oficina de Leitura pudesse acontecer no formato online. Ela também aponta as contribuições advindas a partir do percurso d'O caminho do sertão, além disso ela comenta sobre o futuro da Oficina de Leitura. E destaca que "O mais importante são as pessoas, as amizades que ficam para a vida".

Gabriella Roesler Radoll, com a delicadeza que lhe é peculiar, afirma ter realizado **Na equipe técnica um trabalho respeitado e enriquecedor**. Arquiteta de formação, tem na obra de Guimarães Rosa uma fonte de estudos acerca das identidades territoriais no sertão roseano face às dinâmicas territoriais recentes. Junto com Renata e Paula formou o trio de mulheres da equipe técnica: voluntariamente, nas brechas dos

seus trabalhos, elas deram conta de uma tarefa gigantesca para que a Oficina de Leitura fosse possível no formato online e para que se conseguisse editar mais de 50 podcasts num período de cerca de um ano e três meses.

Paula Felice conta, de maneira quase poética, que passou **Dos conhecimentos básicos para a superação**. Como as demais colegas acima, ela não era profissional em edição de podcasts ou edição de vídeos, mas, como havia feito um curso em seu local de trabalho de bibliotecária, ela sabia o básico e assim pode contribuir de maneira maravilhosa com os trabalhos da Oficina de Leitura. Foram trabalhos de bastidores, mas que ficaram registrados para sempre no acervo fantástico que atualmente a Oficina de Leitura possui no Drive.

Entrevistas: os 20 anos da Oficina de Leitura – a pesquisa e seus procedimentos

Elni Elisa Willms[1]

> Mas, se ouvindo assim, de graça, estimava. As estórias reluziam às vezes um simples bonito, principalmente as antigas, as já sabidas, das que a gente tem em saudades, até. (ROSA, Ficção completa, 2017, p. 411)

Introdução

A realização das entrevistas deste Livro III é um desdobramento do meu Projeto de Pesquisa registrado na PROPEQ-UFMT sob nº 217/2023-2ª ETAPA, intitulado Narrativas, brincar e educação de sensibilidade, em que me proponho a compreender, entre outros temas, algumas interfaces entre educação e literatura. Duas publicações anteriores organizadas em parceria com Michel Riaudel e Rogério de Almeida, disponíveis no Portal de Livros Abertos da USP[2], sendo elas *Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP – Livro I* e *Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP – Reportagem fotográfica – Livro II*, este organizado por Regina Pereira, perfazem a trilogia em que me dediquei a ouvir de graça e com um

[1] Professora da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondonópolis – PPGEDU-UFR.

[2] Disponível em https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1121 Acesso em: 27/9/2023.

sentido simples – espero que seja também bonito –, como anunciado na epígrafe, as estórias e histórias de algumas pessoas que tiveram e têm alguma ligação e contato com as atividades realizadas na Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP.

Neste sentido as entrevistas a seguir efetivam-se como parte dos trabalhos do estágio pós-doutoral como professora do Instituto de Educação da UFMT, lotada no Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação – IE-DTFE e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondonópolis – PPGEDU-UFR. Amparou-me a Portaria Pessoal UFMT nº 446/2022, de 17/7/2022, com vigência de 15 de agosto de 2022 a 16 de agosto de 2023, período em que estive sob supervisão do Professor Michel Riaudel, como pesquisadora visitante junto à UFR d'Études ibériques et latino-américaines da Sorbonne Université, em Paris, França.

Por ser uma pesquisa com seres humanos, o projeto Entrevistas com precursores, parceiros e participantes da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa – IEB-USP-2004/2023 foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondonópolis, via Plataforma Brasil, no dia 31 de janeiro de 2023, tendo sido aprovado em 4 de abril de 2023, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 67270423.8.0000.0126 e parecer nº 5.983.840.

Elegeu-se como objetivo geral compreender, por meio de entrevistas com os precursores da Oficina de Leitura Guimarães Rosa e demais pessoas que de alguma forma mantiveram ou mantêm parceria com a Oficina, como nasceu, cresceu, se desenvolveu e os frutos dessa experiência formativa nascida no interior do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade e São Paulo – IEB-USP que completa 20 anos em 2023.

Foram entrevistadas 20 pessoas distribuídas em cinco grupos:

1) Três precursores
2) Três coordenadoras
3) Oito parceiros
4) Três participantes
5) Três pessoas da equipe técnica

Como cheguei a essas pessoas? A maioria eu conhecia, pois costumam frequentar as atividades da Oficina de Leitura, e aquelas que eu não conhecia – Mônica Gama e Almir Paraka – a Rosa Haruco Tane, uma das coordenadoras da Oficina de Leitura,

passou o contato. Gabriel Brigagão Ábalos é amigo de uma participante da Oficina de Leitura e por meio dela cheguei a ele. Assim, todos os convidados prontamente aceitaram gravar as entrevistas.

Histórico, problema, justificativa e o método da pesquisa

O problema que moveu a pesquisa foi: Como nasceu, cresceu e se desenvolveu a Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP? Ela acontece há mais de 20 anos, um tempo de duração relativamente longo como uma experiência, dentro da universidade, que se assemelha às atividades de extensão, embora não seja. Até o momento ninguém havia olhado para essa atividade formativa como uma possibilidade de pesquisa. Com essa justificativa busquei, inicialmente, a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP para desenvolver o meu estágio pós-doutoral sob orientação do Professor Rogério de Almeida, companheiro dos grupos de pesquisa LAB-ARTE (Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura) e do GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura), ambos da FE-USP, aos quais a presente pesquisa também se vincula. E fui aprovada.

Entretanto, após ler uma série de comentários elogiosos no grupo de WhatsApp da Oficina de Leitura sobre um certo professor francês que tinha proferido uma palestra, decidi, então, ouvir pelo YouTube a conferência de abertura do Colóquio internacional Primeiras estórias – 60 anos[3], proferida pelo Professor Michel Riaudel, da Sorbonne Université. Após ouvi-lo eu pensei: "Eu poderia procurá-lo para fazer uma parte do pós-doc em Paris, na França". Imediatamente escrevi para Ronaldo Alves, diretor do Museu Casa Guimarães Rosa, e perguntei se ele tinha o contato do professor Michel, uma vez que a conferência foi proferida em Cordisburgo, cidade natal de João Guimarães Rosa. Ronaldo respondeu que não tinha, entretanto passou o contato do professor Gustavo Castro, da UnB, organizador do Colóquio. Desta forma cheguei ao e-mail do professor Michel. E assim, numa quarta-feira eu escrevi um longo e-mail apresentando-me como uma pesquisadora brasileira com a intenção de realizar uma parte do estágio de pós-doc sobre a Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP. Eu ainda sublinhei que não teria

[3] Colóquio organizado pelo grupo de pesquisa Siruiz, situado na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília (UnB). O colóquio virtual aconteceu de maio a agosto de 2022. Maiores informações disponíveis em https://siruiz.com.br/primeiras-estorias/ Acesso em: 22/9/2023.

bolsa de estudos, mas que tinha a meu favor o fato de o meu companheiro residir em Paris. No sábado eu recebi, com muita alegria, a resposta afirmativa do professor Michel! E assim o professor Michel generosamente ofereceu uma *carte de séjour* por um ano, o que garantiu a possibilidade de ter um visto de permanência na França. Tudo se arranjou muito rapidamente, embora eu tenha cumprido uma série de questões burocráticas na Embaixada brasileira da França em Brasília e mesmo na minha universidade para que todo o trâmite fosse legal. Comuniquei essas mudanças ao querido professor Rogério de Almeida da FE-USP, que, muito generosamente, me liberou para a realização do pós-doc inteiramente na Sorbonne, sob supervisão do professor Michel Riaudel, entretanto mantivemos as parcerias já acordadas de publicação dos resultados da pesquisa no Portal de Livros Abertos da USP. Com este terceiro livro temos a realização dos objetivos.

A realização das entrevistas sob enfoque qualitativo

Elegi o enfoque de pesquisa do tipo qualitativa (LUDKE e ANDRÉ, 1986), pois a temática abordada não tem por objetivo quantificar a experiência da Oficina de Leitura Guimarães Rosa em forma numérica, mas captar a riqueza da experiência vivida e a forma como cada pessoa entrevistada, desde o início, e mesmo as que chegaram depois construíram a sua relação com a Oficina. Enquanto instrumento de pesquisa a entrevista caracteriza-se, principalmente, pela coleta de dados ocorrer diretamente com as pessoas, no caso aquelas que tiveram ou ainda mantêm contato com a Oficina de Leitura Guimarães Rosa.

Na medida do possível, procurei manter um clima amistoso e de conversa, mediada pela tecnologia do Google Meet. Buscava um pouco das histórias e estórias de cada um. Com um roteiro flexível e com uma "atenção flutuante" (THIOLLENT, 1980), mantive uma atitude aberta para acolher, inclusive, os acasos de uma ou outra referência a algum aspecto sobre o qual desconhecia e então aproveitava o momento para fazer uma pergunta que não estava no roteiro. Dessa forma,

> na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema

> proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

Zago (2003) denomina de entrevista quando "o pesquisador se engaja formalmente; o objetivo da investigação é a compreensão do social [...] e o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre" (p. 290). Para Antonio Carlos Gil:

> Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. [...] Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (GIL, 2008, p. 128).

A entrevista, enquanto instrumento de pesquisa, permite acessar as ideias e a experiência vivida pela pessoa, além de se constituir como um depoimento singular que, por sua vez, permite aferir hipóteses, afirmar, confirmar e registrar determinados acontecimentos sociais e se constitui um importante recurso para se ter acesso à memória das pessoas, portanto uma certa relação com o tempo vivido num certo espaço que, como o tempo, também é social. É um registro de um tempo vivido e que é narrado pela pessoa histórica e socialmente referenciada, logo, a partir do seu repertório. Neste sentido as entrevistas aqui realizadas se parecem mais com conversas, pois como pesquisadora estou implicada com o tema, uma vez que também sou participante da Oficina, além de estudiosa da obra de Guimarães Rosa.

Joël Candau (2005) investiga a memória sob uma perspectiva antropológica e destaca uma dimensão essencial que é o esquecimento, portanto quando se trabalha com a memória lidamos com a ambivalência entre a recordação e o esquecimento. E registrar, por meio de uma narrativa oral – entrevista depois transcrita – aquilo que se

recorda é uma das maneiras que nós humanos temos de marcar a presença do tempo no espaço por onde transitamos. O vivido fica impregnado na pessoa, como uma imagem ou um flash e assim ela possui algo para contar. Recorro à origem da palavra desde a Antiguidade Grega em que "*Mnemósine*, a divindade da memória, ocupa um lugar central no pensamento filosófico" (CANDAU, 2005, p. 39).

Elegeu-se a entrevista semiestruturada, que consiste na aplicação de um roteiro prévio, composto de tópicos organizados em uma estrutura inicial que pode ser ampliada com a inserção de novas perguntas, de modo que o pesquisador direciona de forma parcial os relatos dos depoentes para os objetivos do estudo, mas com certa flexibilidade que permita ao participante da pesquisa colocar outros aspectos e articulá-los de forma autônoma e livre.

Antes do início das entrevistas os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde foram informados sobre os riscos e os benefícios das suas participações e, também, sobre os objetivos da pesquisa, de que os dados seriam utilizados apenas para fins acadêmicos. Todos os entrevistados aceitaram revelar os seus nomes verdadeiros. Respeitou-se o direito de o participante retirar o seu consentimento, livre de sofrer qualquer penalidade ou danos. Neste sentido, duas pessoas inicialmente convidadas para compor como participantes da pesquisa não puderam conceder a entrevista por razões pessoais. Convidou-se então duas outras pessoas, garantindo o total de 20 entrevistas, conforme fora previsto.

A maioria das entrevistas foi coletada por meio de gravação online, pois encontrava-me afastada para o pós-doutorado em Paris, na França. Não havia verba para encontrar os entrevistados presencialmente em diferentes cidades do Brasil ou no exterior. No quadro a seguir estão listados os cinco grupos de pessoas entrevistadas, os seus respectivos nomes, a data do contato, da realização da entrevista e o tempo de duração de cada uma. Foram quase 10 horas de conversas.

PESSOAS ENTREVISTADAS
20 ANOS DA OFICINA DE LEITURA GUIMARÃES ROSA IEB-USP

Nº	NOME	GRAVAÇÃO	CONTATO	HORÁRIO-LOCAL	TEMPO
PRECURSORES					
1	Heinz Dieter Heidemann	Gravação áudio	5/4/2023	Quarta-feira, 12/7/2023 10h Cordisburgo-MG	32:09
2	Elizabeth Ziani – Grupo Teia de Aranha	Google Meet	6/4/2023	Sexta-feira, 2/6/2023 9h SP -14h Paris	1:05:35
3	Mônica Fernanda R. Gama – UFOP	Google Meet	5/4/2023	Sexta-feira, 28/4/2023 11h Paris	45:58
COORDENADORAS					
4	Rosa Haruco Tane	Google Meet	5/4/2023	Terça-feira, 2/5/2023 8h SP - 13h Paris	1:00:46
5	Linda Yazbek Rivitti	Google Meet	5/4/2023	Terça-feira, 18/4/2023 8h SP - 13h Paris	45:42
6	Regina Pereira	Google Meet	5/4/2023	Segunda-feira, 10/4/2023 14h SP - 19h Paris	1:19:18
PARCEIROS					
7	Ronaldo Alves – Museu Casa Guimarães Rosa	Google Meet	5/4/2023	Segunda-feira, 17/4/2023 8h MG - 13h Paris	48:00
8	Dôra Guimarães – Grupo Miguilim	Google Meet	5/4/2023	Sábado, 29/4/2023 13h MG - 19h Paris	25:55
9	Elisa Almeida – Grupo Miguilim	Google Meet	5/4/2023	Quinta feira, 27/4/2023 11h MG - 16h Paris	51:56
10	Brasinha (José Osvaldo dos Santos)	Google Meet	5/4/2023	Quarta-feira, 26/4/2023 8h MG - 13h Paris	1:06:38
11	M. Cristina Ferreira e Rioco Kaiano Grupo Teia de Aranha	Google Meet	5/4/2023	Quarta-feira, 17/5/2023 9h30min SP – 14h30min Paris	48:22
12	Marise Hansen – USP	Google Meet	2/5/2023	Terça-feira, 9/5/2023 10h SP - 15h Paris	28:51
13	Almir Paraka – O caminho do sertão	Google Meet	28/4/2023	Quinta-feira, 24/8/2023 10h MG - 9h Cuiabá-MT	46:27
14	Pedro B. de Meneses Bolle – IEB	Áudio WhatsApp	3/5/2023	Áudios recebidos no dia 4/5/2023	44:37

PARTICIPANTES					
15	Uiara Sabrina Miranda	Google Meet e áudios do WhatsApp	11/4/2023	Sexta-feira, 14/4/2023 7h30min MG – 12h30min Paris	24:57 4:15
16	Fernanda Rivitti	Google Meet	12/4/2023	Segunda-feira, 1º/5/2023 9h Massachusetts-EUA - 15h Paris	49:03
17	Gabriel Brigagão Ábalos	Apenas áudio	29/6/2023	Sexta-feira, 7/7/2023, 10h SP	14:17
EQUIPE TÉCNICA					
18	Gabriella Roesler Radoll	Google Meet	5/4/2023	Quarta-feira, 3/5/2023 6h30min SP – 11h30min Paris	29:56
19	Paula Felice	Google Meet	5/4/2023	Quarta-feira, 3/5/2023 15h SP - 19h Paris	17:33
20	Renata Oliveira Ribeiro	Google Meet	5/4/2023	Sexta-feira, 28/4/2023 8h SP - 13h Paris	42:31
TOTAL					9:27:60

Em geral eu estabeleci o tempo de até 1 hora de entrevista como um teto máximo, para não cansar o entrevistado e não tornar a entrevista excessivamente longa e cansativa para o leitor. Obviamente que algumas pessoas falaram um pouco mais e outras um pouco menos, como se pode constatar pelo tempo de duração de cada entrevista.

A maioria das entrevistas foi gravada pela Plataforma do Google Meet utilizando o e-mail institucional da USP, com o domínio da Oficina de Leitura, portanto esse registro também pertence à Oficina de Leitura. Pedro Bolle optou por receber as perguntas por escrito e enviou as respostas por áudio do aplicativo WhatsApp; Gabriel Brigagão Ábalos, por ser cadeirante, me recebeu em seu apartamento, em São Paulo, na volta de Paris, e a sua entrevista foi gravada em áudio; Dieter Heidemann teve uma participação numa mesa-redonda, por ocasião da 35ª Semana Rosiana, em Cordisburgo, e, como o tema seria o mesmo da entrevista, com o assentimento dele gravei e transcrevi a sua fala; Uiara Sabrina Miranda complementou a sua entrevista com envio de algumas estórias utilizando os áudios do aplicativo WhatsApp. Por fim Maria Cristina Ferreira e Rioco Kayano foram duas mulheres entrevistadas ao mesmo tempo, ambas do Grupo Teia de Aranha. Especificamente para essas duas entrevistadas o início do parágrafo identifica o nome daquela que fala.

O labor da transcrição

Para a transcrição utilizei o recurso Ditado do Office, da Plataforma Microsoft Speech Services. É um recurso que para algumas entrevistas até que funcionou muito bem, ou seja, quando a pessoa falava um pouco mais devagar e com clareza, a transcrição ficava muito próxima do desejável. Entretanto, o recurso faz a transcrição em bloco, sem parágrafo, sem pontuação, sem uso de maiúsculas. Às vezes não capta determinados trechos da fala, e então fica sem sentido. Outras vezes traduz de maneira equivocada. O meu trabalho paciente consistiu em ouvir as entrevistas, acionando o botão de pausa e de volta, em constantes idas e vindas para apurar a escuta e bem transcrever.

Foram sucessivas escutas para identificar, por vezes, uma fala em tom mais baixo, uma palavra não tão bem articulada, para identificar momentos de pausas explicativas até encontrar uma vírgula, um travessão, um ponto final e um parágrafo: algum sentido. O que se apresenta são as falas na íntegra, porém editadas e corrigidas. Uma ou outra vez introduzi uma ou outra palavra ou expressão para assegurar a coerência e a coesão. Eu também retirei quase todos os nossos vícios de fala e palavras repetidas – né, é, então, pra, tá, tô, aí – foram suprimidas ou escritas corretamente. Eu também cortei das entrevistas as minhas muitas interferências, momentos em que senti necessidade de trocar algumas ideias com as pessoas, mas que, entretanto, não precisavam vir para a cena da entrevista.

Creio que dois exemplos bastam para se ter uma ideia de como é receber a transcrição que eu chamo de "bruta" do Ditado do Office. Bruta no sentido de uma pedra bruta que precisa ser trabalhada e lapidada, pois muitas coisas ali não fazem sentido – a palavra Cordisburgo vira "cortes público"; rosiano foi transcrito como "cozinhando"; Beth virou "path", por exemplo –, e todo o trabalho que foi necessário para chegar às entrevistas tal como se apresentam neste livro.

Exemplo nº 1 de trecho "bruto" transcrito pelo Ditado do Office:

> Primeira pergunta é isso eu só vou dizer a data sempre digo 24 de agosto aqui em Cuiabá são 9 13 aí você está em Minas Gerais né imagina isso são 10 horas e 13 minutos então a primeira pergunta para conforme a gente conversou é como é que você conheceu Guimarães Rosa bom é assim eu eu sou da da região aqui do do Sertão mineiro né nascido em Paracatu turno

> na no meio rural então tive uma vivência ambientada né morei na roça até os 6 anos e depois assim todas as férias do primeiro ao último dia de férias era ir pra roça né até os 15 anos quando eu começo a a trabalhar é então assim esse universo universo cozinhando cortou o som cortou o sono não sei se é agora voltou isso não no processo é OA pode ser que a nossa entrevista seja muito interrompida porque hoje é meu aniversário e assim tem mensagem chegando gente ligando parabéns olha só Ricardo que que Bela coincidência que presente para nós vou registrar isso vou dizer que foi no dia do teu aniversário liga mas assim então primeiro (Recorte da transcrição bruta do início da entrevista com Almir Paraka, num total de 1min. 46s. – 1 minuto e 46 segundos).

Trecho da entrevista com o meu trabalho de transcrição:

> **Neste dia em que você faz aniversário – 24 de agosto – nós ganhamos o presente de poder ouvir sobre as suas experiências poéticas e políticas no sertão! Parabéns por todas as travessias! E com essa palavra inspiradora – travessia –, eu pergunto: Como é que você conheceu Guimarães Rosa?**
> Eu sou da região aqui do sertão mineiro, nascido em Paracatu, no meio rural. Morei e tive uma vivência ambientada na roça até os 6 anos, e depois, todas as férias, do primeiro ao último dia de férias, eu ia para a roça, até os 15 anos, quando comecei a trabalhar. (p. 235 deste livro)

Exemplo nº 2 de trecho "bruto" transcrito pelo Ditado do Office:

> [...] Aí a gente começou a ir pra cortes público com o nosso dinheiro sempre né eles fazendo as coisas muito improvisadas sem nenhuma sem nenhum planejamento de semana nem nada quando eu tinha semana essa semana literária literária da academia a gente se reunia parte na escola na no parque dos jardins pra você eu estava começando a fazer a reestruturação da casa né e a gente começou pegar livros da biblioteca o que tinha pra fazer leitura com que tivesse é o sítio fazia coral a pat que o senhor fazia oficina de com as galinhas né da da do local sendo elas sempre trabalhou a questão da memória a memória afetiva através da de uma roupa eu lembro muito dessa oficina que aperte tempo que foi uma coisa muito linda né então ela

> sabia então com o papel papel que era aquele que ela trouxe ela costurava roupa cheia de ela pedia pelo pessoal da terceira idade pode ser a roupa que marcou a vida delas então era de batismo do neto era de casamento do namoro mas assim trazendo essa memória afetiva é é é pra que trazer para poder fazer AO trabalho integrando o grupo da terceira idade (Recorte da transcrição bruta da entrevista com Rosa Haruco Tane, relativa aos 7min e 21s. até 8min e 54s, totalizando 1min e 33s).

Trecho da entrevista com o meu trabalho de transcrição:

> Começamos a ir todos os anos para Cordisburgo, sempre com o nosso dinheiro, fazendo as coisas muito improvisadas, sem nenhum planejamento de Semana Rosiana, nem nada. Quando tinha essa semana literária da academia a gente se reunia à parte na escola, no parque, nos jardins. O museu estava começando a fazer a reestruturação da casa onde nasceu Guimarães Rosa. A gente começou a pegar livros da biblioteca, o que tinha, para fazer leitura com quem estivesse ali. O Vitor da Costa Borysow fazia coral, a Beth Ziani começou a fazer oficina de costura com as senhoras do local, pois ela sempre trabalhou a questão da memória afetiva através de uma roupa.
>
> Eu lembro muito dessa oficina que a Beth Ziani deu, pois foi uma coisa muito linda! Com um certo tipo de papel que ela levava, ela costurava a roupa e pedia para o pessoal da terceira idade fazer a roupa que marcou a vida deles. Então faziam a roupa de batismo do neto, a do casamento, do namoro, mas assim trazendo essa memória afetiva para poder fazer um trabalho integrado com o grupo da terceira idade. (p. 113 deste livro)

Como se pode observar há um processo de elaboração, de corte e enxugamento nalguns casos e da reorganização e busca do sentido em outros. É preciso escutar literalmente, mas também é preciso um cuidado para retirar os excessos, as interferências – como uma chamada de telefone no início da entrevista de Almir Paraka –, as hesitações, aqueles momentos em que a pessoa está rebuscando a memória para trazer algo à tona e que a fala continua fluindo, porém já não contempla o tema. Noutras vezes a pessoa começa um assunto, introduz outra informação no meio, esquece de retomar ou volta ao assunto bem mais adiante.

Enfim, o que eu quero dizer é que não é nada simples trabalhar com a oralidade. Nalgumas entrevistas esse fluxo é como as águas caudalosas de um rio que vai serpenteando vigorosamente por entre as pedras e outros obstáculos. Mas a escrita tem normas, como se fossem as margens, que contêm esse fluxo, com a gramática, que prescreve e determina o uso de pausas que são marcadas pelos sinais gráficos, o uso de letras maiúsculas e minúsculas, os parágrafos, a correção na grafia das palavras e uma série de outras regras para assegurar o sentido para o leitor. Noutras entrevistas a fala é mais mansa como um riachinho, e então a transcrição fica um pouco mais fácil, mas ainda assim pede o labor do sentido.

Todas as vezes que os entrevistados, por causa de uma longa relação afetiva, se referiram a alguma pessoa apenas pelo primeiro nome ou apelido eu procurei colocar o nome inteiro. É uma maneira singela e delicada de prestar uma homenagem a todas as pessoas que de uma forma ou de outra fazem parte da história e das estórias desses 20 anos da Oficina de Leitura.

Todos os entrevistados receberam a transcrição e puderam corrigir ou interferir tanto para cortar quanto para acrescentar algo que por vezes ficou lacunar. Alguns quiseram fazer isso de maneira mais formal, outros cortaram informações desnecessárias. Pouquíssimas pessoas fizeram acréscimos seja em forma de interferência escrita ou por meio do envio de áudios do aplicativo WhatsApp.

No processo de edição eu procurei captar o que era central naquela conversa, e desse processo emergiu o título de cada entrevista. Para cada entrevista eu também retirei uma epígrafe, algo que indica para o leitor o teor ou um pensamento central do entrevistado. Eu ainda destaquei em negrito pontos que eu considerei como muito potentes. De maneira que um leitor apressado poderá correr os olhos apenas por entre esses destaques, e assim, resumidamente, terá acesso às principais contribuições daquela pessoa. Muitos outros detalhes estarão nos meandros dos textos, e por isso as entrevistas merecem ser lidas na íntegra.

Quase todas as pessoas entrevistadas têm experiências de longa duração com Guimarães Rosa e com a Oficina de Leitura, tempo de vida em que também construíram e produziram, numa potente rede de afetos e diferentes produtos culturais. Sempre que possível eu procurei, no momento da transcrição, trazer os links com as referências a essas produções: palestras, lives, shows, dissertações, teses, vídeos, documentários, livros, artigos, eventos, encontros, cursos e seminários, bordados, fotos e etc. Temos

aí uma espécie de hipertexto que descortina mundos outros, parcerias e amizades que se sustentaram e continuam se sustentando no universo e na literatura de Guimarães Rosa, muitos deles apoiados pela Oficina de Leitura.

Deliberadamente eu não fiz análises das entrevistas e as entrego com o processo de edição que fiz: os títulos, as epígrafes e os destaques denotam a minha leitura e aquilo para o que eu dei relevo. Não fiz cruzamento de dados de uma para outra entrevista, pois não foi meu objetivo. Acredito, entretanto, que cada entrevista de maneira muito peculiar e pelo processo de edição, descrito acima, conseguirá oferecer para o leitor alguns contornos de alguns caminhos por onde essas pessoas se encontraram com a Oficina de Leitura. Por sua vez, outros leitores poderão encontrar, abertamente, outros caminhos, outros destaques e também lacunas que poderão levá-los para novas perguntas e possíveis respostas. Eu pensei as entrevistas assim, abertas e em diálogo com o leitor. Cada entrevista vale por si, num diálogo com as outras a partir das leituras que cada um possa fazer.

Para os finalmentes, algo sobre as marcas da oralidade nos textos

Nas entrevistas resguardei as marcas da oralidade, sempre que possível. Nalguns textos elas aparecem de maneira mais nítida, noutros nem tanto. Foi uma escolha intencional até para mostrar as belezas e as riquezas dos variados recursos da nossa língua portuguesa falada no Brasil. Intencionalmente não submeti as entrevistas aos rigores da gramática, inclusive para respeitar, de alguma forma, as marcas da expressão oral de cada pessoa, algo que Guimarães Rosa também valorizou, elaborou e respeitou em suas obras.

Nessa mesma linha amparo-me em Amadou Hampaté Bâ, mestre malinês da tradição oral africana, ao afirmar que

> O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem

> recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. Nada prova *a priori* que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

A busca foi pela palavra recordada, pela experiência que permaneceu no coração de cada um. Embora eu tivesse um roteiro prévio – para todos eu perguntei, basicamente, como chegaram ao escritor Guimarães Rosa e seus livros, e, posteriormente, à Oficina de Leitura – eu também me entreguei ao encontro e à conversa com abertura para escutar o que o meu entrevistado tinha para narrar, sendo um roseano. O que eu posso dizer, ao final do trabalho, é que cada entrevista foi única tanto quanto cada pessoa é única na sua experiência com o autor e com as diferentes dinâmicas estabelecidas com a Oficina de Leitura. São palavras carregadas de experiências humanas e por si valem como testemunho vivido e vivo, tal como afirma Amadou Hampaté ao referir-se às culturas de tradição oral:

> Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele *é* a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

O objetivo foi compreender como cada um construiu a sua relação com o autor Guimarães Rosa e com a Oficina de Leitura. Cada estória, embora singular, guarda pontos de contato com um ou outro aspecto das histórias e estórias dos demais. Não tinha como ouvir todo mundo. Ficaram vazios, pessoas por ouvir, muito por compreender. Estamos no fluxo. Nada é muito linear, nem as entrevistas, tampouco os textos com as suas estórias vividas. Não busquei precisão, mas persegui, um pouco, o estilo do idealizador da Roda, Dieter Heidemann, fugindo tanto quanto possível da formalidade, mesmo estando dentro da academia e respeitando-a.

Agradeço a cada um em especial, pelo sim, pelo aceite, pela confiança, pela generosidade de compartilhar, pelo trabalho conjunto, pela colheita na forma desta trilogia. Não ficou perfeita, sempre falta algo, mesmo com três livros, permanecem os vazios, mas é a vida mesma, esse movimento contínuo que nos faz ser o que somos, um constante devir: Travessias.

Percorremos algo como se fossem os meandros dos labirintos rosianos. As estórias se tocam, se desviam, mas sobretudo pairam entre nós. Se mostram um tanto. Continuam vivas, se fazendo e refazendo, contornam as nossas vidas com alguns significados, porém não com todas as respostas. As perguntas nos movem para outras travessias. Nenhuma pessoa, com sua entrevista, dá conta de contar tudo. Cada um puxa um fiozinho, ele aparece, se mostra, brilha e se recolhe no avesso. No conjunto é possível perceber um movimento de algo que perdura, como um bordado.

Nossa Oficina de Leitura segue viva, por mais de 20 anos!

Vida longa à Roda de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP!

Referências

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

GIL, Antonio Carlos**. Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In*: **História geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. 2.ed – Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-214.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 1. ed. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutaméia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra! Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo, Edit. Polis, 1980.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. IN: ZAGO, N; CARVALHO, M. P; VILELA, R.A (Orgs.) **Itinerários de pesquisa.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. pp. 287-309.

A memória e uma certa escuta sensível

Elni Elisa Willms[1]

> Ouço o ruído do riacho de Heywood que deságua na lagoa de Fair Haven, som que aporta a meus sentidos um reconforto indizível. Parece que ele realmente verte de meus ossos. Ouço-o com uma sede inesgotável. Ele acalma em mim um calor tropical. Ele afeta minha circulação; acredito que ele e minhas artérias estão em simpatia. O que é, pois, que eu ouço, senão estas límpidas cascatas dentro de mim, e aí aonde circula meu sangue, estes afluentes que se precipitam para dentro de meu coração?
>
> THOREAU, H.D. *Walden In*: LE BRETON, 2016, p. 129

Com licença, mas vou parafrasear livre e longamente a epígrafe acima: Escutei as vozes de 20 pessoas entrevistadas para este livro e elas produzem em mim um reconforto indizível. Parece que cada pessoa, ao dizer um pouco de si, disse um pouco da minha experiência com a Oficina de Leitura. Dirá da sua? Escutei sobre leitura, a relação com os livros de Guimarães Rosa e toda a vida que deles emerge. Fui movida por uma sede de livros, de conversar com as pessoas, de escutá-las. Na escuta – na escrita e na leitura também – é como se nossas fontes, por alguns instantes, se tocassem e se misturassem numa oceânica relação amorosa. Nossas memórias, em flashes espontâneos, como se fossem carícias, expandem alguns sentidos. Sentimo-nos pulsantes e vivos. Como num gozo, algo se acalma: Ah, então foi assim que se deu a

[1] Professora da UFMT e do PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.

criação do Museu Casa Guimarães Rosa? Assim nasceu o Grupo Miguilim? Foi desse jeito que começou o trabalho com a narrativa oral dos textos de Guimarães Rosa com a Calina Guimarães, a Dôra Guimarães e a Elisa Almeida? E o Brasinha, então, é tudo de verdade naquela casa e vida cheia de estórias? E as míticas viagens de 1995 e 2003 pelo sertão roseano? Agora eu sinto que sei um pouco, tanto por ter estado em Cordisburgo e conhecer pessoalmente alguns dos entrevistados quanto por ouvir, nas entrevistas, as histórias e estórias vividas por essas pessoas.

Compreendi que nem tudo é preciso ou cabe na caixinha estreita da verdade e da razão, que a imaginação, a alegria, o sonho, a intuição e a poesia também nos alimentam e nos constituem. O Dieter Heidemann, a Beth Ziani e a Mônica Gama, como precursores, trouxeram as memórias que para eles afloraram, cada um do seu jeito. E assim todos os demais. Cada rio ou riacho não tem personalidade própria, conforme aprendemos lendo sucessivamente Guimarães Rosa na Roda de Leitura? Juntos e separados, na ambivalência construímos as nossas simpatias de olhar com amorosidade para a experiência da Roda de Leitura. Infinito sertão! Os nomes das pessoas são um desfile de rios que desaguam neste livro as suas fontes com estórias e histórias e se oferecem para o leitor. Um curso em fluxo. Vivo. Com o assentimento de cada um me permiti adentrar por instantes nessas águas correntes das memórias das pessoas, e hoje, de formas muito singulares, essas simpatias circulam dentro do meu coração. Este livro. Quem sabe você possa saciar um pouco a sua sede também?

Para Karl Kerényi, "A mitologia trata de origem e origens como o fundamento de todas as coisas existentes e futuras" (KERÉNYI, 2015, p. 136). Embora eu não tenha feito o caminho da busca das origens da Oficina de Leitura, mas das estórias que cada um poderia oferecer sobre a sua experiência com Rosa e a Oficina, ainda assim começo pelas bases mitológicas na busca de amparo para o que me inspirou para a realização das entrevistas, nesse labor com as memórias das pessoas. Trago pequenas porções de alguns autores que sustentam a arquitetura textual que me animou a partir dessas fontes:

> Hesíodo começa a sua [teogonia] com o elogio às musas. É natural que um deus remeta à fonte, a mãe das musas. A grande deusa Mnemosine, uma das consortes de Zeus, ainda pode, sob outro ponto de vista, ser comparada a uma fonte. [...] Ela é *a* memória enquanto fundamento cósmico do lembrar-se, que, tal como uma fonte eterna, nunca para. E, justamente por meio das

> musas, ela também concede até mesmo o benfazejo esquecimento (*Teog.* 55). Assim, não perdemos a nós mesmos, mas apenas aquilo que deve ser esquecido. Por isso a dádiva de Mnemosine é útil aos mortos e aos poetas: não permite que os primeiros se sequem; e faz transbordar os segundos. (KERÉNYI, 2015, p. 137. Grifos do autor).

O antropólogo David Le Breton começa o capítulo do seu livro sobre ouvir, ouvir-se: "O homem abre uma passagem na sonoridade incessante do mundo ao emitir sons ou provocando-os por suas palavras, por seus feitos e gestos" (2016, p. 128). Ele afirma que por meio dos nossos ouvidos nos abrimos para o mundo, que o "ouvido é o órgão através do qual o mundo é conhecido e compreendido" (p. 131). Creio que bem traduz o objetivo de ter escutado 20 pessoas e suas experiências tanto com a literatura de Guimarães Rosa quanto com a Oficina de Leitura. As palavras dos mundos dos entrevistados transbordam como testemunhos vivos, escoam do tempo e desaguam em forma de estórias e narrativas vivas, se transformam em informações para alguns, em deleite para outros. Podem revelar outras dimensões e camadas para outros leitores. Por certo ficaram e ficarão muitas perguntas sem respostas. São como canções, oferecem algumas chaves compreensivas, expressam força, cristalizam o poder das relações afetivas como aquilo que une e interliga as pessoas em torno de Guimarães Rosa e sua literatura.

A presença das fotografias de Marily da Cunha Bezerra como uma musa logo após as entrevistas dos precursores se constitui em singela homenagem à sua memória. Ela também foi uma precursora, e, embora não pudesse ouvi-la, pois já se encantou, foi possível sentir a sua presença me nutrindo e saciando. Vários entrevistados trouxeram o seu nome à tona, lembraram e assim celebraram suas iniciativas criativas, os seus feitos e realizações. Sua alegria e beleza continuam vivas nas memórias de cada um e nós que não a conhecemos pessoalmente, passamos a admirá-la por causa do que foi trazido pela memória, nas relações afetivas que ela criou em sua passagem neste mundo. Com esse gesto honramos os antepassados e agradecemos a sua filha, Maria Andrade, que nos ajudou na organização do material fotográfico por ela gentilmente cedido. Agradecemos os poemetos e as telas de Rioco Kayano, a sua forma artística de também homenagear a eterna amiga. E Rosa Haruco Tane, com lembranças da flor que Marily tanto gostava, também a homenageia. O singelo e o simples, a grandeza do amor!

O ato de evocar e de trazer à tona lembranças dos acontecimentos aciona a memória, essa capacidade de reter algo do vivido, de um passado que já não existe, num presente que é o tempo da emissão e um devir que está sempre por se fazer. Ou seja, lidamos com três categorias do tempo quando nos ocupamos da memória. Joël Candau afirma: "A lembrança do passado é um desafio lançado ao futuro que consiste em colocar em contraponto *hoje* aquilo que foi dito com o que poderia ter sido feito" (2005, p. 51/2. Grifo do autor). Sem nenhuma pretensão de julgar o que foi rememorado, aquilo que se recorda é diferente do vivido, pode inclusive vir embelezado ou carregado de sentimentos desagradáveis, mas é quase sempre uma imagem de acontecimentos passados. Quando nos lembramos é como se fizéssemos a leitura de uma imagem de algo que ficou gravado em nós.

Para Tim Ingold, à medida em que vivemos nos movemos, em abertura para o mundo, e assim vamos deixando nossas linhas, nossas marcas de passagem – como num bordado? Construir essas linhas implica em uma atividade constante de nossa parte, em relação com o mundo e as pessoas, sob a forma de trabalho e arte, de produção da nossa existência, sob a forma de nossa participação na transformação do mundo e de si. Assim, peregrinamos pelo mundo, uns na cidade, outros no sertão e ainda outros circulando e fazendo circular saberes e materialidades daqui para lá e de lá para cá. Travessias. Por isso para o autor *ser* é estar ao longo de caminhos e "a caminhada é o modo fundamental como os seres vivos habitam a terra" (INGOLD, 2015, p. 38). Assim, em feixes de linhas nos cruzamos, trocamos experiências e sentidos, construímos nossas vidas, habitamos material e sensorialmente o mundo: produzimos este livro, inclusive:

> Aqui, certamente, repousa a essência do que significa habitar. Trata-se, literalmente, de iniciar um movimento ao longo de um caminho de vida. O percebedor-produtor é, portanto, um caminhante, e o modo de produção é ele mesmo uma trilha traçada ou um caminho seguido. Ao longo desses caminhos, vidas são vividas, habilidades desenvolvidas, observações feitas e entendimentos crescem (INGOLD, 2015, p. 38).

Ecléa Bosi trabalhou com o tema da memória em sua tese de doutorado publicada com o título *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1979). De alguma forma o livro de Bosi me inspirou para este meu trabalho com as entrevistas. A autora aponta que

"lembrar-se, em francês *se souvenir*, significaria um movimento de 'vir' 'de baixo': *sous-venir*, vir à tona o que estava submerso" (BOSI, 1979, p. 9). Foi isso que eu fui buscar na conversa com os entrevistados, o que ficou retido na memória da experiência com a literatura rosiana e com a Oficina de Leitura. Marilena Chauí foi da banca de defesa de Bosi, e o texto que ela escreveu se tornou a apresentação do livro denominada "Os trabalhos da memória", em que, entre outros temas, retoma os caminhos pelos quais se constrói o pensamento para que se transforme em texto a partir das memórias colhidas por Ecléa Bosi. Algo assim eu também desejei para este livro de entrevistas, ou seja, um pensamento compartilhado:

> O texto, por sua própria força interior, engendra os textos de seus leitores que, não sendo herdeiros silenciosos de sua palavra, participam da obra na qualidade de pósteros. A obra de pensamento, excesso das significações sobre os significados explícitos, engendra sua posteridade - o trabalho da obra é criação de sua própria memória justamente porque a obra não está lá (no primeiro texto) nem aqui (no último escrito), mas em ambos. O pensamento compartilhado. Outrora, a filosofia o nomeava: diálogo (CHAUÍ, 1979, p. XXI).

Ecléa Bosi fez o seu percurso teórico em diálogo com a psicologia social de Maurice Halbwachs e da fenomenologia da lembrança de Henri Bergson, entre outros autores, para sustentar o seu trabalho com a memória e destaca que:

> Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1979, p. 9).

Nesse movimento metafórico das nossas fontes, as memórias dos entrevistados foram sendo conduzidas pelo psicopompo Hermes, o mensageiro. É preciso lembrar que este livro faz parte de uma trilogia e que este mesmo deus foi evocado no Livro I quando escrevi a respeito de um certo contorno hermesiano da literatura rosiana (WILLMS, ALMEIDA, RIAUDEL, 2023, p. 68 e seguintes). Por isso apenas arremato que:

> [A memória] agora comparece como a deusa que, como um *daimon* do destino, é superordenada a Hermes. Para Hermes já está fatidicamente determinado que, com ele e para ele, não existe o perder-se. Ele jamais poderá escapar à memória. Ela o tem, e ele a carrega como um saber nato a respeito de todos os fundamentos primevos. Assim sua consciência se mostra a nós com mais precisão: o espiritual dentro daquilo onde há pouco acreditamos poder conhecer o fálico. Não precisamos abrir mão de nenhum dos dois conhecimentos (KERÉNYI, 2015, p. 137).

O som e o silêncio, o sertão e a cidade, o reto e o curvo, a razão e a sensibilidade, o movimento e o repouso, a memória e o esquecimento, enfim, todos os pares complementares que se possa evocar comparecem neste livro conduzidos pela empatia hermesiana que faz o trânsito entre esses mundos. Fica o convite para que os leitores estabeleçam diálogos com os entrevistados, compartilhando pensamentos e simpatias. Para que escutem o mundo das vozes transcritas e também a si mesmos. Que se perguntem e busquem respostas para os vazios e as incertezas, no movimento de reflexão e com sensibilidade, como se estivessem no movimento de peregrinos saboreando o mundo. Quem sabe assim encontrem alguns sentidos para os excessos da obra de Guimarães Rosa, que não cessa de nos interpelar, leitura após leitura na Oficina e na Roda, infinitamente. Com o coração transbordante de Rosa sigamos em diálogo e em travessias...

Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. *In*: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979. p. XVII-XXXIII.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Ensaios sobre o movimento, conhecimento e descrição. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

KERÉNYI, Karl. **Arquétipos da religião grega**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

WILLMS, Elni Elisa; ALMEIDA, Rogério de; RIAUDEL, Michel. **Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP**. Livro 1 (Travessias). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2023. Disponível em: www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1121 . Acesso em: 30 setembro. 2023.

TRAVESSIA II - Precursores

Recorte do projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*

Dieter Heidemann – Idealizador da Oficina de Leitura, o inventor da Roda

> Um geógrafo pensa muito com os pés. Faz parte da formação e da atuação dos geógrafos fazer trabalhos de campo, excursões, então esse laço importante de subjetividade aparece aqui como a ligação entre a geografia e a literatura.
>
> Dieter Heidemann[1]

Dieter[2] – As pessoas sempre querem saber como começaram, como terminaram certas experiências. Isso é uma coisa muito, muito fluida. A gente nunca sabe onde termina o mar e onde começa a praia, a gente não sabe quando termina o dia e quando já é noite, então o que a gente pode fazer é procurar as raízes da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, e tem muitas e várias raízes, e algumas delas nós vamos lembrar como

[1] Possui graduação em Geographie, Germanistik - Philipps-Universität, Marburg (1975) e doutorado em Geografia – Philipps-Universität, Marburg (1980). Atualmente é Professor Sênior aposentado da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Mobilidade do trabalho, Migrações, Crise social, História do pensamento geográfico, Paisagem, Geografia e literatura (em especial: João Guimarães Rosa), Sertão mineiro e Nordeste do Brasil.

[2] Gravei as participações de Beth Ziani e Dieter Heidemann durante uma mesa-redonda. Uma vez que o Dieter iria falar sobre o mesmo tema da entrevista, com o assentimento dele eu gravei e fiz a transcrição que segue. A mesa-redonda intitulada "20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP" aconteceu no dia 12 de julho de 2023, como parte da programação da 35ª Semana Rosiana, realizada entre 9 e 16/7/2023, na cidade de Cordisburgo, MG. A mesa-redonda contou com a participação de Dieter Heidemann, Beth Ziani, Linda Yazbek Rivitti, Regina Pereira e Elni Elisa Willms, com mediação de Cleide Rovai Castellan. Programação completa disponível em https://www.cordisnoticias.com.br/2023/06/programacao-35-semana-rosiana-2023.html Acesso em: 14/9/2023.

novidade ou como coisa já conhecida. Tem raízes profundas, uma célula do Guimarães Rosa lá no IEB, mas tem também raízes aéreas com pessoas que chegaram, entraram, novas ideias, novas fontes foram apresentadas.

> **As pessoas sempre querem saber como começaram, como terminaram certas experiências. Isso é uma coisa muito, muito fluida. A gente nunca sabe onde termina o mar e onde começa a praia, a gente não sabe quando termina o dia e quando já é noite, então o que a gente pode fazer é procurar as raízes da Oficina de Leitura Guimarães Rosa.**

Vamos começar com as raízes profundas. A Beth Ziani é uma das raízes profundas participando com um grupo de pesquisadores do IEB do acervo Guimarães Rosa. Eu gostaria que ela falasse um pouco.

Beth Ziani – É uma grande alegria, uma felicidade estar aqui, agradeço o convite, para estar nessa mesa-redonda sobre a Roda de Leitura Guimarães Rosa. Vou falar um pouco da minha trajetória no IEB, mais ou menos em 2003, não tem muita precisão, eu fiz parte da equipe de organização do acervo de Guimarães Rosa, fui mais ou menos a terceira ou quarta geração dos orientandos da Cecília de Lara, que foi a minha orientadora de mestrado, a minha pesquisa foi no arquivo. Era um grupo composto de várias professoras Maria Célia Leonel, Sandra Vasconcelos, que é a atual curadora do arquivo. Entre 2003 e 2006 eu também fiquei, num momento de transição, na organização da curadoria do arquivo.

> **A minha pesquisa conversa muito com essa questão da oralidade, de uma leitura colaborativa, porque as nossas pesquisas no arquivo já se debruçavam sobre isso: rascunhos e manuscritos do Guimarães Rosa sempre causavam grande impacto, e a gente acabava trocando isso com as outras pesquisadoras, lendo, conversando, tentando fazer referência com alguma obra. Era um processo para tentar restabelecer também o processo**

criativo do autor, algo bem difícil, mas que era também a nossa função, era o que a gente fazia ali no arquivo, além de organizar todo aquele material.

Por isso eu preciso contar um pouco da pesquisa, porque ela já conversa muito com essa questão da oralidade, de uma leitura colaborativa, porque as nossas pesquisas no arquivo já se debruçavam sobre isso: rascunhos e manuscritos do Guimarães Rosa sempre causavam grande impacto, e a gente acabava trocando isso com as outras pesquisadoras, lendo, conversando, tentando fazer referência com alguma obra. Era um processo para tentar restabelecer também o processo criativo do autor, algo bem difícil, mas que era também a nossa função, era o que a gente fazia ali no arquivo, além de organizar todo aquele material. Nessas leituras e pesquisas sobre Guimarães Rosa temos uma gênese disso que depois se tornou a Roda de Leitura, dessa troca entre os pesquisadores, as conversas das leituras – não era da obra, mas das pesquisas do próprio Guimarães Rosa – temos aí, então, um fiozinho que a gente vai puxando.

A Roda de Leitura sempre teve um diálogo muito grande com o território literário de Guimarães Rosa. Tem também a viagem de 1995, de que eu fiz parte junto com o Dieter e que foi organizada pela Regina Sader, professora do curso de Geografia da USP, a partir da leitura do *Grande sertão: veredas* com os alunos dela.

Numa perspectiva mais ampla, que o Dieter apontou, para mim a Roda de Leitura sempre teve um diálogo muito grande com o território literário de Guimarães Rosa. A viagem de 1995, de que eu fiz parte junto com o Dieter. Essa viagem foi organizada pela Regina Sader, professora do curso de Geografia da USP, a partir da leitura do *Grande sertão: veredas* com os alunos dela. A partir dessa leitura, a Regina Sader e a Marily da Cunha Bezerra organizaram essa caravana que veio aqui para a região em 1995, e eu tive o privilégio de participar, pois na época eu estava fazendo o mestrado e vim convidada pela Neuma Cavalcante, que também ficou na diretoria e um grande período no arquivo, quando a professora Cecilia de Lara saiu da coordenação do arquivo. Então

a professora Neuma ficou e um dia ela falou: "Ah, me convidaram para uma viagem para o sertão!" Na hora eu falei: "Eu vou junto!" Então para mim tem também esse fio desse processo organizado pela Regina Sader de leitura compartilhada com os alunos dela e que puxou esse fio de conversa e de diálogo com esse território e com essas cidades mineiras.

As minhas lembranças e recordações da Oficina são flashes. Lembro de um ponto em que houve uma leitura e que para mim foi bastante impactante, essa questão de estar lendo a obra de Guimarães Rosa naquele momento com muitas pessoas, uma leitura compartilhada, em voz alta.

As minhas lembranças e recordações da Oficina também são flashes. Lembro que nós líamos a obra do Rosa, e o Dieter estava sempre com a tradução em alemão. Então a gente parava, ele lia, a gente analisava, refletia e depois íamos para o *Léxico* da professora Nilce Sant'Anna Martins. Era um processo muito gostoso, no IEB – depois o Dieter pode contar mais detalhes – e é algo que eu lembro e que paira como um encontro depois da viagem com os alunos que a Regina Sader organizou. Foi um ponto em que houve uma leitura e que para mim foi bastante impactante, essa questão de estar lendo a obra de Guimarães Rosa naquele momento com muitas pessoas, uma leitura compartilhada, em voz alta. Agora volto a palavra para o idealizador da Oficina de Leitura, o inventor da Roda!

Dieter – Se for preciso você completa essa sua experiência inicial com mais histórias que já têm mais de 19 anos. A Cleide Rovai Castellan me apresentou aqui, a partir do resumo do meu currículo Lattes[3], como estudioso e professor de Geografia e de Letras. Então tem uma ligação, obviamente, nos estudos do geógrafo, não sei se vocês são conhecedores, mas vocês vão saber que "um geógrafo pensa muito com os pés". Faz parte da formação e da atuação dos geógrafos fazer trabalhos de campo, excursões, então esse laço importante de subjetividade aparece aqui como a ligação entre a geografia e a literatura, e, mais ainda, não só ficar com a biblioteca e nos estudos teóricos, mas

[3] Disponível em http://lattes.cnpq.br/5563544748991538 Acesso em: 14/9/2023.

também sair, viajar, conhecer. Acho que esse é um lema bom para um geógrafo: um olho no livro e dois na vida mesmo. Essa foi a minha contribuição de preparo para essa Roda, como geógrafo.

Quando eu cheguei no Brasil, desde o início eu tive um envolvimento muito grande com as atividades de extensão. Quando eu fui para a USP, em 1989, logo no início fui presidente da Comissão de Extensão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – a FFLCH – que é um centro da vida universitária da USP.

Quando eu cheguei no Brasil, desde o início eu tive um envolvimento muito grande com uma das atividades do tripé acadêmico, a chamada extensão. Existem o ensino, a pesquisa e a extensão. Muitas vezes a extensão é entendida como algo que divulga a universidade, como se a universidade fosse uma coisa fora da sociedade, e obviamente ela não é, apesar de às vezes ela parecer uma torre de marfim, ela é parte integrante da sociedade. Existe uma relação, porque a sociedade sempre exige um retorno da universidade. Mas essa ligação entre sociedade e universidade não é sempre muito fácil. A ideia de ligar mais o que está fora da torre de marfim e assim produzir conhecimentos mais integrados é sempre uma intenção que faz romper com aquilo que consta apenas isoladamente nos currículos acadêmicos.

Fui convidado em 1980 como professor visitante para atuar em uma universidade federal, UFPE, fazendo essencialmente trabalhos de campo e excursões para conhecer o sertão nordestino. Depois, em 1983, fiz concurso na UFS em Sergipe, e, apesar de ter coordenado a pós-graduação em Geografia, eu fui durante muito tempo coordenador do Centro de Extensão Cultural da universidade. Quando eu fui para a USP, em 1989, logo no início fui presidente da Comissão de Extensão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – a FFLCH – que é um centro da vida universitária da USP. Inclusive nessa época eu era colega da Adélia Bezerra de Meneses, que já fazia parte dessa comissão, outra grande rosiana e, também, se não sempre presencialmente, mas sempre paira com as suas reflexões sobre a Semana Rosiana de Cordisburgo e estudos em geral sobre literatura. Então tem um pouco, sim, se é que a gente fala de subjetividade, que

contribuiu para a Roda de Leitura, tem uma raiz dessa minha intenção, de uma grande preocupação com essa integração intra- e extra-universidade.

A Oficina ou Roda de Leitura nasceu também com essa ideia. Nós observávamos uma grande deficiência na universidade, de fragmentação das faculdades, ou seja, quem estava na Faculdade de Filosofia não sabia o que estava acontecendo na Escola de Comunicação e Artes e ainda menos do que acontecia na Politécnica. O IEB tem esse caráter interdisciplinar, então fazer a Roda de Leitura no IEB era um esforço de facilitar a integração universitária e também com as pessoas de fora.

A Oficina ou Roda de Leitura nasceu também com essa ideia. Nós observávamos uma grande deficiência na universidade, de fragmentação das faculdades, ou seja, quem estava na Faculdade de Filosofia não sabia o que estava acontecendo na Escola de Comunicação e Artes e ainda menos do que acontecia na Politécnica. O IEB tem esse caráter interdisciplinar, então fazer a Roda de Leitura no IEB era um esforço de facilitar a integração universitária e também com as pessoas de fora. Aqui mesmo, nesta mesa-redonda, nós temos a Beth Ziani, que na época era estagiária de pesquisa do IEB, mas outras pessoas chegaram de um outro caminho, como a Linda Rivitti, a Regina Pereira, a Cleide Castellan, vieram da comunidade externa para esse baú de felicidades que é o acervo de Guimarães Rosa! Integrar a universidade fragmentada e integrar o saber que vinha de fora da universidade.

Isso tudo foi importante, quando eu falei que tem várias raízes da Roda ou da Oficina de Leitura, é bom para a gente lembrar.

Tem 20 anos! Tem que dizer data e etecétera, mas não pensem assim, pois como **foi um parto muito natural, não foi cesariana, então a gente não pode fazer o mapa astral do dia do nascimento desta Oficina.** As coisas começaram de maneira muito informal. Eu até entreguei para a Rosa Haruco Tane uma lista de presença de pessoas que participaram e com certeza não foi no dia da fundação do primeiro dia. A gente não tem nem data nessa fotocópia. Então nalgum momento a gente inventou: "Ah, vamos fazer uma lista de presença também!"

Tem que dizer data e etecétera, mas não pensem assim, pois como foi um parto muito natural, não foi cesariana, então a gente não pode fazer o mapa astral do dia do nascimento desta Oficina. As coisas começaram de uma maneira muito informal.

Mas o surgimento, se tiver alguma coisa que a gente poderia dizer: agora parece que vai dar naquilo, foi um seminário realizado nos dias 11 e 12 de julho de 2003 que a gente organizou no IEB, chamado Enigma Brasil. Juntamos geógrafos, psicólogos, economistas, historiadores, várias áreas do conhecimento para falar sobre esse tal de Enigma Brasil, porque estávamos preocupados em entender a formação do Brasil e que Brasil é esse, que país é esse e como isso surgiu. Não foram só contribuições dessas áreas, mas também contamos com a literatura, devido à raiz do Fundo Guimarães Rosa. Talvez se o tema fosse mais próximo ao Guimarães Rosa não seria Enigma Brasil, mas seria Mistério Brasil.

O surgimento, se tiver alguma coisa que a gente poderia dizer: agora parece que vai dar naquilo, foi um seminário realizado nos dias 11 e 12 de julho de 2003 que a gente organizou no IEB, chamado Enigma Brasil.

Daí a gente juntou muita gente. Nessa época já não estava mais presidente da comissão de extensão da FFLCH, pois de 2002 a 2006 eu fui vice-diretor do IEB, portanto mais formalmente ligado e atuando no IEB. Na época desse seminário o diretor do IEB era o professor e historiador István Jancsó, que é quase como um pai da transferência do Iebinho, lá na colmeia, quase nas catacumbas do CRUSP, para a biblioteca e esse prédio maravilhoso das Brasilianas, junto com a Biblioteca José Mindlin. Então a ideia, quando fizemos esse seminário, foi pensar de maneira interdisciplinar esse enigma que é o Brasil. E Guimarães Rosa estava junto com o Miguel Wisnik e o Willi Bolle e outras figuras importantes nas análises da obra de Guimarães Rosa. E como eu era um geógrafo na organização: "Vamos fazer um trabalho de campo!" E viajamos, em 2003, também para Morro da Garça e Cordisburgo. Isso foi, portanto, oito anos depois da viagem seminal que a Beth Ziani mencionou, da professora Regina Sader, em 1995.

A Roda de Leitura nasceu, assim, se estabeleceu, com essa viagem de 2003, quando para a gente ficou mais clara a necessidade da sonoridade e da musicalidade da obra rosiana, tudo isso que vocês estão experimentando aqui nesta 35ª Semana Rosiana. Em 2003 o grande Zé Maria acompanhou a viagem e toda hora interrompíamos a viagem para ouvir o Zé Maria narrar Guimarães Rosa. Se ainda não estava presente essa necessidade de ler e ouvir, com essa viagem as coisas aconteceram.

Mas eu acho que a Roda de Leitura nasceu, assim, se estabeleceu, com essa viagem de 2003, quando para a gente ficou mais clara a necessidade da sonoridade e da musicalidade da obra rosiana, tudo isso que vocês estão experimentando aqui nesta 35ª Semana Rosiana de 2023. Estava junto com a gente em 2003 o grande Zé Maria[4], que acompanhou a viagem e toda hora interrompíamos a viagem para ouvir o Zé Maria narrar Guimarães Rosa. Se ainda não estava presente essa necessidade de ler e ouvir, com essa viagem as coisas aconteceram. Zé Maria, na época, estava fazendo um curso de especialização de arquivista no IEB. E terminando esse seminário, a gente resolveu, foi até em minha casa, não foi nem no IEB, a gente juntou pessoas que estavam nessa viagem que queriam ler a obra de Guimarães Rosa, mas logo, logo fomos parar no Iebinho.

Tenho que fazer um pequeno desvio dessa estória para falar da já mencionada Marily da Cunha Bezerra. Eu me casei com ela em 1989 e ela já era apaixonada pela obra de Guimarães Rosa. Ela era geógrafa também, fez graduação e mestrado em Geografia Agrária. Quando a Beth Ziani falou da viagem de 1995 com a professora Regina Sader com alunos da disciplina dela de Geografia Agrária, nós já participávamos lendo o *Grande sertão: veredas* com essa turma. Isso foi lá nos idos de 1995, era outra raiz para falar de 2003, para ficar perto da data de nascimento da Oficina de Leitura. O desvio leve é o meu casamento com a Marily, apaixonada por Guimarães Rosa, apaixonada

[4] Pode-se conferir um pouco da riqueza da contribuição de Zé Maria, griô e guardião da obra roseana, neste podcast produzido pela Oficina de Leitura, disponível em https://spotify.link/TgxfaWDaPDb Acesso em: 1/11/2023.

pela arte e politicamente ativa, inclusive na clandestinidade: foi presa na famosa torre da cadeia Tiradentes. Recentemente saiu um livro sobre as mulheres na torre[5]. Neste livro tem um episódio pequeno para ver como a Marily já nessa época era apaixonada pela obra de Guimarães Rosa, porque quando os filhos pequenos dela chegavam, todo domingo, para as visitas, eles levavam algum presentinho, alguma coisa que a vovó dava, algo artesanal, e entregavam para ela. E a Marily fez uma coisa que com certeza foi uma das mil maravilhas! Ela fez uma versão infantil do *Grande sertão: veredas*, fez desenhos e mapas e entregou para o filho Rodrigo na visita, mas quando o filho saiu da prisão Tiradentes os guardas não deixaram passar essa versão, porque tinha um mapa, e eles achavam que ali tinha algum planejamento de ação política ou de fuga da cadeia. Esse material foi-se embora e nunca, nunca mais ninguém viu.

O que eu estou destacando é sobre a importância da Marily na minha contribuição para a formação da Roda de Leitura.

O que eu estou destacando é a importância da Marily na minha contribuição para a formação da Roda de Leitura. Quando eu conheci a Marily, em 1989 – se você quiser a gente pode escrever a história de trás para frente, a gente vai descobrindo o que interessa contar para chegar na cultura, para dizer nós estamos no ponto mais alto da escadinha da história da humanidade. Então em 1989 a Marily estava preparando um roteiro para um filme, *Rio de-Janeiro, Minas*[6], filmado em Andrequicé com Manuelzão e com todo cenário local do primeiro encontro de Riobaldo com Diadorim. E logo depois de fazer o filme ela criou um selo de CD, um audiobook que se chamava quase como o nome da Roda de Leitura: *Ler e ouvir*[7]. O primeiro CD que saiu foi com leituras de sete episódios do *Grande sertão: veredas*, nas vozes de Antonio Candido, José Mindlin, Davi Arrigucci, todos grandes conhecedores da obra de Guimarães Rosa.

[5] Trata-se do livro *A torre: o cotidiano de mulheres encarceradas pela ditadura*, publicado em 2023 pela jornalista Luiza Villaméa.

[6] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EkD5wfUl02c Acesso em: 15/9/2023.

[7] CD com 7 Episódios de *Grande Sertão: veredas* para a *Coleção Ler e Ouvir*, patrocinada pela FIESP, com distribuição gratuita exclusiva em escolas e bibliotecas. Para saber mais indica-se este texto de Beth Ziani: https://www.revistas.usp.br/teresa/article/download/116602/114190/214212 Acesso em: 15/9/2023.

Quando chegamos aqui em Cordisburgo foi inesquecível a nossa visita, em julho de 1995, no Museu, ao lado do Ronaldo Alves, sentados no chão em forma de uma roda, ouvindo numa fita K7 o discurso de Guimarães Rosa na posse da Academia Brasileira de Letras.

Quando chegamos aqui em Cordisburgo foi inesquecível a nossa visita, em julho de 1995, no Museu, ao lado do Ronaldo Alves, sentados no chão em forma de uma roda, ouvindo numa fita K7 o discurso de Guimarães Rosa na posse da Academia Brasileira de Letras. Foi, assim, a primeira vez que a maioria das pessoas ouvia a voz de Guimarães Rosa. Hoje já temos o privilégio depois do documentário *Outro sertão*[8] onde podemos ouvir um pequeno trecho de uma entrevista para a televisão alemã[9].

Isso preciso dizer, a minha raiz de Roda de Leitura Guimarães Rosa no IEB tem muito a ver com a Marily. Acho que não só eu, acho que muitas das atividades que nós estamos desenvolvendo até hoje em volta de Guimarães Rosa, até a própria fundação do Grupo Miguilim, os contatos da Calina Guimarães começaram por volta de 1995, 1996 ou 1997, isso tudo tem a ver. Lembrando que tinha havido em 2003 o seminário Enigma Brasil, na época nós editamos um CD com as músicas que nós fizemos lá. No CD tem inclusive um depoimento do Zé Maria sobre a paisagem sonora. Não sei se hoje ainda se encontra, nessa época dos *streamings* não se encontram mais CDs.

Neste contexto foi criada a Roda de Leitura no IEB. Neste contexto a gente começou. Como a nossa ideia era que tinha que ter integração com a comunidade e a

[8] "*Outro sertão* – Direção de Adriana Jacobsen e Soraia Vilela, 73 min, 2013 – é um documentário sobre a estadia de João Guimarães Rosa na Alemanha nazista. O filme resgata a experiência do então vice-cônsul em Hamburgo entre 1938 e 1942. Através de imagens de arquivo da época, documentos, testemunhos de pessoas que o conheceram e uma entrevista inédita com o próprio escritor, o documentário revela novos aspectos de sua biografia. Dividido em capítulos – a chegada, o amigo, o diário, o escritor, o diplomata, o alarme e a partida – o documentário rastreia os quatro anos vividos por Guimarães Rosa em Hamburgo. Imagens, em grande parte feitas por amadores alheios à estética oficial da propaganda nazista, esboçam o cenário no qual ele viveu. Trechos de cartas, contos e anotações revelam as suas impressões pessoais. Documentos inéditos (alemães e brasileiros) e testemunhos de judeus que fugiram para o Brasil por Hamburgo, bem como de amigos e críticos, recriam a experiência de Guimarães Rosa naquele período." Informação disponível em https://www.jangada.org/movies-pt/outro-sertao Acesso em: 15/9/2023.

[9] Temos aqui o recorte da entrevista, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VmqzHLii-1CM Acesso em: 17/9/2023.

integração na própria universidade, a gente estava em dúvida sobre fazer a Oficina de Leitura no IEB, na Cidade Universitária, ou se íamos para o famoso Centro Universitário Maria Antônia, que é também um berço importante para a fundação da Faculdade de Filosofia da USP. Por causa das chuvas que costumava ter no fim da tarde em São Paulo, egoisticamente a gente votou para fazer na USP mesmo. Os que vinham de fora muitas vezes tinham que sofrer, a ponto de dizer: "Não posso ir, está chovendo muito, a minha rua está inundada!" Essa foi uma decisão importante, e, desde então, todas as quartas-feiras, religiosamente, das 18 horas até mais ou menos às 19h30 ou 20 horas, a Roda acontecia, no intervalo das aulas entre os cursos diurnos e noturnos.

Na época ficou estabelecida uma confraria muito intensa, onde todos eram muito ligados uns aos outros. Esse nome confraria foi criado pelo professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que também foi frequentador da Roda e um grande leitor e apaixonado por Guimarães Rosa, além de visitante de Cordisburgo, Morro da Garça e Andrequicé.

Na época ficou estabelecida uma confraria muito intensa, onde todos eram muito ligados uns aos outros. Esse nome confraria foi criado pelo professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro[10], que também foi frequentador da Roda e um grande leitor e apaixonado por Guimarães Rosa, além de visitante de Cordisburgo, Morro da Garça e Andrequicé.

Sobre os procedimentos, acho que não tem muita coisa para ensinar, não tem uma "técnica da Roda de Leitura", apesar de que aqui em Cordisburgo, durante a Semana Rosiana vocês demonstrem como é que fazem, que é basicamente ler e ouvir. Desde o início a roda tem uma multiplicidade de participações. Tem pessoas – não sei se o termo é bom – apenas diletantes, que leem por deleite e prazer, tem as curiosas e tem aquelas que podem dar contribuições a partir de uma experiência mais demorada de se debruçar sobre análises mais científicas da obra. E tem pessoas que são artistas, que sabem, além

[10] Uma pequena amostra da produção do professor com conteúdo rosiano disponível em https://www.usp.br/bibliografia/autor.php?cod=212&s=grosa Acesso em: 17/9/2023.

de traduzir a natureza para o papel, também sabem traduzir a natureza para a arte, isso se a natureza não fosse arte suficiente em si. Então essa multiplicidade de participações é uma das grandes características e riquezas da Roda de Leitura, são vários olhares, variadas escutas, pessoas que conseguem extrair variados cheiros e sabores da obra de Guimarães Rosa.

Sobre os procedimentos, acho que não tem muita coisa para ensinar, não tem uma "técnica da Roda de Leitura": é basicamente ler e ouvir.

Tem de tudo nessa Roda! É muito engraçado, porque tem pessoas que leem sobre um assunto e de repente alguém fala alguma coisa que você nunca tinha pensado que isso poderia ser. Às vezes vem um estudioso que traz algo, como mais recentemente a Mônica Meyer, que está aqui presente, que nos ensinou a prestar muito mais atenção na natureza a partir dos seus estudos das cadernetas e das anotações do Rosa, preservadas lá no arquivo do IEB. Aliás, Mônica Meyer foi a primeira pesquisadora que foi no IEB quando ele era ainda muito sisudo, o arquivo era ainda muito rigoroso para liberar para pesquisas. Bom, um arquivista é um profissional que guarda um acervo, e muitas vezes ele acaba desenvolvendo um excesso de cuidado, às vezes ele até pensa assim: "O arquivo é meu", mas não é assim, o arquivo tem que ser consultado. Por vezes para consultá-lo é preciso lutar muito para consultar um documento, o que não é bom nem é certo. Mas a Mônica foi uma das primeiras que romperam com essas barreiras, e ela conseguiu fazer uma pesquisa que reverbera até hoje.

E a partir disso vou fazer uma ponte de uma coisa alegre para uma coisa mais triste. Mônica Meyer, presente aqui e assídua frequentadora da roda virtual, foi a primeira que copiou minuciosamente as cadernetas em que Guimarães Rosa registrou as suas impressões durante a viagem com uma boiada em 1952. Ela, com as mesmas cores de lápis que ele usou, transferiu os mesmos desenhos para os seus manuscritos e virou a sua tese de doutorado. E aí vem o lado triste, porque o orientador dela faleceu ontem, com 83 anos de idade, o nosso querido professor Carlos Rodrigues Brandão[11].

[11] Conforme consta nesta reportagem disponível em https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/07/19/morre-o-professor-emerito-carlos-rodrigues-brandao Acesso em: 17/9/2023.

Fizemos com ele, em 2011, uma barquejada de Pirapora para o Urucuia, numa viagem maravilhosa em que tomamos banho juntos no rio Urucuia. Carlos Rodrigues Brandão foi uma figura extraordinária com as suas pesquisas sobre a educação popular e o campesinato, um paulofreireano de coração, a quem homenageamos neste momento.

Só queria lembrar uma coisinha ainda, algo que eu não consigo nem datar, não sei mais quando nós fizemos isso na Roda de Leitura, mas no início nós fizemos uma Virada Cultural, também chamada de Maratona Roseana – parece que a Regina Pereira tem as fotos, maravilha! – foi um momento extraordinário! Começamos num sábado de manhã, varamos a noite até domingo à tarde, lemos todo de uma vez o *Grande sertão: veredas*, da primeira até a última página. Teve comidas e bebidas típicas do sertão, além de narrações e apresentações artístico-culturais.

Outro acontecimento importante a ser lembrado é a contribuição da Rosa Haruco Tane para a vida da Oficina. Ela foi participante das primeiras horas. Quando o IEB, e eu como vice-diretor na época, preparou e organizou, com apoio fundamental da Oficina, em 2006, um grande seminário internacional para a comemoração dos 50 anos de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, a Rosa se tornou figura relevante como colaboradora voluntária. Desde então a Rosa, no seu jeito modesto e reservado, se afirmou na Oficina como uma mediadora, incentivadora, agitadora, centro de comunicação, viajante roseana e anfitriã de visitantes roseanos em São Paulo.

O fato é que a Roda gira. O conceito Oficina foi um incentivo da professora Marilena Chauí, ela afirmava que na Faculdade de Filosofia se criavam muitos laboratórios de pesquisas, muitos núcleos de estudos etc., e ela defendia que um tom mais artesanal seria mais importante para toda a produção de conhecimentos nas ciências humanas.

Assim, a Roda foi criada. Mas naquela época nós optamos pelo nome Oficina, apesar de que se tornou mais popular chamar de Roda de Leitura – parece que na sequência a Regina Pereira vai falar da diferença entre essas duas palavras. O fato é que a Roda gira. O conceito Oficina foi um incentivo da professora Marilena Chauí, ela

afirmava que na Faculdade de Filosofia se criavam muitos laboratórios de pesquisas, muitos núcleos de estudos etc., e ela defendia que um tom mais artesanal seria mais importante para toda a produção de conhecimentos nas ciências humanas. Foi por isso que colocamos o nome de Oficina na Roda de Leitura e sempre agimos de forma artesanal.

Diz-se que bananeira que já deu cacho não dá mais banana, mas não é verdade, pois num pé da bananeira tem muitas mudas, tem muitas vidas novas, tem muitas raízes para continuar e dar frutos. Então é isso que eu conto, talvez um pouco confuso e apressadamente. Na sequência – da mesa-redonda e das demais entrevistas – vocês poderão ver como que as coisas se desenvolveram, como essa bananeira continua dando cachos e mais cachos. Agora o IEB não está mais no Iebinho, agora está no prédio das Brasilianas, um lugar grande e bonito no coração da USP, e preservamos o estilo que o José Mindlin sempre ensinou para a gente e que está escrito numa placa lá no prédio em grandes letras: "Eu não faço nada sem alegria". Então a Roda de Leitura também é feita com esse lema.

Beth Ziani – Território literário, experiência coletiva e valorização da identidade local

A literatura é muito mais potente do que a gente imagina. Porque nós como acadêmicos podemos ir por um caminho, um aprofundamento. Agora, por que as pessoas de lá [do sertão] não podem ir por outros caminhos? Esse território literário abre espaços para a revitalização de muitas linguagens.
Beth Ziani[1]

Muito livremente, o que é que você, como precursora, tem para contar sobre o começo da Oficina de Leitura? O teu nome consta naquela lista de participantes que o Dieter Heidemann nos apresentou...

Então, essa ata nós conhecemos há cerca de uns dois anos, quando o Dieter encontrou esse documento entre o material dele. Vimos os nossos nomes, tem as nossas assinaturas. E nós falamos: "Bom, pelo menos tem um documento!" Porque a Roda tem essa característica, era a proposta do Dieter – a gente perguntava: "Por que você não documenta?" –, mas ele não fazia questão. E assim fomos deixando, era bem aberta, é o estilo do Dieter. O interessante foi montar essa Roda de Leitura fazendo

[1] Professora e pesquisadora nas áreas de literatura e memória. Doutora em Estudos Comparados pela USP. Desenvolve projetos culturais e educacionais em cidades relacionadas à vida e à obra de Guimarães Rosa (Cordisburgo/Morro da Garça/Andrequicé). Curadora de projetos e exposições, como: Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos (SP), Brasil fio a fio (SP), entre outros. Dirigiu o documentário: *Conto o que vi, o que não vi, não conto.*
Entrevista concedida sexta-feira, 2/6/2023 – 9h23min São Paulo – 14h23min Paris.

uma comunicação com a comunidade. Neste sentido ele quis quebrar esses protocolos da universidade, inclusive abriu um espaço no IEB, mais direto com a comunidade.

Era bem aberta, é o estilo do Dieter. Neste sentido, ele quis quebrar esses protocolos da universidade, inclusive abriu um espaço no IEB, mais direto com a comunidade.

Sempre achei muito interessante essa perspectiva da Roda. Tem a liberdade de não estar vinculada a um projeto, nem mesmo de extensão. Não sei como ela é estruturada, mas foi criada com esse objetivo, o que é muito importante, ou seja, a universidade abrir os seus portões para a comunidade participar mais.

E quando a Roda de Leitura foi criada eu estava na coordenação do Arquivo do Guimarães Rosa, entre 2004 e 2006. A professora Neuma Cavalcante tinha se desligado da USP. Eu havia feito estágio e o mestrado com a documentação do Arquivo e ela me nomeou, com a autorização da família, para cuidar do Arquivo do Guimarães Rosa. Foi nesse momento que o Dieter pensou em desenvolver encontros em que a obra do Rosa fosse lida oralmente. Fomos convidando algumas pessoas, estagiários, pessoas que estavam pesquisando no arquivo.

O Dieter pensou em desenvolver encontros em que a obra do Rosa fosse lida oralmente. Fomos convidando algumas pessoas, estagiários, pessoas que estavam pesquisando no arquivo.

Eu acho que a Roda de Leitura é uma consequência do processo de abertura, da comunicação que passou a existir com Minas Gerais, Cordisburgo, Morro da Garça e Andrequicé e que principiou em 1995 com aquela viagem histórica de que eu participei. Foi uma viagem organizada pela professora Regina Sader, do curso de Geografia. Ela fazia a leitura do *Grande sertão: veredas* com os alunos, fez contato com a Marily da Cunha Bezerra, que era cineasta e conhecia a região. A Neuma Cavalcante foi convidada para a viagem que faria um percurso relacionado à vida e à obra de Guimarães Rosa. Foi um grupo de 22 pessoas. Do curso de Geografia tinha a Regina Sader, o Moacir Marques, e

essa ideia surgiu a partir dele, pois um ano antes ele fez uma viagem pela região, passou por Cordisburgo e trouxe algumas informações sobre a Academia Cordisburguense de Letras e as Semanas Rosianas, mas era apenas para os acadêmicos da cidade. Então, a Regina Sader se animou a levar os alunos. Esta viagem deu um pouco o tom do que poderia ser, do que é esse Território Literário, que abarca pessoas de todas as áreas, todas apaixonadas por Guimarães Rosa ou aquelas que vão por curiosidade, mas que são viajantes impulsionados por um turismo mais cultural, por uma experiência, uma imersão em torno desse universo.

A Oficina de Leitura é um pouco consequência desse processo de abertura e comunicação que passou a existir com Minas Gerais – Cordisburgo, Morro da Garça e Andrequicé – e que principiou em 1995 com aquela viagem histórica de que eu participei. Foi uma viagem programada pela professora Regina Sader, do curso de Geografia. Ela já fazia a leitura do *Grande sertão: veredas* com os alunos, conhecia a Marily da Cunha Bezerra, que era cineasta e conhecia região. A Neuma Cavalcante foi convidada para a viagem que faria um percurso ligado à vida e à obra de Guimarães Rosa.

Como eu dizia, em 1995 fizemos essa viagem. Foram dez dias, e para mim foi muito importante, porque sempre que eu pesquisava – fiz o meu mestrado no IEB, sobre o processo de criação de Guimarães Rosa, orientada pela Cecília de Lara – perguntava para ela: "Você não tem vontade de ir para lá?" Eu ficava sempre com esse impulso! Estava pesquisando, vendo os registros da cidade dele e eu me perguntava: "Ninguém foi lá?" Sim, várias pessoas já tinham ido, mas numa perspectiva mais particular, artistas, pesquisadores. Eu tinha essa inquietação.

Nós participamos em alguns momentos dessa leitura compartilhada com a Regina Sader e achamos superinteressante! Era um trabalho da academia, com leitura, discussão do texto e enfoque na geografia. Para mim, a Roda de Leitura veio reforçar essa comunicação com o sertão rosiano. A viagem foi muito impactante, conhecer Cordisburgo, a casa onde o Guimarães morou, ouvir a sua voz. Porque teve isso: o

Ronaldo Alves, na época já estava na coordenação do Museu Casa Guimarães Rosa, trouxe uma fita K7, cheia de ruídos, nós nos sentamos para ouvir a voz do Guimarães Rosa na casa em que ele nasceu e morou! Foi emocionante! Materializar o escritor através da voz!

Foi algo muito impactante conhecer Cordisburgo, a casa onde Guimarães morou, ouvir a sua voz. Porque teve isso: o Ronaldo Alves, na época já estava na coordenação do Museu Casa Guimarães Rosa, trouxe uma fita K7, cheia de ruídos, nós nos sentamos para ouvir a voz do Guimarães Rosa na casa em que ele nasceu e morou! Foi emocionante! Materializar o escritor através da voz!

E foi uma travessia. Passamos por Morro da Garça, fomos até Andrequicé e conhecemos o Manuelzão. Essa viagem também tinha a perspectiva da Marily da Cunha Bezerra exibir o seu curta-metragem chamado *Rio De-Janeiro, Minas*[2]. Foi filmado na região, e ela aproveitou para dar um retorno às comunidades, especialmente em Andrequicé-Três Marias.

Naquela lista de presença tem vários nomes. Aquelas pessoas foram nessa viagem? Lembro de alguns nomes, como Mônica Gama, Vitor, Daniel...

Não, eles não foram, a viagem foi em 1995. Eles desenvolveram as suas pesquisas no IEB, no Arquivo do Guimarães, depois e participaram do início da Roda de Leitura. A Mônica e o Vitor foram várias vezes para Cordisburgo e Morro da Garça nas semanas culturais

Houve um curso, Enigma Brasil, em 2003, e depois dele os encontros começaram com a coordenação do Dieter. A Élida Marques participou da Roda logo no começo. Nesse período, eu estava na coordenação do arquivo, o Dr. Eduardo Tess mandou vários exemplares do *Grande sertão: veredas*, era a edição da Nova Fronteira, aquela que eles retiraram o símbolo do infinito do final. Nós distribuímos esses livros, e a Élida ficou com um exemplar.

[2] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EkD5wfUl02c Acesso em: 5/9/2023.

E a Roda de Leitura tinha a peculiaridade de ter o Dieter, ou seja, nós liamos em português e ele em alemão! Era uma delícia! Isso dava um outro sentido ao texto! Vai mostrando as diversas camadas e como a tradução contemplava a linguagem do Rosa.

Como que os bordados do Grupo Teia de Aranha se encontraram com a Roda de Leitura?

O bordado, na verdade, ele veio pelo sertão. Ninguém foi para lá para ensinar as mineiras a bordar, porque elas bordavam muito.

Eu fui para o sertão em 1995 – a partir de1996 passei a participar das Semanas Rosianas, fui quase todos os anos, salvo algumas exceções – sempre que eu posso eu vou e desenvolvo atividades e projetos na região. Eu digo que eu já sou mineira, sou cordisburguense, morrogarcense. Foi meio que um divisor de águas para mim, para a minha vida. Lá eu me sinto numa grande família!

Voltando ao bordado, em Cordisburgo eu comecei a desenvolver projetos com a terceira idade, trabalhava leitura e memória e consegui constituir um grupo, especificamente, que se tornou As Estrelas do Sertão[3]. Era um grupo de mulheres. Muitas já faleceram. Desenvolvi o projeto Memória viva do sertão, com entrevistas, retratos e trabalhos pontuais nas Semanas Rosianas, assim nós chegamos no bordado.

Em Cordisburgo, eu comecei a desenvolver projetos com a terceira idade, eu trabalhava com leitura e memória e consegui constituir um grupo, especificamente, que se tornou As estrelas do sertão.

Um dia eu propus bordar a obra do Guimarães Rosa. Nessa época, elas começaram a escutar os textos do Rosa em função dos narradores do Grupo Miguilim, foi uma integração que aconteceu. O primeiro projeto de bordado que fizemos foi o Primeiro encontro de Riobaldo e Reinaldo no rio De-janeiro. E assim o bordado aconteceu em Cordisburgo. É interessante pensar na obra retornando para o espaço de onde saiu e estimulando várias representações e criações. O projeto principal para mim é

[3] Brasil fio a fio: Estrelas do sertão, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=TjJz2CXudLM Bordadeiras de Cordisburgo – Oficina de Bordados FLIPOÇOS 2012 https://youtu.be/CPD1Pi938LM?-si=7jAfbxEhujQEKbYs Acesso em: 16/9/2023.

dos Miguilins, porque eles trazem a obra viva nas narrações orais. A Calina Guimarães é uma figura de destaque, criou o grupo Miguilim, a Associação dos Amigos do Museu e mudou a perspectiva das Semanas Rosianas. Ela tinha uma percepção espetacular! Só de criar o grupo dos narradores Miguilim já foi uma grandeza!

Bordar Guimarães Rosa começou com o grupo Teia de Aranha em 2001, em São Paulo. Dôra Guimarães e Elisa Almeida, atuais coordenadoras do Grupo Miguilim, foram convidadas para narrar o *Grande sertão: veredas* em Portugal e precisavam de um cenário. Isso institucionalizou o grupo Teia de Aranha. A ideia de bordar um painel a partir da obra foi da Neuma Cavalcante, que nessa época era curadora do arquivo do escritor no IEB e participávamos das Semanas Rosianas. Criamos um lindo painel e a partir daí o grupo continuou bordando a literatura, estamos juntas há 22 anos.

E o bordado acabou atravessando a Roda de Leitura pelo fato de representarmos essa linguagem artística. Em todos os momentos que havia possibilidade nós apresentávamos os bordados. A Rosa Haruco Tane, como coordenadora, sempre procurou levar o grupo Teia de Aranha para as ações da Roda.

E o bordado acabou atravessando a Roda de Leitura pelo fato de representarmos essa linguagem artística. Em todos os momentos que havia essa possibilidade nós apresentávamos os bordados. A Rosa Haruco Tane, como coordenadora, sempre procurou levar o grupo Teia de Aranha para as ações da Roda de Leitura.

O bordado é uma leitura, é uma ressignificação da obra do Guimarães Rosa que é bastante interessante e importante. É por onde eu caminho. Hoje o meu projeto tem muita relação com a leitura e o bordado, a linguagem que eu escolhi ou fui escolhida, e a literatura do Guimarães Rosa. A minha orientadora dizia: "Não somos nós que escolhemos o Guimarães Rosa, ele é que nos escolhe!"

A Roda de Leitura é como um bordado coletivo, cada participante vai oferecendo a sua contribuição, e isso dá uma amplitude maior para a experiência da leitura compartilhada, o que permite que mais vozes sejam ouvidas.

O meu mestrado[4] foi sobre crítica genética, eu fiz o estabelecimento de textos com o material do arquivo, um conto inédito – "Remimento" – não foi publicado, mas tinha várias versões, várias correções. Eu segui a linha de pesquisa da minha orientadora, a Cecília de Lara. A Neuma Cavalcante também trabalhava no IEB, era uma equipe que pesquisava esse material. Depois do mestrado, percebi que eu não queria a academia e passei a ir para o sertão, para Cordisburgo e Morro da Garça, me envolvendo, bordando, sempre a partir da literatura.

Percebi que eu não queria a academia e passei a ir para o sertão, para Cordisburgo e Morro da Garça, me envolvendo, bordando, sempre a partir da literatura.

Mas chegou um momento que eu pensei: "Tem algo que é muito diferente nesse processo, eu vou ter que trabalhar isso". Eu fui para a área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Eu já tinha ido para Moçambique, adorava Mia Couto, e no projeto de doutorado eu queria fazer um estudo comparado de Guimarães Rosa e Mia Couto. Propus essa pesquisa, mas o meu orientador sugeriu que eu fizesse um estudo comparado do processo que eu estava vivendo, com o Rosa, que eu tinha que falar sobre essa experiência, que a universidade precisava disso!

A ideia de Território Literário me agrada e acho que mostra como as comunidades se apropriaram dele. E se apropriar no sentido de experiência e de valorização da identidade local.

A pesquisa foi uma tentativa de mostrar como esse Território Literário se constitui, tentei fundamentar isso no processo de contar essa história. E destaquei alguns projetos que considerei balizadores[5]. A ideia de Território Literário me agrada e acho

[4] ZIANI, Elizabeth Maria. Remimento: raízes de uma narrativa inacabada. 1996. 161 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 1996a.

[5] ZIANI, Elizabeth Maria. As dobras do texto: trajetória da obra de Guimarães Rosa pelo sertão. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Pau-

que mostra como as comunidades se apropriaram dele. E se apropriar no sentido de experiência e de valorização da identidade. Até a defesa da tese foi bem diferente, porque o pessoal que estava assistindo interagia! Teve um momento que o meu orientador – Benjamin Abdala Jr. – falou: "Agora chega! Vocês precisam sair porque a banca vai avaliar o processo". Eu acho que foi uma vitória conseguir isso na Universidade de São Paulo. É um percurso que abre espaço para uma reflexão diferente sobre a potência da literatura.

E nesse processo de descobrir o território rosiano você acaba se descobrindo também como pesquisadora...

É isso também! É uma experiência de vida. Quem vai para o sertão não volta da mesma forma. Volta transformado. É algo que eu sempre digo: isso é único! Do que eu pesquisei, essa forma de abordar a leitura/literatura é nosso mesmo!

Em 1995, quando fomos pela primeira vez, tivemos contato com pessoas que tinham conhecido o Rosa ou a família. Essa perspectiva de a própria literatura revitalizar um lugar é extremamente potente. É o que eu levo para o meu trabalho e sempre digo: a literatura é muito mais potente do que a gente imagina, porque não é que as pessoas na região leiam profundamente Guimarães Rosa! Não! Mas existe uma escuta, através dos Miguilins, dos bordados, do Museu, que, de alguma forma, ressignificou e ressignifica a vida delas.

Eu acho isso muito importante, é um respeito pelo nível de interpretação da própria obra. Porque nós acadêmicos vamos por um caminho, um aprofundamento. Agora, por que as pessoas de lá não podem ir por outros caminhos? E eu acho que esse território abre espaços para a revitalização de muitas linguagens.

Tenho várias entrevistas, porque no projeto Memória viva do sertão[6] eu comecei a pesquisar as histórias pessoais, achava que iria caminhar com isso no meu doutorado, mas mudei a trajetória. Fazia entrevista nas casas, pegava as indicações de pessoas mais velhas que tinham um saber, não necessariamente um saber letrado, mas o saber da experiência vivida.

lo 2017. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02052018-154410/publico/2017_ElizabethMariaZiani_VCorr.pdf Acesso em: 7/9/2023.

[6] Live com Beth Ziani sobre os desdobramentos do Projeto Memória Viva do Sertão, no Instagram do Museu Casa Guimarães Rosa, disponível em https://www.instagram.com/p/COMF1uWhQgk/?hl=pt-br Acesso em: 6/9/2023.

Lembro daquele senhor que você entrevistou e que diz algo sensacional: "Conto o que vi, o que não vi, não conto[7]"

Então, ele falava isso! A fala do seu Raimundo Lusmina foi algo que me impactou muito! Eu já tinha entrevistado muitas pessoas, e quando eu cheguei na casa dele, no Morro da Garça, fiquei encantada. E a fala dele! A maneira dele refletir sobre a vida! Eu tinha um Riobaldo na minha frente.

Logo no começo ele falou assim: "Ah, mas a senhora vai entender tudo que eu falo, porque a senhora é moça estudada!" Eu me senti imersa no *Grande sertão*. Estava diante do Riobaldo! A questão da linguagem, o jeito de se colocar, que é bem mineiro, e que o Guimarães Rosa soube retratar. Até sobre Deus e Diabo ele abordou. O senhor Raimundo me emocionou muito, a leitura que fazia da sua realidade, da sua história... Ele ia contando e ao mesmo tempo pensando sobre tudo aquilo!

Tal como o Guimarães Rosa você estava diante da sabedoria do homem sertanejo longamente elaborada...

E ele falou "A sabedoria da pessoa é uma coisa encantosa!" Esta é uma frase dele numa entrevista para o projeto Casas do sertão[8]. Seu Raimundo Lusmina! Maravilhoso! Ele realmente tinha uma luz radiante que era uma mina mesmo! Muitos saberes! Ele morreu com 102 anos, há dois anos. Tinha uma vivência incrível!

O que você pode falar sobre a presença da Marily da Cunha Bezerra desde os primórdios da Oficina de Leitura?

Ela era uma pessoa encantada! Especialmente muito apaixonada pela obra do Guimarães Rosa. Foi isso que a mobilizou a fazer o documentário, a ir para o sertão.

[7] *Conto o que vi, o que não vi, não conto* é o nome do documentário dirigido por Beth Ziani sobre a vida e sabedoria dos moradores do sertão, disponível em https://youtu.be/I4SjBXZ-GFM?si=ztDC-rYzg7m-sUr9K Acesso em: 6/9/2023.

[8] Conforme consta na descrição do vídeo: "O projeto Casas do sertão é uma parceria do Educativo do Museu da Casa Brasileira de São Paulo com a Casa de Cultura do Sertão do Morro da Garça, de Minas Gerais. Em maio de 2019 as educadoras Beth Ziani, Cibele Lucena, Flavia Mielnik e Mariana Galender foram em busca de saberes guardados pelos objetos da cozinha sertaneja. O vídeo foi realizado nos municípios de Cordisburgo e Morro da Garça". Pode-ouvir essa fala do senhor Raimundo aos 11 minutos. e 33 segundos no vídeo disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6DJKWY46Y8c Acesso em: 6/9/2023.

Quando eu a conheci, em 1995, ela já tinha feito o documentário. Ela e o Dieter já estavam juntos, a gente pode ver no *making of* do documentário o Dieter chegando com um carrinho de sorvete para a equipe toda. A Marily era artista com um olhar profundo para a obra do Rosa.

Tem os movimentos da Calina Guimarães, o encontro com a Fátima Coelho, enfim, foram vários encontros que fizeram com que a Oficina de Leitura florescesse, e tudo foi fortalecendo o desejo dela de realmente olhar para essa região numa outra perspectiva. E o que ela fazia para isso? Ela ia levando pessoas para lá.

E todo o impulso veio dela mesmo! É claro que tem os movimentos da Calina Guimarães, o encontro com a Fátima Coelho, enfim, foram vários encontros que fizeram com que a Oficina de Leitura florescesse, e tudo foi fortalecido pelo desejo dela de olhar para essa região numa outra perspectiva. E o que ela fazia para isso? Ela ia levando pessoas para lá. A viagem de 1995 foi um pretexto, também, para ela começar esse movimento de ir para o sertão. Eu e a Neuma Cavalcante sempre estivemos engajadas, até como representantes do IEB, muito mais a Neuma do que eu... A Marily não estava ligada ao IEB, ela tinha todo um trabalho independente, e nessa época nem o Dieter fazia parte do IEB, ele estava na Geografia, depois (2002-2006) é que ele passou a ser vice-diretor e aí, sim, deu-se a criação da Oficina de Leitura.

Eu a considero uma precursora desse movimento literário. Foi ela que começou a levar artistas, estudiosos da obra, foi um processo muito rico. E o olhar dela, interdisciplinar e transdisciplinar, isso era muito a Marily: "Para que essas regras? Não precisa disso, vamos juntar todo mundo!" Isso era ela.

Eu coloco muito na perspectiva de um olhar e de um desejo dela de criar essa comunicação, de vivenciar o sertão, tanto que ela comprou uma casa no Morro da Garça.

Eu a considero uma precursora desse movimento literário. Foi ela que começou a levar artistas, estudiosos da obra, foi um processo muito rico. E o olhar dela, interdisciplinar e transdisciplinar, isso era muito a Marily: "Para que essas regras? Não precisa disso, vamos juntar todo mundo!" Isso era ela.

A força, a beleza, a luz, e o brilho da Marily estão nas falas de todas as pessoas que se referem a ela...

É importante trazer a Marily. É uma figura central. Até para a viagem de 1995 a primeira pessoa que a Regina Sader chamou foi a Marily, porque já sabia que ela tinha ido para a região. Eu considero a viagem de 1995 como um marco inicial disso que a gente está conversando, dessa integração de pessoas nessa multidisciplinaridade, fluindo com a literatura. Porque tinham viagens particulares de pesquisa pelo sertão, mas o que a Marily possibilitou foi o compartilhamento, a integração, a criação coletiva. Eu acho que tudo começou com ela. Claro, contando com a potência dos encontros com pessoas maravilhosas.

Vou dar um salto e fazer uma pergunta a partir do que ouvi, também, na entrevista da Maria Cristina Ferreira com a Rioco Kayano: Qual o papel do vazio nos bordados do Teia de Aranha?

Tem várias perspectivas. Se a gente pensar no bordado, ele tem essa característica de deixar esses espaços, porque não é uma tapeçaria que cobre todo o suporte. Mas aí tem os espaços que são relacionados a uma reflexão do próprio grupo/bordador, porque é difícil organizar os vazios, ainda mais num grupo. O vazio dá o ritmo, possibilita o fluxo narrativo. É um equilíbrio a ser descoberto. E ao mesmo tempo que o vazio dá o fio narrativo, ele possibilita múltiplas narrativas. Pensando no Teia de Aranha, a gente não consegue nem quer trazer uma narrativa com começo, meio e fim. Então esses vazios dão pulsão, criam silêncios e abrem a possibilidade para as pessoas entrarem no bordado e se relacionarem da forma que quiserem! Pode ser daqui para lá, de lá para cá, de cima para baixo e com as referências delas e com isso ir buscando mais referências.

Pensando no Teia de Aranha, a gente não consegue nem quer trazer uma narrativa com começo, meio e fim.

Então esses vazios dão pulsão, criam silêncios e abrem a possibilidade para as pessoas entrarem no bordado e se relacionarem da forma que quiserem! Pode ser daqui para lá, de lá para cá, de cima para baixo e com as referências delas e com isso ir buscando mais referências.

Então, os vazios são sempre importantes. É neles que a gente se ressignifica, se repensa e olha as nossas experiências. E o Guimarães Rosa tem isso, você vai para o sertão e lá os espaços vazios são imensos! "Sertão, esses seus vazios..." É onde a experiência se dá mesmo! Isso, inclusive, é o que alimenta a arte ou todo esse trabalho que é mais sensível. Tem uma frase minha criada para o projeto Brasil fio a fio[9], inclusive vieram os grupos de bordado e literatura do sertão, é a seguinte: "Bordar é compartilhar silêncios". Acho que tem relação com os vazios que você perguntou. São esses silêncios que possibilitam a representação dos vazios. Espero ter respondido. É um pouco esse o meu olhar para esses vazios do bordado, da literatura e do mundo.

Como é que você trabalhava no IEB, você era estagiária?

Eu fui estagiária, a Cecília de Lara me convidou, eu comecei a olhar todo aquele material maravilhoso, e ela tinha essa linha de pesquisa na crítica genética. Então fiz o mestrado. Mas durante esse percurso apareceu a viagem, foi um divisor de águas na minha experiência com a literatura. Depois, eu fiquei na curadoria do Arquivo por dois anos.

[9] Brasil fio a fio – uma viagem pelo bordado brasileiro. Disponível em https://youtu.be/hMs3LF-cuEl0?si=wUKa5stU3MRkAY75 Acesso em: 16/9/2023.

Manto do Vaqueiro. Acervo de Beth Ziani.

Eu fiz o meu doutorado, terminei em 2018, veio a pandemia, e hoje tenho muitas questões. Mas eu estou pensando em um pós-doutorado. Quero olhar para a leitura e a materialidade do bordado. Essa experiência que une o grupo Teia de Aranha, o que eu fiz com bordado, a literatura, o Manto do Vaqueiro[10], o livro no Morro da Garça[11]. Acho importante documentar isso, porque é outra forma de olhar para a literatura, e é possível levar para a educação. O leitor representar a própria experiência de leitura acho tão importante quanto interpretar a obra. A obra do Guimarães Rosa abre esses espaços e possibilita esses trânsitos todos de que estivemos falando aqui.

[10] TV Cultura – Manto do Vaqueiro: bordado itinerante. Percurso por cidades do Território Literário Guimarães Rosa. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qxyJhFGVSiU Acesso em: 16/9/2023. Bethi Ziani publicou em 2013 um texto que se chama "Tempo de bordar" em que narra alguns percursos e projetos com o bordado, inclusive do Manto do Vaqueiro e está disponível em https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/9730 Acesso em 11/12/2023.

[11] Livro bordado *Nós, as garças.* História da cidade Morro da Garça criado com bordadeiras da cidade. Coordenação do projeto de Beth Ziani.

Mônica Fernanda Rodrigues Gama – Experiência nos arquivos de Rosa e estratégias de leitura

Sempre dá certo: ler em voz alta, poder parar e conversar sobre as coisas lidas, não só tirar dúvida, mas poder apreciar, conversar sobre a beleza, depois fazer a reflexão sobre passagens lidas! Sempre dá certo!
Mônica Fernanda Rodrigues Gama[1]

Você é uma das pessoas que estiveram lá no começo da Oficina de Leitura. Você lembra como foi que tudo começou?

Acho que conforme a gente for conversando a memória vai vir, então me desculpa pelo ir e vir... No começo de tudo eu acho que foi o entusiasmo do Dieter.

Eu comecei a trabalhar no IEB como estagiária ainda na graduação por causa de um colega chamado Vitor da Costa Borysow, agora ele trabalha em Brasília. Foi muito por acaso, eu estava na fila do refeitório e um ex-professor de cursinho, Rogério Muraro, me apresentou: "Olha esse é o Vitor". Conversamos e aí a gente se conheceu, e ele falou que trabalhava no IEB, que era jornalista. E eu perguntei com o quê ele trabalhava no IEB e ele respondeu que era com os manuscritos do Guimarães Rosa. Eu tinha acabado

[1] Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Possui mestrado em Letras pela mesma instituição. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Guimarães Rosa, Autorrepresentação e autobiografia, Arquivos e manuscritos, Campo literário. Atualmente é professora de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem – Linha 1 Literatura, Memória e Cultura do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
Entrevista concedida sexta-feira, 28/4/2023 – 11h Paris

de entrar na graduação, primeiro ano. E eu fiquei tão chateada e falei: "Quer dizer que vocês jornalistas estão roubando vaga dos alunos de Letras? Que absurdo!" Eu fui superdesaforada com ele! Aí ele falou: "Não, eu gosto muito de literatura!" E eu fiquei com aquilo na cabeça: "Quer saber de uma? A gente fica dando espaço para essas pessoas das outras áreas, não vou deixar isso acontecer!" Quando abriu inscrição no IEB para bolsa-trabalho eu me inscrevi. Bem desaforada, assim, afrontosa, vou me inscrever, que negócio é esse de aluno de Jornalismo pegando bolsa que devia ser de Letras! Aí passei, e nesse primeiro momento comecei a trabalhar com outros manuscritos. Fiquei um ano com essa bolsa, e aí conheci o Vitor e ele virou um irmão de vida!

Então esse grupo mais ligado ao Guimarães foi se formando com base numa relação afetiva muito grande. Estávamos nós três com a Neuma Cavalcante, que era incrível, cuidava do acervo e tudo mais, e o Dieter Heidemann se tornou vice-diretor do IEB.

Então esse grupo mais ligado ao Guimarães foi se formando com base numa relação afetiva muito grande: o Vitor depois foi morar comigo, a bolsa dele nesse meio-tempo passou para um colega chamado Daniel Reizinger Bonomo, que agora é professor na Federal de Minas Gerais, e a bolsa do Daniel passou para mim, então a gente teve essa escadinha. Nesse momento se constituiu a equipe Guimarães Rosa, claro, desde quando o acervo chegou no IEB houve muitas equipes, mas nesse momento estava a Neuma Cavalcante, que era a nossa orientadora, tinha a experiência do Vitor e do Daniel, e eu comecei. Estávamos nós três com a Neuma, que era incrível, cuidava do acervo e tudo mais, e o Dieter se tornou vice-diretor do IEB. O Dieter sempre com interesse muito grande no Guimarães, desde a época da viagem dele com a Marily Bezerra, acho que foi em 1995, mais ou menos, que eles fizeram uma histórica viagem de campo pelo sertão e se apaixonaram pela paisagem mineira, pelas pessoas e tudo mais. Tanto é que depois eles compraram um terreno, uma casa, que é onde Dieter mora hoje, lá no Morro da Garça.

E aí eu passei a ir anualmente nas Semanas Roseanas! Comecei como estagiária em 2001 no IEB, e aí eu passei a viajar todos os anos, desde 2001 até 2006, durante todo

o tempo da graduação, fiz uma graduação paralela em Guimarães Rosa.

Logo quando eu começo como estagiária no IEB o Vitor já fazia viagens, e pela experiência dele como jornalista passou a acompanhar a Neuma nas viagens para a Semana Roseana, para fazer oficinas e tudo o mais. Eu também imediatamente comecei a fazer essas oficinas em Cordisburgo, oficinas diferentes de leitura, com públicos variados, mais pequenas ou maiores. Eu lembro que o Vitor deu uma vez uma oficina de coro, porque ele também tinha uma experiência com música e trabalhou com as idosas de Cordisburgo. Era muito bacana! E aí eu passei a ir anualmente! Comecei como estagiária em 2001, e aí eu passei a viajar todos os anos, desde 2001 até 2006, durante todo o tempo da graduação, fiz uma graduação paralela em Guimarães Rosa. Nisso, quando o Dieter entrou como vice-diretor, a gente já estava com essa equipe, com uma rede afetiva muito grande! A gente trabalhava com os manuscritos do Guimarães, pensando formas de manutenção, de organização, buscando financiamento.

E aí quase que passou a ser o melhor dia da semana, o dia da Roda de Leitura!

Depois que a Neuma passou num concurso e foi ser professora na Universidade Federal do Ceará, no Nordeste, entrou uma restauradora incrível no IEB, a Lucia Thomé, e eu passei a ser estagiária dessa restauradora. Então quando a Neuma foi embora a gente ficou meio órfão, porque éramos a equipe Guimarães, e essa restauradora era muito incrível, e ela disse que nós íamos continuar a trabalhar com ela e com o acervo do Guimarães no restauro. Por isso eu passei por vários setores do IEB, trabalhando com Guimarães: fiz restauro de manuscritos dele, a gente conseguiu um financiamento grande para fazer restauro, fazer nova organização, com o Dieter como vice-diretor. Quando o Dieter entrou estava de saída a Neuma, e teve essa reorganização, mas em resumo nós éramos uma equipe que tinha uma rede afetiva muito grande. O Dieter, com esse amor pelo Guimarães, propôs começar a ler toda semana. No começo eu pensei: "Será que isso vai dar, será que as pessoas vão, será? Tá! Vamos!" Para a gente era ótimo, mas eu me perguntava se as pessoas iam manter, porque muitas coisas na universidade

começam e morrem rápido. E aí quase que passou a ser o melhor dia da semana o dia da Roda de Leitura! Da gente ir, todos lerem juntos, aquele tanto de gente que era de áreas muito diferentes, tinha também o pessoal mais acadêmico, tinha alunos, mas tinha pessoas muito variadas.

Como é que vocês convidavam as pessoas, eram só desse núcleo do IEB ou era aberto?

Era totalmente aberto! Se eu não estou errada de memória, acho que esse começo da Roda de Leitura foi muito marcado pelas pessoas que iam na Semana Roseana. Eram pessoas de lugares variados, mas que de certa forma se encontravam na Semana Roseana. Tinha gente da fotografia, da dança, da História, da Geografia, da Educação, tinha acadêmicos e não acadêmicos, tinha a Silvia, por exemplo, que era da psicanálise, então era um grupo bem variado. No primeiro ano tinha um grupo que era mais ou menos fixo, que realmente se encontrava toda semana, depois começou a ter mais flutuações, de outras pessoas entrarem.

Acontecia muito isso: quando a gente ia para a Semana Roseana, tinha uma certa divulgação da Roda de Leitura do IEB, e aí, quando voltava, em julho, agosto, já entravam pessoas que tinham ficado sabendo da Roda de Leitura lá na Semana Roseana.

Você sabe que ainda hoje é assim, após os eventos sempre aparecem mais pessoas...

Imagino! Porque é gostoso você saber que tem pessoas que gostam tanto de Guimarães que se reúnem toda semana para ler! Acaba que vai se alimentando mesmo pela paixão de leitura.

Tem essa parte da relação afetiva do começo. Tenho a intuição de que o amor do Dieter e da Marily é, também, uma espécie de força e energia desse começo da Oficina de Leitura. Você pode falar disso?

Eu acho que é. A Marily Bezerra era essa pessoa excepcional, de conseguir encontrar talentos, ela tinha esse olhar muito bom que às vezes é difícil. Você sabe que para a gente que está na universidade é muito fácil indicar um colega que estuda Joyce numa palestra sobre Joyce ou sobre modernismo, quer dizer, você sabe exatamente o

que ele faz ali no seu trabalho. Agora você descobrir uma segunda coisa que esse colega faz é que é muito interessante, que pode ter algo de interesse para uma comunidade, então você conseguir identificar esses talentos, que não são talentos tão reconhecidos socialmente, neste sentido a Marily conseguia fazer isso nesse grupo de pessoas que, claro, tinham talentos sociais reconhecidos, mas ela conseguiu encontrar outros talentos. Eu acho que isso era interessante. Quer dizer, o Vitor era jornalista e fotógrafo, mas ela sabia que ele também cantava e tocava, então por que não fazer um coro com as idosas de Cordisburgo? Ela conseguia encontrar esses outros talentos nas pessoas.

A Marily Bezerra conseguia fazer isso nesse grupo de pessoas que, claro, tinham talentos sociais reconhecidos, mas ela conseguiu encontrar outros talentos. Eu acho que isso era interessante. Ela tinha um olhar muito generoso de perceber o que é que você tem de bom para oferecer e te animar a oferecer isso! Ela tinha essa característica de ser uma animadora de afetos, sabe?

Ela tinha um olhar – não é só afetivo – era um olhar muito generoso de perceber o que é que você tem de bom para oferecer e te animar a oferecer isso! Ela tinha essa característica de ser uma animadora de afetos, sabe? Ela animava muitos afetos, e isso foi essencial para a criação desse turismo literário em Minas Gerais, de criar esses circuitos, quer dizer, ela que foi animando essas pessoas em cada cidade a olhar para aquilo, para olhar para aquela presença do Guimarães, que não era uma presença cotidiana, que não era algo importante, quer dizer, as pessoas diziam: "Ah, o Guimarães passou aqui e escreveu!" Era isso que era falado. Aí não, ela ia lá e dizia: "Ele escreveu sobre aqui, porque aqui é um lugar excepcional". Ou seja, ela explicava que não era um lugar excepcional, que ainda é um lugar excepcional, que essas que ali vivem são pessoas excepcionais, que os modos de vida dessas pessoas são excepcionais, as relações que essas pessoas têm são excepcionais. Então, não é que o Guimarães passou por aqui: o Guimarães está aqui, então falemos sobre Guimarães! Eu acho que ela tinha essa... Ela tinha... Não! Ela tem, a gente pode dizer que ela tem, porque essa presença da Marily é muito clara e une todo mundo.

Mônica, como você vê essa questão atual de a Oficina ser e não ser do IEB, porque quando ela nasceu vocês estavam no IEB, tinha professores ligados ao IEB – você trabalhava no Arquivo, o Dieter era vice-diretor. E hoje como você vê essa pertença?

Para mim ela é do IEB, embora não tenha hoje uma relação institucional rígida, o fato é que o IEB recebe a Roda. Essa hospitalidade do IEB também é constitutiva da Roda. Tem uma relação também de um não querer abrir mão do outro.

Essa hospitalidade do IEB também é constitutiva da Roda.

Outra pessoa muito importante nesse começo que eu acho que você já deve ter conversado é a Rosa Haruco, ela está nesse trio assim de muito amor pelo Rosa, de animar esses encontros, tanto que ela que passa a cuidar da Roda, passa a garantir esses encontros. Se a gente for a fundo e dizer a Roda é do IEB, eu acho que a Roda também pode existir fora do IEB, mas existe uma relação de hospitalidade que ficou constitutiva da Roda.

Dito por você dá um nome para a relação do IEB com a Oficina de Leitura: hospitalidade, o IEB acolhe, aceita, recebe muita coisa também porque divulga a obra do Rosa...

Exatamente.

Por que nasceu com o nome de Oficina, você lembra disso?

Com muito pouco tempo a gente percebeu que a coisa que rendia, que era gostosa mesmo, era ler Guimarães, e então ficou só a leitura do Guimarães.

Eu lembro que no começo a gente tinha até uma expectativa de discutir pesquisas, de ler textos de Guimarães, ler textos críticos. Eu lembro que no início a gente até leu texto do Hansen, talvez porque eu e o Daniel estávamos mais interessados no aspecto acadêmico. Nem sei na verdade porque se pensou nesse nome de Oficina, talvez porque o que a gente fazia na Semana Roseana era muito oficina, fazíamos várias atividades lá, e

aí talvez com essa característica: vamos fazer uma atividade em São Paulo, no IEB, fazer algo permanente. O que eu sei é que não houve da nossa parte uma discussão sobre o nome, a gente só aceitou esse nome. Com muito pouco tempo a gente percebeu que a coisa que rendia, era gostosa mesmo, era ler Guimarães, e então ficou só a leitura do Guimarães.

Essa participação no IEB e na Oficina mudou a tua trajetória acadêmica?

Total! Posso falar disso tranquilamente! Eu entrei na graduação, de certa forma já por "culpa do Guimarães", embora eu tenha negado isso um pouco durante um tempo. Quando eu estava fazendo cursinho, aquele professor que me apresentou o Vitor – veja como as estórias vão se cruzando – era professor de Redação, e eu estava muito perdida, pensei em fazer muitas coisas, e depois, quando defini que eu ia para a área de humanas, eu pensava em Jornalismo, Relações Públicas, alguma coisa... Essas bobagens de quando você está fazendo cursinho e as pessoas falarem que você fala bem, que você se comunica bem, e aí as pessoas encontram profissões socialmente mais rentáveis ou reconhecidas, né? Esse professor olhou para mim e falou: "Isso é um absurdo, imagina você desperdiçando o seu talento no Jornalismo! De jeito nenhum! Você vai fazer Letras!" E eu falei: "Não vou! Não vou fazer Letras de jeito nenhum!"

Eu entrei na graduação de certa forma já por "culpa do Guimarães".

"Sou a primeira da minha família a entrar numa universidade pública, tenho uma chance de entrar na USP, por que é que eu vou desperdiçar isso para virar professora? Estou sendo superdireta e sincera!" Foi esse diálogo que eu tive com ele! E ele insistiu: "Você vai ver como é um absurdo isso que você está falando, você vai ver como você vai gostar disso!" Eu falei: "Rogério, pelo amor de Deus! Somos só eu e a minha mãe, eu já sou arrimo de família, como é que eu vou virar professora? Sério Rogério!" E ele: "Não, não vai!"

Ele me levou para a USP para assistir uma aula do Alcides Villaça. Ele estava comparando o conto "O espelho" do

Machado com o conto "O espelho" do Guimarães! Foi arrebatador!

E aí ele pegou a minha ficha da FUVEST e falou: "Não, você vai mudar de ideia!" E aí teve um dia, quando estava para acabar as inscrições, ele falou assim: "Você vai assistir uma aula comigo!" E ele me levou para a USP para assistir uma aula do Alcides Villaça. Era uma aula – foi assim: jogo baixo! Um jogo baixo (*rindo muito!*) – porque entrei na aula, uma aula à tarde, e o Villaça estava comparando o conto "O espelho" do Machado com o conto "O espelho" do Guimarães! Foi arrebatador! Eu assisti a aula, assim, 5 minutos de aula, não precisou mais que isso, quando deu 5 minutos de aula eu olhei para o Rogério e falei: "Eu vou fazer Letras! É isso!"

Eu conto isso aos meus alunos, porque é difícil a gente ter essas certezas profissionais quando a gente é tão nova, com tanta coisa em jogo, quando você não vem de uma família rica. Uma coisa é alguém que já vem sabendo línguas, quer dizer, eu entrei em Letras com uma formação muito básica de escola pública.

Daí aí ele me deu a ficha na hora, eu preenchi; tanto é que eu cheguei a prestar Relações Públicas na UNESP, porque eu já tinha preenchido antes; passei, mas nem fui me inscrever. Nunca! Daquele dia em diante eu nunca mais tive dúvida da carreira, nunca nunca, nunca! Com seis meses de curso eu estava dando aula, fui trabalhar em cursinhos populares. De certa forma a minha entrada na universidade já tem a ver um tanto com Guimarães.

No primeiro ano de faculdade eu ainda falava – a mesma coisa que os meus alunos falam, e eu dou muita risada com eles – porque eu dizia: "Eu não vou trabalhar com esses autores canônicos! Imagina! A literatura tem muito mais que isso!" No começo da graduação eu até estudei a Adélia Prado na minha primeira iniciação científica porque eu ainda tinha muito isso: "Ah, não vou estudar autor canônico! Imagina!" Só que aí entra o IEB, fui trabalhar no IEB, comecei a ir para as Semanas Roseanas, e aí de repente veio aquela paixão de leitura com aquelas pessoas muito apaixonadas, de lugares muito diferentes, fazendo coisas muito diferentes, mesmo as leituras acadêmicas eram muito variadas entre si, e aí olhei para tudo aquilo e pensei: "Se esse povo pode, por que é que eu vou ficar dizendo que eu não vou fazer?"

Um pensava uma coisa, outro pensava outra coisa, ficava aquele jogo hermenêutico, todo mundo tentando se ajudar, o que podia significar, e aí eu ficava curiosa com as estratégias do Guimarães para provocar aquilo.

Depois, principalmente na Roda de Leitura, as coisas da leitura – cotidiana, coletiva, em voz alta – para a pesquisa do mestrado[2], por exemplo, foram essenciais! Tinha coisas que apareciam ali, que eu via, por exemplo: "O que será que significa isso?" Um pensava uma coisa, outro pensava outra coisa, ficava aquele jogo hermenêutico, todo mundo tentando se ajudar, o que podia significar, e aí eu ficava curiosa com as estratégias do Guimarães para provocar aquilo.

Rosa junta fontes muito diversas do arquivo, ele faz aquela criação meio por quebra-cabeças, pega peças que já estão prontas, que eu chamei de células estéticas. Ele cria certos vazios de leitura que são vazios para a participação do leitor.

Então fui estudar as estratégias de leitura, um certo processo de construção de leitura, como que o Guimarães, quando ele junta fontes muito diversas do arquivo, de como ele faz aquela criação meio por quebra-cabeças, que pega peças que já estão prontas, que eu chamei de células estéticas, o quanto que ele pega essas células estéticas que vêm de listas muito variadas e ele junta isso, o quanto que ele cria certos vazios de leitura que são vazios para a participação do leitor, que é uma teoria da estética da recepção do Iser. Então, eu estava estudando muita teoria, e eu gostava muito da teoria do Iser, e eu tinha um objeto fenomenal para isso, porque o que mais tem no Guimarães é vazio de leitura! É um texto com muita coisa, mas ao mesmo tempo é muito cheio de vazios, que é como dizer para o leitor: "Participe!" E a Roda de Leitura neste sentido é excepcional porque era esse momento de a gente parar e cada um falar o que tinha achado.

[2] Com o título "Sobre o que não deveu caber – Repetição e diferença na produção e recepção de Tutaméia Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-09112009-145329/publico/MONICA_FERNANDA_RODRIGUES_GAMA.pdf Acesso em: 9/5/2023.

É um texto com muita coisa, mas ao mesmo tempo é muito cheio de vazios, que é como dizer para o leitor: "Participe!"

Tinha uma coisa muito bonita no começo da Roda de Leitura quando o Dieter participava, porque ele lia em alemão! Então a gente ia ler, alguém perguntava como aquilo que é, ou simplesmente admirava algo bonito e a gente ficava comentando, não era só uma questão de dúvida, muitas vezes a gente parava para apreciar: "Nossa que imagem incrível! Como é que o Guimarães constrói essa imagem tão bonita!" Como eu dizia, muitas vezes a gente pedia para o Dieter ler em alemão, para conferir como é que aquilo era traduzido. Muitas vezes a gente ficava primeiro só com o som: nossa que bonito! Mas a gente também perguntava o que estava escrito em alemão, assim, ao pé da letra, e daí ele lia e a gente ficava pensando sobre a interpretação do tradutor. Era bem gostoso de fazer esses movimentos!

Tinha uma coisa muito bonita no começo da Roda de Leitura quando o Dieter participava, porque ele lia em alemão, e a gente ficava pensando sobre a interpretação do tradutor.

Muitas vezes a gente levava a experiência com o Arquivo, o que a gente estava fazendo lá: algo que ele estudou sobre isso ou aquilo, outra vezes alguém estava lendo em paralelo a correspondência dele com o tradutor italiano ou alemão, e aí trazia algum trecho de carta, então a gente ia fazendo essa troca! Para mim foi essencial, na verdade, porque foi como se eu estivesse fazendo um – claro que na época eu nem pensava sobre isso – mas era como se eu estivesse fazendo um trabalho de campo, junto, paralelo à graduação, porque a pesquisa eu desenvolvi um pouco depois, mas, quer dizer, eu tinha juntado elementos para pensar depois!

Dificilmente eu teria feito a pesquisa do mestrado com a qualidade que eu fiz sem ter tido essa experiência de pesquisa no Arquivo: fiz limpeza, organização e restauro

de manuscritos, quer dizer, eu revisitei esses manuscritos muitas vezes!

Dificilmente a pesquisa que eu desenvolvi no mestrado teria feito com a qualidade que fiz sem ter tido essa experiência de pesquisa no Arquivo – eu tive à minha disposição todo o Arquivo para ver como que aquilo funcionava, não era simplesmente uma hipótese de leitura que eu fui procurar no Arquivo, eu realmente sabia de cor onde estavam certas coisas. Eu passei por várias etapas: fiz limpeza de manuscritos, fiz organização de manuscritos, fiz restauro de manuscritos, quer dizer, eu revisitei esses manuscritos muitas vezes! Então, tanto essa frequência no Arquivo quanto essa frequência com essas pessoas tanto na Roda de Leitura quanto nas Semanas Roseanas tiveram um impacto direto na minha vida acadêmica! Eu não conseguiria ter desenvolvido os trabalhos que fiz sem essas experiências.

Tanto a frequência no Arquivo quanto a frequência com essas pessoas tanto na Roda de Leitura quanto nas Semanas Roseanas tiveram um impacto direto na minha vida acadêmica!

Eu vinha de uma realidade totalmente fora da academia, então para mim era importante esse reconhecimento dos saberes do sertão que o Rosa tanto valorizou. Eu morava em São Paulo, mas sou baiana de nascimento, vivi parte da vida em Salvador, e vivi parte da vida no oeste da Bahia, e minha mãe era do sertão da Bahia, então muito do que eu estava lendo, e quando eu fui para Cordisburgo, quer dizer, o norte de Minas é a Minas legal, porque é a Minas que é quase Bahia (*rindo*) – eu trabalho mais para o sul de Minas, admito, eu falo para os meus alunos.

O Ailton Krenak tem uma fala muito incrível! Uma vez ele foi lá em Mariana logo depois do desastre e falou algo muito bom sobre a mineração: "Vocês aqui, a gente está em Minas Gerais, mas problema é que aqui é muito Minas e vocês têm que aprender a ser Gerais". Tem que entender o que é ser Gerais! Então o norte de Minas é o Gerais e a Bahia, então para mim tinha uma questão também muito afetiva, de memória familiar, quer dizer tinha outro sotaque, outra coisa e tudo mais, não era Bahia, mas era perceber essa riqueza de um modo de vida muito semelhante, outros valores, de outras formas.

Então, após a conclusão da graduação, você se afastou para seguir a carreira de professora? Enfim, como foi a trajetória após essa vivência tão rica no IEB?

Teve um movimento de eu querer me afastar, isso é importante dizer também. Da mesma forma que tinha algo muito incrível nessa rede afetiva e tudo mais, tinha algo que para a produção acadêmica era complicado, porque tinha uma demanda que às vezes era demais. Então fui criando outros interesses, o desejo de me aprofundar mais, muitas vezes até de fazer a crítica, e para isso eu precisava também tomar um afastamento. Como eu disse, era tudo muito intenso, não só o IEB, era o trabalho, a pesquisa, as Semanas Roseanas, e aí eu me casei com alguém que também estava estudando o interior da Bahia, gostava muito do Guimarães, era da Geografia. Quer dizer, era tudo muito intenso!

Aí o Dieter saiu e eu fui tomando um pouco de distância até para conseguir fazer pesquisa, isso já no doutorado, já estava com filho, e na verdade tudo fica mais complexo. Não dava mais para viver aquilo daquele jeito. A Rosa Haruco, por exemplo, sempre viveu muito intensamente, mas é porque ela era alguém que podia viver muito intensamente aquilo, estava num momento da vida, aposentada, com um pouco mais de tempo. Eu estava no começo da carreira, tinha que publicar, tinha que fazer tudo senão não tem jogo, não tem chance! Como eu disse, eu não tive dúvidas desde aquele dia da aula do Alcides Villaça: eu queria seguir a carreira acadêmica.

A certa altura eu tive que correr muito atrás para conseguir realmente ter um bom currículo, me preparar para prestar concurso, fazer um bom doutorado, que fosse reconhecido. Então tive que tomar distância até porque eu sempre tive que trabalhar, conjugar uma vida acadêmica produtiva com trabalho, com família, sem dinheiro, quando a gente não é herdeiro, né? Então já foi desafio suficiente! Eu tomei distância para conseguir fazer o doutorado, aí passei no concurso lá na Universidade Federal de Outro Preto (UFOP).

O doutorado também ficou na área do Guimarães Rosa?

Foi! Nossa, me orgulho ainda mais do meu doutorado[3]! Ficou bom! Gostei! Eu falo que eu gosto porque vejo que muitas vezes que as pessoas fazem pesquisa e

[3] Com o título "Plástico e contraditório rascunho: a autorrepresentação de Guimarães Rosa", disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-07012014-094440/publico/2013_MonicaFernandaRodriguesGama_VCorr.pdf Acesso em: 9/5/2023.

depois não gostam, eu acho triste quando a pessoa fica muito tempo e tem senões com a pesquisa, né? Eu não! Eu gostei, me diverti, eu acho que ficou bom, foi vivido.

No doutorado eu trabalhei autorrepresentação do Guimarães, como é que há uma imagem autoral que permeia a leitura, o quanto que ele de certa forma preparava a leitura dele a partir da circulação de uma certa imagem de autor.

Eu trabalhei autorrepresentação do Guimarães, como é que há uma imagem autoral que permeia a leitura. Ainda continuei pensando a questão da leitura, da estratégia de leitura e tudo mais, o quanto que a gente vê o Guimarães ainda que ele não esteja fazendo autoficção, nada disso, mas o quanto que ele de certa forma preparava a leitura dele a partir da circulação de uma certa imagem de autor. Era uma questão de teoria, mas aí eu trabalhei com diários, entrevistas, com as próprias narrativas, com manuscritos.

É legal pensar as estratégias dele para dizer isso. Tem alguns momentos, em algumas narrativas, que a gente percebe isso, mas tem umas coisas muito requintadas no Guimarães. Por exemplo quando você vê o *Sagarana*, que ele mudou até a quarta edição, você tem um jogo de vai e volta de certas marcas que são interessantes. Uma coisa por exemplo, eu trabalhei paratextos dos livros, então quando a gente pega esses livros nas versões originais, muitas vezes você vê uma orelha, do *Sagarana*, da quarta edição, depois que ele vai para a José Olympio, é uma edição em que você lê: "Esse autor conhece muito bem essa realidade, porque ele é sertanejo...", vai para uma coisa de biografia e fala muito da relação dele com o espaço e tudo, às vezes de um jeito até meio simplório. Quando você lê, você pensa assim: "Mas que erro dessa editora, porque... Nossa!" O Guimarães é muito mais que isso! Ele tem muitas outras marcas. E aí quando você vai estudar a fundo você descobre que quem escreveu a orelha foi o próprio Guimarães! Na verdade, ele era muito esperto, ele acendia uma vela para Deus e uma vela para o Diabo! Para garantir a leitura de quem estava acostumado com uma literatura regionalista!

Tem umas coisas muito requintadas no Guimarães! Ele joga com características muito diferentes do campo

literário meio que garantindo a leitura de todo mundo. Ele sabia o que era preciso fazer para circular, ele tinha estratégias muito interessantes!

No momento ele faz isso e ao mesmo tempo, no mesmo ano, ele estava fazendo a orelha do *Corpo de baile,* e aí na orelha do *Corpo de baile* já é uma coisa poética, hermética, um negócio que nem funciona como orelha! Porque você lê e você não sabe sobre o que é que é o livro. Também feita por ele! Então você vê que são duas estratégias, quer dizer, ele está jogando com características muito diferentes do campo literário meio que garantindo a leitura de todo mundo. Ele sabia o que era preciso fazer para circular, ele tinha estratégias muito interessantes!

Essas coisas do Guimarães, na verdade, poucas pessoas sabem. Isso não está assinado. Se você não vai no Arquivo ver você fica achando que é um texto da editora. E aí você descobre que ele de fato estava empenhado numa certa pedagogia da leitura: como é que você garante um leitor, ensina ele a ler esse texto.

Essas coisas do Guimarães, na verdade, poucas pessoas sabem. Isso não está assinado. Se você não vai no Arquivo ver, você fica achando que é um texto da editora. E aí você descobre que ele de fato estava empenhado numa certa pedagogia da leitura: como é que você garante um leitor, ensina ele a ler esse texto. Todo grande autor faz isso, propõe algo muito diferente, mas de alguma forma guia, promove uma certa alfabetização naquela língua, naquele modo de pensar. É uma coisa de um pacto de leitura. O do Guimarães surpreende muito porque de certa forma ele nem permite muito que outras pessoas participem disso, ele tem uma coisa de ele controlar todos esses estágios, que eu acho muito interessante.

O nosso tempo está terminando. Mas você sabe que atualmente a Oficina de Leitura acontece de maneira online. Temos uma média de 40 a 60 participantes, gente de diversos estados brasileiros e até de fora do país. Você tem algum comentário sobre isso?

Caramba! É incrível! Vida longa à Roda! Eu não participei de nenhuma online, você sabe como é a nossa vida na universidade, nessa correria, mas eu já fiz roda de leitura, já dei uma disciplina sobre Guimarães inteira e monográfica, e propus para os alunos da gente ler o *Grande sertão: veredas,* juntos, no esquema da Roda de Leitura. Foi a melhor coisa que já fiz nesses sete anos na universidade! Foi a melhor experiência! Encontrava com eles toda quarta-feira, sentar-se e ler, ficar ali por 2 a 3 horas lendo... Foi a melhor coisa! Depois disso todo ano eles pedem, mas aí a gente é obrigado a fazer mil e uma coisas, e agora faz pouco tempo mesmo recebi e-mail para fazer de novo, dizendo assim, que agora eu vou voltar descansada do pós-doutorado – eles acham que a gente volta descansada do pós-doc! –, a mensagem era essa, ofertar de novo aquela disciplina, aquela oficina de leitura. Então estou com essa promessa de que esse ano vai ter no segundo semestre!

Eu já fiz roda de leitura, já dei uma disciplina sobre Guimarães inteira e monográfica, e propus para os alunos da gente ler o *Grande sertão: veredas,* juntos, no esquema da Roda de Leitura. Foi a melhor coisa que já fiz nesses sete anos na universidade!

Fico superfeliz, na verdade, de a Oficina acontecer porque eu imagino que é isso, porque eu fiz várias, deve acontecer com muitos colegas também que frequentam a Roda e a partir da Roda fizeram e fazem uma replicação dela em outros lugares, com outros públicos.

Eu fiz durante bastante tempo roda de leitura na prefeitura de São Paulo, nas bibliotecas da prefeitura de São Paulo. Até hoje, sempre quando me pedem alguma coisa que seja para público amplo, que seja para fazer um incentivo à leitura e tudo mais, eu proponho roda de leitura. Já ali no Largo 13, de São Paulo, o *Grande sertão: veredas* e foi uma experiência maravilhosa!

Parece que é sempre muito boa a recepção do público para com os textos do Rosa. Na Oficina de Leitura temos um público mais maduro...

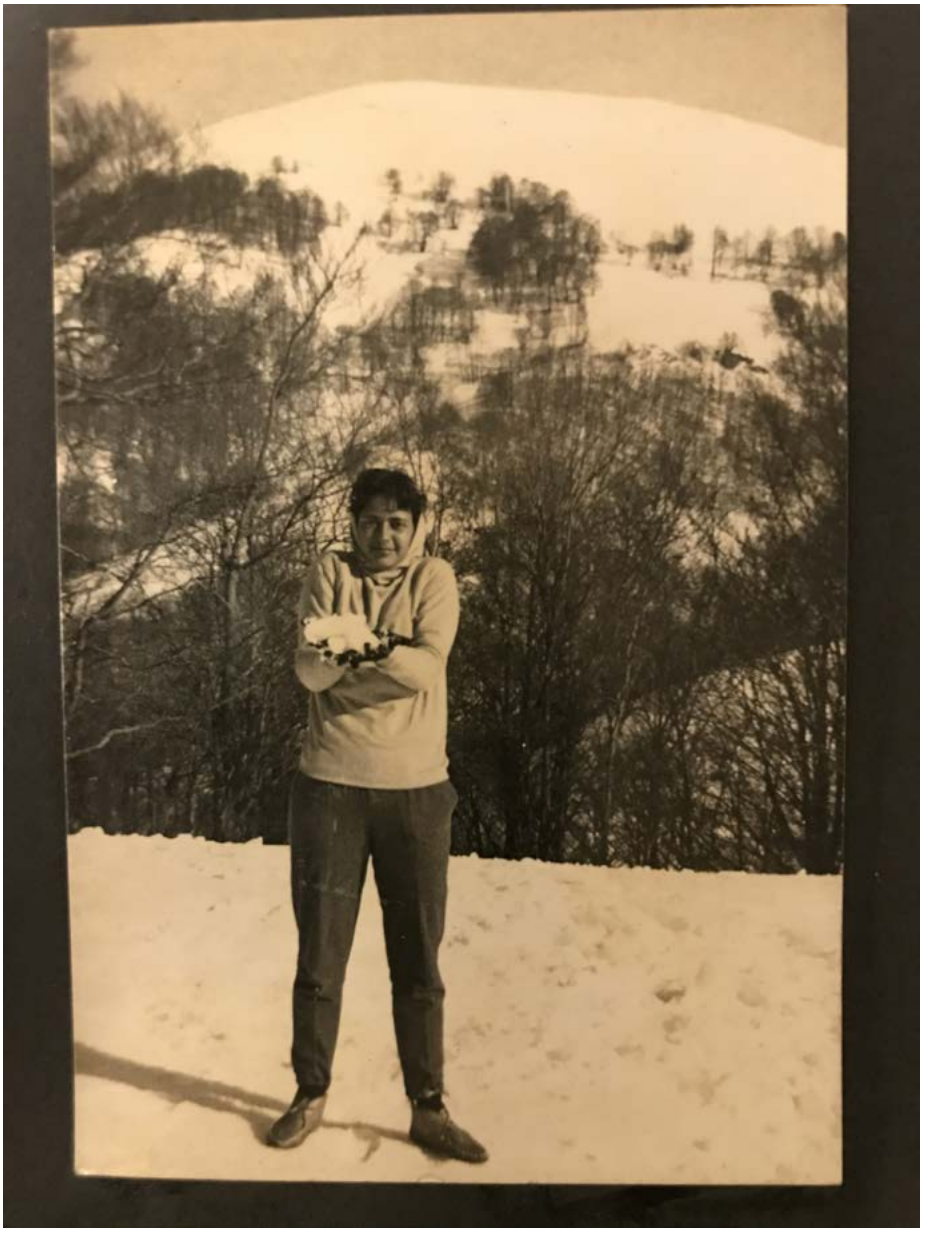
Para o público jovem sempre eles têm medo de começar. Quando eu propus, mesmo na universidade, eles ficaram naquela coisa: "Ah você vai pôr eles para ler, você tem certeza de que vai dar certo?" E aí quando começam eles não querem parar! Eles simplesmente não querem parar! E dá certo! Sempre dá certo: de ler em voz alta, de poder parar e conversar sobre as coisas lidas, de não só tirar dúvida, mas poder apreciar, conversar sobre a beleza, depois fazer a reflexão sobre passagens lidas! Sempre dá certo!

Marily da Cunha Bezerra – Memória e homenagens afetivas

Legendas de Maria Andrade, filha de Marily. Fotos do acervo de Maria Andrade.

Marily com 6 anos.

Marily – Carnaval de 1947, com 8 anos.



Minha mãe morava com sua avó, pois seus pais já haviam morrido. Ela estudava no colégio Sion, aqui em São Paulo. Ela foi expulsa do colégio e mandada para estudar em Roma. Imagino que tenha ido para algum lugar na Europa com neve.

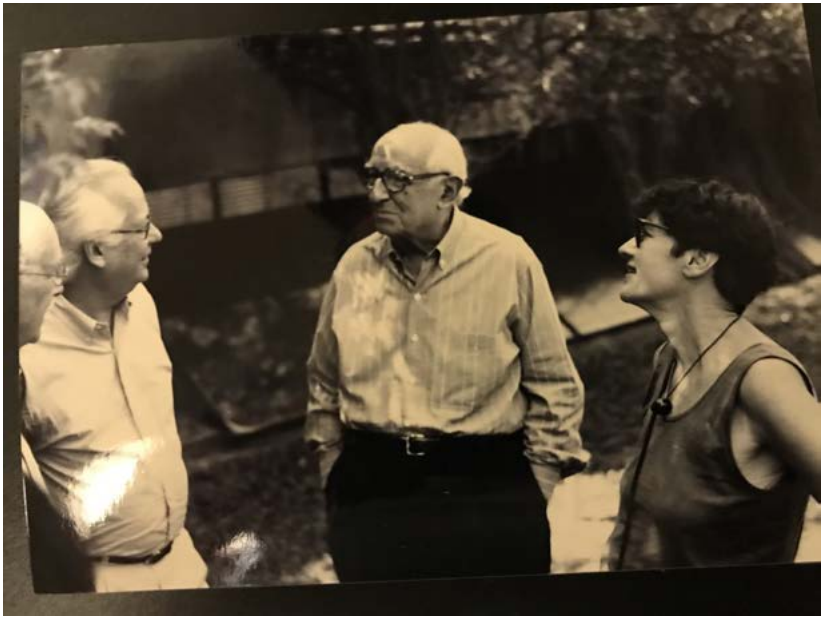
Minha mãe e eu com 7 meses, na casa onde morávamos.

Minha mãe e eu no dia em que fiz 11 anos, no Playcenter – São Paulo.

Marily com Manuelzão na ocasião da filmagem de seu curta *Rio de-Janeiro, Minas,* 1991.

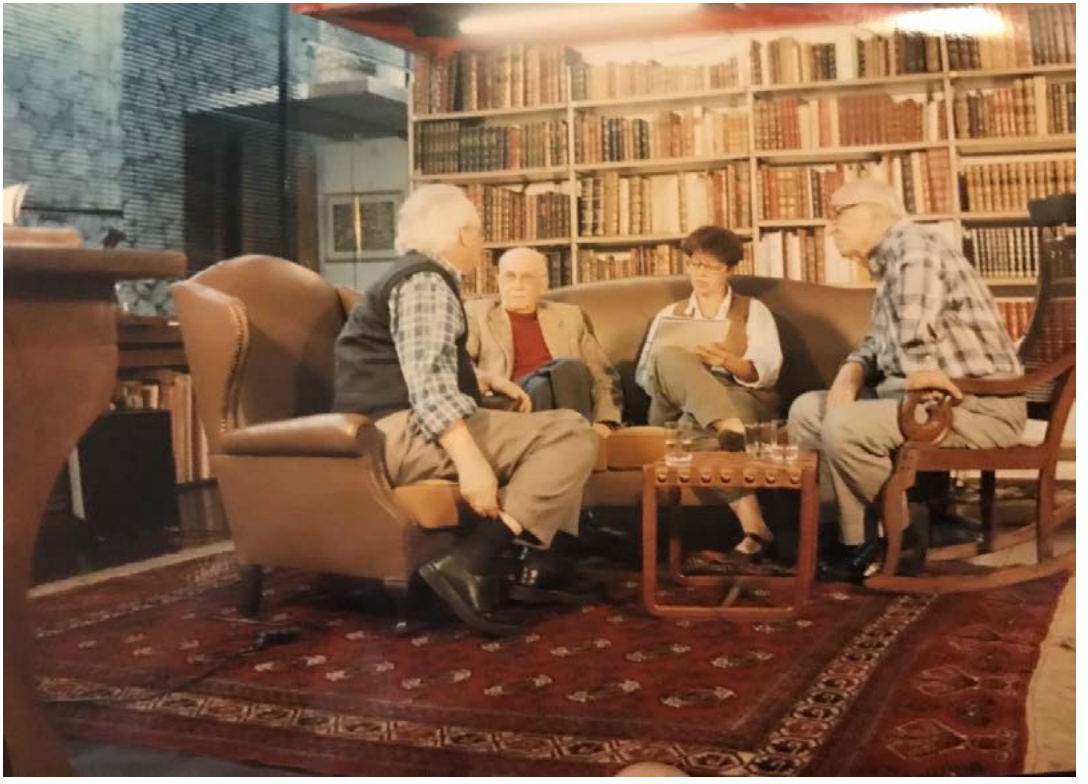
Marily está na camioneta com as amigas Danielle Ardaillon e Liliana Guedes numa viagem à Serra do Cipó nos anos de 1980. Com a Liliana a Marily seguiu a viagem para Três Marias e fez a primeira "Barquejada" no Rio São Francisco até o Rio-de-Janeiro. Marily de verde no centro, Danielle de vermelho e Liliana à direita fora do caminhão, de óculos.

Marily em Ubatuba em 1988, ano em que Dieter a conheceu. Não se sabe quem fez a foto.



Antonio Candido, Davi Arrigucci, José Mindlin e minha mãe na ocasião da gravação do audiolivro *7 episódios de Grande sertão: veredas.* 1997.

Antonio Candido, Davi Arrigucci, minha mãe e José Mindlin na ocasião da gravação do audiolivro *7 episódios de Grande sertão: veredas.* 1997.



Davi Arrigucci, Antonio Candido, Marily e José Mindlin na ocasião da gravação do audiolivro *7 episódios de Grande sertão: veredas*. 1997.

Marily com seu amado neto Antonio, meu filho, no Morro da Garça em 2003 ou 2004.

Marily com seu amado neto Antonio, meu filho, no Morro da Garça, na Casa da Cultura, fazendo bichinhos com batata ou algo assim. 2005 aproximadamente.

Homenagem de honra para Marily da Cunha Bezerra, por Rioco Kayano

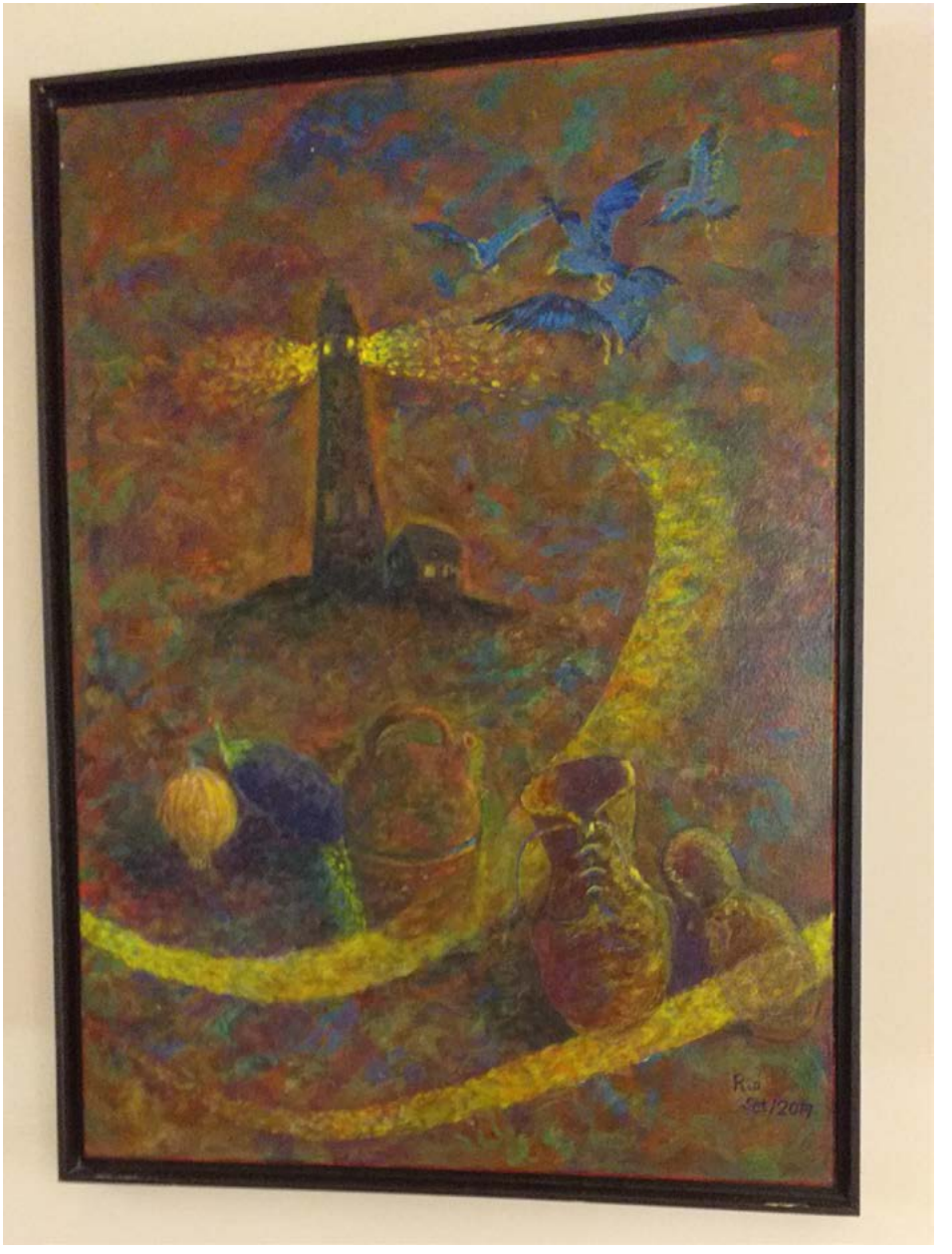
Para Rioco Kayano, a lembrança afetiva de Marily eram as botinas que ela usava. Em função disso, Rioco escreveu alguns poemetos em 2019 para homenagear a estimada amiga.

Rugas da botina
ralado do couro sem cor
gastura da sola

"Pintando com netos". Tela de Rioco Kayano
Tela de 1x2m. Vemos no detalhe uma botina. É uma obra conjunta com os netos de Rioco, Paulinha e Luis Miguel, em 2015, quando ambos tinham 10 e 9 anos.

Pés viajantes
no aconchego das botinas
pés voaram ao céu
botinas ficaram
ai, as botinas,
rugas das botinas de couro
curtido

No chão a tina
conforto no calo dos
calcanhares
brisa na cortina
marca dos pés na botina



"Vôo rasante". Tela de Rioco Kayano adquirida por Ronilde Rocha Machado, participante da Oficina de Leitura.

Em memória de Marily da Cunha Bezerra: poema e flor, por Rosa Haruco Tane

Eu sei o que é
reconheço a qualidade
não tem regra.
Existe em raras pessoas
é um tesouro
não é beleza, dinheiro
ou poder.
Alguns chamam de presença
sim
a presença de uma arte pessoal
brilha
traz luz.

Em memória de Marily da Cunha Bezerra. Nov/2023. Helena Carvalhosa[1]

Minha homenagem à Marily, a Dama da Noite! A flor que tanto ela gostava!

[1] "Helena Carvalhosa, nasceu em 1938 em São Paulo, é uma artista com uma trajetória rica e diversificada. Desde os anos 70, ela explora o campo tridimensional através de objetos encontrados, enquanto também se dedica à pintura desde os anos 80. Sua obra é uma fusão de formas, cores e sentimentos." Informação retirada de https://marramaque.jor.br/2023/11/12/exposicao-tinha-uma-saia-rodada-e-um-galope-na-cabeca-de-helena-carvalhosa-na-galeria-marcelo-guarnieri-sp/ Acesso em: 13/11/2023.

Dama da Noite. Foto de Silvia De Ambrosis Pinheiro Machado

Marily tinha desta planta que não florescia na sua casa no Morro da Garça.
Quando ela ainda estava conosco, numa noite fomos até a pensão da Dona Zoé e ficamos até tarde para contemplar a abertura dessas flores, uma a uma, exalando um delicado perfume.
...
Alguns meses atrás dei uma muda dessa planta para a Silvia De Ambrosis Pinheiro Machado, nossa amiga comum de longa data.
Acima, na foto, o primeiro e único botão.
Virado para a porta da casa de Silvia como se dissesse: "Eu vim aqui para te ver!"
Da presença de Marily, flor de um único dia, permanece a sua beleza e perfume, que "brilha e traz luz!"

TRAVESSIA III - Coordenadores atuais

Recorte do projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*

Rosa Haruco Tane – A Roda de Leitura e a integração das diversas culturas

As pessoas foram chegando, foram recebidas dessa forma amistosa, sem pretensão de se tornar nada.
Rosa Haruco Tane[1]

Como você chegou à Oficina de Leitura?, pois você é uma das mais antigas participantes...

Isso foi há muitos anos... Foi... Já não consigo precisar a data, mas eu estava trabalhando na prefeitura e fui trabalhar na regional do Butantã, onde eu moro, mas eu fui trabalhar numa outra regional, numa outra secretaria, e, quando a Luiza Erundina tomou posse na prefeitura de São Paulo, algumas pessoas foram chamadas para coordenar projetos e secretarias e eu fui convidada para ser coordenadora da Secretaria da Habitação na regional do Butantã. Eu estava mudando completamente de área, pois eu comecei na prefeitura pela Secretaria da Saúde, depois fui para a Secretaria de Assistência Social, no Campo Limpo, e ali era um trabalho bastante integrado com várias secretarias: com a Secretaria da Habitação, da Educação, da Saúde, e então nesse

[1] Assistente social, iniciou a leitura mais sistemática de Guimarães Rosa após a aposentadoria. Participando de eventos literários promovidos pela FFLCH e IEB/USP conheceu a professora Neuma Cavalcante, então curadora do acervo de Guimarães Rosa, que a incentivou a participar de encontros roseanos. Tendo participado do curso Enigma Brasil com a posterior criação da Roda de Leitura Guimarães Rosa pelo professor Dieter Heidemann, então vice-diretor do IEB, foi se interessando cada vez mais pela leitura do Rosa.
Entrevista concedida terça-feira, 2/5/2023 – 8h18min São Paulo – 13h18min Paris.

trabalho integrado a gente fez um trabalho bem bacana com aquelas pessoas do Campo Limpo, vamos dizer, politicamente bem engajadas, por ser exatamente uma região de periferia e de carências, então a gente conseguiu fazer um trabalho bem interessante. E, naquela ocasião, eu fui convidada pela Secretaria de Assistência Social de Campo Limpo para a Secretaria da Habitação, só que o pessoal de Campo Limpo preferia que fosse alguém que morasse naquela região, e eu não morava lá, aí o pessoal da Habitação me chamou e fui parar no Butantã.

Então, aos poucos, independentemente do trabalho, a gente começou a falar um pouco de Guimarães Rosa, que era o trabalho da Neuma. A Neuma, por ser cearense, gostava de bordar, e, quando chegava no fim da jornada de 6 horas de trabalho, chegava em casa ela falava: "Vamos bordar! Vamos bordar!" Eu não sabia bordar, mas gostava de ouvir ela falar um pouco do acervo de Guimarães Rosa, um autor que eu tinha lido há muito tempo.

Foi quando eu conheci a Rioco Kayano, pois ela era uma das assessoras do administrador regional e era ligada – Rioco, nossa amiga da Roda de Leitura – à Neuma Cavalcante, que nessa época era curadora do arquivo de Guimarães Rosa, no IEB, e ela é madrinha da filha da Rioco. E foi aí que começou o diálogo com Guimarães Rosa. Por sua vez a Neuma era amiga da Marily Bezerra, que era casada com o Dieter Heidemann, que trabalhava no IEB, e aí conheci também a Mônica Gama, que, junto com o Vitor da Costa Borysow e o Daniel Reizinger Bonomo, era estagiária da Neuma Cavalcante.

Então aos poucos, independentemente do trabalho, a gente começou a falar um pouco de Guimarães Rosa, que era o trabalho da Neuma. A Neuma, por ser cearense, gostava de bordar, e, quando chegava no fim da jornada de 6 horas de trabalho, chegava em casa ela falava: "Vamos bordar! Vamos bordar!" Eu não sabia bordar, mas gostava de ouvir ela falar um pouco do acervo de Guimarães Rosa, um autor que eu tinha lido há muito tempo. E foi assim que eu conheci o Dieter, a Marily, a Beth Ziani, a Rioco, a Mônica Gama... E ali, naquelas conversas caseiras, na casa da Neuma, saiu também o convite para ir para Cordisburgo, foi a Neuma que nos levou para Cordisburgo pela primeira vez, isso no fim dos anos 90. E aí não parei mais! Foi um pouco isso!

Em que momento que vocês começaram a ler Guimarães Rosa juntos, isso que é o gérmen da Roda de Leitura?

A Neuma, como curadora do acervo do Guimarães Rosa no IEB, começou levar a Calina Guimarães, que estava formando o Grupo Miguilim, a levar a Dôra Guimarães – a Elisa ainda não estava naquele momento – para fazer alguns encontros no IEB. Foi assim que os meninos do Grupo Miguilim começaram a chegar aqui em São Paulo: o Fábio, a Magna, o Tiago, como eu falo, todo mundo de calça curta ainda, pré-adolescentes, com 12 ou 13 anos, tímidos, meninos que nunca tinham saído de Cordisburgo, muitos nem conheciam Belo Horizonte. E aí começamos a ver como o trabalho era bonito, mesmo sendo ainda um trabalho bem inicial. Foi aí que começamos a ir para Cordisburgo, com a Neuma, para conhecer esse outro lado também.

> **Começamos a ir todos os anos para Cordisburgo, sempre com o nosso dinheiro, fazendo as coisas muito improvisadas, sem nenhum planejamento de Semana Rosiana, nem nada. [...] A gente começou a pegar livros da biblioteca, o que tinha, para fazer leitura com quem estivesse ali. O Vitor da Costa Borysow fazia coral, a Beth Ziani começou a fazer oficina de costura com as senhoras do local.**

A Neuma trazia o pessoal de lá passando o chapéu, como a gente dizia, cada um ela determinava para ficar com dois Miguilins, por exemplo, para hospedar a Dôra, uns na casa da Rioco, outros na casa da Beth Ziani, e começamos a fazer esse tipo de acolhimento, e nesse-meio tempo passamos a ir para Cordisburgo, para conhecer aquela cidade que já tinha Semana Roseana, mas era feita pela Academia Cordisburguense de Letras, era uma coisa distanciada de Guimarães Rosa, faziam muitos trabalhos pessoais de criação literária e poética, mas pouco ligados a Guimarães Rosa. Então a Calina foi a pessoa responsável por implantar Guimarães Rosa, de forçar um trabalho, que ela fez em paralelo, para que se tornasse alguma coisa mais de Guimarães Rosa.

> **A Neuma trazia o pessoal de lá passando o chapéu, como a gente dizia, cada um ela determinava para ficar com dois**

Miguilins, por exemplo, para hospedar a Dôra, uns na casa da Rioco, outros na casa da Beth Ziani, e começamos a fazer esse tipo de acolhimento.

Começamos a ir todos os anos para Cordisburgo, sempre com o nosso dinheiro, fazendo as coisas muito improvisadas, sem nenhum planejamento de Semana Rosiana, nem nada. Quando tinha essa semana literária da academia a gente se reunia à parte na escola, no parque, nos jardins. O Museu estava começando a fazer a reestruturação da casa onde nasceu Guimarães Rosa. A gente começou a pegar livros da biblioteca, o que tinha, para fazer leitura com quem estivesse ali. O Vitor da Costa Borysow fazia coral, a Beth Ziani começou a fazer oficina de costura com as senhoras do local, pois ela sempre trabalhou a questão da memória afetiva através de uma roupa.

Eu lembro muito dessa oficina que a Beth Ziani deu, pois foi uma coisa muito linda! Com um certo tipo de papel que ela levava, ela costurava a roupa e pedia para o pessoal da terceira idade fazer a roupa que marcou a vida deles. Então faziam a roupa de batismo do neto, a do casamento, do namoro, mas assim trazendo essa memória afetiva para poder fazer um trabalho integrado com o grupo da terceira idade. E o Vitor fazia canção, fazia coral com esse grupo que era uma coisa muito bonita! Em paralelo a gente pegava o livro para fazer a leitura com quem estivesse no local: professores e alunos, e foi assim que começou de uma forma bastante improvisada.

O Dieter, como vice-diretor do IEB, organizou aquele curso Enigma Brasil e nos chamou para participar da parte sobre Guimarães Rosa. Não lembro bem, mas participaram vários professores, e depois culminou com a viagem para o sertão de Minas, foram também para Ouro Preto e outros lugares históricos do Brasil para depois chegar no sertão de Minas Gerais.

Nesse tempo o Dieter fez aquele curso no IEB, o Enigma Brasil. Nesse ínterim a gente vinha para Cordisburgo mais de uma vez por ano, fazia essas atividades, e a gente dispersava, não se encontrava mais com os colegas de Roda aqui em São Paulo, e outros

colegas começaram a ir para Cordisburgo. A Marily convidava artistas, profissionais e professores para ir para lá. Estava tudo sendo feito mais ou menos dessa forma. Nesse meio-tempo o pessoal de Cordisburgo criou a Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa para fortalecer o Museu também. Foi mais ou menos assim a nossa história, que a gente deu uma força maior ao pessoal de Cordisburgo. O Dieter, como vice-diretor do IEB, organizou aquele curso Enigma Brasil e nos chamou para participar da parte sobre Guimarães Rosa. Não lembro bem, mas participaram vários professores, e depois culminou com a viagem para o sertão de Minas, foram também para Ouro Preto e outros lugares históricos do Brasil para depois chegar no sertão de Minas Gerais.

Na volta o Vitor, a Mônica, a Beth e o próprio Dieter falaram: "A gente podia criar algum encontro, continuar com o Enigma Brasil aqui no próprio IEB". Foi mais ou menos essa história. E aí, entre procurar a data, acertar a data, era muito difícil para todo mundo, um dia havia um, outro dia havia dois, noutro dia havia dez, e assim começou a Roda de Leitura de uma forma improvisada, até conseguir firmar uma data, acertar com o próprio IEB um local fixo, porque no início a gente se sentava no corredor, onde tivesse espaço. E foi assim, de uma forma bem improvisada. O Dieter, a Neuma e a Marily foram bastante importantes nesse começo. E nesse meio-tempo a Neuma Cavalcante passou num concurso e foi embora para Fortaleza, no Ceará. Quem ficou no lugar da Neuma foi a Beth Ziani, como curadora. Ela ficou um tempo e depois entrou a Sandra Vasconcelos. De uma certa forma são colegas, todos engajados nessa construção de alguma coisa em Cordisburgo e, também, no IEB.

Foi por aí também que nasceu o Grupo Teia de Aranha, oficializando a formação de um grupo de bordado, através desse painel sobre o *Grande sertão: veredas* para ser levado como cenário das narrações de Dôra e Elisa em Portugal.

Eu acho que eu devo à Rioco, que era comadre da Neuma, esse começo, que era algo assim: "Vamos na casa da Neuma, vamos na casa do Vitor, vamos na casa da Beth", algo assim, íamos nas casas dos colegas para tomar um café e fazer conversas. Por outro lado, naquela época a Rioco também tinha a ideia de fazer alguma coisa grupal, ela não sabia muito bem o que que era, e ela pegou essa ponte da Neuma de bordar. A própria

Dôra e a Elisa naquela ocasião tinham sido convidadas pela UFMG para participar de um evento rosiano, que já não lembro qual, e aí tinha alguém de Portugal que convidou as duas para ir para lá, e elas queriam levar alguma coisa que ilustrasse a obra. Eu acho que nessa época a Neuma já tinha ido embora, e então a Rioco e a Beth estavam já com essa ideia de querer fazer alguma coisa, e saiu a ideia de fazer o bordado do *Grande sertão: veredas*. Era uma coisa extremamente atrevida e ousada de quem só conhecia o sertão através da obra! E como bordar toda aquela imensidão? Naquele momento havia pouca informação da internet, foi feito assim na base do intuitivo, na base da amizade, do "eu acho que..." O "achômetro" foi assim a linha condutora de toda a criação desse painel.

Foi por aí também que nasceu o Grupo Teia de Aranha, oficializando a formação de um grupo de bordado, através desse painel sobre o *Grande sertão: veredas* para ser levado como cenário das narrações de Dôra e Elisa em Portugal. Esse primeiro trabalho foi mostrado para vários artistas aqui de São Paulo. Na sequência o Grupo Miguilim veio a São Paulo, e o Antônio Nóbrega foi bastante importante também, pois ele abriu o Brincante[2] para mostrar o bordado, o painel, abriu para o Grupo Miguilim. Então isso de certa forma foi começando a fortalecer o grupo.

Quando fomos a Cordisburgo uma professora de Belo Horizonte falou: "Nossa! O painel está muito bonito, tem vários elementos da obra, mas falta o vazio dentro do bordado, pois o sertão é também um vazio!" É que o painel bordado estava muito cheio de informações! Isso ficou bastante presente para refletir. Não foi uma crítica nada destrutiva, muito pelo contrário, é um ponto de vista de uma professora de Belo Horizonte. E acho que o grupo também amadureceu bastante.

Como se pode ver, foram várias criações. O Grupo Teia de Aranha se formalizou antes, depois veio o curso do Dieter – pois o grupo de bordado também já estava sendo encaminhado –, e aí nós que fizemos o curso, e a Mônica Gama, o Vitor da Costa Borysow, o Daniel Reizinger Bonomo e a Beth Ziani tiveram uma importância bastante grande nesse processo até que se organizou como Oficina de Leitura, e o Dieter, estando lá dentro do IEB, com a Beth na curadoria, eu acho que assim se fortaleceu bem a criação de Oficina de Leitura no IEB.

[2] Referência aos trabalhos do multiartista da cultura popular brasileira, Antonio Nóbrega, no Instituto Brincante. Para maiores informações visitar o site https://institutobrincante.org.br/ Acesso em: 30/1/2023.

Você pode falar da relação do casal Dieter e Marily neste começo da Oficina de Leitura?

Eu acho que, quando a gente fala do duo, sempre tem o verso e o inverso, tem a manhã e a noite, a direita e a esquerda, e nessa dupla eu vejo isso. Dieter era mais acadêmico e professor, e a Marily era artista.

Eu acho que, quando a gente fala do duo, sempre tem o verso e o inverso, tem a manhã e a noite, a direita e a esquerda, e nessa dupla eu vejo isso. Dieter era mais acadêmico e professor, e a Marily era artista. Ela era formada em Geografia, mas era muito ligada à arte, de uma família nobre ou quase quatrocentona paulistana, perdeu os pais muito cedo, foi criada pela avó, por muito tempo morou em Paris, estudou num colégio em Paris até a sua formação universitária, acho que até completar a maioridade, e depois ela voltou para o Brasil. Ela andou muito pelo lado artístico, mas essa parte eu não sei dizer muito, talvez a Beth e a Rico pudessem dizer melhor. A Neuma é que era muito amiga da Marily.

Para mim a Marily ficou alguma coisa assim de muita criatividade. Ela olhava o bordado e via pelo avesso, sempre, para ver se o ponto estava bem amarrado, que leitura que o avesso do bordado trazia. Ela sempre falava da curva do "S" do "Recado do morro", que se a gente se acostuma com a visão de uma forma plana não é a mesma coisa que ver pelas curvas do "S" do "Recado do morro".

A Marily mostrava para a gente os pássaros no ar, o bichinho que passava na frente, o cheiro de uma planta, o cheiro ruim da podridão dos animais mortos, enfim, era isso que ela mostrava para a gente que me fascinava muito!

Então quando a gente ia para o sertão, enquanto o Dieter fazia análises dos pontos geográficos, o córrego do Onça, do Pico X, Y, Z, a Marily mostrava para a gente os pássaros no ar, o bichinho que passava na frente, o cheiro de uma planta, o cheiro ruim da podridão dos animais mortos, enfim, era isso que ela mostrava para a gente que me fascinava muito!

Foram as duas linhas que se encontraram, e de uma certa forma esse casal foi muito importante, e eles também tinham em comum Guimarães Rosa. [...] o fato é que eles tinham amigos em comum: se olharam, se gostaram, acho que tem esse trecho assim, que lembra um pouco o Guimarães Rosa também!

Eles tinham diferenças, claro. Ele era muito mais pragmático, mais pontual nas colocações, e a Marily viajava, dissertava coisas que eram, assim, fantásticas! Foram as duas linhas que se encontraram, e de uma certa forma esse casal foi muito importante, e eles também tinham em comum Guimarães Rosa. Eu acho que quem foi contaminado foi o Dieter quando conheceu a Marily, mas o fato é que eles tinham amigos em comum: se olharam, se gostaram, acho que tem esse trecho assim, que lembra um pouco o Guimarães Rosa também!

A Marily conhecia muitas pessoas em São Paulo e as convidava para as Semanas Roseanas. Ela fez também esse trânsito...

Sim, sim! Assim como tinha a diferença entre Dieter e a Marily, tinha a diferença entre a Neuma e a Marily. Neuma também era professora da USP e acadêmica, tinha toda essa ponte de levar o Rosa para o sertão, porém de uma forma muito mais professoral, vamos dizer assim. E a Marily não tinha regra! Ela voava! Artista o tempo todo! E tudo ela gravava! Ela fez mestrado na ECA – Escola de Comunicação e Artes da USP –, ela só não defendeu a tese porque a tese dela era outra que não é tese acadêmica. Ela foi pela prática. Ela gravava cada criança! Lembro que ela fez um vídeo com os netos dela com as crianças do Morro da Garça de uma forma belíssima, belíssima! E ela fez um vídeo daquele primeiro encontro dos então meninos Riobaldo e Reinaldo, chamado *Rio de-Janeiro, Minas*[3], muito antes da ECA. Então ela tinha conhecimento do cinema, mas ela tinha também esse outro lado de amante da arte, da poesia, ela já tinha isso dentro dela independentemente da academia.

E a Marily não tinha regra! Ela voava! Artista o tempo todo! [...] **Ela olhava as pessoas e falava assim: "Você não**

[3] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EkD5wfUl02c Acesso em: 30/7/2023.

quer ir comigo para o Morro da Garça? Você não quer ir para Cordisburgo?" A pessoa perguntava: "Para fazer o quê?" E ela respondia: "Ah, não sei, mas a gente descobre!"

Ela olhava as pessoas e falava assim: "Você não quer ir comigo para o Morro da Garça? Você não quer ir para Cordisburgo?" A pessoa perguntava: "Para fazer o quê?" E ela respondia: "Ah, não sei, mas a gente descobre!"

Ela assistia algum espetáculo aqui em São Paulo, o Zé Maria, por exemplo, que dança Butô. Ele estava lá em Cordisburgo com a mulher dele e o filho, assistindo a Semana Roseana, a gente nem conhecia o Zé Maria, ele era uma pessoa comum lá entre o público. Ela descobriu esse Zé Maria, descobriu que ele era bailarino, e fez ele dançar na hora, no dia, ali em Cordisburgo! E assim foi, sabe?

Com essa história de Guimarães Rosa a gente vai conversando com um, com outro, tinha um amigo meu que era gerente do CEAGESP, mas ele era amigo também do PT, que não tinha nada a ver, mas que também tem ligação com a Rioco, com a Beth, a Marily, a Neuma, todos muito ligados ao marido da Rioco, que é o Genoíno, e então começou a ter essa aproximação com o PT. E quando eu comecei a trabalhar na regional já tinha toda essa amizade com esse pessoal da regional e então tudo isso acho que juntou também, sabe? De ser uma coisa ideológica, partidária, tinha essa coisa artística da Beth, da Rioco e da Marily, começando pelo bordado da Neuma.

E quando a Neuma ia embora foi a ocasião que eu soube desse colega, pois ele falou: "Eu conheci um grupo, se apresentou no Centro Cultural da prefeitura da Lapa, o grupo cantando Guimarães Rosa!" Eu falei: "E você gostou?" Ele respondeu: "Eu não entendo muito de Guimarães Rosa, mas achei que você e a Rioco iriam gostar!" E ele passou o contato do Wagner Dias, isso já passado uns quatro, cinco ou seis anos. Mas de qualquer forma era um grupo que foi agregando outras pessoas. E o Wagner falou que era leitor de Guimarães, era formado em Filosofia, trabalhava na SABESP e nas horas vagas escrevia poesia a partir da obra de Guimarães Rosa, começou musicar e fez um grupo chamado Nhambuzim[4], que estava apresentando, e quando a Neuma foi embora eu falei para o Wagner: "Olha, a Neuma tá indo embora e ela é uma pessoa bastante importante para a gente, vocês não querem se apresentar na festa de despedida

[4] Site do grupo disponível em http://www.nhambuzim.com.br/ Acesso em: 7/9/2023.

dela?" E eles foram! Ficamos encantados com a canção que eles fizeram, uma letra muito simples, mas uma melodia muito bonita! Aí, pronto! A Marily se apaixonou também por eles! E já levou eles para Cordisburgo, para o Morro da Garça! E assim foi. E o levar essas pessoas para lá ela sempre tinha um jeito da gente pagar, sabe, de uma forma assim: "Ah, vamos passar o chapéu! Vamos passar o chapéu!" E então pagava para quem não tinha condições! A gente pagava quem trabalhava, então tinha todo esse lado que eu falo que foi bastante legal da gente criar a união também!

As pessoas foram chegando, foram recebidas dessa forma amistosa, sem pretensão de se tornar nada. Eu acho que a gente assimilou um pouco o que a Calina Guimarães falava para o Grupo Miguilim: "Eu não quero que vocês sejam um foco do palco, eu não quero que vocês sejam a estrela, nós queremos apenas que vocês passem a juventude de vocês felizes!" Ela falava isso para as crianças! Não é pelo cachê, não fica pensando no palco, ela sempre dizia isso! A gente incorporou um pouco essa ideia também [na Roda de Leitura].

As pessoas foram chegando, foram recebidas dessa forma amistosa, sem pretensão de se tornar nada. Eu acho que a gente assimilou um pouco o que a Calina Guimarães falava para o Grupo Miguilim: "Eu não quero que vocês sejam um foco do palco, eu não quero que vocês sejam a estrela, nós queremos apenas que vocês passem a juventude de vocês felizes!" Ela falava isso para as crianças! Não é pelo cachê, não fica pensando no palco, ela sempre dizia isso! A gente incorporou um pouco essa ideia também. Isso ficou muito claro quando a gente estava fazendo aquela Roda de Leitura que você organizou com o professor Michel Riaudel, lá na Sorbonne, que o Dieter também compareceu, mesmo sendo online. Naquela hora aquelas palavras da Calina se fizeram presentes! Quando foi criada a Roda de Leitura a gente não tinha percebido isso ainda, sabe? As palavras da Calina vieram com força ali, e na minha concepção a Roda de Leitura é um pouco assim como o Grupo Miguilim, que era para as crianças passarem uma infância e uma adolescência felizes.

A Roda de Leitura também é um tempo da gente viver essa alegria na partilha da literatura!

> **Foi naquela Roda que você fez recentemente com o Michel Riaudel na Sorbonne que eu consegui ver essa associação! Olha só as descobertas que estou fazendo depois de 20 anos, mas é o momento! [...] A Roda de Leitura que não tem essa pretensão de ser nada... Sem palco, sem holofote, sem grana, sem pensar na questão do lucro, na questão de ganhar algo em troca.**

Sem palco, sem holofote, sem grana, sem pensar na questão do lucro, na questão de ganhar algo em troca. Foi naquela Roda que você fez recentemente com o Michel Riaudel na Sorbonne que eu consegui ver essa associação! Olha só as descobertas que estou fazendo depois de 20 anos, mas é o momento! Foi coisa que me veio na cabeça! Nossa! É isso! A Roda de Leitura não tem essa pretensão de ser nada! Aí quando alguém começa a falar Rosa, Rosa, Rosa, eu peço: "Para de falar Rosa, que não sou eu!" Existe o grupo! Para mim fica muito presente isso! Então é a Oficina de Leitura que aparece, é a Roda de Leitura que aparece, não é a Rosa que está aparecendo. Eu faço muita questão disso. Eu não quero individualizar o nome porque não é isso. Foi e é um grupo mesmo. É o grupo da Roda de Leitura, é o Grupo da Teia de Aranha, o Grupo de Cordisburgo, os músicos, os artistas, é isso.

Porque quando um puxa um fio você vai ver que um vai se ligando no outro, é um bordado também! E tem espaços vazios, tem coisas que a gente não vai saber, não vai dizer, não precisa, e é assim mesmo precisa ficar isso também. E já são 20 anos!

São 20 anos oficialmente, vamos dizer assim, porque um certo dia que não tem uma data, o Dieter de uma certa forma formalizou uma lista de presença com os nomes das pessoas que estavam naquele dia. Mas ela começou há uns três anos, bem antes da Neuma levar a gente para Cordisburgo, pois já tinha um movimento anterior, pessoal, do Dieter, com a Marily e a Regina Sader, de sair da universidade, da Geografia, para fazer esse circuito pelo sertão de Minas. Existe uma história anterior que foi bastante

importante, sim. E nesse momento a Beth Ziani, apesar de ser uma menina naquela época, pois era estudante, parece que fazia mestrado na USP, ela já estava incorporada a esse grupo inicial. É tanto que a Beth é uma pessoa extremamente importante, ela está em vários projetos, mas ela não está presente em tudo. Ela participa do Grupo Teia de Aranha, participa da Roda de Leitura, está no SESC, está em vários outros grupos. Eu acredito que ela também é uma continuidade, uma abertura e uma diversidade grande de atuação.

> **São 20 anos oficialmente, vamos dizer assim, porque um certo dia que não tem uma data, o Dieter de uma certa forma formalizou uma lista de presença com os nomes das pessoas que estavam naquele dia. Mas ela começou há uns três anos, bem antes da Neuma levar a gente para Cordisburgo, pois já tinha um movimento anterior, pessoal, do Dieter, com a Marily e a Regina Sader, de sair da universidade, da Geografia, para fazer esse circuito pelo Sertão de Minas.**

E como é hoje olhar para esse tempo de maturidade da Oficina de Leitura, 20 anos, quase quatro anos após a pandemia, nesse formato online?

Pois é! Tem o antes no presencial e o depois online!

A gente chorou muito quando o IEB fechou, quando a universidade fechou! Era uma coisa nossa, era uma casa nossa, e a casa fechou! De uma hora para a outra, por causa da pandemia, você não poder chegar lá, não poder entrar, foi uma coisa muito dolorida! Particularmente eu fiquei muito perdida, chorei muito, eu não entendia dessa nova tecnologia que estava começando, e foram, sim, várias conversas, e a Marília foi bastante importante de fornecer a plataforma dela para a gente começar. As pessoas que deram força para a gente seguir nesse formato online foram colegas que estavam começando na Roda de Leitura, como estudantes, a Paula, a Renata e a Gabriella, que no quieto e atrás dos bastidores – das telas – trouxeram uma força muito, muito grande! É que elas entendiam do processo, assim como a Marília, que forneceu a plataforma, só que essa plataforma dela tinha limitação de número de pessoas para entrar. Foi

aí que começamos a busca pelo suporte da USP, e esse movimento partiu da Cecilia Marks, não foi iniciativa nem da Linda, nem da Regina nem minha a ideia de buscar um endereço institucional. Como coordenadoras nós aderimos. E daí "as meninas da técnica", como passamos a chamar as três, começaram a falar coisas que eu não estava entendendo! Era toda uma nomenclatura midiática, e eu sou completamente analfabeta nessa parte. Aprendi muita coisa, mas muita coisa não entendia absolutamente nada! E as três começaram a oferecer serviços, dicas.

> **A gente chorou muito quando o IEB fechou, quando a universidade fechou! Era uma coisa nossa, era uma casa nossa, e a casa fechou! De uma hora para a outra, por causa da pandemia, você não poder chegar lá, não poder entrar, foi uma coisa muito dolorida! Particularmente eu fiquei muito perdida, chorei muito, eu não entendia dessa nova tecnologia que estava começando...**

Em meio à pandemia eu falei com o Pedro Bolle. Ele perguntou se nós da Roda de Leitura gostaríamos de fazer alguma coisa com eles no IEB. Ele ainda falou que nós tínhamos uma força, que a voz da Oficina é bastante forte, e ele disse que também estavam parados e ainda não sabiam bem o que fazer, por conta da pandemia e do fechamento da universidade.

> **E fizeram uma reunião com a diretora do IEB, a Diana Vidal, com o Pedro Bolle, chamamos as meninas – Gabriella, Renata, Paula e a Marília –, rapidamente elas compreenderam do que se tratava. Imediatamente perguntamos se o IEB poderia oferecer um e-mail institucional, para podermos ter acesso ao Google Meet. E foi rápido!**

Foi nesse momento que ele nos convidou para fazer podcast. Eu não sabia nem do que se tratava! E ele falou: "Vamos colocar gente que entende disso num circuito". E

fizeram uma reunião com a diretora do IEB, com o Pedro Bolle, chamamos as meninas – Gabriella, Renata, Paula e a Marília – rapidamente elas compreenderam do que se tratava. Imediatamente perguntamos se o IEB poderia oferecer um e-mail institucional, para podermos ter acesso ao Google Meet. E foi rápido! A Diana Vidal, diretora do IEB naquele momento, foi super, supergenerosa! Então a Diana e o Pedro deram uma força institucional muito, muito grande! Eles tinham confiança no nosso trabalho! E nesse momento eles nos chamaram para dentro do IEB.

A atual diretoria está fazendo o trabalho dela, se por um lado não dá muita importância para o trabalho da Roda de Leitura, por outro lado não boicota, não bloqueia, não faz nada. De uma certa forma a gente fica lá no IEB sem dar trabalho para eles e divulga a obra do Rosa. Não interferem em momento nenhum, e o fato de a gente estar abrigada no IEB é uma grande conquista.

Assim, seguimos, com o suporte das três meninas da técnica. A Marília tinha outra atividade profissional, então ela ofereceu a plataforma no início e depois ela ficou como participante. Bem mais à frente, ela fez o projeto Janelas Roseanas e nos chamou para colaborar, embora não tinha nada a ver com as atividades da Roda de Leitura, foi um projeto próprio. As três meninas trouxeram o suporte técnico que a gente precisava. A Gabriella foi a primeira que se ofereceu e disse: "Eu faço tudo!"

As três meninas trouxeram o suporte técnico que a gente precisava. A Gabriella foi a primeira que se ofereceu e disse: "Eu faço tudo!" Na parte de podcast, por exemplo, a Renata foi fundamental, foi uma pessoa que articulou tudo com o Pedro Bolle. Ela se organizou junto com a Paula e a Gabriella, foi a Renata que criou todo o mecanismo, toda a sistemática. A gente não interferiu em absolutamente nada!

Então nessa parte de podcast, por exemplo, a Renata foi fundamental, foi uma pessoa que articulou tudo com o Pedro. Tanto que quando o Pedro falou que alguém da Roda teria que responder, na hora eu indiquei a Renata. A gente se complementou. Eu e a Regina ajudamos, assim, a Regina ficou com o trabalho de resumir aquilo que já estava pronto, mas quem elaborou tudo, desde a narrativa, os cortes, as inserções de músicas

enfim, quem fez todo o trabalho de edição foi a Renata. Ela se organizou junto com a Paula e a Gabriella, foi a Renata que criou todo o mecanismo, toda a sistemática. A gente não interferiu em absolutamente nada! Eu solicitava as colaborações dos colegas, recebia os áudios e encaminhava para a Renata.

A Diana Vidal, do IEB, valorizou muito isso, ela até fez um podcast onde apresentou um balanço dessa produção dizendo que a Oficina de Leitura colaborou com quase 40% dos podcasts do IEB. Parece que o IEB, na USP, foi a instituição que mais postou podcasts, houve pessoas de fora, mas o maior número de colaboradores foi da Oficina de Leitura, ela sempre enfatizou isso. Nessa parte da visibilidade dos podcasts para mim a Renata foi fundamental, como está sendo fundamental mesmo ausente, ela permanece atuando nos bastidores, organizando com a Paula e a Gabriella para distribuir tarefas.

Todos os encontros que fizemos online, seja com o IEB, seja em parceria com a USP de Ribeirão Preto, mesmo a Roda de Leitura na Semana Rosiana [as meninas da técnica] deram todo o suporte, se organizando junto com o Ronaldo Alves do Museu. São nomes que não aparecem, mas se não fossem elas eu, a Linda e a Regina, como coordenadoras, nós não faríamos a Roda de Leitura online.

E precisa mencionar também todos esses encontros que nós temos feito online, seja com o IEB, seja em parceria com a USP de Ribeirão Preto, mesmo a Roda de Leitura na Semana Rosiana, elas deram todo o suporte, se organizando junto com o Ronaldo Alves do Museu. São nomes que não aparecem, mas se não fossem elas eu, a Linda e a Regina, como coordenadoras, nós não faríamos a Roda de Leitura online. Nós aparecemos na frente apenas como condutoras de um trabalho, mas atrás disso existe essas três mulheres que foram e são fundamentais! E elas fizeram todo esse trabalho em paralelo com as atividades delas, de estudos e trabalhos.

Fiquei pensando que na condução de uma boiada tem aquele que vai na frente, mas tem os que dão o suporte nas laterais, tem os animais que carregam os alimentos e tudo o mais...

É, tem o guieiro, mas, mesmo no carro de bois, tem um boi da frente que dirige, tem o boi de trás, tem um boi do meio, que dialoga com o da frente e com o detrás. Eu vejo que existe todo esse processo, e nessa união das forças é que a Roda de Leitura se movimenta.

Essa maneira que fazemos online nasceu do nosso olhar, de ver o que que estava acontecendo, de poder fazer a leitura, para aumentar ou diminuir o tempo de leitura e o tempo para os debates no final. Todos esses ajustes foram um processo de aprendizagem, no próprio grupo, que via essa dinâmica e apontava alguma sugestão para a gente. A gente foi avaliando cada dia, e assim foi acontecendo.

E, realmente, temos essas duas etapas: a etapa anterior presencial que era olho no olho, página por página, corpo a corpo, ali não tinha nada disso, as intervenções eram diferentes, você falava, colocava uma dúvida, a dúvida aumentava ou então era elucidada, enfim tinha outra dinâmica. No formato online a gente acaba não podendo fazer isso, faz de outro jeito que também tem funcionado. Essa maneira que fazemos online nasceu do nosso olhar, de ver o que que estava acontecendo, de poder fazer a leitura, para aumentar ou diminuir o tempo de leitura e o tempo para os debates no final. Todos esses ajustes foram um processo de aprendizagem, no próprio grupo, que via essa dinâmica e apontava alguma sugestão para a gente. A gente foi avaliando cada dia, e assim foi acontecendo. Nalgumas vezes deixamos 1 hora de leitura e outra para os debates, pois eles também eram importantes.

Tem uma moça, ela teve um diagnóstico de uma grave doença e falou: "Rosa, eu tô sempre de câmera e áudio fechados, porque eu gosto de ficar ouvindo, isso me ajuda muito!" Então tem várias pessoas que estão doentes, que me contam em particular, também tem tudo isso.

Às vezes eu fico assim, numa atitude de observar, eu até perco a leitura para ficar olhando o público na tela: vejo o sorriso nalgum momento da leitura, ou então às

vezes eu vejo gente vendo celular, infelizmente! A tela mostra essas coisas! Tem gente que fica cochilando, tem gente que não abre a câmera, tem gente que nunca leu em voz alta, mas acompanha! Tem uma moça que participa da Roda, ela teve diagnóstico de uma grave doença, e falou: "Rosa, eu tô sempre de câmera e áudio fechados, porque eu gosto de ficar ouvindo, isso me ajuda muito!" Então tem várias pessoas que estão doentes, que me contam em particular, também tem tudo isso.

Tem outra pessoa que eu acho espetacular enquanto participante da Roda de Leitura. Eu não sei como é que ela chegou na Roda de Leitura. Ela já participava de outro grupo, não lembro bem o nome, que é de Guimarães Rosa também, já fez viagens com esse grupo, mas quando ela chegou na Roda ela tinha perdido o marido de Covid, ela estava com Covid, o filho que mora na Alemanha também estava com Covid, ele tinha vindo para o Brasil para cuidar do pai, e aí ela perdeu o marido, estava bastante fragilizada. Ela chegou na Roda e falou: "Rosa eu vou entrar na Roda, eu gosto muito de Guimarães Rosa, mas eu não vou ler e não vou abrir o vídeo. Eu quero só ouvir!" E hoje ela não só está lendo como está fazendo crítica, está fazendo análise literária, fez curso de narração de estórias com a Elisa Almeida. Quando eu soube que essa mulher ia fazer o curso com a Elisa eu fiquei muito feliz com tudo isso, e quando eu a vi narrando eu fiquei tão feliz! Falei: "Nossa como que é bonito todo esse processo de superação da dor através da leitura de Guimarães Rosa!" E tem muitas dessas pessoas semelhantes a ela dentro do nosso grupo, participando.

Outra pessoa, desde a Semana Roseana online ela já estava doente, ela participou do sarau, eu lembro muito bem dela apresentando o cordel da obra do Guimarães Rosa e eu fiquei muito interessada, eu até pedi para o Ronaldo passar o contato dela, pois eu gostei muito da apresentação que ela fez com o companheiro, eu não sei se era filho ou se era outra pessoa. Eu lembro de ter convidado algumas pessoas. Então a nossa Roda online tem sido um momento também de encontrar pessoas que fazem leitura de uma forma bonita ou de uma forma diferente ou de uma forma que me chamou a atenção por alguma razão que não importa, sem ver o cabelo, a boca, o sorriso, alguma pessoa que me chama atenção, e assim eu consigo através do online pedir, para onde for, para eu ver isso. Na Roda eu percebo muito isso! Acontece que às vezes quando vou ver a leitura eu perdi a leitura! É que eu estou fazendo outras leituras!

Estive olhando hoje e vi que no Grupo do WhatsApp Sagarana, que é o livro que estamos lendo agora, tem 117 participantes. Uma média de 50 pessoas são assíduas. São muitos leitores!

Sim, a Renata tem todo esse controle. São mais de 200 pessoas cadastradas no e-mail, e elas recebem toda terça-feira as informações da leitura, o link do Meet para acessar a Roda de Leitura online e os arquivos que são compartilhados no grupo.

Sim, além do acervo de podcasts, tem uma série de vídeos no canal do YouTube que é uma riqueza, como fonte de pesquisa, como registro das atividades da Oficina de Leitura. Essas três mulheres da técnica são incríveis!

> **Cada uma no seu papel. Eu vejo assim: a Paula com habilidades mais artísticas, a Renata mais técnica, e a Gabriella tem as duas coisas, e, além disso tudo, ela é professora de Arquitetura, foi aluna do Luís Antônio Jorge, isso tudo para dizer que tem toda uma linha de pensamento que combina com o que a gente vem fazendo também.**

Sim, e é preciso falar do trabalho que a Gabriella faz lá no grupo O Caminho do Sertão[5], a retribuição que ela dá é uma coisa fantástica, como voluntária. A Paula, no momento do online trabalhou na favela Paraisópolis, que é a maior favela de São Paulo e tem várias críticas, mas também tem um trabalho fantástico. Como eu trabalhei lá em Campo Limpo e conheci muito bem Paraisópolis, tinha umas lideranças fantásticas, embora a gente tivesse bastante diferença de algumas condutas, pois eles eram muito ligados ao PSDB, a gente era ligado ao PT, e o pessoal do Campo Limpo era do PC do B, então a gente tinha algumas linhas ideológicas diferentes, mas eu admirava muito o trabalho de Paraisópolis, tanto que o hospital Albert Einstein está lá dentro com ambulatório, e tem várias bibliotecas e vários centros muito importantes que o pessoal de Paraisópolis conseguiu construir. A Paula é funcionária do CEU – Centro Educacional Unificado – de Paraisópolis, e durante a pandemia ela criou atividades

[5] Para saber mais visitar o site https://ocaminhodosertao.com.br/ Acesso em: 10/9/2023.

online para a biblioteca não ficar parada. Como bibliotecária ela tem um saber bastante grande também. Cada uma no seu papel. Eu vejo assim: a Paula com habilidades mais artísticas, a Renata mais técnica, e a Gabriella tem as duas coisas, e, além disso tudo, ela é professora de Arquitetura, foi aluna do Luís Antônio Jorge, professor da FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, isso tudo para dizer que tem toda uma linha de pensamento que combina com o que a gente vem fazendo também.

Numa das vezes que fomos para o Morro da Garça, a Marily queria construir uma Casa da Cultura[6] lá e precisava de pensar num projeto adequado, pois tinha uma creche que iria mudar de lugar, era uma casa comum que virou creche improvisada e a prefeitura iria construir um novo prédio apropriado, e aquela casa a Marily sugeriu que se transformasse na Casa da Cultura. Nisso a Caetana, muito amiga do Dieter e participante inicial da Roda de Leitura, falou que tinha um irmão arquiteto que tinha sido aluno do mesmo Luís Antônio Jorge, que eles trabalhavam no mesmo escritório e quem sabe poderiam fazer um projeto para essa Casa da Cultura no Morro da Garça. A Marily, com uma visão ética, disse que não poderia privilegiar uma pessoa e sugeriu que se fizesse um concurso, regido por edital, que se convidasse os arquitetos locais e outros de São Paulo. Luís Antônio já era rosiano, conheceu Morro da Garça e se encantou com toda a comunidade. Se inscreveram no concurso e ganharam com o voto da população local, não houve privilégio.

Deixo para você finalizar e comentar como a Roda de Leitura mexe com a Rosa Haruco Tane?

Eu acho que tem tudo a ver com a parte inicial que eu trouxe, os movimentos da Calina, da Neuma, da Beth, da Marily, do Dieter, eles trouxeram uma visão de mundo diferente, porque no meu trabalho eu fiz sempre trabalho social.

Acho que aprendi muito isso do meu avô. Ele falava que gostaria que os netos dele estudassem para ajudar a construir o Brasil, pois ele dizia que não iria conseguir

[6] Sugerimos a leitura de um artigo de Luís Antônio Jorge publicado em uma revista de Barcelona intitulado "Dois joões e o carro de bois: intervenção arquitetônica na paisagem cultural do sertão brasileiro", uma versão que melhor conta a história do projeto da Casa da Cultura do Sertão. Disponível em https://raco.cat/index.php/Identidades/article/view/317665 Acesso em: 11/9/2023.

construir. Ele dizia que era japonês e tinha uma alma japonesa, mas ele desejava que todos os filhos e netos fizessem alguma coisa na construção desse país novo.

Tem a ver também por eu ser de uma família de imigrantes, de gente de fora, que veio para reconstruir a vida num outro país, então tentamos ver tudo de uma forma diferente. Acho que aprendi muito isso do meu avô. Ele falava que gostaria que os netos dele estudassem para ajudar a construir o Brasil, pois ele dizia que não iria conseguir construir. Ele dizia que era japonês e tinha uma alma japonesa, mas ele desejava que todos os filhos e netos fizessem alguma coisa na construção desse país novo. E para isso ele dizia que nós tínhamos que estudar. Só isso que ele falava para a gente! Para aprender a olhar de uma forma que existem vários mundos, que não é só o mundo do Brasil, não é só o mundo do Japão. Então é essa visão de mundo dele que me orientou, enquanto vida, enquanto família.

Hoje, quando meus familiares falam que eu gosto de Sakura, que é uma coisa simbólica, a cerejeira, que simboliza essas duas correntes culturais – ainda hoje o meu netinho Gugu perguntou: "Essa árvore é uma sakura?" Depois ele disse: "Eu quero comer com hashi!" – veja, continuamos a travessia como descendentes por entre essas duas pontes, são experiências culturais. Há diferenças ideológicas: meu avô foi vítima, pois ao mesmo tempo em que ele veio para o Brasil como imigrante para trabalhar, ele foi vítima de um país ditatorial, de ter sido preso, pelo Japão estar envolvido na Segunda Guerra Mundial de uma forma muito bélica. Ele tinha cicatrizes horrorosas nas costas. Eu sempre perguntava: "Que cicatrizes são essas?" Ele só dizia que era em decorrência de umas feridas. Só que eram umas cicatrizes como se fossem uns riscos, não eram cicatrizes de feridas na pele. Eu sempre perguntei para o meu pai, para os meus tios, mas eles nunca falaram nada. A minha intuição me fazia ver outras coisas. Quando fui ao Japão, o meu tio, irmão dele, falou uma série de coisas que eu não sabia.

Então essa visão do mundo, do diferente, da integração, a experiência do sofrimento, da perda, eu acho que o meu avô como imigrante me passou muito isso. E para mim a Roda de Leitura é essa integração de diversas linguagens,

de diversas pessoas, de diversos lugares, eu acho que é coisa de construção mesmo dessa compreensão.

Ainda sobre a cerejeira, eu lembro do tio do Japão, ele mostrou no quintal dele uma árvore toda enrolada. Eu perguntei por que ele a enrolava. Então ele disse que era para proteger a árvore do inverno, mas também porque ali na árvore moravam outros seres, os insetos, que ajudam a fortalecer a natureza. Não é só a árvore com a nutrição da terra. Daí ele explicou que no fim do inverno eles tiram a proteção, uma espécie de atadura, e os bichinhos e os insetos estão lá dentro. Que isso é importante para a natureza. São essas lições, essas coisinhas que a gente acha que são bobagens, mas que são importantes!

Para mim aquela Roda com o Michel Riaudel foi muito significativa, muito mesmo, de poder enxergar a Roda de Leitura naquela acepção inicial da Calina Guimarães. E você fazer o Dieter falar online para mim foi milagre!

Regina Pereira – Uma devota de João Guimarães Rosa

Hoje em dia é muito legal, porque eu sei, eu lembro de cada ponto, parece que os livros estão todos muito claros na minha cabeça, como se eu tivesse uma biblioteca dentro da cabeça!

Regina Pereira[1]

Como foi que você chegou à Roda de Leitura?

Então! Eu tinha uma vaga notícia que existia a Roda de Leitura aqui em São Paulo. Em 2006, ano do cinquentenário do *Grande sertão: veredas,* teve um movimento na cidade de São Paulo, o pessoal do sertão veio para cá: os Miguilins, o Caminhos do Sertão, teve Caminhada Literária no Ibirapuera, teve apresentação dos Miguilins em bibliotecas, no Colégio Equipe. E foi nesse dia, lá no Colégio Equipe, que eu conheci o Dieter Heidemann, foi a primeira vez que eu o vi. E logo em seguida eu fui para Cordisburgo, e lá eu fiquei sabendo que realmente existia uma Oficina de Leitura, mas eu não tinha condição de participar dos encontros porque eu trabalhava naquele horário. Isso em 2006.

1 Formada em Jornalismo pela ECA-USP. É autora de *Garoto, sinal dos tempos*, editado pela Funarte. Trabalhou na Editora Abril como repórter, revisora e checadora. É uma das coordenadoras da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP. Realizou dois PROAC-LAB: O viajante literário e Janelas roseanas, exercendo neste último as funções de curadora e produtora, sendo responsável também pela redação dos textos das redes sociais do projeto.
Entrevista concedida segunda-feira, 10/4/2023 – 14h São Paulo – 19h Paris.

Quando fui para Cordisburgo, na hora que eu cheguei lá encontrei um dos meus lugares no mundo!

E aí eu fiquei o ano de 2007 tentando ir, sem conseguir, até que em 2008 eu falei: "Não! Agora vai ou racha!" E aí eu quebrei o pau lá onde eu trabalhava, a Editora Abril, para conseguir a dispensa, e para isso eu tive que abrir mão de um dia de folga para conseguir sair mais cedo na quarta-feira. Era uma troca superinjusta, mas para mim era justa porque eu conseguia participar da Roda. Quando fui para Cordisburgo, na hora que eu cheguei lá encontrei um dos meus lugares no mundo! E quando eu entrei na Roda eu já tinha conhecido um grupo de poetas, pois eu sempre fui ligada à literatura, então para mim foi mais uma porta que se abriu e onde eu me senti muito à vontade. Nessa época eu trabalhava, tinha dois filhos com todas as suas demandas, e foi nessa hora que eu comecei a sair de casa. E quando eu cheguei na Roda de Leitura, lá no IEB antigo, nossa! Aquilo para mim foi um delírio, porque eu lia o Guimarães Rosa, mas sozinha, em casa.

Você já conhecia o escritor e as suas obras?

Não só conhecia como tinha muita paixão pelo Guimarães Rosa. Aos 15 anos o meu professor de Português me deu *Grande sertão: veredas* para ler e falou que eu ia ler o livro a vida inteira. Na faculdade, ECA-USP – 1975 a 1980 –, eu tive um professor de Linguística, argentino, a gente tinha que fazer um trabalho de fim de semestre e eu teria que escolher um texto para trabalhar. Eu escolhi "A terceira margem" porque já era um texto que chamava muito a minha atenção. Mas o professor falou que era a maior bobagem, perguntou o que era que eu ia trabalhar naquele texto. Aí eu quebrei o pau com ele, foi um negócio bem feio, mas eu bati o pé e fiz. Nessa época da USP tinha aquele *boom* da literatura latino-americana e me apaixonei por outros autores como Julio Cortázar. Para mim *O jogo da amarelinha* é um oráculo como *Grande sertão*. Os dois são oráculos para mim, embora sejam livros muito diferentes, ambos tratam da existência. E o Cortázar sobreviveu ao Guimarães Rosa: Rosa, que morreu em 1967, e o Cortázar em 1984, e na década de 70 ele ainda estava por aí, aquele homem bonito!

A qualidade do trabalho que as pessoas de Cordisburgo fazem com a literatura é de altíssimo nível!

Retomando, eu tinha ido a Cordisburgo duas vezes, mas nunca numa Semana Roseana. Em 2006 eu pensei que não poderia perder a comemoração dos 50 anos de *Grande sertão*, mesmo porque eu fui com uma baita responsabilidade: escrever uma matéria para a *National Geographic.* Então eu larguei todo mundo, marido e filhos, e fiz uma loucura mesmo para ir. Não foi fácil arrumar a mala e ir! Não! Foi um teste de força e coragem. E até hoje eu não tenho palavras para descrever o que eu senti naquele lugar, quando você entra lá, "o ar..." As pessoas de lá falam que é "a Cidade do livro vivo". Certa vez o Luiz Roncari, que é um grande intelectual, falou num lançamento de um livro dele: "Cordisburgo, altíssima civilização". E eu fiquei com essa expressão na cabeça. Hoje eu compreendo que Cordisburgo não fica nada a dever, na Inglaterra, por exemplo, a um festival shakespeariano. A qualidade do trabalho que as pessoas de Cordisburgo fazem com a literatura é de altíssimo nível!

As manifestações populares lá não sofreram com a onda da espetacularização...

Isso, ainda não! Então lá você encontra viva a Folia de Reis, as Guardas, do Rosário, por exemplo. Lá em Cordisburgo a Semana Roseana foi uma iniciativa da Academia Cordisburguense de Letras, mas quem toca aquilo tudo na verdade são as pessoas de lá, os não acadêmicos. E lá tem o Brasinha, e eu falo que o Guimarães Rosa o deixou lá para ser um Riobaldo! O mais interessante nisso é o intercâmbio, essa via de mão dupla que a gente sabe que começou lá na década de 90 quando alguns professores da USP fizeram viagens com os seus alunos para conhecer a Geografia Roseana. Começou ali esse vínculo que, por sua vez, fica muito forte quando volta para a cidade de São Paulo. Foi para isso que a Roda foi criada, para que esse vínculo não demorasse um ano para se restabelecer. E foi um vínculo que vingou, porque a Roda de Leitura faz a gente prolongar a estadia no sertão, a cada encontro a gente vai sendo adubado, todos juntos.

O mais interessante nisso é o intercâmbio, essa via de mão dupla que a gente sabe que começou lá na década de 90 quando alguns professores da USP fizeram viagens com seus alunos para conhecer a Geografia Roseana.

Hoje eu vejo que a Roda de Leitura foi tomando uma proporção que a gente não imaginava no início. Começamos fazendo uma fogueira, um sarau; em Cordisburgo também fazíamos o sarau e a fogueira, a gente faz até hoje, só que isso foi tomando uma proporção que hoje em dia a gente não dá mais conta! A Roda está neste momento num impasse muito grande, porque não tem como ser produtor de conteúdo com as mesmas pessoas sem remunerá-las! É muito trabalho! A gente foi fazendo, aparecia algo, a gente ia fazendo, fazendo, só que a proporção escapou do controle. A gente sabe a dificuldade que é ter remuneração para a cultura no Brasil. Mas não é justo! E agora, nos 20 anos da Roda, surgiu este grande impasse, neste momento de uma certa maturidade, como é que fica a autonomia dessa atividade? Penso que temos que discutir isso.

A Roda está neste momento num impasse muito grande, porque não tem como ser produtor de conteúdo com as mesmas pessoas sem remunerá-las! É muito trabalho!

Como uma Roda de Leitura temos potencial para fazer muitas coisas, tem outras frentes para expandir, e é só uma questão de a gente estudar e pensar. Por exemplo eu gosto muito da ideia de trabalhar com crianças. Eu gosto muito da ideia de trabalhar a relação com o meio ambiente, algo que é muito forte na obra roseana. O problema é esse: a gente não tem mão de obra para isso.

É uma oficina e é também uma roda de leitura...

Sim, é uma oficina, mas também tem o caráter de roda, de fazer circular e colocar a obra roseana em movimento. Ela é as duas coisas. É uma mistura das duas coisas, assim bem roseana mesmo.

Como é que você chegou à coordenação da Roda de Leitura?

Que eu me lembre sempre foi a Rosa Haruco Tane a coordenadora. O Dieter, quando eu entrei, em 2008, não era toda semana que ele ia, porque ele tinha todos os afazeres na universidade, mas ele ia sempre que podia, só que não atuava, até onde eu entendo, como coordenador. Talvez porque a Roda não tinha tanta demanda: era só você se sentar lá e ler, escolher o que ler e de vez em quando convidar alguém para fazer uma palestra.

Que eu me lembre sempre foi a Rosa Haruco Tane a coordenadora. Num determinado momento eu e a Linda começamos a nos envolver muito com a Roda, a dar muito palpite. E, assim, de alguma maneira passamos a coordenar sem ser coordenadoras.

Num determinado momento eu e a Linda começamos a nos envolver muito com a Roda, a dar muito palpite. E, assim, de alguma maneira passamos a coordenar sem ser coordenadoras, ou seja, nós fomos tomando a frente de algumas coisas. Isso foi bom, o fato de compartilhar entre três pessoas, porque quando não tivesse uma, teria a outra, como aconteceu quando a Rosa viajou para fora do país e ficamos eu e a Linda Yazbek Rivitti como responsáveis. Teve uma época anterior, no começo, os coordenadores eram a Linda e o Moisés Sales do Nascimento. Mas depois ele mudou para Itanhaém, então já não tinha mais como ele vir toda semana. Foi isso, eu entrei no lugar do Moisés. Eu até já fazia uma espécie de coordenação, mas não oficialmente, então ficamos nós três: Rosa Haruco Tane, Linda Yazbek Rivitti e eu, para dar conta das demandas que foram crescendo muito.

Em que consiste o trabalho de coordenação na Roda, antes e depois da pandemia, quando passou a ser online?

O meu trabalho na Roda, enquanto círculo de leitura, é esse: a gente se reúne, discute o que vai ler, quem podemos trazer para falar, fazemos uma avaliação do que está incomodando, o que precisa ser corrigido. Por exemplo, eu sempre insisti muito, mesmo durante a Roda física, nessa questão de ler certo, prestar atenção no ritmo, e isso não era uma coisa colocada durante muito tempo. Lembro que tivemos um participante que era disléxico, e era bem difícil, embora esse tenha sido um caso muito extremo, pois ele era muito bem acolhido. Hoje na Roda de Leitura virtual a gente insiste neste aspecto, para tentar ler mais devagar, para apreciar a poesia. Essa foi uma discussão que foi amadurecendo, eu fui colocando, o Jean Garfunkel fui colocando, então a gente faz um pouco dessa correção de rota. Agora no dia da leitura online eu cuido do chat, ou seja, anoto as pessoas que querem falar, anoto as perguntas, passo a palavra, coordeno essa parte.

Eu sempre insisti muito, mesmo durante a Roda física, nessa questão de ler certo, prestar atenção no ritmo, e isso não era uma coisa colocada durante muito tempo. A gente insiste neste aspecto, para tentar ler mais devagar, para apreciar a poesia.

Enquanto Oficina a gente atua como produtora cultural. Na semana passada estávamos no Museu da Língua Portuguesa fazendo uma visita técnica para ver os espaços para a comemoração dos 20 anos da Oficina de Leitura. Somos nós que vamos lá, que articulamos, falamos, planejamos tudo. Fazemos o meio de campo com o pessoal da Biblioteca Villa-Lobos também. Quando alguém nos procura para fazer uma palestra, um podcast, uma live, fazemos a divulgação dos eventos rosianos. Hoje nos dividimos entre o que a gente faz na Roda de Leitura e o que a gente faz enquanto Oficina, mais dedicada à produção cultural e à divulgação de eventos e da obra roseana.

Quais atividades foram desenvolvidas ao longo do tempo no âmbito da Oficina, tanto na cidade de São Paulo como no circuito do sertão roseano?

No meu depoimento e registro fotográfico eu mostrei o quanto fizemos, mas posso sintetizar aqui. Fazemos várias atividades, desde um simples sarau até a preparação de uma palestra, as Semanas Roseanas, de que a gente participa enquanto Roda de Leitura. Neste ano, por causa dos 20 anos, a gente vai ter uma mesa-redonda. E tem uma coisa que é superinformal, que é funcionar um pouco como uma agência de turismo literário, pois já organizamos várias viagens para o sertão, e isso requer conhecimento da obra, requer logística e conhecimento do sertão: o que se encontra lá e o que precisa levar daqui da cidade, indicar pousadas, locais para visitar.

Outro trabalho é que eu alimento o Facebook e o Instagram, embora este último esteja meio parado, mas eu alimento duas páginas do Facebook, Saudades de Rosa e Sertão e Oficina de Leitura Guimarães Rosa, que basicamente são a mesma coisa, mas têm públicos diferentes. Durante a semana eu uso uma boa parte do meu tempo para isso. Sim, eu estou aposentada, mas até junho do ano passado eu estava trabalhando, eu atendia uma agência o dia inteiro, eu fazia freelas – agora o mercado está bem parado – então se eu fosse remunerada para rosear, nossa seria incrível! Mas isso não acontece.

O Janelas roseanas e o Viajante literário, projetos contemplados com o PROAC-LAB, foram duas maravilhosas exceções.

Como é a relação com o IEB, com o arquivo João Guimarães Rosa? Ou seja, como se constitui a parceria com o IEB e a USP?

A relação com o arquivo é excelente! Temos uma receptividade incrível por parte da Bete Ribas, das meninas da biblioteca, com o Pedro Bolle, sempre muito abertos e disponíveis, que são as pessoas que tocam aquele dia a dia. A relação com o IEB enquanto instituição depende muito de quem está na diretoria. A melhor parceria, desde que eu entrei na Roda, em 2008, para mim foi com a gestão da Diana Vidal. Ela sempre foi bem acessível, nos recebia superbem, se podia, podia, se não podia nos atender era bem direta, não tinha muita firula.

No geral eu nem sei como é que o IEB vê a gente. Não tenho a mínima ideia de como os acadêmicos nos veem. O que eu percebo é que a gente é um "puxadinho", como se fosse um anexo, algo assim. Eu acho que a dificuldade de sair dessa esfera do "puxadinho" é difícil porque nenhum de nós é ligado institucionalmente ao IEB. Por outro lado, não sei se seria interessante ficar ligado institucionalmente, e aí ficar sujeito a limitações. Então, talvez ser um "puxadinho" não seja uma coisa tão ruim, desde que tenha algum respaldo de vez em quando.

A Roda de Leitura é mais uma coisa que a gente leva no peito. A gente leva porque gosta, por amor, por missão mesmo.

Eu até comento no meu texto o seminário que fizemos na FAU, Infinitamente Rosa. Neste evento alguns acadêmicos não queriam que os Miguilins viessem narrar antes da fala dos palestrantes, porque, para eles, que não conheciam o trabalho do grupo, era algo muito estranho. Então tem umas posturas um pouco estranhas, mas, em compensação, alguns acadêmicos são bem próximos da gente. A Roda de Leitura é mais uma coisa que a gente leva no peito. A gente leva porque gosta, por amor, por missão mesmo.

Qual o papel do Dieter e da Marily na constituição da Oficina de Leitura?

Eu tenho uma relação muito afetuosa, muito afetiva com o Dieter! De ir para Morro da Garça e ficar na casa dele em noitadas de conversa, forró e muita animação. Eu sempre entendi que o papel dele é gigante, não só na Roda, mas nesse movimento todo que costurou essa via de mão dupla do sertão com a cidade. Eu conheci a Marily em 2006, na Semana Roseana. Eles estavam lá, mas eu nunca conheci a Marily de perto porque logo ela se encantou.

Eu sempre entendi que o papel do Dieter é gigante, não só na Roda, mas nesse movimento todo que costurou essa via de mão dupla do sertão com a cidade. Porque se você for pensar: como é que um professor aproxima a geografia da literatura? É genial!

O Dieter é um grande parceiro para várias coisas que a gente precisa, ele atende. E agora ele mora em Morro da Garça, ele não é mais o Dieter, lá ele é o Nhô Dito! Eu lembro do professor Carlos Augusto, assíduo na Semana Roseana e que também era geógrafo, ele tinha esse olhar para a obra do Guimarães Rosa, um olhar bem parecido com o do Dieter. Porque se você for pensar: como é que um professor aproxima a geografia da literatura? É genial!

Teve uma vez que eu fiquei muito impressionada! Eu estava em Morro da Garça e o Dieter estava lá com um grupo de alunos, era ainda uma época que ele levava os grupos de alunos – eles até tinham lá um puxadinho na casa dele onde ficavam hospedados – e ficamos muito amigos de alguns deles, assim de ir para o bar com eles. E era muito legal ver como o Dieter passava esse entusiasmo para os meninos, esse amor pela literatura, era uma coisa incrível. Ele formou muita gente boa! É quase uma sina, essa coisa que me intriga muito, um alemão que veio atrás do Guimarães Rosa! Tem o Willi Bolle, né? É bem curioso pensar nisso: o que é que é a essência do Guimarães Rosa para atrair os alemães a ponto de o Dieter escolher morar lá no Morro da Garça, fazer o trânsito da cidade para o sertão, pois ele mudou-se para lá mesmo! E agora, como eu disse, ele é o Nhô Dito, ele virou um personagem!

Como é feita a divulgação dos trabalhos da Oficina de Leitura?

Normalmente no começo de semestre o *Jornal da USP* divulga sobre a Oficina de Leitura. O Pedro Bolle, que é o responsável no IEB pela divulgação, nos procura e coloca alguma notícia no site do IEB. E a gente faz a divulgação também nas redes sociais. Eu acho que funciona muito é na base do boca a boca, porque, se você for pensar, quando a gente passou da sala presencial do IEB para o virtual, durante a pandemia, a gente não fez uma divulgação, não falou: "Olha agora somos virtuais!" Não! Tudo bem, eu coloquei no Facebook, mas não se fez uma divulgação maciça.

Tem uma coisa: nós temos ligações com o pessoal de Belo Horizonte, a Márcia Morais, da PUC-MG, tem a Roda de Leitura da UFMG, a Diomira Faria, do Espaço do Conhecimento da UFMG, tem todo esse pessoal que é uma rede. A Mônica Meyer, por exemplo, chegou via podcast, porque vimos uma publicação dela e eu fiquei enlouquecida! Ela, uma bióloga, juntou Rosa e natureza. Ela enriquece demais a Roda.

Quando vamos Cordisburgo na Semana Roseana não vai muita gente da Roda, ou seja, não é a Roda daqui que se transporta para lá. A Roda está na programação, e as pessoas que estão na Semana se interessam, e aí muita gente que está lá participa daquela Roda, e aí a gente divulga que agora acontece virtualmente. Então muita gente vai se agregando a partir da Semana Roseana. São esses caminhos, bem informais mesmo.

Tivemos os eventos organizados pelo Sergio Galembeck, da USP de Ribeirão Preto, duas edições do seminário Canto, encanto e leveza, que trouxe muita gente do Brasil. O Janelas roseanas, que está disponível no YouTube, trouxe muitas pessoas também, e é assim, as pessoas olham e vêm nos procurar, vão indo, vão procurando e acham sempre o caminho.

Como que chegou ao formato online?

A Marília Silveira conta bem essa história no depoimento dela, e eu também comentei no meu depoimento que a gente virou "puxadinho" da Marcenaria Montel, pois no início usamos a plataforma Meet, que era do marido da Marília. Naquele momento eles tiveram um papel muito importante, e também aquelas que a gente chama de as meninas da técnica, a Paula, a Gabriella, a Marília e a Renata, pois nós da coordenação estávamos meio atônitas, a gente nem sabia direito que existia o Google Meet! Não sabia! Mas o marido da Marília e a Marília já eram supertecnológicos e

ele falou: "Pega aí o meu domínio e vão em frente!" Foi tudo muito rápido, porque a gente se reuniu e a Marília falou que dava para fazer, então fizemos. Claro que teve aquela coisa no começo e até hoje: "Liga o microfone, desliga o microfone, onde fica o microfone?" Mas foi uma coisa tão incrível!

> **Naquele momento [do online] a Marília e o marido tiveram um papel muito importante, e também aquelas que a gente chama de as meninas da técnica, a Paula, a Gabriella, a Marília e a Renata, pois nós da coordenação estávamos meio atônitas, a gente nem sabia direito que existia o Google Meet! Não sabia!**

Teve um sarau de fim de ano em que as pessoas deram depoimentos que participar da Roda de Leitura as livrou de uma depressão. Eu mesma. Sim, em 2020 foi uma loucura fazendo um podcast atrás do outro, eu virei uma confinada de verdade! Eu não saía daqui de dentro do apartamento! Eu não descia, pois existia uma recomendação do condomínio de não descer, então a gente só saia para o estritamente necessário. Para mim foi muito doido! E isso foi contraditório, ou seja, ficar superprodutiva num momento de tanto isolamento e sofrimento. Foi isso que aconteceu: a tecnologia salvou a gente! Claro, não salvou toda gente...

> **Sim, em 2020 foi uma loucura fazendo um podcast atrás do outro, eu virei uma confinada de verdade! Eu não saía daqui de dentro do apartamento! Para mim foi muito doido! E isso foi contraditório, ou seja, ficar superprodutiva num momento de tanto isolamento e sofrimento.**

Dias atrás fomos numa reunião no IEB, entramos na sala onde fazíamos as leituras presencialmente! Ai, que saudade! Não sei o que vai ser! Não conseguimos ainda uma tecnologia maravilhosa, que seria o ideal de cinema, um telão onde todos pudessem se ver e se fazer ouvir. Do jeito que está eu acho que a gente vai se manter

online, mesmo porque agregamos muitas pessoas. E se a intenção da Roda de Leitura é disseminar a obra do Rosa, com a pandemia e o uso dessa possibilidade virtual isso se multiplicou muitas vezes!

No IEB antigo, no presencial, quando tínhamos uma grande participação, chegamos a ter 60 pessoas numa sala muito pequena. Isso assim foi bem no auge, e aí teve a passagem para o IEB novo que foi um negócio superestranho: murchou... Começou a dar um desespero, mas daí veio a matéria no *Jornal da USP* e chegaram pessoas como a Renata, a Marília, e começou uma grande virada.

Só voltando a um detalhe: no presencial não tinha como gravar uma palestra. Não tinha como registrar. E no online a gente faz isso. Isso foi um ganho muito grande, a gente agora tem um registro das nossas atividades.

Bom, com a retomada da Roda online vieram essas pessoas, e parece que tudo acontece como uma preparação, pois sem essas pessoas a gente podia até chegar a esse caminho de ser virtual, se não tivesse a Marília, mas a gente ia demorar mais, ia perder muito tempo. Então, no nosso caminho chegou na hora certa a Marília, que, por sua vez, estava pronta para dar o suporte tecnológico, e na sequência entraram professoras como a Marcia Morais, da PUC-MG, a Cecilia Marks, a Mônica Meyer, e a Eulina Lutfi, que já era superassídua na Roda presencial. E acho que foi assim, tudo veio vindo e veio conspirando, eu até acho que o Rosa foi pondo as pessoas ali e foi buscar aquela ali, aquela outra!

O perfil da Roda sempre foi de pessoas mais velhas, ou porque eram aposentadas ou porque se interessavam mais em se aprofundar na obra roseana. Mas a gente teve, lá em 2019, a chegada da Renata Ribeiro, e com ela veio o Lucas, que era outro estudante de História na USP. O Lucas tinha uma participação muito interessante e eu nunca entendi por que é que ele não ele entrou mais vezes na Roda online, porque essa injeção desse pessoal novinho foi muito legal, fez uma troca, que são diferentes olhares.

Essa flutuação das pessoas mais novas se deve aos estudantes da USP que fazem o curso e se dirigem para o mercado de trabalho, além da dificuldade de deslocamento em São Paulo por volta das 18 horas...

Sim eu moro perto da USP, numa reta eu desço a Avenida Rebouças e em 15 minutos chego lá. Mas eu sempre ia mais cedo porque tinha a lanchonete, tinha o pôr-do-sol, tinha todo o entorno, que era muito interessante. Mas realmente é muito penoso, por exemplo, para pessoas como a Alfredina, eu brincava que ela só aparecia quando tinha festa, porque ela mora muito longe.

Para mim tinha um efeito engraçado, porque às vezes eu estava cansada, eu olhava no relógio, 4 horas da tarde, eu falava para o meu filho Murilo: "Ai, Murilo, eu estou muito cansada, eu acho que hoje eu não vou..." E ele falava: "Não, você vai, vai tomar banho e vai!" Era muito doido porque quando eu voltava eu estava outra pessoa, voltava outra mãe, com a cabeça mais arejada!

Que dificuldades você enfrenta na coordenação? Sente falta de um suporte técnico?

A dificuldade é que somos mais analógicos, então a gente depende de algumas pessoas para determinadas questões mais tecnológicas. Eu, por exemplo, outro dia estava conversando com o meu filho Francisco e ele falou: "Mãe! Cria vergonha na cara e vai fazer um cursinho aí para aprender a fazer um vídeo!" Eles fazem isso desde que nasceram, né? Às vezes eu pego um monte de fotos e não sei fazer uma animação ou um clipe como por exemplo a Renata fez para a nossa apresentação do seminário de Ribeirão Preto. Ela também colocou a música do Tavinho Moura e se eu soubesse podia ter feito! Não! Ficar dependendo é difícil porque as meninas da técnica estão no mercado de trabalho, e com isso cada vez elas têm menos tempo para atender nossos tantos pedidos.

A dificuldade é que somos mais analógicos, então a gente depende de algumas pessoas para determinadas questões mais tecnológicas. Às vezes eu pego um monte de fotos e não sei fazer uma animação ou um clipe como por exemplo a Renata fez para a nossa apresentação do seminário de Ribeirão Preto. Ela também colocou a música do Tavinho Moura e se eu soubesse podia ter feito!

Eu acho que eu ganharia muito se eu aprendesse, meu filho tem razão. Quando solicitamos lá na Roda que precisávamos de gente para editar os podcasts, pois era uma demanda enorme, apareceu só uma pessoa que a Neli indicou. O fato é que a maioria dos participantes são pessoas mais idosas, algumas têm dificuldade de ligar e desligar o microfone, é uma realidade, não é uma crítica, alguns têm dificuldade para acessar o e-mail e ler os informes toda terça-feira, localizar as informações no WhatsApp.

O que a leitura continuada da literatura roseana mudou em sua vida?

Eu coloco muito isso no meu depoimento o tanto que mudou, porque, na medida em que você vai se envolvendo mais com a obra e com os trabalhos, com a bibliografia, vai sendo solicitada para fazer uma palestra, uma live – embora eu já fizesse tudo isso espontaneamente – quando tem um escopo, tem que falar sobre, então eu me preparo, estudo muito. Eu era uma pessoa que tinha dificuldade de falar em público, era meio retraída. Na primeira vez que eu participei do sarau na Biblioteca Alceu Amoroso Lima eu entrei tremendo, e hoje em dia estou mais à vontade.

Não é só do que as histórias falam, mas eu repito tanto determinadas frases que eu gosto, e aí esse repertório vai aumentando muito e quase que fazendo parte de mim.

O legal é porque ler junto é uma experiência e tanto. Se terminar de ler *Sagarana* hoje e começar de novo na próxima semana a gente vai achar outras coisas, a gente vai aprofundar mais. Quantas vezes eu li *Primeiras estórias*? Não sei, mas as vezes eu não lembrava o que tinha acontecido, tinha que ir lá no livro ver o ponto que faltava. Hoje em dia é muito legal, porque eu sei, eu lembro de cada ponto, parece que os livros estão todos muito claros na minha cabeça, como se eu tivesse uma biblioteca dentro da cabeça! Mais do que isso, não é só do que as histórias falam, mas eu repito tanto determinadas frases que eu gosto, e aí esse repertório vai aumentando muito e quase que fazendo parte de mim.

É engraçado porque eu estou fazendo terapia desde agosto de 2022, e o meu terapeuta tem 29 anos, mas ele é incrível, conhece as palavras, a etimologia delas, e é muito engraçado porque inevitavelmente eu falo de Guimarães Rosa para ele, até porque quando eu comecei a fazer terapia eu tinha voltado da viagem a Cordisburgo,

que foi a viagem de retomada após a pandemia, e depois esticamos até Lavras Novas, eu tinha descoberto a história da Nossa Senhora da Palavra, então na terapia eu fui obrigada a cair no Guimarães. Nesse meio-tempo eu fiz o percurso com a Fernanda Rivitti, do "Matraga", que é um percurso muito psicanalítico. O meu terapeuta leu muito pouca coisa do Guimarães Rosa, mas é engraçado: quando eu começo a falar umas coisas e ele puxa umas coisas da psicologia, e eu contei de quando eu fui a primeira vez a Cordisburgo e eu passei mal, então ele falou: "O que você descreve, o que você viveu com essa literatura, os sonhos com o Guimarães Rosa, tudo isso é um processo iniciático". Ele disse para eu consultar o livro do Jung, *Memórias sonhos e reflexões* para eu ver que está tudo lá.

O que mudou muito na minha vida é que aguçou muito as minhas percepções, a percepção da natureza, como a Mônica Meyer sempre fala. Eu sempre gostei de plantas, de passarinhos, mas com o Rosa eu cheguei num nível muito mais profundo.

É autoconhecimento, Regina?

Sim, é autoconhecimento, que é muito exacerbado no *Grande sertão: veredas*, mas tem todos esses percursos, como do "Matraga." Eu fiquei abismada com os estudos que fiz com a Fernanda Rivitti, pois ela tem uma competência incrível, ela também é uma menina nova que tem uma profundidade imensa, ela navega em outras águas, junta todas as várias formações de dançaterapia, ela é ligada à *Self* do Yogananda, foi orientanda da Yudith Rosenbaum, que é crítica literária e psicanalista, então depois de eu muito postergar, um dia a Fernanda me deu um ultimato e eu fiz com ela o percurso do "Matraga." Os sonhos que eu tive durante este percurso – que foi curto, foram quatro encontros – dá para ficar trabalhando um ano na terapia! Porque é isso, é um mergulho, sim, no autoconhecimento.

Eu acho que Guimarães Rosa, no pior dos piores dos piores, ele te traz uma coisa de te puxar do avesso, sabe? E eu acho que essa coisa é a poesia.

Eu também estou fazendo um curso sobre o Graciliano Ramos, e eu gosto muito! Nossa! Ele é um mestre, mas ele não te leva para esse lugar, leva para um lugar que, você sabe? Eu quase morri quando eu li *Angústia*. Talvez porque o Graciliano era

ateu, não entra nos temas que o Guimarães entra, ele fica naquela coisa que é verdade, que é uma análise muito profunda da realidade, mas ele só vê aquilo: a realidade nua e crua, ele não consegue passar daquilo. Mesmo que haja no texto dele um certo carinho com os personagens que fica meio embutido, mas eu acho que Guimarães Rosa, no pior dos piores dos piores ele te traz uma coisa de te puxar do avesso, sabe? E eu acho que essa coisa é a poesia. Quer coisa mais bonita do que o "Cara-de-bronze", uma pessoa sair no mundo para procurar a Poesia com P maiúsculo? O *quem das coisas!* Isso não é iniciático? Não é psicanalítico?

Alguns autores vão levar a gente para o caminho do autoconhecimento, embora a gente nunca pense que a literatura possa ser esse caminho.

As pessoas falam dos devotos. Meu amigo Donizete Galvão, já encantado, grande poeta de Borda da Mata, Minas Gerais, foi ele que nos batizou assim. A pedido dele a gente fez uma festa de São João na casa de amigos, um grupo de poetas. E caía no mesmo dia do aniversário do Rosa, então a gente fez um mastro e enfeitou assim: de um lado uma estampa de São João, do outro lado outra de São João Rosa. Era perto da Praça Pan-Americana e fomos, um monte de gente, para a rua, entramos em procissão cantando! Foi uma coisa incrível! Depois disso ele falou assim: "Não é possível, vocês são Devotos do Rosa!" Foi assim que nasceu a denominação.

Mas existe também a Confraria do Rosa...

Sim, tem um grupo que se afina mais com a palavra confraria, então tem uma outra pegada, uma não exclui a outra, há diferenças, mas há um convívio desses dois grupos, com respeito aos diferentes posicionamentos e pontos de vista. Eu afirmo que eu sou devota, sou devota do Cortázar na mesma medida em que eu sou do Rosa, porque eu acho que ele me toca, me emociona demais, ele me faz percorrer também esse caminho do autoconhecimento. Alguns autores vão levar a gente para isso, embora a gente nunca pense que a literatura possa ser esse caminho.

E os 20 anos da Oficina de Leitura?

Eu falava: daqui a pouco a Roda vai fazer 20 anos, isso precisa ficar registrado de alguma maneira. Ano passado eu cheguei a pensar em fazer um projeto para o PROAC, a Marília e eu escrevemos um projeto em dupla sobre o Cortázar, tivemos notas ótimas, só que é uma loteria! A gente faz um esforço enorme e pode não ser contemplado! Mas é esse o caminho para a gente ter grana para financiar os projetos. Eu até pensei, sei lá, em procurar os Tess, que soltam mais grana, mas não sei se eles financiariam, e fui desanimando. Aí quando surgiu essa grande oportunidade de esta história ser contada num trabalho acadêmico, de se fazer uma publicação online, e, o mais importante, ser contada por tantas vozes plurais, eu fiquei superfeliz.

As realizações da Roda vão ao infinito e além!

E quando me sentei para dar o meu depoimento, para sistematizar e lembrar de tudo o que a gente passou e fez nesses 20 anos, aí eu fiquei mais em paz. Eu comentei com a Linda o que eu estava fazendo – ela é muito organizada, muito cumpridora de tudo, mas ela tem questionamentos, eu sou mais atirada, vou fazendo as coisas, e a Linda pensa muito em cada passinho, e às vezes eu não penso muito, por isso a nossa parceria dá certo, uma completa a outra, ela me puxa um pouco para o chão. Toda vez que a gente vai para o sertão em comitiva fazemos uma camiseta, sou eu que puxo isso; agora, por exemplo, estamos pedindo ajuda para a Paula, para fazer um selo dos 20 anos da Oficina em alta resolução, queremos fazer um painel, um estandarte, para o evento no Museu da Língua Portuguesa, tem que ter uma identificação visual. Quando eu contei sobre o relato o que eu estava fazendo para o livro dos 20 anos da Roda de Leitura, a Linda falou assim para mim: "Você *tá* ficando louca! Que que é isso! Pelo amor de Deus! É muito trabalho". Eu falei: "Mas agora que eu comecei não tenho como recuar, eu vou até o fim, sei lá onde vai dar, mas eu vou!".

Eu sentava todo dia aqui, é um tipo de trabalho bem braçal, de paciência, procurar fotos, colocar a autoria, a legenda, trocar fotos porque eu sei que tem umas melhores em algum lugar. Mas na semana passada eu decidi entregar, por que senão eu vou ficar mastigando até quando? Sei que ficou muita coisa de fora, mas para contemplar tudo precisava de 600 páginas, como o *Grande sertão: veredas*, por isso termino o meu depoimento com fotos dos símbolos do infinito, porque as realizações da Roda vão ao infinito e além!

Linda Yazbek Rivitti – Na Roda de Leitura a gente vai se trabalhando, refletindo e vai mudando

Tem muitos tipos de leitor do Guimarães Rosa: tem aquele que vai atrás de saber a historinha e tem, assim, vários níveis, os mergulhos são em várias profundidades e dependem muito de como a pessoa está no seu desenvolvimento pessoal. Dependem do quanto a pessoa também tem disposição de se conhecer, de refletir, de ir atrás de saber mais.
Linda Yazbek Rivitti[1]

Como você chegou à Oficina de Leitura Guimarães Rosa?

Eu comecei a ler e a estudar Guimarães Rosa já bem tarde na minha vida. Eu fiz um curso na Casa das Rosas, me apaixonei, fiz outros cursos, li a obra toda. Em 2006 teve vários eventos aqui em São Paulo por causa dos 50 anos do *Grande sertão: veredas*. Eu fui a uma apresentação dos Miguilins e fiquei enlouquecida com aquilo! Aí eu soube que existia Cordisburgo e a Semana Rosiana.

[1] Formada pela USP em Terapia Ocupacional, atualmente trabalha como consultora e agente de viagens e turismo. Leitora apaixonada e estudiosa da obra de Guimarães Rosa, fez sua primeira viagem a Cordisburgo em 2007 para a Semana Rosiana. Desde então participa da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP da qual passou a fazer parte da equipe de coordenação. Todos os anos retorna a Cordisburgo para a semana dedicada ao autor, e visita outros locais do sertão rosiano, como Morro da Garça e Andrequicé.
Entrevista concedida terça-feira 18/4/2023 – 8h São Paulo – 13h Paris.

Em 2007 a Fernanda, minha filha, estava cursando Letras na USP e fazendo iniciação científica em *Tutaméia*. Eu descobri que naquele ano o tema da Semana Rosiana seria *Tutaméia*. Pensei: está na hora de ir, e fomos nós duas, Fernanda e eu, para a primeira de muitas Semanas Rosianas. Uma das atividades oferecidas e de que nós participamos foi a Oficina de Leitura, coordenada pela Rosa Haruco Tane e pela Mônica Gama. Foi lá que nós ficamos sabendo sobre a Roda de Leitura no IEB. Isso foi em julho. Em agosto nós começamos na Roda de Leitura aqui em São Paulo e não saímos mais! A Fernanda e eu frequentamos juntas durante muitos anos. Depois de algum tempo eu levei a minha mãe, então frequentávamos nós três, as três gerações: minha mãe, minha filha e eu.

Em 2007 fomos nós duas, Fernanda e eu, para a primeira de muitas Semanas Rosianas. Uma das atividades oferecidas e de que nós participamos foi a Oficina de Leitura, coordenada pela Rosa Haruco Tane e pela Mônica Gama. Isso foi em julho. Em agosto nós começamos na Roda de Leitura aqui em São Paulo e não saímos mais!

Como você chegou à coordenação da Oficina de Leitura?

Quando eu comecei a frequentar os coordenadores eram a Rosa e o professor Dieter. Eu era assídua, frequentava toda semana. Muitas pessoas entravam e saíam, tem aquela coisa do pessoal que está estudando na USP, ficam um tempo depois concluem o curso e vão embora. Depois que o professor Dieter se aposentou ficou muito puxado para a Rosa coordenar sozinha. Era presencial, não podia faltar nenhuma quarta-feira, era um compromisso semanal. Acho que ela precisou de ajuda e viu que a Regina, o Moisés e eu éramos as pessoas mais assíduas há bastante tempo. Ela nos convidou, mas o Moisés já estava de mudança para Itanhaém, então ficamos Regina e eu.

Em que consiste ser coordenadora da Roda de Leitura? Pode falar como era no presencial e como é agora no formato online?

Uma coisa básica tanto no presencial como no virtual é que tudo o que se refere à Roda nós três conversamos, nem que seja pela troca de mensagens via WhatsApp.

Estamos sempre em contato para decidir qualquer coisa. No presencial também era assim, para definir a obra a ser lida no próximo momento, falar sobre eventos, sobre os convites que recebemos, participar dos eventos, então sobre isso tudo a gente conversa bastante. No virtual a gente faz o que precisa. Além dessas decisões, durante o momento que acontece a Oficina ou a Roda, eu fiquei nessa função de fazer a chamada para a leitura. Cada uma ficou numa função, por uma questão de praticidade, mas se precisar qualquer uma pode fazer o que a outra faz.

Uma coisa básica tanto no presencial como no virtual é que tudo o que se refere à Roda nós três conversamos, nem que seja pela troca de mensagens via WhatsApp. Estamos sempre em contato para decidir qualquer coisa.

No virtual, no horário que acontece a Oficina de Leitura, eu fico basicamente na chamada, na função de controlar as pessoas que vão fazer a leitura naquele dia. A leitura é em ordem alfabética. No início as pessoas que não vão ler avisam pelo chat, então eu já chamo a próxima pessoa da lista. A maioria já está acostumada com este formato, então já entram na sua vez, e isso é bom, porque a leitura flui melhor, mas algumas pessoas não têm facilidade de olhar na lista, então eu chamo pelo nome. Basicamente é isso que eu tenho feito, e, lógico, tem que dar os avisos, informar sobre os eventos. Nós três combinamos de antemão o que cada uma vai fazer.

Como é administrar os dois grupos do WhatsApp?

Isso é bem complicado! Nós já abrimos três grupos! Às vezes é inevitável, as pessoas fazem conversas paralelas, postam conteúdos que não têm a ver com a Oficina. O objetivo do grupo do WhatsApp é ser um espaço de trocas sobre a leitura das obras do Rosa. Logo após a Oficina é no grupo do WhatsApp que continuamos a discussão, conversamos, cada um traz as suas ideias, o que sentiu ou alguma coisa até mais acadêmica, algo que não entendeu, perguntas e questões, e isso vai acontecendo como um momento que prolonga a Roda virtual. Porque nem sempre sobra tempo para todo mundo falar, ou às vezes a pessoa lembra de alguma coisa e quer compartilhar, então o grupo do WhatsApp é basicamente para continuar a discussão com questões sobre a leitura da semana.

O objetivo do grupo do WhatsApp é ser um espaço de trocas sobre a leitura das obras do Rosa. Logo após a Oficina é no grupo do WhatsApp que continuamos a discussão, conversamos, cada um traz as suas ideias, o que sentiu ou alguma coisa até mais acadêmica, algo que não entendeu, perguntas e questões e isso vai acontecendo como um momento que prolonga a Roda virtual.

Ele também é usado para colocar avisos, comunicar sobre eventos, apresentação de algum colega. Às vezes a pessoa, durante a semana, encontrou um texto ou um vídeo que achou interessante, isso é bem-vindo, desde que ligado à obra de Guimarães Rosa. Às vezes entra a política ou alguma coisa mais ofensiva que não tem nada a ver com o objetivo do grupo. Chegou um momento que a gente não conseguiu mais controlar, nessa época do online, porque enquanto era presencial a gente até tinha um grupo, mas não eram tantas pessoas. Depois que começou virtual aumentou muito, por causa de muitos eventos virtuais que nós fizemos. Tem que ficar de olho: "Olha por favor não coloquem isso no grupo!" Teve um grupo que acabamos perdendo o controle e tivemos que abrir outro, só para avisos, e só as administradoras podiam postar.

Vi que no grupo Sagarana, que é o livro que estamos lendo agora, tem 157 inscritos!

É muita gente! Entraram muitos novos por causa do último evento que fizemos que foi bastante divulgado. Por um lado, é bom porque a gente está pondo a obra em movimento, mas é complicado porque a gente fica naquele papel de controle. Parece, às vezes, que a gente está censurando, mas não é! É justamente para não perder o objetivo. Se alguém posta alguma coisa que seria importante para todos lerem e aí entra um monte de coisas atrás, as pessoas acabam não lendo o que era essencial!

Muitas vezes quando a gente vai colocar, por exemplo, um aviso importante a gente coloca o aviso e bloqueia, para dar um tempo de todos lerem aquele aviso e depois a gente libera. Como administradora eu acompanho quantas pessoas leram, quando eu vejo que a maioria leu eu libero, mas quase sempre fica um montão de gente sem ler. São tantas colaborações e tão ricas a respeito daquilo que a gente leu! Quase sempre nos

dois ou três dias seguintes à leitura os comentários e as colaborações são maravilhosos! Dá um curso, até!

Como é a relação da Oficina de Leitura com o IEB?

A Oficina de Leitura foi criada pelo professor Dieter Heidemann, do curso de Geografia da USP. Na época o Dieter era vice-diretor do IEB e criou a Oficina de Leitura Guimarães Rosa junto com outros professores e pessoas que não eram ligadas à USP. Enquanto ele estava na ativa, tinha um professor da USP à frente da Oficina e ligado ao IEB também. Depois que ele se aposentou a Oficina continuou funcionando, no IEB, mesmo sem ter um professor da USP dirigindo ou ligado ao IEB.

O nosso relacionamento é geralmente com quem está à frente da diretoria do IEB, que troca de tempos em tempos. Nós temos esse trabalho de ir lá, conversar com os novos diretores, nos apresentamos, apresentamos o trabalho que a Oficina tem feito. Sempre tivemos um bom relacionamento com a diretoria do IEB. E agora, apesar de não ter ninguém ligado à USP, na Roda e na coordenação, continuamos com o nome do IEB. Porque pertencemos, fomos criados lá no IEB, mas oficialmente, assim oficialmente no papel mesmo, a Oficina não existe! Não existe essa coisa oficial, mas cada vez que troca a diretoria a gente vai conversar e contar o que é a Oficina, estabelecer vínculos com as novas diretoras (geralmente são mulheres).

Nós temos esse trabalho de ir lá no IEB, conversar com os novos diretores, nos apresentamos, apresentamos o trabalho que a Oficina tem feito. Sempre tivemos um bom relacionamento com a diretoria do IEB.

Durante a pandemia, quando passamos para os encontros virtuais, nós fizemos muitos eventos! Antes mesmo da pandemia já fazíamos, com a Diana Vidal, uma diretora do IEB que sempre nos acolheu muito bem! Ela curtia muito Guimarães Rosa e as nossas atividades. Então promovemos junto ao IEB vários eventos presenciais e foram muito bacanas e muito produtivos. Quando começou a pandemia o IEB começou a fazer os podcasts, a Diana Vidal nos convidou, e você sabe o tanto que produzimos, fez um levantamento, né?

Sim, de 11/5/2020 até 23/8/2021 foram produzidos 51 podcasts com o selo da Oficina de Leitura!

Um número muito expressivo de podcasts produzidos pela Oficina! E fizemos uma Semana Rosiana do IEB e participamos das Semanas Rosianas online de Cordisburgo, colaboramos com essa ponte entre o IEB e o Museu Casa Guimarães Rosa. Como Oficina de Leitura, nós promovemos essas trocas e esses intercâmbios: o IEB participou e continua participando das Semanas Rosianas em Cordisburgo, o pessoal de Cordisburgo participou da Semana que nós organizamos no IEB, então fizemos todo esse trabalho, que foi muito rico!

E tem a relação com o arquivo também, que é muito próximo da Oficina...

Sim, o pessoal do arquivo sempre nos recebeu de braços abertos, abriu para a gente visitar, manusear os documentos – lógico com todos os cuidados necessários. Para nós, os apaixonados pelo Rosa, é o máximo poder ver e pegar os papéis que ele escreveu, os documentos dele, ter acesso a documentos de identidade! O Guimarães Rosa guardava coisas, como o cardápio do navio em que ele viajou. Tem muitas coisas interessantíssimas, e você acaba descobrindo muitas coisas sobre a pessoa do escritor, né? Para nós, os apaixonados, aquilo é um parque de diversões, a gente quer ir lá toda hora! E eles sempre nos recebem de braços e coração abertos! A arquivista Elisabete Marin Ribas, o Pedro de Meneses Bolle, que trabalha na Divulgação, o professor Frederico Camargo, que é um superestudioso de Guimarães Rosa, dos textos inacabados, do *Corpo de baile*. Eles sempre nos ajudaram muito!

As pessoas do arquivo sempre nos recebem de braços e coração abertos! A arquivista Elisabete Marin Ribas, o Pedro de Meneses Bolle, que trabalha na Divulgação, o professor Frederico Camargo, que é um superestudioso de Guimarães Rosa, dos textos inacabados, do *Corpo de baile*. Eles sempre nos ajudaram muito!

Tem também as pessoas da biblioteca do acervo do Guimarães Rosa no IEB, elas têm nos recebido para a gente visitar a biblioteca. Tem que marcar hora, tem todo um

protocolo, mas para a gente é uma honra poder ver, tocar, pegar e ler os livros que ele leu, que ele pegou, anotou e estudou! É uma experiência muito rica! Parece que a gente fica mais próxima da obra, do autor.

Muito interessante tudo isso. A Oficina vai fazer 20 anos. Ela é e não é do IEB. Faz muitas coisas, promove eventos, mas não é um curso de extensão, não é iniciação científica, não é um projeto de pesquisa, produziu 51 podcasts, mas não tem ninguém da USP na coordenação. Isso tudo para dizer o mínimo do muito que tem sido feito. Como é que não é do IEB? Por outro lado, ultimamente aumentou muito a demanda de trabalho, não é?

Sim, sim! Principalmente por causa das demandas do virtual tivemos que aprender a lidar com a informática. A idade média dos frequentadores da Roda é mais alta, são pessoas mais maduras, pessoas que não são dessa era da informática, não têm essa facilidade. A Rosa, a Regina e eu não fomos criadas com a informática, tivemos que aprender com mais idade, então é difícil! É muito trabalho e não é fácil para a gente! A gente tem que aprender alguma coisa para conseguir fazer o trabalho. Então nessa parte virtual realmente estamos precisando de ajuda.

Durante um tempo, no início da pandemia, tivemos ajuda das universitárias, as mais jovens, a Renata Ribeiro, a Gabriella Radoll e a Paula Felice, mas agora elas estão começando a trabalhar ou concluindo os estudos, ou seja, estão muito mais ocupadas e por isso com menos tempo para se dedicar voluntariamente à Oficina. Elas ajudaram e ainda nos ajudam, quando é possível, mas é lógico, estão tocando a vida. Então essa é um pouquinho a nossa dificuldade.

E agora estão voltando os eventos presenciais. Em 2022 já pudemos ir a Cordisburgo para a Semana Rosiana. Há muitos anos nós fazemos lá uma Roda de Leitura, já faz parte da programação da Semana, é uma honra! Neste ano vai ter um momento formal, uma mesa-redonda para comemorar os 20 anos da Oficina de Leitura, então tem bastante coisa para fazer! Mas a gente adora ir para lá!

Neste ano também vai ter um evento para festejar os 20 anos da Oficina no Museu da Língua Portuguesa, ou seja, sempre tem muitas coisas acontecendo e tudo isso é trabalho! É um monte de reunião, ocupa uma boa parte do tempo, mas a gente adora, gosta muito, é a nossa cachaça!

Como é que foi passar para o online, durante a pandemia?

Até então eu nunca tinha ouvido falar de Zoom, de Google Meet, webinário, podcast, para mim isso era grego! Quando começou a pandemia nós não tínhamos a menor ideia do que seria, se ia ser um mês, ninguém imaginava quanto tempo! Falavam que dentro de três meses tudo teria acabado. A gente não imaginava o tamanho, nem o que seria essa coisa de ficar preso em casa. Eu fiz o isolamento, fiquei dentro de casa muito tempo, saía pouquíssimo. A USP fechou, o IEB fechou, a gente não podia se reunir. Então nós ficamos tolhidos, da nossa cachaça! E aí: como vamos fazer?

Em março de 2020 foi decretada a pandemia e a Oficina começou online em abril...

Nossa colega Marília Silveira ofereceu a plataforma que eles tinham, porque o marido dela já trabalhava com o virtual, conhecia essas ferramentas. Foi ótimo para nós! Ela nos salvou. Somos eternamente gratas a eles! Nós já tínhamos um grupo de WhatsApp, e a Rosa Haruco Tane começou a avisar as pessoas que já tinham passado pela Roda e que, como você, estavam longe. Neste primeiro momento a gente foi tentar para ver o que acontecia.

Fizemos uma primeira reunião de leitura. Mas como nós vamos fazer? No presencial a gente se sentava em roda, uma pessoa começava a ler, aquela que estava ao lado seguia e assim a gente lia, em roda, circulando a leitura. Quem não queria ler passava a vez e era sempre naquele mesmo sentido. Bom! E no virtual? O jeito foi ler em ordem alfabética! Eu nem sabia que era possível ver a listinha de nomes, à direita da tela, aquele ícone da cabecinha que representa as pessoas presentes à reunião. E foi assim que nós fomos aos poucos aprendendo a lidar com aquela ferramenta. Nesta época que a Marília oferecia a plataforma, a Renata ajudava na parte do virtual e da informática, mas era a Marília que ficava ali na retaguarda, nessa parte de chamar as pessoas para ler. Eram menos pessoas, umas 20 ou 30 no máximo. E a gente foi se ajustando, foi aprendendo.

No presencial a gente se sentava em roda, uma pessoa começava a ler, aquela que estava ao lado seguia e assim a gente lia, em roda, circulando a leitura. Quem não queria

ler passava a vez e era sempre naquele mesmo sentido. Bom! E no virtual? O jeito foi ler em ordem alfabética!

Quando a gente começou a mandar os podcast para o IEB, conversamos com a diretoria e solicitamos um e-mail do IEB, e dessa maneira foi possível entrar com a plataforma do Google Meet do IEB. Assim liberamos a plataforma da Marília. Fomos fazendo e aprendendo. Foi assim que passou para o virtual!

Atualmente nós até pensamos em voltar para o presencial, porque era uma delícia encontrar as pessoas, estar perto! Sentimos muita falta, foram muitos anos nos encontrando. Sentimos falta dessa presença ao vivo.

Fizemos uma experiência de sistema híbrido, mas não funcionou muito bem. Pensamos em voltar para a USP, mas ela não tem os equipamentos necessários para fazer uma roda híbrida como deveria ser, parece que é muito complicado. Por isso nós resolvemos manter no virtual porque não dá para perder o contato com tantas pessoas! Você em Cuiabá ou na França, tem gente da Venezuela, do Recife, do interior de Minas e de São Paulo, do Rio de Janeiro, quase que do Brasil inteiro! E a gente quer que as pessoas continuem participando também.

Por isso nós resolvemos manter no virtual porque não dá para perder o contato com tantas pessoas! Você em Cuiabá ou na França, tem gente da Venezuela, do Recife, do interior de Minas e de São Paulo, do Rio de Janeiro, quase que do Brasil inteiro! E a gente quer que as pessoas continuem participando também.

O Guimarães Rosa nos convoca para pensar sobre a existência, sobre tantas coisas...

Como eu já disse, comecei a ler e estudar tardiamente o Rosa, mas eu fiquei apaixonada! Porque ler Guimarães Rosa muda a gente, muda por dentro e muda os horizontes, muda o entorno. O fato de participar do grupo, com tanta gente com ideias novas e diferentes, é muito enriquecedor! Abre os horizontes realmente! Por isso a gente faz com prazer! Nem sei te falar o tanto que fez mudar a minha vida! Toda a leitura dele, qualquer frase, não é nem a obra inteira, qualquer frase leva a uma reflexão.

O fato de participar do grupo, com tanta gente com ideias novas e diferentes, é muito enriquecedor! Abre os horizontes realmente! Por isso a gente faz com prazer!

Tem muitos tipos de leitor do Guimarães Rosa: tem aquele que vai atrás de saber a historinha, e tem, assim, vários níveis, os mergulhos são em várias profundidades e dependem muito de como a pessoa está no seu desenvolvimento pessoal. Dependem do quanto a pessoa também tem disposição de se conhecer, de refletir, de ir atrás de saber mais.

Porque cada vez que a gente lê parece que a gente está lendo pela primeira vez! Quantas vezes que... Nossa! Tem texto que eu já li "trocentas" vezes, eu leio de novo: Nossa! Como não tinha percebido isso aqui? Sempre tem um detalhe, uma coisa um pouco mais profunda, porque a gente vai lendo e vai se modificando, vai se trabalhando, refletindo vai mudando! Então quando a gente lê de novo a gente já é outra pessoa! Dá a chance de mergulhar mais ainda, cada vez mais profundo a cada nova leitura!

Fora isso tem a oportunidade de conhecer tantas pessoas ligadas ao Guimarães Rosa, que são também apaixonadas. Quando eu comecei a ler e a estudar Guimarães Rosa eu só queria falar disso! Eu conversava, eu queria contar para as pessoas sobre o que tinha lido! Então é muito bom encontrar pessoas que falam a mesma língua, que te entendem, como se você encontrasse a sua tribo. Poder falar e saber que a pessoa está entendendo o que você está falando, de onde está vindo isso, é muito bom!

Por isso todo ano vamos para Cordisburgo, para estar lá no meio de tudo, mergulhados, uma semana inteira vivendo Guimarães Rosa! Toda semana na Roda de Leitura e nos eventos, tudo isso é um prazer! Trocando com pessoas que têm essa afinidade, embora às vezes a gente não tenha afinidade em muitas outras coisas, mas essa é uma afinidade que nos aproxima e é por aí que a gente caminha, juntos como numa ciranda.

Epílogo

O fato de nós três, minha mãe, a Fernanda e eu, três gerações termos participado juntas da Roda se deve muito à minha mãe, quer dizer tudo no princípio era o verbo, nesse caso era a avó, pois a minha mãe sempre foi leitora voraz! Eu sempre vi minha

mãe com livros, aliás minha avó já tinha uma biblioteca muito grande em casa, a gente tinha livros à disposição na casa da minha avó. Ninguém era da área de literatura ou da academia, mas eu sempre via minha avó e minha mãe lendo muito.

Minha mãe conta que ela trocava livros com meu avô paterno, que também era um leitor voraz. Então minha mãe trocava com o meu avô, sogro dela, ele indicava e emprestava livros para ela e vice-versa. Assim eu sempre vi a leitura, quer dizer tive um incentivo dentro de casa. E nem era um incentivo assim: "Ah, você tem que ler!" Não! Tinha livro disponível e tinha o exemplo de pessoas lendo em casa.

Desde cedo adquiri o hábito e o gosto pela leitura. Lembro de minha mãe e minha tia lendo *Reinações de Narizinho* para mim, meus irmãos e minhas primas, nas férias. A gente passava férias numa fazenda, e todas as crianças dormiam no mesmo quarto, acho que eram umas seis camas, e à noite sempre tinha estórias. Eu tive na família esse gosto pela leitura, o incentivo e livros à disposição.

Meu avô paterno, minha mãe e minha avó passaram essa herança para mim, e eu acabei passando para a Fernanda, minha filha. Eu lia muito para ela quando ela era criança; minha mãe também lia para ela quando ela era criança, e ela foi adquirindo também o gosto. No fim foi justamente a literatura, como eu te contei, que nos aproximou de uma outra forma. Não é que nós não fôssemos próximas, nós éramos, mas nos aproximou mais e de uma outra forma.

Recorte do projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*

Ronaldo Alves – Educação patrimonial como manifestação da cultura viva

Para nós que trabalhamos com o patrimônio, através da educação patrimonial a gente deixa bem claro que essas manifestações culturais não são espetáculo! Elas fazem parte de uma cultura, é uma manifestação cultural e religiosa, que vem de geração em geração, temos que ter respeito!
Ronaldo Alves[1]

Como atual diretor, você pode contar para nós a história da criação do Museu Casa Guimarães Rosa?

O Museu Casa Guimarães Rosa/MCGR, vinculado à (DIMUS) Diretoria de Museus da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, foi idealizado no contexto de dois acontecimentos: o falecimento repentino de João Guimarães Rosa, em 19 novembro de 1967, e a criação, no ano de 1971, do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. O tombamento estadual do edifício do Museu Casa Guimarães Rosa foi aprovado pelo Conselho Curador do IEPHA/MG em 14 de agosto de 2002.

[1] Formado em História e Pedagogia, pós-graduado em Pedagogia Industrial. Foi professor de Artes, Geografia e História em Cordisburgo. Realizou o curso Como gerir um museu pela UNESCO Brasil e ICOM. Coordena o Museu Casa Guimarães Rosa desde o ano x 2006. Artista plástico e fotógrafo com enfoque nas tradições e paisagens do sertão mineiro tendo como inspiração a obra de Guimarães Rosa. É curador da Semana Rosiana desde o ano de 2006.
Entrevista concedida em 17/4/2023 – 8h Cordisburgo – 12h Paris.

Inaugurado em 30 de março de 1974 na casa onde Guimarães Rosa nasceu e passou a sua infância, em Cordisburgo, o Museu foi concebido como centro de referência da vida e obra do escritor.

E o acervo, como é que se constituiu?

O acervo do Museu é constituído por uma coleção de aproximadamente 700 documentos textuais, entre os quais se destacam registros pessoais (certidões, correspondências, discursos, originais manuscritos ou datilografados, a exemplo de *Tutaméia*, última obra publicada). Além do acervo literário, preserva outros registros da vida de Guimarães Rosa como médico e diplomata, objetos de uso pessoal, vestuário, utensílios domésticos, mobiliário e fragmentos do universo rural presente na literatura rosiana. Grande parte do acervo do Museu foi doada por sua filha Vilma Guimarães Rosa Reeves e por D. Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa, sua segunda esposa.

Desde quando você está na coordenação do Museu Casa Guimarães Rosa?

Eu trabalhei no Museu em dois momentos: o primeiro foi de 1993 a 1997. Em 1994, o Museu passou por uma restauração em sua estrutura física, onde foram realizados os seguintes serviços: troca do o telhado (substituição das telhas antigas por novas telhas curvas); restauração do piso de assoalho, que se encontrava estragado; troca de todo o forro de taquara (bambu), que estava totalmente danificado, e restauração de portas e janelas. O trabalho de restauração manteve as mesmas características originais da época em que a casa foi construída. Retornei a trabalhar no Museu no ano de 2006. Neste período foi elaborado pela antiga SUMAV (Superintendência de Museus) o novo projeto de Exposição Permanente do Museu Rosa dos Tempos, Rosa dos Ventos, que foi inaugurada no ano de 2012.

Qual a relação que existe entre o Museu Casa Guimarães Rosa e a Oficina de Leitura do IEB?

É relação afetiva, ou seja, uma união estável que já dura uns bons anos. Durante as Semanas Rosianas sempre é realizada a Oficina ou Roda de Leitura IEB-USP, que é ministrada por nossos amigos de São Paulo juntamente com o público participante da Semana Rosiana. É interessante ressaltar que muitas vezes a Roda de Leitura

proporciona aos participantes um primeiro contato com a obra de Guimarães Rosa, o que vem a contribuir para a formação de novos leitores e para a disseminação da obra rosiana.

É relação afetiva, ou seja, uma união estável que já dura uns bons anos. Durante as Semanas Rosianas sempre é realizada a Oficina ou Roda de Leitura IEB-USP, que é ministrada por nossos amigos de São Paulo juntamente com o público participante da Semana Rosiana.

Para o Museu Casa Guimarães Rosa a realização da Roda de Leitura neste espaço museal é muito significativo, pois você tem um grupo de pessoas lendo e discutindo a obra de Rosa na casa onde ele nasceu. Esta ação torna o Museu ainda mais especial e mais vivo.

Quais são as parcerias que o Museu tem, além de participar da organização da Semana Rosiana?

O Museu possui parcerias com instituições, universidades, professores e amantes da obra rosiana. Em Cordisburgo temos os seguintes parceiros: Escola Estadual Cláudio Pinheiro de Lima; Escola Estadual Mestre Candinho; Escola Municipal Octacílio Negrão de Lima; Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, do Distrito de Lagoa Bonita; Prefeitura Municipal de Cordisburgo; Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo; Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa e Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa.

O Museu possui parcerias com escolas locais, instituições, universidades, professores e amantes da obra rosiana.

Temos parceiros professores das universidades UFMG, PUC Minas, USP e UnB. Uma parceria que foi muito importante para a realização das Semanas Rosianas virtuais que aconteceram, respectivamente, nos anos 2020 e 2021, foi o Espaço do Conhecimento UFMG, responsável pela edição dos podcasts e transmissão de todo

o evento em suas plataformas. Destaco também a parceria do Museu na exposição Sertão Mundo. Fica aqui nosso agradecimento a toda equipe e à Professora Diomira Faria, que na época era a diretora do Espaço do Conhecimento UFMG. Outra parceria muito bacana que aconteceu no ano de 2021 foi com a UnB, que promoveu aqui em Cordisburgo a abertura do Colóquio internacional dos 60 anos do livro *Primeiras estórias*[2]. Não posso deixar de ressaltar as parcerias com os amigos rosianos da Roda de Leitura IEB-USP; Grupo Teia de Aranha; Catapoesia; Andréa Matos; Beth Ziani; Gilson de Barros; Anita Leandro; os professores Márcia Marques; Luiz Cláudio Vieira; Wander Lourenço; Dieter Heidemann; Diomira Faria; Mônica Meyer e Romulo Alto, que sempre estão presentes nas atividades promovidas pelo Museu.

E a parceria com o Grupo de Contadores de Estórias Miguilim?

O Grupo de Contadores de Estórias Miguilim, também chamado de Grupo Miguilim, foi criado pela Doutora Calina Guimarães justamente na época que eu trabalhei no Museu, entre os anos 1993-1997. Calina nasceu e morou aqui em Cordisburgo, depois ela mudou-se para Juiz de Fora, formou-se em Medicina. Quando se aposentou ela retornou a Cordisburgo e criou a Associação dos Amigos do Museu e o Grupo de Contadores de Estórias Miguilim. O Grupo Miguilim foi criado pela Dra. Calina para atuar no Museu com a finalidade de dar uma formação para os jovens da cidade e tornar as visitas ao Museu mais atraentes através da narração de estórias.

É um projeto de sucesso exatamente porque contribui na formação desses jovens de 8, 9, 10 anos e ficam no projeto até completar os 18 anos.

Em 2022, o Grupo Miguilim completou 25 anos! É um projeto de sucesso exatamente porque contribui para a formação desses jovens de 8, 9, 10 anos e ficam no projeto até completar os 18 anos. A travessia desses jovens pelo projeto teve início com a Dra. Calina, Dôra Guimarães e Elisa Almeida. Atualmente o ex-Miguilim Fábio Barbosa participa juntamente com Dôra e Elisa no processo de preparação e formação dos Miguilins. Em termos museológicos, considero este projeto ímpar porque você tem

[2] Vídeos disponíveis em https://www.youtube.com/@siruiz8540/featured Acesso em: 7/9/2023.

uma atividade educativa de narração de estórias que são realizadas pelos conterrâneos do escritor que narram a sua obra na casa onde ele nasceu, encantando os turistas e os admiradores da literatura rosiana.

A tecnologia usada no Museu Casa Guimarães Rosa é a oralidade!

Certa vez eu participei de um encontro de Museus Casas em Goiás Velho, promovido pelo Museu Casa de Cora Coralina, e o tema foi sobre as "tecnologias usadas nos museus". Eu fiz uma apresentação exatamente falando que a tecnologia usada no Museu Casa Guimarães Rosa é a oralidade! Ou seja, no Museu Casa Guimarães Rosa, com o Grupo de Contadores de Estórias Miguilim, você tem essa literatura viva, dentro do Museu!

Além de historiador e museólogo, você também fotografa algumas manifestações culturais em Cordisburgo e na região. Gostaria que você falasse dessa sua experiência: quais são essas manifestações culturais que ainda estão vivas aí e a relação delas com a obra do Rosa?

Realmente eu gosto muito de fotografar[3] essas manifestações culturais e religiosas. Aqui, no município de Cordisburgo, temos cerca de 12 Folias de Reis. No Museu nós temos mantido uma tradição que era da avó do Rosa, de montar o presépio na casa para receber as Folias de Reis. O próprio Guimarães Rosa tem textos que mencionam o Natal. Na novela "Campo geral", por exemplo, a personagem vovó Izidra monta o "presepe". Particularmente a minha família tem a tradição de montar o presépio em casa. Tradição essa que me foi passada pela minha avó e pela minha mãe. Gosto muito de montar presépios. Também faço o registro das Folias de Reis, às vezes eu visito as Folias das cidades vizinhas, outras vezes as Folias vêm de cidades vizinhas para se apresentar nas casas. As Folias de Reis são uma tradição muito forte aqui no nosso município e em nossa cidade.

[3] Parte significativa desse trabalho de fotógrafo está aberta ao público em sua página do Facebook, disponível em https://www.facebook.com/ronaldoalvesphoto Acesso em: 19/9/2023.

Aqui, no município de Cordisburgo, temos cerca de 12 Folias de Reis. No Museu nós temos mantido uma tradição que era da avó do Rosa, de montar o presépio na casa, para receber as Folias de Reis.

Quando chega o dia 24 de dezembro e até o dia 6 de janeiro temos um período em que as folias vão visitando as casas. As pessoas fazem promessas para receber as folias. Tem gente que faz a promessa de dar o café da manhã, o almoço ou o jantar. Isso faz parte da tradição, tem a ver com a nossa identidade, com a vivência da comunidade. O fato de montar o presépio e receber estas Folias dentro do Museu, ou seja, o Museu está aberto para a comunidade, e a comunidade passa a fazer parte do museu através desse patrimônio imaterial cultural e religioso. Em termos museológicos é muito interessante, pois você tem a comunidade dentro do Museu realizando uma manifestação que está ligada diretamente à obra de Guimarães Rosa!

Temos também a Festa do Rosário, que acontece sempre na segunda semana do mês de setembro. Temos a Guarda União do Rosário de Maria, que é a Congada, mas aqui temos o costume de falar A Guarda. É uma manifestação fortíssima que acontece há mais de 100 anos e que também está presente na obra de Guimarães Rosa.

Outra manifestação importante que temos em Cordisburgo é a Festa do Rosário, que acontece sempre na segunda semana do mês de setembro. Temos a Guarda União do Rosário de Maria que, é a Congada, mas aqui temos o costume de falar A Guarda. É uma manifestação fortíssima que acontece há mais de 100 anos e que também está presente na obra de Guimarães Rosa, na novela "O recado do morro", onde ele menciona a Festa do Rosário. No projeto da nova expografia do Museu de 2012 foram instalados marcos territoriais com citações da obra ou de entrevistas do Guimarães Rosa falando da cidade. Por exemplo, em frente à Igreja do Rosário tem dois marcos que citam a Festa do Rosário. Essa manifestação religiosa ainda continua muito forte e viva, fazendo parte da nossa cultura, da nossa identidade e que está ligada diretamente à obra rosiana.

Tanto nas Folias de Reis quanto na Guarda União do Rosário de Maria temos a presença de muitos jovens. Essa é a garantia de que essas manifestações vão continuar a existir.

Quero também destacar o seguinte: tanto nas Folias de Reis quanto na Guarda União do Rosário de Maria temos a presença de muitos jovens. Essa é a garantia de que essas manifestações vão continuar a existir. Infelizmente em muitos lugares essas manifestações, Folias e Congadas estão desaparecendo. Aqui em Cordisburgo a presença de jovens participando dessas duas manifestações é a garantia da permanência desse patrimônio imaterial.

É uma manifestação que junta matrizes culturais diferentes, como a cristã, dos afrodescendentes, dos indígenas...

É! Quando turistas e pessoas que gostam da obra do Guimarães Rosa vêm a Cordisburgo para experimentar e acompanhar a Festa do Rosário ou as Folias de Reis, elas têm a oportunidade de ver a obra ali, pulsando. Você vê que os personagens estão presentes ali, ao vivo!

Quando estou fotografando, fico atento aos acontecimentos, tentando enxergar ali passagens da obra rosiana que falam das Folias e da Festa do Rosário que estão gravadas na memória para ser capturadas através da fotografia.

Quando estou fotografando, fico atento aos acontecimentos, tentando enxergar ali passagens da obra rosiana que falam das Folias e da Festa do Rosário que estão gravadas na memória para ser capturadas através da fotografia. Fico observando os acontecimentos, e é interessante que muitas vezes a gente consegue captar aquele momento, é algo que vem de dentro da gente e que você está vivenciando ali, naquele instante.

A maior parte das Folias de Reis está nas comunidades rurais. Assim, as Folias também têm o costume de se apresentar na cidade de Cordisburgo e em outros

municípios, como Sete Lagoas, Paraopeba, Caetanópolis e Curvelo. Também é costume de as Folias das cidades vizinhas virem a Cordisburgo, como por exemplo a Folia de Reis de Curvelo e a de Paraopeba. Nas cidades vizinhas de Caetanópolis, Paraopeba e Pirapama após o dia 6 de janeiro é realizado o Encontro de Folias, que reúne as várias Folias da nossa região. É impressionante vivenciar esses encontros, pois você tem uma profusão de Folias, cada uma com características e identidades próprias.

Cada Folia tem diferenças e características próprias na indumentária. Aqui em Cordisburgo várias Folias vão usar máscaras de couro de animal.

Nestes encontros você consegue perceber que cada Folia tem diferenças e características próprias na indumentária. Tem Folias que não usam máscaras, enquanto outras usam máscaras de material e modelos variados, como papel e papelão, cobertas de tecido; outras usam máscaras feitas com atadura gessada ou couro de animais. Aqui em Cordisburgo várias Folias usam máscaras de couro de animal. Já as vestimentas também são diferenciadas. Tem Folias que usam fardas cheias de fitas coloridas, enquanto outras Folias usam somente uma pequena veste ou capa com capacetes coloridos na cabeça.

Isso constrói a identidade de cada uma...

Sim! Muitas vezes converso com os membros das Folias para que eles tenham o cuidado de não perder essa identidade, que é deles. Pois cada Folia tem um tipo de máscara e roupas específicas. É importante que isso fique muito claro, por que às vezes o que é que acontece? Lógico, a vida muda, as coisas vão acontecendo, tem outras tecnologias, ofertas de outros materiais, tem isso! Mas ao mesmo tempo tem que se ter o cuidado, exatamente, para não ir descaracterizando, perdendo a identidade. Inclusive, há pouco tempo eu estava conversando com senhor Luiz Carlos, da cidade de Abaeté, ele faz máscara de Folia, usa outro processo que vi em uma exposição chamada *Rumos*[4], em Belo Horizonte, que mostrava exatamente essas manifestações culturais de Minas. Vi a máscara de Folia que ele fez e achei muito bacana. Olhei na legenda, fotografei e

[4] Exposição que retrata ativos culturais de várias regiões do estado de Minas Gerais. Disponível em https://www.rumosdeminas.com.br/exposicao Acesso em: 20/4/2023.

consegui o seu contato. Na nossa conversa ele falou comigo: "Hoje, Ronaldo, tá difícil, porque muitos jovens não querem aprender a fazer esse tipo de máscara que a gente faz..." Então eu respondi: "Não, você não pode desistir! Alguém tem que aprender para continuar a manter esta característica, a tradição!"

Você comentou sobre as máscaras e as indumentárias, mas tem as cantorias também...

Eu não entendo muito de música, não sou especialista, mas de tanto ouvir algumas Folias eu consigo identificar qual é a Folia que está apresentando. Às vezes estou andando na rua e escuto uma Folia que está em alguma casa, e pelo canto eu consigo dizer que é determinada folia.

E tem uma boa participação das pessoas de Cordisburgo?

Nossa Senhora! Como tem! No caso das Folias de Reis é muito grande a participação das pessoas principalmente quando acontecem os jantares, que são oferecidos pelas pessoas da comunidade. O jantar sempre acontece na própria casa de quem o oferece, e é muito comum reunir cerca de 80 a 100 pessoas.

No caso das Folias de Reis é muito grande a participação das pessoas locais, principalmente quando acontecem os jantares, é muito comum reunir cerca de 80 a 100 pessoas.

É muita gente! No dia 6 de janeiro, bem próximo da minha casa e da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, no salão da Creche, no Salão Paroquial e na Quadra da Escola Municipal Octacílio Negrão de Lima, acontece o Arremate de três Folias de Reis que reúne mais ou menos um total de mil pessoas. É fantástico ver como as pessoas gostam e participam desta tradição, não é?

Na Festa do Rosário também faz parte da tradição os festeiros oferecerem o café, o almoço e o jantar. Quando você participa destes momentos a gente vê a presença de muitas pessoas que estão ali devido à sua devoção e fé. Estes festejos fazem parte da nossa identidade e da nossa cultura. Participar, vivenciar estes momentos, é manter a nossa tradição.

Não é uma coisa para espetáculo, não é show, não é representação!

Não! É vivência! É manifestação viva! E isso é importante, porque, por exemplo, tem Folias de Reis que não se apresentam a não ser no período certo, porque tem um rito sagrado, que só tem sentido naquele período. Para nós que trabalhamos com o patrimônio, através da educação patrimonial, a gente deixa bem claro que essas manifestações culturais não são espetáculo! Elas fazem parte de uma cultura, é uma manifestação cultural e religiosa, que vem de geração em geração, temos que ter respeito! Não dá para ficar interferindo!

É vivência! É manifestação viva! E isso é importante, porque, por exemplo, tem Folias de Reis que não se apresentam a não ser no período certo, porque tem um rito sagrado, que só tem sentido naquele período.

Como eu sou muito próximo deles, já aconteceu de me convidarem para participar, mas eu digo: "Não, eu estou aqui para ajudar no que for possível. A responsabilidade é de vocês, das comunidades, essa tradição é de vocês!" Se precisar de uma orientação, de alguma coisa, tudo bem, mas deixo claro que a autonomia é deles, a gente tem que ter esse cuidado de preservar a tradição, senão corre o risco de descontextualizar essa manifestação, principalmente por ela ser religiosa. Não tem que fazer especificamente para o turista ver! Não! O turista vem para vivenciar essa manifestação que acontece daquela forma, naquele tempo do rito! Você não pode fazer isso como se fosse um espetáculo para agradar! Absolutamente! É deles! É a fé deles!

Não tem que fazer especificamente para o turista ver! Não! O turista vem para vivenciar essa manifestação que acontece daquela forma, naquele tempo do rito!

É impressionante observar que tanto nas Folias de Reis quanto na Congada você percebe claramente o quanto os membros incorporam o compromisso de estar ali, manifestando a sua devoção e fé, é muito emocionante presenciar esses momentos. É o trabalhador, o homem do campo que está ali. É uma tradição que veio dos campos

rurais e que se mantém até os dias de hoje. É chegado o momento de celebrar a festa: levantar o mastro em honra a Nossa Senhora do Rosário e celebrar o nascimento de Jesus. Existe toda uma tradição, um sentido que merece o nosso respeito. E o Guimarães Rosa soube como ninguém captar tudo isso da melhor forma possível.

Que atividades são desenvolvidas pelo Museu Casa Guimarães Rosa para disseminar a obra do autor?

No Museu Casa Guimarães Rosa temos um trabalho central de Educação Patrimonial que é realizado nas escolas locais. Neste ano já fizemos três atividades, sendo uma com os alunos da EJA da Escola Estadual Cláudio Pinheiro de Lima. Foi realizada uma visita mediada pelo Fábio Barbosa, que foi conversando com os alunos sobre a importância dos museus e especificamente sobre a vida e obra de Guimarães Rosa. No final da visita teve uma apresentação do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim, que são Patrimônio Imaterial de Cordisburgo. De acordo com a diretora da escola, os alunos gostaram muito da atividade desenvolvida, pois alguns alunos ainda não conheciam o Museu nem Guimarães Rosa e a sua obra. Este retorno é muito importante, pois deixa claro o quanto é importante o Museu desenvolver ações que envolvem a comunidade escolar.

No Museu Casa Guimarães Rosa temos um trabalho central de Educação Patrimonial que é realizado nas escolas locais. De acordo com a diretora da escola, os alunos gostaram muito da atividade desenvolvida, pois alguns alunos ainda não conheciam o Museu nem Guimarães Rosa e a sua obra.

Em 2022 também realizamos uma atividade com a EJA em que trabalhamos o patrimônio histórico de Cordisburgo. Foi realizada uma oficina de isogravura, na qual os alunos representaram os bens históricos da cidade. É importante eles perceberem que todo esse patrimônio é nosso e que é nosso dever cuidar e preservar. Estas atividades desenvolvidas pelo Museu têm contribuído muito para o estreitamento da relação Museu-comunidade.

Neste ano, na Semana de Museus, que acontece em maio, iremos realizar uma atividade educativa com o tema Museus e sustentabilidade e bem-estar, juntamente com os alunos das Escolas Octacílio Negrão de Lima e Mestre Candinho. A atividade vai acontecer próximo a um leito seco de um riacho onde Fábio irá narrar o texto "A morte do riachinho" da novela "Uma estória de amor – Festa de Manuelzão". Após a narração faremos um piquenique compartilhado entre os alunos de ambas as escolas. Durante a semana faremos uma oficina de produção de texto sobre a ação realizada.

Em geral as pessoas pensam o Museu como um lugar apenas para turistas...

Sim. Muitas pessoas da cidade pensam dessa forma. Muitos não se sentem pertencentes a este espaço museal. Por isso que as ações de Educação Patrimonial desenvolvidas há mais de dez anos junto à comunidade têm por objetivo aproximar cada vez mais os moradores e o Museu. Sempre que possível realizamos rodas de conversa com os membros da Guarda União do Rosário de Maria e o Grupo da Terceira Idade do CRAS e Estrelas do Sertão da AAMCGR. Neste ano pretendemos realizar uma ação com o CRAS, onde iremos fazer comidas que são descritas na obra de Guimarães Rosa, sobretudo da obra *Corpo de baile*, que fala da preparação da ceia de Natal, do fubá suado. É isso, temos que manter viva essa tradição.

Como é a relação do museu com o Dieter, um dos precursores da Roda de Leitura?

Olha, também é uma relação fraterna, eterna, intensa e amorosa. Nós conhecemos o Dieter através da sua esposa, Marily Bezerra, que já faleceu. Marily foi uma grande amiga nossa, foi uma pessoa que teve um papel muito importante para a realização das Semanas Rosianas. Essa relação da Marily com Cordisburgo se deu após Calina Guimarães criar a Associação de Amigos do Museu e o Grupo Miguilim. Marily tinha ideias excelentes, trazia pessoas e indicava nomes de especialistas e estudiosos de Guimarães Rosa para participar das Semanas Rosianas. Era cineasta, tinha feito um curta-metragem chamado *Rio de-Janeiro, Minas*[5], que é sobre o encontro de Riobaldo com Diadorim, retirado do livro do *Grande sertão: veredas*. É lindo esse curta!

A relação da Marily com Cordisburgo se deu após Calina Guimarães criar a Associação de Amigos do Museu e o

[5] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EkD5wfUl02c Acesso em: 20/4/2023.

Grupo Miguilim. Marily tinha ideias excelentes, trazia pessoas e indicava nomes de especialistas e estudiosos de Guimarães Rosa para participar das Semanas Rosianas.

Lembro-me que foi na década de 90, quando trabalhava no Museu, teve uma excursão dos alunos de Geografia da USP organizada pelo Dieter, que passou por Cordisburgo, onde eles visitaram o Museu. Este foi o meu primeiro contato com o Dieter e a Marily.

Dieter, que é geógrafo, foi o responsável pelo levantamento do território geográfico que faz parte da obra de Guimarães Rosa. Ele tem uma sabedoria que se expressa naquela forma calma com que fala e que encanta a gente!

Uma parceria muito importante do Museu Casa Guimarães com o professor Dieter Heidemann se deu através do Projeto da Nova Exposição de Longa Duração do Museu Casa Guimarães Rosa, inaugurada em julho de 2012. Dieter, que é geógrafo, foi o responsável pelo levantamento do território geográfico que faz parte da obra de Guimarães Rosa. Graças ao seu conhecimento e a estudos realizados desde os anos 90 foi possível a instalação dos 55 marcos territoriais desde a cidade de Araçaí até o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, localizado na divisa de Minas Gerais com a Bahia.

Também na 34ª Semana Rosiana, Dieter proferiu uma palestra sobre os 70 Anos da Viagem de 1952 – A Boiada. Não tinha como não ser ele, em função do trabalho, do estudo e da pesquisa que ele possui. Ele é um pesquisador, um conhecedor, um filósofo! Para mim o Dieter chegou nessa categoria de filósofo, outro patamar! Ele tem uma sabedoria que se expressa naquela forma calma com que fala e que encanta a gente! É uma pessoa realmente muito especial! Além disso ele faz um trabalho belíssimo no Morro da Garça, todo domingo ele faz um programa na rádio, sempre trazendo um tema bacana e uma seleção de músicas muito lindas!

E tem a Rosa Haruco Tane, a Regina e a Linda...

Rosa é uma pessoa muito especial, ela exerce a função de unir os elos entre as pessoas formando uma grande teia, faz com grande desenvoltura o trânsito sertão-cidade com uma dedicação ímpar. Ela sempre está trazendo informações, dando dicas de acontecimentos, promovendo encontros e eventos. Eu vejo nela uma grande força e uma amiga muito especial. Destaco também Regina e Linda, que são também coordenadoras da Roda de Leitura e pessoas muito queridas e especiais.

Regina, por exemplo, está sempre me ajudando, me socorrendo com as postagens que sempre fazemos nas Redes Sociais do Museu. Ela está sempre produzindo textos para ser publicados. É uma parceira que sempre me atende imediatamente.

A Regina tem um acervo de imagens sobre as Semanas Rosianas, o sertão, Cordisburgo, que é algo sensacional! Daria uma publicação!

Sim, Regina possui um grande acervo de imagens, e que bom que ela guarda tudo isso. Como ela já frequenta o sertão há muitos anos, com certeza, tem registros não só de Cordisburgo mas também de vários lugares deste imenso território rosiano. Seria muito bacana se fossem feitas uma publicação e uma exposição de todo esse material. É o registro de toda uma história de lugares e de pessoas que desempenham um papel significativo e importante na perpetuação da obra de Guimarães Rosa.

Dôra Guimarães – Grupo Miguilim: A importância de narrar de forma poética

Eu faço porque eu gosto! Recebendo alguma coisa ou não recebendo, Elisa e eu fazemos por amor! Porque a gente acredita nesse trabalho pelo que a gente percebe no desenvolvimento desses meninos, de ver como eles crescem, como eles se saem bem na profissão deles.

Dôra Guimarães[1]

Como você conheceu esse universo do Guimarães Rosa?

Engraçado, eu nunca pensei nisso, como que entrei nesse universo. Eu lembro que no colégio eu tinha uma colega que era apaixonada por ele, e aí acho que eu comecei a me interessar também. Já na faculdade, quando eu comecei a fazer o curso de Letras, uma colega me deu de presente o *Sagarana*. Comecei a ler o *Sagarana* e me apaixonei.

Como eu comecei a narrar estórias de autores brasileiros – inicialmente não o Guimarães Rosa, mas outros autores, sempre contos literários – um dia eu falei assim: "Quem sabe se eu conto Guimarães Rosa? Será que eu me arrisco?" Foi aí que eu preparei *Fita verde no cabelo*. Gostei de narrar! Eu me identifiquei com o texto, com a linguagem dele, porque eu sou da região do Guimarães, minha família toda é de Cordisburgo. Guimarães e eu somos primos. Meu avô era irmão do avô do Guimarães Rosa. O Guimarães Rosa frequentou muito a fazenda do meu avô, o Serandi, que é na

[1] Formada em Letras e Psicologia, atualmente tem se dedicado à arte de narrar textos literários, dando ênfase à obra de Guimarães Rosa. Também dirige o Grupo Miguilim, com adolescentes especializados na narração de textos rosianos, no Museu do escritor em Cordisburgo.
Entrevista concedida sábado, 29/4/2023, 13h50min Cordisburgo – 19h50min Paris.

entrada de Cordisburgo. Então, tem muita coisa assim de identificação, a linguagem do Guimarães Rosa com a linguagem dos meus tios, que se reuniam para contar casos na cozinha da casa da minha avó, então tem toda uma ligação já natural. Foi assim que eu entrei em contato com o Rosa.

Como foi que você descobriu esse talento de ser contadora de estórias?

Ah, é! Eu nunca imaginei que eu ia ser contadora de estórias. Nunca passou pela minha cabeça, porque eu ligava muito a questão da estória à narração de estória para criança, você narrando para crianças, que foi o que eu fiz muito com a minha filha, com as minhas sobrinhas. Desde que eu era adolescente eu gostava de ler os livros, e tudo o que era poético eu copiava. Depois eu ficava lendo para mim mesmo, eu gostava daquele contato com a palavra, achava gostoso aquilo, mas era algo apenas para mim.

Teve essa oficina que eu fiz com uma venezuelana que é casada com um amigo meu, eles vieram a Belo Horizonte, ficaram na minha casa, e eles iam dar uma oficina na Livraria Miguilim. Eles eram narradores lá na Venezuela e tinham feito uma oficina de narração com um cubano, então isso aí já existia em Cuba. Eles então me chamaram para fazer a oficina, eu fui mais para acompanhá-los, não porque eu queria ser contadora de estória. Só que de início eu já escolhi um texto literário, e eles vendo isso já me deram outro texto literário para preparar. E eles gostaram muito! Gostaram tanto da minha narração que logo depois a gente foi a Caracas e esse meu amigo, o Luiz, que era professor no Instituto de Estudos Brasileiros da embaixada de Caracas, me convidou para narrar estórias para os alunos dele, para eles ouvirem o português. Com isso aí a coisa foi crescendo!

Aí você chegou ao grupo Miguilim. Você pode falar como é trabalho de preparar os meninos para narrar?

Olha, de início eles são reunidos por alguém. Antes era a Lúcia Goulart que os preparava durante uns dois ou três meses, dando contos pequenos, tipo fábula, com princípio, meio e fim, simples, para eles já irem entrando nesse mundo da narração. Depois ela passava esses meninos para mim e para a Elisa, a gente divide, uma turma para ela, outra turma para mim. E aí começa outra parte do processo, começamos a dar textos também simples – que não são do Guimarães Rosa, mas de outros autores – e

a gente fica com eles uns seis meses, mais ou menos, nessa tarefa de ler com eles, de explicar, de eles irem decorando aos poucos e depois narrar para a gente.

No final dessa primeira parte a gente faz o encerramento da oficina com os textos que eles prepararam, narrando para os pais e os amigos lá no Museu. Aí a gente entra na segunda parte da oficina, que é a preparação de textos do Guimarães Rosa. Começa com "Campo geral" porque é mais simples, é uma experiência que está muito próxima da experiência deles. Depois que eles sabem vários textos do "Campo geral", que já estão narrando no Museu, então a gente começa a dar outros textos, inclusive do *Grande sertão: veredas*. É um processo bem lento que leva uns dois anos, mais ou menos.

Vocês ainda mantêm aquelas questões da Calina de preparar eles para a vida social?

A literatura também tem esse poder de aglutinar, de transmitir alguma coisa afetiva, de juntar as pessoas.

Não! Hoje não mais. O tempo da tia Calina era outro. Hoje, com televisão e internet, os meninos já têm isso. Hoje a gente trabalha mais o texto mesmo, mas é claro que a convivência da gente com eles é muito legal, é uma relação muito afetiva, a gente conversa muito. Quando eles são convidados para narrar em outro lugar nós os acompanhamos, tem toda essa convivência que vem da companhia, da viagem. Vários aproveitam a viagem para desabafar comigo, para contar coisas da vida deles, é uma relação de confiança. Que é diferente, eu percebo, da relação que eles têm com o professor comum. Eu acho que a literatura também tem esse poder de aglutinar, de transmitir alguma coisa afetiva, de juntar as pessoas.

Quando os vi narrando, lá no Museu, eu percebi uma postura tranquila, de muita confiança...

Essa postura que você falou realmente acontece. Por exemplo, há pouco tempo, encontrei com uma ex-Miguilim, ela se formou recentemente em Direito, e ela falou: "Ai, Dôra! Eu fui escolhida oradora da turma. Nossa! Todo mundo adorou, mas falaram comigo assim: 'Ah, também, você já foi Miguilim!'" E outro que foi orador na conclusão

do ensino médio, ele fez um discurso lindo: decorou e narrou como se estivesse narrando uma estória! Oh! Nunca vi isso! O povo ficou em pé para aplaudi-lo!

Quais as relações do Grupo Miguilim com a Oficina de Leitura?

A Neuma e a Calina ficaram muito amigas, e a Neuma, quando viu os meninos narrando, também ficou encantada. A Neuma e a Marily Bezerra começaram a vir a Cordisburgo trazendo pessoas e palestrantes para falar sobre a obra de Guimarães Rosa nas Semanas Roseanas.

Olha, todo o processo de fundação e de formação do grupo Miguilim influenciou muito, levou as pessoas a ler Guimarães Rosa, a querer narrar Guimarães Rosa. Eu acho que o Grupo Miguilim foi um ponto de partida para tudo isso que está acontecendo em volta de Guimarães Rosa. A Calina criou a Associação dos Amigos Casa Guimarães Rosa, revitalizou o Museu e criou o Grupo Miguilim, quer dizer, nessas três ações a Calina está na raiz de tudo. Inclusive ela foi na USP, porque ela ficou sabendo que lá estava o arquivo do Guimarães Rosa, ela foi lá porque queria conhecer, e aí ela ficou conhecendo a curadora do arquivo, que na época era a Neuma Cavalcante. Hoje ela é professora na UFCE, em Fortaleza. A Neuma e a Calina ficaram muito amigas, e a Neuma, quando viu os meninos narrando, também ficou encantada. A Neuma e a Marily Bezerra começaram a vir a Cordisburgo trazendo pessoas e palestrantes para falar sobre a obra de Guimarães Rosa nas Semanas Roseanas. As duas é que fizeram esse movimento de uma ligação entre Cordisburgo e o IEB. Isso aí foi muito importante, porque, a partir disso, de alguma forma o IEB também se voltou mais para Guimarães Rosa e Cordisburgo.

Depois que eu preparei *Fita verde no cabelo* eu li "O burrinho pedrês" e encontrei a estória do Pretinho. Falei: "Nossa, mas essa estória está pronta para eu narrar!" Então já decorei essa estória. Foi assim, eu fui descobrindo as estórias dentro das estórias que o Rosa escreveu, fui recortando e pegando.

Quando eu narrei o primeiro texto de Guimarães Rosa eu nunca tinha visto ninguém narrar Guimarães Rosa! Eu nunca tinha visto! Depois que eu preparei *Fita verde no cabelo* eu li "O burrinho pedrês" e encontrei a estória do Pretinho. Falei: "Nossa, mas essa estória está pronta para eu narrar!" Então já decorei essa estória. Foi assim, eu fui descobrindo as estórias dentro das estórias que o Rosa escreveu, fui recortando e pegando.

Isso é tão interessante que eu conto a estória da Dô-Nhã, que está dentro da novela "Buriti". Quando eu estava lendo eu falei: "Gente essa estória é ótima para narrar!" Comecei a narrar essa também! Uma vez uma professora aqui da UFMG, quando ela me ouviu narrar a estória da Dô-Nhã, ela falou: "Engraçado eu já li esse conto tantas vezes e eu nunca tinha prestado atenção nessa estória!" O legal é isso, você retira aquele pedaço do texto e faz ele crescer!

Voltando à tua pergunta, os Miguilins viajaram muitas vezes para São Paulo. Sempre lá a gente conta com a Rosa Haruco, a grande aglutinadora.

O legal é isso, você retira aquele pedaço do texto e faz ele crescer!

Agora esse trabalho que eu faço com os meninos do Grupo Miguilim é muito importante e muito prazeroso para mim. Porque eu gosto! Eu faço porque eu gosto! Recebendo alguma coisa ou não recebendo, Elisa e eu fazemos por amor! Porque a gente acredita nesse trabalho pelo que a gente percebe no desenvolvimento desses meninos, de ver como eles crescem, como eles se saem bem na profissão deles.

Eu gosto de narrar porque, por exemplo, além de contar a estória, é importante passá-la de uma forma poética!

O engraçado é que a Elisa narrava textos de tradição, na clínica, inclusive contos de fadas para os pacientes dela e tal, e eu já contava texto literário, eu fazia questão de que fosse literário. A gente às vezes até discutia isso, e a Elisa falava que os contos de fadas também são literatura, mas eu sempre falei que é outra forma de literatura. Eu gosto de narrar porque, por exemplo, além de contar a estória, é importante passá-la

de uma forma poética! Aí com o tempo ela também foi se encaminhando para o conto literário e a nossa parceria deu certo.

E o futuro do Grupo Miguilim?

É impressionante! Agora a última turma quem fez a preparação inicial dos meninos foi o Fábio! Nossa! Deu muito certo! Os meninos chegaram disciplinados, já no ponto para a gente começar.

Uai! Pois é! Eu falo muito com eles, que eles é que vão continuar esse trabalho, principalmente os que não saíram de Cordisburgo. Às vezes eu os convido para irem lá narrar para os mais novos, para estimulá-los. Então a gente vai ver o que que é que vai dar, né? Para continuar o trabalho tem que ter, sim, muita motivação! Tem que ter amor e gosto. Agora tem o Fábio Barbosa, um parceirão! Inclusive na educação dos meninos ele é muito importante, porque os meninos o ouvem como a um pai, os meninos têm muito respeito por ele. É impressionante! Agora a última turma quem fez a preparação inicial dos meninos foi o Fábio! Nossa! Deu muito certo! Os meninos chegaram disciplinados, já no ponto para a gente começar. Ele tem tanta autoridade sobre os meninos que às vezes, quando reúne todo mundo, que eu quero falar, e eles não me dão atenção, ficam falando, falando, ele é impressionante: ele abre a boca, todo mundo cala!

Lembrei das palavras da Calina: "Contar estórias é uma desculpa para esses meninos passar uma adolescência feliz!"

Sim, para eles se reunirem em grupo, para conversar, se encontrar, porque realmente os jovens no interior não têm muita opção do que fazer. A gente já não tem mais grupos de jovens nas igrejas, um lugar para os jovens se reunir, para conversar, dançar... Bom, para dançar até tem, mas, assim, quase que ninguém conversa mais, cada um no seu telefone então...

Quero voltar ao assunto da relação com a Roda de Leitura, os passeios que fizeram para narrar em São Paulo, a influência da Marily e do Dieter...

Nossa! A Marily foi a grande incentivadora do nosso trabalho! A Marily não podia reunir dez pessoas na casa dela, eu presente, ela falava: "Dôra, conta estória!" Eu era a narradora oficial dela! É isso, ela deu muita força mesmo no início! E para o grupo Miguilim também! Eu tive uma convivência muito grande com ela: eu ia para a casa dela no Morro da Garça e ficava dias lá com ela. No Dieter eu ia de vez em quando, pois ele ainda trabalhava lá em São Paulo. Agora eu tenho mais convivência com o Dieter, a gente se encontra muito mais. A Marily! Nossa! A Marily foi assim uma luz na vida de todo mundo! Impressionante! Ela me levou na casa do Mindlin para eu conhecer a biblioteca dele! Nossa! Uma vez a gente se reuniu com o Antonio Candido, ela tinha essas relações lá em São Paulo e levava a gente para conhecer essas pessoas. Ela fez Geografia, mas ela era muito artista, muito ligada às artes.

Elisa Almeida – Grupo Miguilim: Quando o texto escorrega da boca!

Então hoje o nome que a gente dá é narração, a gente prefere narração, sermos chamados de narradores, mas ao mesmo tempo o nome do Grupo Miguilim é contadores de estórias. Então ficam esses dois nomes: contadores de estórias ou narradores, ou ainda narradores de estórias.
Elisa Almeida[1]

Como Guimarães Rosa entrou na tua vida?

É, houve um momento, sim! Eu já tinha lido *Sagarana* no ensino médio, mas não me tocou, acho que eu não entendi direito o livro, não me deixou marcas. Eu fiz Psicologia, e no fim do meu curso, exatamente no último semestre, a minha turma teve uma vivência especial na UFMG, foi a primeira turma em que se fez uma tentativa de internato rural com Psicologia, no formato do internato rural que existe na Medicina, em que os alunos vão fazer um estágio em outras cidades. A gente iniciou esse internato rural de Psicologia, fomos para Montes Claros e ficamos morando lá por seis meses. Foi uma vivência muito forte, porque éramos seis amigos, morávamos juntos, trabalhávamos com psicologia na saúde pública lá em Montes Claros. Além de toda essa coisa de sair de casa, poder morar por um período longe dos pais. O meu namorado da época me deu de presente o *Grande sertão: veredas*. Foi nessa época que eu

[1] Narradora de estórias, especializada em textos literários, professora de oficinas de narração de literatura, codiretora do Grupo Miguilim (Cordisburgo, MG), doutora em Artes (UFMG, 2020).

Entrevista concedida quinta-feira, 27/4/2023 – 11h Belo Horizonte – 16h Paris.

li, em 1983-84. E aí foi arrebatador! A primeira leitura já foi aquela em que eu parava para transcrever à mão os trechinhos! E aí foi sem retorno!

> ***Grande sertão: veredas*. A primeira leitura já foi aquela em que eu parava para transcrever à mão os trechinhos! E aí foi sem retorno!**

Depois que eu me formei eu tive um percurso de tentar ser psicóloga – as minhas amigas mais próximas viraram psicanalistas –, mas eu vi que não era a minha praia. Eu segui atendendo crianças, pois eu tinha simpatia por esse público no consultório. Nessa época eu conheci a antroposofia, que também marcou a minha formação. Eu comecei a me interessar muito pela teoria da antroposofia, que é um conhecimento que se aplica em várias linhas, e eu me interessei pela linha pedagógica – os meus filhos mais tarde vieram a estudar em escola antroposófica, na pedagogia Waldorf – eles falavam muito da importância da narração de contos de fadas dos irmãos Grimm, para as crianças pequenas, na versão original, porque muitas vezes os contos são muito recortados e adaptados. Me interessou muito isso, inclusive pesquisar a afinidade do pensamento mágico da criança com o pensamento dos contos de fadas.

Entrei nisso, comecei a estudar alemão, fui atrás dos contos originais dos irmãos Grimm e preparei três deles, por minha conta, junto com a minha professora de alemão, que me ajudou a fazer uma tradução, claro, foi ela que fez, mas eu acompanhava conferindo se as versões que eu estava usando eram realmente fiéis à coleta dos irmãos Grimm. Assim eu comecei, em consultório, a narrar contos de fadas. Esse caminho me levou até a Dôra Guimarães, porque ela ficou sabendo que eu estava trabalhando com estórias e me procurou... ela também estava, a partir de uma oficina com uma narradora venezuelana, de narração...

Por caminhos paralelos, você e a Dôra Guimarães se encontraram...

Não é? Impressionante! Eu sublocava uma sala no mesmo espaço onde a Dôra estava fazendo um grupo de estudos de psicanálise. Até então não nos conhecíamos. Nesse grupo de estudos que a Dôra fazia parte tinha uma prática de uma vez por mês um dos integrantes contar para a turma alguma experiência marcante da sua vida fora da psicanálise. E a Dôra contou a experiência da oficina de narração de estórias que

ela tinha acabado de fazer com a venezuelana Isabel de los Rios. Dôra também fez essa oficina meio por acaso, na verdade ela tinha hospedado a Isabel e o marido, escritor, que era amigo dela, e ambos vieram a Belo Horizonte dar esse curso. Como ela hospedou o casal, ela foi lá, fez a oficina e gostou! E já fez essa opção pelo conto literário, e começou a exercitar isso. Ela dava aula de Português na escola pública e começou a exercitar isso também com os alunos. Foi essa experiência que ela relatou no tal grupo de estudo.

Aí a diretora da clínica, que estava lá, falou para a Dôra: "Olha, que interessante! Tem uma menina aqui que subloca uma sala e que também está trabalhando com narração de estórias!" E a Dôra pegou o meu telefone, o meu nome. Eu até hoje falo isso com ela, sabe, eu não sei se eu teria essa iniciativa que ela teve. Quando ela me ligou na primeira vez, sem a gente se conhecer, nós ficamos uns 40 minutos no telefone, e aí já combinamos de nos encontrar, de fazer uma parceria. Até tentamos incluir mais pessoas, mas não rolou. Ficamos nós duas.

Ela me aplicou essa questão da narração do conto literário, mas eu entendo que eu acolhi porque a minha postura diante do conto dos irmãos Grimm também era de fidelidade ao texto. Eu também narrava os textos *ipsis litteris*, conforme mandava a antroposofia. Isso foi um ponto que nos uniu: a ligação com o texto, você não conta com as suas palavras. Daí para passar para o conto literário foi um passo.

Criamos o Tudo Era Uma Vez em 1993, que foi uma parceria que a gente teve até 2012. Em 1995 estreamos a primeira montagem nossa, que foi o *Contos de amor*, num lugar mais bacana, no Palácio das Artes, na Sala Juvenal Dias, superaconchegante para contar estórias e dentro de um projeto, o Convivendo com Arte, da Gislayne Matos e da Cecília Caran, que nos convidaram, e a gente montou isso. A Cida Falabella nos dirigiu. Eram contos de seis autores da literatura ligados ao tema amor. Entre eles, um era do Guimarães Rosa, narrado por mim. Foi o primeiro texto do Guimarães Rosa que eu preparei, voltando à sua pergunta. Eu preparei "O primeiro encontro" do Riobaldo com o Reinaldo, do *Grande sertão: veredas,* para essa estreia, em 1995.

Calina sempre nos contava que tinha um projeto, inclusive um sonho que era da irmã dela, mas que ela encampou como dela, que era realizar algum projeto, alguma ação social com jovens e crianças de Cordisburgo.

A Dôra convidou a Calina para assistir o *Contos de amor*. A Calina já estava em um movimento, já tinha se aposentado, voltou para Cordisburgo, comprou uma casa, se instalou. Ela sempre nos contava que tinha um projeto, inclusive um sonho que era da irmã dela, mas que ela encampou como dela, que era realizar algum projeto, alguma ação social com jovens e crianças de Cordisburgo. Ela queria fazer isso e ao mesmo tempo muito focada na obra do Guimarães Rosa, porque prima segunda do Guimarães Rosa, ela também era leitora e percebia – ela teve uma sensibilidade muito grande de perceber – que na própria cidade natal do autor ele não era muito conhecido.

Então todo esse desejo, esse intuito de fazer esse projeto social, ela aliou à questão de divulgação da obra e de trazer a obra para dentro da cidade. Foi uma escolha muito feliz! Porque o perfil dos moradores de Cordisburgo, igual ao de muitas cidades da maioria do interior do Brasil, não é um perfil de leitor de literatura. As pessoas podiam até conhecer os livros, mas na estante. Então o fato de trazer essa obra para os moradores, através da oralidade, da voz dos próprios conterrâneos, dos filhos de Cordisburgo, foi uma coisa que deu certo! Nós estamos há 26 anos com o projeto.

São mais de 200 jovens nesses 26 anos, a maioria deles muito bem encaminhada. Vocês sempre trabalharam de maneira voluntária?

Olha, em boa parte do tempo, sim. No começo a Calina tirou do bolso dela, ela fez questão, mesmo a Dôra sendo sobrinha dela. A gente já dava oficinas, Dôra e eu. Na verdade, eu já estava dando um curso livre sobre os contos de fadas numa Escola Livre, e, no meu primeiro encontro com a Dôra, eu a convidei para dividir o curso comigo, que aí passou a ser a oficina Conta-contos, ela trouxe a experiência dela e a gente foi amadurecendo a oficina num lugar bem interessante, dentro de um projeto muito bacana que aconteceu aqui em Belo Horizonte na década de 90 que se chamava Comuna[2], eram cursos livres em várias áreas da cultura. A nossa oficina foi amadurecendo nesse espaço. A Calina sabia desse nosso movimento e então ela nos convidou para dar essa oficina lá em Cordisburgo para formar o Grupo Miguilim[3]. Nessa ocasião ela fez questão de tirar do bolso dela o valor para nos pagar essas oficinas. Nos primeiros anos a gente voltava

[2] Para mais informações visitar o site https://comunasa.wordpress.com/sobre/ Acesso em: 3/5/2023.
[3] Formalmente o grupo se chama Grupo Contadores de Estórias Miguilim, aqui simplesmente chamado de Grupo Miguilim. Para mais informações sugere-se o site http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/boas-praticas/grupo-de-contadores-de-estorias-miguilim/ Acesso em: 7/9/2023.

só para dar novas oficinas. A Calina assumia superbem o dia a dia com os meninos. Ela falava assim: "Vocês dão a oficina que o resto eu resolvo!"

Quantos anos a Calina ficou fazendo essa parte de formação mais ampla?

Essa primeira oficina foi em 1995 – ainda tenho um caderno com as anotações. O Zé Maria estava na primeira turma, o Ronaldo... Logo nessa primeira oficina ficou claro para a Calina que seria interessante atrair pessoas mais jovens, porque ela percebeu que seria necessário um período para o aluno conseguir narrar em público. Não era imediatamente. Era bom atrair pessoas mais jovens para que elas aprendessem e ainda pudessem ficar um tempo no Museu se exercitando antes de sair da cidade. A Calina sempre teve muito claro isso também: incentivar o jovem a continuar os estudos, e, como Cordisburgo não tem universidade, então, quando terminava o ensino médio, ela incentivava a continuidade dos estudos fora de lá. Ela disponibilizava o apartamento para os meninos virem estudar em Belo Horizonte! E se os meninos que estavam lá no apartamento dela estudando para o vestibular voltavam para Cordisburgo no fim semana ela ficava passando pito: "Você não tem que voltar! Tem que estar lá em Belo Horizonte estudando para o seu vestibular!" Ela era impressionante!

Logo nessa primeira oficina ficou claro para a Calina que seria interessante atrair pessoas mais jovens, porque ela percebeu que seria necessário um período para o aluno conseguir narrar em público. Não era imediatamente. Era bom atrair pessoas mais jovens para que elas aprendessem e ainda pudessem ficar um tempo no Museu se exercitando antes de sair da cidade.

Ela tinha uma casa bonita, bem montada, então ela convidava às vezes os jovens para jantar, convidava quatro ou cinco e aí ensinava-os a pôr a mesa, usava a melhor louça que ela tinha, e ensinava-os a usar os talheres na mesa, a servir-se. Ao mesmo tempo ela contava da vida do Guimarães Rosa, tomava os textos.

Então em 1995 foram as primeiras oficinas, mas a fundação do grupo mesmo foi 1996 – tem até uma dúvida, a Dôra acha que é 1997, mas eu e Fábio achamos que

foi em 1996... é por aí – que o projeto ganhou o nome de Grupo Miguilim. Nesses primeiros anos até 2000 a Calina deu conta do acompanhamento dos contadores de estórias sozinha, mas o projeto foi crescendo e aí foi a Neuma Cavalcante, que na época cuidava do arquivo do Guimarães Rosa no IEB e que sempre deu muito apoio ao Grupo Miguilim – assim como a Beth Ziani, a Marily Bezerra –, que falou para a Dôra: "Acho que agora você vai ter que ficar no dia a dia, porque a Calina já não está dando conta de tudo e tal". Então a Dôra passou a ir para Cordisburgo de 15 em 15 dias. A Calina hospedava a Dôra, mas era a Dôra que pagava a sua gasolina e não recebia nada.

E nesse período eu e a Dôra tínhamos a nossa parceria. Em 1998 aconteceu o primeiro seminário Internacional Guimarães Rosa lá na PUC-MG e nós, o Tudo era uma vez, montamos um trabalho para estrear lá. Então eu não estava no dia a dia com os meninos lá em Cordisburgo, mas eu tinha uma parceria forte com a Dôra, a gente começou a montar só trabalhos com Guimarães Rosa. Esse primeiro, de 1998, foi o *Riobaldiadorim,* em que tivemos na plateia até o Curt Meyer-Clason**,** o tradutor do Guimarães Rosa para o alemão. Temos foto com ele, e ele fez um comentário que a gente entende que supriu qualquer cachê, ele disse: "Isso, sim, é Brasil!", depois que ele ouviu nossa narração!

Nesse espetáculo, na plateia, tinha um professor ligado a um festival de teatro do Porto, em Portugal, o FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica –, e ele nos convidou. Alguns anos depois, em 2002, a gente apresentou no Porto. Foi uma experiência maravilhosa! É difícil de avaliar a recepção, tivemos alguns retornos individuais. Eu lembro direitinho que estávamos lá depois do espetáculo, passaram duas senhorinhas portuguesas e falaram assim: "Vocês duas são uns quindinzinhos!"

Eu acho que a gente fica assim, no meio do caminho, no não lugar. Foi isso que me instigou também, na minha tese, a entender o que é que é essa arte. Porque realmente o texto literário que está por trás, que guia a nossa narração de cor, dá uma formalidade diferente para a coisa. Parece um pouco teatro, mas não é. Parece, mas não é. É e não é.

Quando a gente ia se apresentar em festivais de teatro, sempre tinha aquelas pessoas que olhavam para nós e falavam: "Mas isso não é teatro!" A gente vivenciou isso, uma falta de lugar, talvez. Quando a gente ia em festivais de contadores de estórias, que trabalham na maioria das vezes com o conto de tradição oral, que é uma coisa mais solta, que improvisa, muitas vezes interagindo mais diretamente com a plateia – eu mesmo fui em alguns festivais aqui na América Latina, conheci pessoas maravilhosas – a gente também vivenciou isso. Volta e meia acontecia de algumas pessoas que narram nessa linha mais da tradição oral olharem para nós e dizerem: "Não, isso aí é mais teatro". Eu acho que a gente fica assim, no meio do caminho, no não lugar. Foi isso que me instigou também, na minha tese[4], a entender o que é que é essa arte. Porque realmente o texto literário que está por trás, que guia a nossa narração de cor, dá uma formalidade diferente para a coisa. Parece um pouco teatro, mas não é. Parece, mas não é. É e não é.

Qual é o nome que vocês dão, hoje, para o trabalho de vocês?

Então hoje o nome que a gente dá é narração, a gente prefere narração, sermos chamados de narradores, mas ao mesmo tempo o nome do Grupo Miguilim é contadores de estórias. Então ficam esses dois nomes: contadores de estórias ou narradores, ou ainda narradores de estórias.

Em 2004 a Calina já começou a ter realmente os primeiros problemas de saúde. Ela não saiu de cena, mas a Dôra me chamou para assumir junto com ela o dia a dia da direção do grupo. A Calina também me hospedava, às vezes ela fazia questão disso, ela tinha um pouco mais de cerimônia comigo, algumas vezes ela pedia para o motorista me levar de volta quando eu não estava com a Dôra, para eu não gastar com gasolina. Ela tinha todo esse cuidado. A convivência com ela era uma coisa incrível, ela era uma pessoa fora do comum, acima da média, tinha uma visão à frente de seu tempo. Mas no final ela realmente já estava começando a ter problemas de memória.

Nesse percurso teve alguns anos que a gente conseguiu patrocínio. Teve outros períodos que não. Então é uma coisa assim, muito irregular.

[4] Intitulada "O acontecimento da narração oral de Guimarães Rosa: o Grupo Miguilim de Cordisburgo (MG)" disponível em https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/47132 Acesso em: 10/5/2023.

Nesse percurso teve alguns anos que a gente conseguiu patrocínio, entramos em projetos de manutenção do Grupo Miguilim, teve alguns períodos que a gente teve patrocínio não só para as despesas básicas de hospedagem, alimentação e transporte como um cachê para as nossas oficinas. Teve outros períodos que não. Ano passado a gente teve um patrocínio da CEMIG, esse ano já estamos em abril e não temos. Então é uma coisa assim, muito irregular. A partir de 2011 o grupo tornou-se patrimônio imaterial pela prefeitura de Cordisburgo, Patrimônio Imaterial Municipal. Com isso, a partir de 2011 a prefeitura passou a receber o ICMS cultural e ela nos repassa um valor, que não é mensal. É um valor que demora a sair, que tem mil burocracias e todo ano repete as mil burocracias, mas eles nos repassam. Geralmente é um valor que chega lá para outubro, novembro ou dezembro, uma época em que a gente tem mais despesa e é bom, porque nos dá uma força. Antes a gente dividia entre nós duas, atualmente nós já estamos dando uma porcentagem para o Fábio Barbosa, que também já segura uma superonda lá no Museu, no dia a dia dos meninos.

E vocês já pensaram nessa transição da coordenação do Grupo Miguilim?

Sim. Inclusive é uma questão que a gente já começou a conversar. Sabe aqueles seminários que aconteceram em torno do tema da tradução lá em Cordisburgo? O primeiro foi dedicado à língua alemã, foi incrível, porque eu estava em pleno processo de mestrado, de estudos, e eu recebi a indicação de dois autores que foram fundamentais, um deles foi Henri Meschonnic, que eu trabalhei na minha tese, foi o Berthold Zilly que me indicou quando ficou sabendo que eu estava trabalhando com narração do texto literário. Eu amei estudar Meschonnic, essa coisa do ritmo. E também nesse primeiro seminário eu tive indicação de outro texto que eu também usei na minha tese, que é um prefácio que o Paul Valery faz das *Bucólicas* de Virgílio, que fala também sobre a oralidade, a musicalidade da língua! Amei! É maravilhoso! Então nesse seminário eu tive essas contribuições.

E eu também compartilhei com ela que eu sentia uma certa dificuldade, junto com a Dôra, assim de aceitar uma pessoa nova, sabe? Aceitar passar todo esse nosso trabalho que a gente construiu para outra pessoa. Meio

aquela sensação assim: "Ninguém vai fazer bem como eu!" Esse não dito, sabe?

Quando foi o segundo seminário, que foi dedicado à tradução para o italiano, apareceu uma professora da UFMG lá em Cordisburgo que não conhecia o projeto do Grupo Miguilim. Os Miguilins participaram bastante, todo dia tinha alguma narração, estavam ali do lado. Então essa professora ficou encantada e veio perguntar para mim como que é que funcionava, se erámos só eu e a Dôra, se tinha mais alguém, se tinha uma escola, um instituto, um centro cultural. E eu disse: "Não temos nada disso!" E ela falou: "Como assim, quase 20 anos de trabalho e vocês assim?" Então ela começou a falar que ela trabalhou nessa parte de educação cultural na embaixada da Itália. E eu também compartilhei com ela que eu sentia uma certa dificuldade, junto com a Dôra, assim de aceitar uma pessoa nova, sabe? Aceitar passar todo esse nosso trabalho que a gente construiu para outra pessoa. Meio aquela sensação assim: "Ninguém vai fazer bem como eu!" Esse não dito, sabe? Aí essa professora me falou assim: "Olha, vocês não são imortais, o projeto é maravilhoso, e justamente para deixar vivo o que vocês já começaram é que vocês têm que passar para a frente. Porque, se vocês não passam, quando vocês não estiverem mais aqui, acabou. Se vocês passam, quando vocês não estiverem mais aqui vocês vão ser sempre lembradas e sempre vai ser remetida essa experiência a vocês". Quer dizer, ela nos trouxe outra visão! Então eu comecei a falar isso com a Dôra, com o Fábio.

"Olha, vocês não são imortais, o projeto é maravilhoso e justamente para deixar vivo o que vocês já começaram é que vocês têm que passar para a frente. Porque, se vocês não passam, quando vocês não estiverem mais aqui, acabou. Se vocês passam, quando vocês não estiverem mais aqui vocês vão ser sempre lembradas e sempre vai ser remetida essa experiência a vocês."

Agora nós estamos também com a ótima parceria com a Andréa Matos, ela está fazendo a produção do Grupo Miguilim, está tentando captar recursos. Estamos

com um novo projeto aprovado na Lei Rouanet, mas não conseguimos captar ainda. Para nesse novo projeto já entrou uma novidade que a partir dessas conversas a gente conseguiu resolver, ou seja, colocamos monitores que receberiam uma graninha para participar um pouco da formação dos Miguilins. Mas, para ser monitor, é necessário ser ex-Miguilim que more em Cordisburgo e que tenha disponibilidade de tempo, horas, para acompanhar o nosso trabalho, inclusive na nossa ausência, repassando os textos com os meninos. A gente já conseguiu colocar isso nesse projeto que ainda não foi captado. A gente tem que pensar nisso! A Dôra está com 80 anos, superativa, invejável a energia dela, é isso, temos que pensar nisso.

Que parcerias o Grupo Miguilim já teve com a Oficina de Leitura Guimarães Rosa?

No começo eles viajavam muito para São Paulo. Esse apoio que vinha do IEB foi impressionante! A Marily fazia projetos e sempre incluía os Miguilins. Ela tinha feito Geografia na USP e era muito bem relacionada em São Paulo, tinha muitos contatos, era uma amiga-irmã da Neuma Cavalcante, além de ela ser a mulher do Dieter Heidemann, que era ligado ao IEB e à USP. Tinha amigos como o José Miguel Wisnik, o Antonio Candido, o José Mindlin, entre muitos outros. Ela produziu o CD os *7 episódios*[5], um projeto muito bacana, chamado Ler e ouvir, saiu um CD com leituras, ela selecionou sete episódios do *Grande sertão: veredas* e chamou pessoas para ler, então tem leitura do Antonio Candido, do Davi Arrigucci, do Mindlin. A Marily fazia acontecer muitos projetos, e com isso ela levou muito os Miguilins para São Paulo. A Neuma também. Teve uma época que os Miguilins eram mais conhecidos em São Paulo do que em Belo Horizonte, eram mais conhecidos dos rosianos paulistas do que aqui em Minas. E assim, tapete vermelho para eles quando chegavam! Você imagina o que é para eles morar numa cidadezinha como Cordisburgo e chegar em São Paulo? Para eles é muito marcante!

A Calina sempre que podia acompanhava nas viagens. Tem muitas estórias das primeiras turmas, que tiveram o privilégio de conviver com ela de perto, como ela

[5] CD *7 Episódios de Grande Sertão: veredas* para a Coleção Ler e Ouvir, patrocinada pela FIESP, com distribuição gratuita exclusiva em escolas e bibliotecas. Para saber mais indica-se este texto de Beth Ziani: https://www.revistas.usp.br/teresa/article/download/116602/114190/214212 Acesso em: 3/5/2023.

procedia: ensinava como entrar no elevador – essas coisas de gente antiga – deixar as meninas entrarem antes, andar na calçada a menina mais para dentro, o menino anda do lado.

Lembro que Dôra e eu fomos na Roda de Leitura lá em São Paulo fazer narração. Participamos também de uma mesa em um evento, justamente falando sobre o Projeto Grupo Miguilim. A Dôra também tem parceria com o Tiago, os dois foram na Roda também.

Porque é bom ouvir textos literários, seja na forma narrativa ou na leitura em voz alta como fazemos na Roda de Leitura?

Você sabe que uma vez até instigada pela Fernanda Rivitti eu escrevi um texto rápido, e não sei se eu consegui aprofundar, mas eu escrevi sobre a diferença entre a estória lida e a estória de cor. É uma questão que está no meu dia a dia, porque na oficina que eu dou – essa oficina que você assistiu e que termina com um sarau – a proposta para os alunos é memorizar um trecho literário, porque eu considero que é muito diferente quando você fala de cor. E para mim também o momento de memorizar, de decorar, não é reta final. Depois que você memoriza você ainda tem um período em que você tem que repetir muitas vezes para se apropriar do texto. E quando isso acontece, quando você realmente se apropria, aí é que vem o prazer! É muito prazeroso, ainda mais Guimarães Rosa, que tem essa conexão tão grande com a oralidade! E no caso da gente, que é mineiro, parece que o texto escorrega da boca! É muito prazer!

Eu considero que é muito diferente quando você fala de cor. E para mim também o momento de memorizar, de decorar, não é reta final. Depois que você memoriza, você ainda tem um período em que você tem que repetir muitas vezes para se apropriar do texto. E no caso da gente, que é mineiro, parece que o texto escorrega da boca! É muito prazer!

No momento que você está lendo você pode treinar a sua leitura, pode ficar uma leitura bem fluida, mas ainda tem um intermediário ali entre você e quem está te

ouvindo, que é o livro ou o texto, e esse movimento intelectual, esse movimento mental que você faz de decifrar a leitura. Existe um processo de ler em que você precisa decifrar os caracteres escritos. No momento que você decora o texto, você prescinde disso, de ter que decifrar, então é como se você passasse a ter a oportunidade de uma entrega de maneira mais direta à poesia, ao ritmo, à emoção que o texto literário carrega!

Então é bom ouvir, porque a literatura é fruto de um trabalho de criação de um artista, um escritor, um poeta que trabalha justamente com a questão da emoção e da poesia através da beleza da palavra falada.

Então é bom ouvir, porque a literatura é fruto de um trabalho de criação de um artista, um escritor, um poeta que trabalha justamente com a questão da emoção e da poesia através da beleza da palavra falada. Ele trabalhou com aquilo e tentou pôr aquilo ali no texto que você vai trazer na tua voz. O Meschonnic fala que uma das muitas coisas que identificam o texto literário é o fato de ele ter na escrita o oral. Então não é só o Guimarães que faz isso, não! O escritor de literatura traz para aquele tipo de escrita o jeito de falar oral, ali dentro do texto.

Uns escritores têm mais essa especificidade que outros, se ele tem essa especialidade, se ele tem essa manha, vamos dizer assim, ele já é um prato cheio para o contador de estórias ou para o narrador, porque ele já trouxe isso pronto. Aí tem a coisa da pontuação, da disposição do texto na folha, o jeito de como as palavras se encadeiam na frase... O Antonio Candido fala disso naquele texto "O direito à literatura", a maneira, a forma como as palavras se encadeiam é que traz essa beleza e essa poesia. E é uma coisa que é viva!

O poder do texto! Ele é vivo! Ele sempre tem esse poder de te emocionar! Um poema bonito você lê novamente, você se emociona de novo! O autor conseguiu essa façanha de agrupar as palavras de tal maneira que elas veiculam outra coisa e que o contador de estórias traz para a voz. Por isso que é tão bom de ouvir! Não é só o que está escrito

ali, mas o que está escrito daquela forma e que dá acesso a outra coisa.

Eu fico vendo isso lá com os Miguilins, a gente está com eles há 26 anos, já passaram mais de 200 meninos, e tem alguns textos que se repetem, claro, já ouvimos muitos Miguilins falando o mesmo texto, e a gente sempre se emociona de novo a cada nova narração! É muito impressionante isso! O poder do texto! Ele é vivo! Ele sempre tem esse poder de te emocionar! Um poema bonito você lê novamente, você se emociona de novo! O autor conseguiu essa façanha de agrupar as palavras de tal maneira que elas veiculam outra coisa e que o leitor em voz alta que lê ou o contador de estórias que conta de cor trazem para a voz. Por isso que é tão bom de ouvir! Não é só o que está escrito ali, mas o que está escrito daquela forma, com aquele encadeamento de sonoridades e ritmos e que dá acesso a uma outra coisa.

E o futuro do Grupo Miguilim?

Estamos querendo iniciar uma fase em que a gente forme monitores. Estabelecemos que esses monitores teriam que ter sido Miguilins um dia, teriam que ter passado por essa experiência. Moro em Belo Horizonte, a Dôra agora não está aqui, ela está lá em Cordisburgo, e agora que a gente está sem patrocínio – ainda bem que a gente teve essa iniciativa de criar a Associação Miguilim, porque a ideia é isso, poder segurar pelo menos o básico e não deixar o projeto se perder. Porque pagar para trabalhar não dá, né?

O que me segura, no fim das contas, é que o trabalho me dá muito retorno. Não está na minha cabeça parar, porque é tão forte você acompanhar o processo dos meninos, como que essa experiência é marcante para eles! E o fato de eu estar na direção do grupo Miguilim, isso acaba chamando alunos para a minha outra oficina de narração de literatura que tenho dado, aberta a outras pessoas, eu sei que, então, eu tenho esse ganho também, por esse lado. Mas a ideia é que, com a Associação Miguilim, a gente consiga ter mais autonomia no projeto em Cordisburgo.

Você ainda poderia falar um pouco mais da Neuma Cavalcante?

Sabe os textos das autobiografias que os Miguilins falam? Tem autobiografia infantil e autobiografia adulta. A Neuma Cavalcante que montou esses dois textos

especialmente para o Grupo Miguilim falar. Ela recolheu entre trechos de entrevistas de Guimarães, do discurso de posse na Academia de Letras e de correspondências, fez uma montagem com uma autobiografia infantil e uma autobiografia adulta. São lindos os textos! Para publicar teria que pedir autorização, a família liberou esses trechos porque era uma coisa direcionada para os Miguilins usarem, então quando as pessoas nos pedem a gente sempre fala isso. Inclusive quando eles vão apresentar essas autobiografias eles falam o nome da Neuma Cavalcante, professora da Universidade Federal do Ceará.

A Neuma foi uma pessoa superimportante também para as Semanas Rosianas, o evento anual que acontece em Cordisburgo, atraindo pessoas dos mais variados lugares e que neste ano (2023) realiza a sua 35ª edição. Nos primeiros anos, justamente até a criação do grupo Miguilim, esse evento, apesar de acontecer próximo à data de nascimento de Guimarães Rosa e ter sido criado para homenageá-lo, ele não tinha nenhuma programação voltada para a obra em si. Foi com o apoio fundamental da Neuma Cavalcante que o evento foi se transformando. Por amor à causa, ela fazia sistematicamente uma espécie de curadoria, indicando e convidando professores e estudiosos da obra, sugerindo palestras e mesas-redondas e, também, apresentações artísticas inspiradas na obra e capitaneadas pelas narrações do Grupo Miguilim.

E a relação com o Dieter, com a Marily e o Grupo Miguilim?

O Dieter é uma gracinha, sempre apoiou muito o nosso trabalho. A Marily também, de forma especial. Ela nos convidava para dar oficinas lá em São Paulo, nos hospedava na casa dela – sabe aquela casa, cama toda arrumadinha, florzinha no quarto, comidinhas e conversas? – ela era tão encantada com o trabalho da narração de literatura de Guimarães Rosa que ela falava com a gente assim: "Eu acho que o futuro do mundo está na mão dos contadores de estórias de Guimarães Rosa!".

A Marily já tinha tido uma experiência no teatro que parece que não tinha sido tão boa assim. E ela tinha essa questão de marcar uma diferença, que narração era diferente de teatro. Eu sou casada com um ator, nunca me incomodou essa coisa: é teatro, não é teatro, essa coisa que a Marily fazia questão de falar, que narração de estórias não é teatro. Eu gosto de pensar que o contador de estórias de literatura, o narrador, ele é um ator de um personagem, que é o narrador. Porque é uma arte cênica. Você está em cena. Eu conto um trecho para você, não é como se eu estivesse contando

um caso para você na mesa de um bar. É diferente. Assumo uma postura, assim, me coloco de maneira diferente. Então para mim não me incomoda muito isso.

O Dieter, talvez primeiramente inspirado pela Marily, também sempre abraçou a nossa causa, a do Grupo Miguilim. Eu trabalhei, por exemplo, no Morro da Garça durante dez anos com um grupo de contadores de estórias de lá. Eu ia todo mês, era puxado, porque eu ia duas vezes por mês em Cordisburgo, e uma terceira vez por mês eu ia no Morro da Garça, e a partir do momento que o Dieter estava morando lá, que ele se aposentou e mudou para lá, ele fazia questão de me hospedar. E agora ele hospeda o Fábio, que está formando os narradores do grupo de lá. Então ele sempre apoia, ele vai assistir, gosta, conversa com os Miguilins quando os encontra, é uma referência também para os Miguilins quando vão no Morro da Garça – eles sempre vão, agora menos porque está aquele problema político lá na prefeitura, fechou tudo –, mas eles sempre estão presentes nas semanas de arte e cultura, que anteriormente aconteciam duas vezes por ano, eles iam sempre. E aí são super bem recebidos!

O Dieter, mesmo que não possa hospedar os Miguilins em casa, sempre convida para um cafezinho e conversa, sabe aquela pessoa que gosta de conversar com adolescente? Ele é professor, então tem essa facilidade. Ah! Sem falar na Kombi também! Várias viagens em São Paulo, quando ele ainda estava morando lá e não tinha se aposentado, e os Miguilins iam para São Paulo, ele se oferecia para fazer os traslados, era uma superforça. É uma pessoa presente, disponível, que apoia de coração! Você conhece o texto que ele e a Marily escreveram em conjunto, sobre viajar no sertão[6]?

[6] "Dossiê Guimarães Rosa: Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta!" escrito por Marily da Cunha Bezerra e Dieter Heidemann. **Estudos Avançados**. 20 (58), 2006. Disponível em https://www.scielo.br/j/ea/a/fNrhVZnQYwXGdxSzBT5YSvd/?lang=pt Acesso em: 4/5/2023.

Brasinha – Estórias reais dentro da ficção de Rosa

O Brasinha é uma pessoa que adora estórias, adora fuçar as coisas, encontrar o *quem das coisas,* como diz o Rosa lá no "Cara-de-bronze". O Brasinha está sempre procurando, sempre lendo. É isso, é uma procura. Quem procura acha, quem acha continua procurando.

Brasinha[1]

Você encontra muitas estórias aí em Cordisburgo?

Muitíssimas estórias!

Onde é que você encontra essas estórias, Brasinha?

Olha, eu já tenho esse perfil, as pessoas sabem que eu gosto. Contar estória é um prazer imenso! Hoje as pessoas não têm tanto tempo de ouvir as estórias das pessoas! O cotidiano das pessoas é muito, muito movimentado, muito cheio. Então as pessoas vêm e me contam, eu guardo. E eu tenho uma coisa que eu mesmo não acho que é certo, mas é da gente: de não escrever essas estórias e guardá-las apenas na cabeça, mas ao mesmo tempo, estou com 71 anos, então eu acho que a gente precisa escrever. Porque as estórias são contadas, afinal de contas, porque a maioria foi escrita. As pessoas vão lá no espaço que eu tenho, o **Recordança**[2], onde é um celeiro de estórias! Assim: os

[1] José Osvaldo dos Santos (Brasinha), nasceu em Sabará, MG, em 1952. Fez o Fundamental II. Pesquisa o real na obra de Guimarães Rosa procurando lugares, pessoas e casos reais. É um catador de estórias. Entrevista concedida em 26/4/2023 – 8h Cordisburgo – 13h Paris.

[2] Para saber mais sobre a casa onde Brasinha armazena objetos que contam estórias sugerem-se dois vídeos disponíveis no YouTube: "Aqui moram as estórias", https://www.youtube.com/watch?v=-VXM_ek7OM9Y e "Brasinha e o rádio" https://www.youtube.com/watch?v=7Fyt373iRis Acesso em: 27/4/2023.

objetos contam estórias! E as pessoas sabendo disso vão lá porque dá saudade! Quando elas chegam, cada objeto que elas olham dá mais saudade, e aí começam a contar as estórias que eu escuto.

Você tem uma virtude que é a da escuta...

É. Eu fico ouvindo as estórias, e toda a estória mexe com a gente, com o interior da gente. Eu vou passando isso para as pessoas! Eu brinco muito com as pessoas, que elas chegam lá, eu vou contando o que eu ouvi, o que eu sei das pessoas... Como eu te falei, no cotidiano das pessoas tudo é muito rápido, tem que ir ali, tem que resolver isso e tal... E eu tô agora numa fase da vida que as pessoas perguntam o que é que você faz? Eu falo: Deu sede eu bebo, deu sono eu durmo, deu fome eu como! Aí eu começo a contar a estória daquele objeto e aí eu mesmo falo com as pessoas: "Se você ficar aqui vai virar mil e uma noites, porque são muitas estórias..."

Nessa tua casa "Onde moram as estórias" cada objeto que está lá é uma estória viva!

Exatamente isso! São coisas pequenas como um botão de roupa até um violoncelo que um rapaz levou esses dias, feito de maneira artesanal por um luthier, mas é uma estória! O objeto pequeno como um botão pode gerar estórias que dá mil páginas e às vezes o violoncelo, que é um gigante, dá estórias de uma página. Mas tudo é estória!

E a tua relação com a obra do Guimarães Rosa, quando começou?

Começou eu era muito novo, com 20 e poucos anos. Toda vida eu trabalhei no comércio, eu trabalhava numa loja na mesma rua da casa do Guimarães Rosa, perto da estação de trem. Eu estava por ali, chegou um senhor já de bastante idade, seu Zé da Mota. Ele gostava de história universal, ele lia de tudo! Ele me inspirou muito! Uma pessoa fantástica, lia muito, autodidata, e ele foi lendo tanto que ele foi vivendo isso mesmo, passando a ficção para a realidade na cabeça dele. Eu lembro que ele falava: "Olha, os jardins suspensos da Babilônia estão ali por cima das nuvens!". Ele via como se existisse! Era maravilhoso ouvir o seu Zé! Ele me contava muito sobre a história universal.

Eu estava por ali, chegou um senhor já de bastante idade, seu Zé da Mota. Um dia ele falou: "Brasinha, você sabe que aqui em Cordisburgo nasceu um grande escritor, que é o Guimarães Rosa... filho do Florduardo... ele escreveu *Sagarana*...".

Um dia ele falou: "Brasinha, você sabe que aqui em Cordisburgo nasceu um grande escritor, que é o Guimarães Rosa... filho do Florduardo... ele escreveu *Sagarana*...". E eu respondi: "Ah, já ouvi falar, seu Zé! Muito, muito! Claro que eu sei que o Guimarães nasceu aqui". E ele continuou: "Nasceu naquela casa ali!" E apontou uma casa para mim, que é na mesma rua que eu tenho a loja. Ele falou assim: "Olha, e você conhece o Juca Bananeira?" Juca Bananeira é um senhor também fantástico, um velho que brincava com as crianças, fazia gaiola para passarinho e tinha um barzinho em frente à minha loja. Ele falou: "Você conhece o Juca Bananeira?" Eu falei: "Claro! É um grande amigo meu!" José do Espírito Santo Cruz. Nome já sagrado, como diz o Rosa, os nomes são sagrados. Aí ele falou para mim: "Ele é personagem da obra". Seu Zé da Mota!

Seu Zé da Mota e Juca Bananeira abriram as portas para Guimarães Rosa...

Eu não perguntei se ele tinha lido alguma coisa sobre Guimarães Rosa, mas se ele estava falando para mim aquilo... O fato é que a gente não falou da leitura. Então ele falou "Olha, o Juca Bananeira é personagem!" E eu respondi: "Ah, é seu Zé?" Eu lembro que ele saiu. Ele andava descalço com a calça dobrada assim, na canela, eu fiquei olhando aquele homem já velhinho e pensei: "Puxa vida! Esse homem tem muitas estórias!" E ele foi embora. Aquilo ficou na minha cabeça. Daí eu fui procurar o Juca a Bananeira e ele me recebeu de uma maneira maravilhosa, muito roseana! Na hora que eu cheguei, contei para ele a estória ele disse: "Eu estou lá dentro do *Sagarana*". Então eu falei: "Puxa vida! tantos personagens saem do livro, como entram no livro!". Eu comecei a conversar com ele e ele falou: "Lê o Burrinho pedrês.

Daí eu fui procurar o Juca a Bananeira. Eu comecei a conversar com ele e ele falou: "Lê o 'Burrinho pedrês'".

Foi aí que começou a minha paixão pela literatura! Fui ler o "Burrinho pedrês" e encontrei lá um vaqueiro com o nome Juca Bananeira! Isso me impressionou muito! Li o conto, maravilhoso, li uma vez, li duas vezes e fiquei fazendo aquela relação com a idade do seu Juca Bananeira, do Guimarães Rosa, enfim. Pensei bem e voltei lá e falei: "Olha, seu Juca! Eu li, tem lá um vaqueiro..." Querendo saber o porquê daquilo, né? Aí ele falou assim: "Olha, quando eu era menino, meu pai era vizinho da casa do Guimarães Rosa. Eu brincava, pegava passarinho, jogava bola, ficava na rua. O pai do Guimarães Rosa me chamou para eu brincar com ele, ficar com ele, porque o Guimarães Rosa só queria ler revista, celebrar missa, queria outras coisas. E aí eu fiquei muito tempo assim como um pajem, um amigo do Guimarães Rosa, um menino para brincar com ele". E aí o Juca Bananeira conta a estória que o Guimarães Rosa se trancava no quarto, sumia, ninguém achava ele, quando encontravam ele estava dormindo, com uma vela que já tinha queimado tudo, pois ele ficava lendo muito. Ele também falou que o Guimarães sentava e ficava batendo uma varinha no chão! Ele me contou da amizade!

Eu fui achando o real na obra.

Aí quando eu voltei, pensei: nessa ficção que está dentro dessa obra tem muito real! Porque o Juca Bananeira existe, Guimarães fez uma homenagem a um amigo de infância colocando o nome de um dos vaqueiros lá do conto "Burrinho pedrês" de Juca Bananeira. E aí eu fiquei encantado e lendo as cartas – o Guimarães Rosa escreveu várias cartas –, me chegou nas mãos uma carta que ele escreveu para a irmã dele. Ela estava vindo a Cordisburgo, e aí ele escreveu para ela: "Não deixar de ver duas coisas mais bonitas que tem lá em Cordisburgo: a Lapa Nova de Maquiné e o Juca Bananeira". Então comecei com essa coisa, sabe? – Você escuta? Está fazendo um barulho? É um trem, o trem de ferro passando! Passa aqui pertinho, no fundo da minha casa!

Foi assim que eu comecei a procurar o real que tem dentro dessa ficção! E fui encontrando lugares, pessoas e vi que o Guimarães escreve uma ficção, mas sempre baseado no real! Não tem como você fazer uma ficção sem ter o real. E foi aí que tudo começou!

Foi assim que eu comecei a procurar o real que tem dentro dessa ficção! E fui encontrando lugares, pessoas, e vi que o Guimarães escreve uma ficção, mas sempre baseado no real! Não tem como você fazer uma ficção sem ter o real. E foi aí que tudo começou! Eu fui achando o real na obra. Comecei com 20 e poucos anos, me casei com 24 anos, foi um pouquinho antes. E eu sempre lia! Depois veio a Calina e me chamou para o Grupo Miguilim e daí eu fui absorvendo essa literatura e vendo que é uma leitura da alma da gente!

Que estórias você tem para contar da tua amizade com a Calina Guimarães?

Calina Guimarães, enfermeira graduada pela UFMG e médica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde aposentou-se como professora de Obstetrícia. Fonte: https://www.ufmg.br/online/arquivos/001405.shtml

A Calina é prima do Guimarães Rosa, ela estudou e foi professora aqui, depois ela resolveu estudar fora, fez Medicina e foi trabalhar em Juiz de Fora. Ela foi para fora do país, voltou e foi morar em Juiz de Fora. Lá ela exerceu a profissão. Quando se aposentou ela voltou para cá. O pai da Calina é tio do Guimarães Rosa, eles tinham uma fazenda aqui, Fazenda Serandi. Como a Calina morou aqui, vinha da fazenda, então ela voltou para Cordisburgo já aposentada. Ela foi no Museu Guimarães Rosa, viu que o Museu era um museu, mas não tinha aquela vida que ela queria. Eu falava sempre para ela, parece que o Guimarães Rosa te iluminou para isso.

A Calina Guimarães teve a ideia, extraordinária e bela ideia, de chamar as crianças e os jovens para guiar os turistas. Foi ideia dela! Então ela criou a Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e começou a arregimentar as pessoas e as crianças.

Calina visitando o Museu viu que estava muito parado e teve a ideia, extraordinária e bela ideia, de chamar as crianças e os jovens para guiar os turistas. Foi ideia dela! Então ela criou a Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa[3] e começou a arregimentar as pessoas e as crianças. Entre essas crianças do primeiro grupo de contadores ela chamou um dos meus filhos – a gente tem três filhos, o Thiago, o Guilherme e o Miguel –, ela chamou o Guilherme para fazer parte do grupo, junto com o Fábio, a Dayana e outros. E aí o que foi mais encantador para mim, porque ela chamou essas crianças e a Dôra Guimarães – que é sobrinha da Calina, e já era uma narradora de estórias – para preparar essas crianças juntamente com a Calina para que elas narrassem trechos da obra no Museu Casa Guimarães Rosa para os visitantes. Com a Dôra vem a Elisa de Almeida.

A Calina criou um projeto para esses meninos, mas por trás desse projeto havia e ainda há um maravilhoso trabalho social!

[3] Para saber mais visitar o site https://aamcgr.cordisnoticias.com.br/ Acesso em: 7/9/2023.

A casa da Calina era um dos lugares mais interessantes que eu conheci! A casa dela virou o local onde os meninos e as meninas de 10, 11 anos iam, toda reunião era lá. Ela criou o Projeto Miguilim, baseado no personagem da novela "Campo geral", que retrata bem os traços autobiográficos da infância do Guimarães Rosa. Ela criou um projeto para esses meninos, mas por trás desse projeto havia e ainda há um maravilhoso trabalho social! E foi aí que ela me chamou, por essa paixão pela literatura, o meu filho participando, ela me chamou para ajudá-la e eu comecei. Ela me chamava para a casa dela, a gente viajava junto, eu ficava com os meninos. Ela falava assim para mim: "Olha rapaz! Eu sou uma mulher à toa, não tenho nada para fazer, você é um homem que também não tem nada para fazer... Vamos começar!".

Naquela época eu estava com a loja, mas a minha esposa, a Darci, com muita paciência, ela continuou na loja como ela está até hoje. E eu comecei no Grupo Miguilim. A Calina falou: "Preciso de um pai de um dos meninos para me acompanhar". Eu comecei a frequentar também a casa da Calina. E aí virou! Os meninos começaram no projeto Miguilim, um projeto maravilhoso! Desde 1996, já faz 25 anos, já passaram mais de 200 meninos e meninas, e essa estória agora está publicada num livro[4], com as estórias de todos os Miguilins. Esse projeto foi maravilhoso porque ela ensinava tudo, tudo, desde como se sentar à mesa, como receber as pessoas.

Tem muitas estórias tuas com a Calina Guimarães...

Teve um dia que eu cheguei na casa dela – porque a casa dela virou uma coisa assim, que a porta e o portão estavam sempre abertos, os meninos chegavam e saíam, e viraram parte disso. Teve um dia eu cheguei lá e um dos meninos estava saindo assim, com a cara ruim, eu vi que ele não estava bem. Eu entrei, cumprimentei um dos meninos que estava lá, meninos com 12 ou 13 anos. E então a Calina falou para mim sobre aquele menino que estava saindo: ia ter uma viagem – porque eles começaram a viajar o Brasil inteiro! Começaram a viajar de avião, viajar, você pensa, de uma cidadezinha como Cordisburgo eles saírem para o mundo? Realmente era como o Miguilim de "Campo geral", que tinha vontade de ver do outro lado do morro, que é que é o mundo – e aí eu

[4] Trata-se de material distribuído gratuitamente, o catálogo *Grupo de Contadores de Estórias Miguilim – 25 Anos – Narrar é resistir,* lançado em 17/3/2023, conforme consta em https://z-p42.www.instagram.com/p/CpvW5ALunSn/ Acesso em: 2/5/2023.

entrei e ela estava lá, lembro que ela estava tomando café e naturalmente ela falou para mim: "Olha eu estou ensinando – e disse o nome do menino que tinha saído – ele ia viajar, mas eu falei para ele que não vai mais, vai outro no lugar dele". Eu fiquei olhando para ela e então ela continuou: "Eu ensino para eles que a vida não é só alegria, que eles vão ter decepção. Às vezes você quer muito uma coisa, quando você chega no outro dia é outra: você não pode mais!" Era isso que ela ensinava também. E ela ia na escola, cobrava nota dos meninos, acompanhava os professores, ia na casa conversar com os pais.

Os Miguilins começaram a viajar o Brasil inteiro! Começaram a viajar de avião, viajar, você pensa, de uma cidadezinha como Cordisburgo eles saírem para o mundo? Realmente era como o Miguilim de "Campo geral", que tinha vontade de ver do outro lado do morro, o que é que é o mundo.

Um dia, uma das coisas mais bonitas que a Calina me falou, eu sentado com ela assim conversando – ela vinha muito na minha casa, virou uma amiga inseparável –, e ela falou para mim: "Olha, Brasinha, eu estou ensinando esses meninos a levar a literatura do Guimarães Rosa para dentro da casa eles: eles perguntam à avó, perguntam ao avô, perguntam ao pai, o que é uma palavra que eles não sabem..." Eu lembro que uma das contadoras de estória, a Dayana, um dia ela me contou que chegou em casa e perguntou à avó dela o que é que era tutameia, porque ela estava preparando um texto do livro *Tutaméia,* e a avó dela falou: "Ih, minha filha, tutameia é coisa pouca". E aí a Dayana lembrou que ela era pequena e que a avó dela falava assim: "Vai comprar carne, mas não compra aquela tutameia, não, que carne aqui tem que ser muito!" Eu fiquei encantado com aquilo!

Um dia também a mesma Dayana me falou que quando eles vestem aquela camiseta do Grupo Miguilim, que tem o bordado e o escrito, é como quando o doutor Zé Lourenço colocou os óculos no Miguilim para ele ver o mundo! Isso para mim definiu tudo o que que é o grupo Miguilim que a Calina criou! Eu fiquei encantado com isso!

A Mércia disse para a irmã: "Olha, fica triste não! Entra no grupo Miguilim, você vai ver que todo mundo lá, que nós todos somos irmãos!"

Outra é a Mércia, hoje ela está no Espírito Santo, ou seja, todos eles foram para a universidade, todos se formaram! É maravilhoso o projeto! E a Mércia um dia falou para mim que quando ela passou no vestibular e foi estudar na universidade de Diamantina, a irmã dela ficou muito triste, porque elas estavam acostumadas as duas juntas, e a irmã mais nova ia ficar em Cordisburgo. E aí foi uma coisa maravilhosa que ela falou para a irmã: "Olha, fica triste não! Entra no grupo Miguilim, você vai ver que todo mundo lá, que nós todos somos irmãos!" Isso para mim, porque eu sei do outro lado da estória, e um dia a Calina brincou comigo: "Você gosta de saber do outro lado né, Brasinha?" Eu fiquei assim... E ela falou: "Porque você conheceu os vaqueiros que viajaram com o Guimarães Rosa e você sabe do outro lado da caderneta". Ou seja, eu sei as estórias do lado dos vaqueiros que não anotavam nada, mas usaram a oralidade para falar quem era o Rosa na viagem da Boiada. Quando o Manuelzão falava que era pena eles não terem uma caderneta também para anotar o que o Rosa falava com eles, eu quero dizer que a oralidade é mágica aqui no sertão. Se os vaqueiros não tinham as cadernetas e passaram esta oralidade para mim, eu passo para outras pessoas que escrevem deixando tudo registrado.

Foi isso, a Calina foi o pedestal disso tudo! Com ela veio a Dôra Guimarães, que é excelente, a Elisa Almeida, são pessoas importantíssimas nesse projeto, de preparar os meninos, e agora o Fábio Barbosa também está tomando conta!

Foi isso, a Calina foi o pedestal disso tudo! Com ela veio a Dôra Guimarães, que é excelente, a Elisa Almeida, são pessoas importantíssimas nesse projeto, de preparar os meninos, e agora o Fábio Barbosa também está tomando conta! Isso é bonito! Os Miguilins estão substituindo! E a Calina foi quem começou tudo!

Eu fico pensando que a Calina visualizou o poder da literatura na vida das pessoas e inclusive na vida das crianças e dos jovens de Cordisburgo...

Exatamente! O Fábio é um grande amigo, e ele sempre fala isso, porque ele foi da época da Calina, e o grupo hoje, às vezes eles fazem uma coisa, reclamam, isso e aquilo e ele fala: "Isso porque vocês não conheceram a Calina!" Aqueles ensinamentos não saem da cabeça deles!

O meu filho Guilherme certa vez disse num congresso de Medicina: "Olha, quase tudo o que eu aprendi na minha vida foi no Grupo Miguilim!" Quando ele falou isso eu lembrei: foi tudo da Calina!

O meu filho Guilherme fez Medicina, é cirurgião vascular, professor na Escola de Medicina da UFMG, e quando ele estava estudando teve um congresso de médicos em Belo Horizonte, e tinha muitos médicos, uns 300 ou 400. E tinha um médico lá que perguntava o que poderia ser feito para ajudar as pessoas – ele faleceu há pouco, uma pessoa muito do coração da gente –, e ele disse que a mulher dele falou: "Olha eu conheço um dos projetos que é um dos mais bonitos no mundo, que é o Projeto Miguilim, de Cordisburgo. Por que você não convida os meninos para vir aqui?" E o médico foi conversar, sabia que o Guilherme era daqui e então ele falou: "Eu fui um Miguilim!" Aí ele ficou encantado e pediu que o Guilherme – foi uma coisa muito emocionante para mim, principalmente para mim como pai, porque como pai é uma coisa! Se você contar como pai de um Miguilim, é muito diferente – e aí eu fui para o congresso. E o Guilherme falou: "Oh, pai, vem, traz os meninos!" Aí eu levei os meninos lá no Congresso dos médicos. Quando chegou no Congresso, era um negócio muito bacana, esse professor passou a cerimônia, o chefe de cerimonial todo passou para o Guilherme! Botou o microfone na mão do Guilherme! Guilherme muito novo, e eu como como pai você fica, né? Mas ele pegou o microfone para apresentar os Miguilins e falou assim: "Olha, quase tudo o que eu aprendi na minha vida foi no grupo Miguilim!" Quando ele falou isso eu lembrei: foi tudo da Calina!

E a Calina, em vários lugares ela não ia, ela falava para eu ir, porque ela não queria ficar o tempo todo junto deles. Ela dizia: "Se eu for é uma coisa, eles têm que

aprender a ir sozinhos!" Tem uma frase muito bonita do Rosa que diz: "Deus nos dá as coisas e as pessoas para aprendermos a ser alegres e depois tira as pessoas e as coisas para sermos alegres sozinhos!" Aí o Guilherme começou a falar que ele aprendeu quase tudo, desde entrar e sair dos lugares, tudo no Grupo Miguilim. Eu fiquei encantado com aquilo tudo! E todo mundo ali no congresso também ficou muito encantado com aquilo!

Uma vez a gente foi para Belo Horizonte, tinha um evento muito interessante com o governador do estado, o Itamar Franco, de Juiz de Fora, conterrâneo da Calina. Na última hora ela não foi, e eu fui com os meninos. A primeira coisa que ele me perguntou: "E a doutora Calina?" Respondi que ela não tinha vindo, e ele disse: "Ela poderia ter vindo". Aí começou, os meninos contaram, e ali eu percebi por que a Calina fazia aquilo. Ela dizia que poderia ir e entrar, ela morou fora do Brasil, enfim uma pessoa preparada. E ela falou assim: "Olha esse mundo que o Guimarães Rosa retratou, que usou na inspiração dele, para retratar a literatura dele, os meninos têm que aprender! Tem que ser substituído!" Como está acontecendo agora, né? Então é muito encantador essa coisa de ser pai, é muito interessante!

O que é que é o sentimento de pai...

Eu lembro uma estória muito interessante, o que é que é o sentimento de pai. Quando o Guilherme saiu do Grupo Miguilim e foi para a universidade, eu fui com a Darci, a minha esposa, nós fomos num evento que tinha um Miguilim que ia narrar o texto do Guilherme. Porque ficou assim, o retrato do contador de estória: o Guilherme é o que narra a "Miopia do Miguilim"; o Fábio é aquele que narra "O pacto"; o Zé Maria narra outro trecho; a Dayana é a que narra a "A terceira margem do rio." A gente via eles assim! E aí, quando um dos meninos narrou, a Darci, a hora que ele terminou, muito emocionada ela falou: "Mas o Guilherme narrava mais bonito!" É assim! Isso é coisa de mãe, de pai! Depois ela mesma assustou e falou: "Mas a gente não é dono do conto, né? O Guilherme não é dono da literatura do Miguilim!" Isso me encantou! É um encantamento como pai! Eu acho até que deveria ter um livro, um documentário, sobre os pais dos meninos!

Agora quando foi lançar o livro sobre a vida dos Miguilins, falou uma Miguilim que casou e agora a filha é Miguilim, e ela falou da Calina. Esse contar das estórias, né? Os pais dela, a mãe dela teve ela como Miguilim e hoje ela já tem uma filha que é Miguilim. Tem uma irmã do Fábio que a filha é Miguilim. Ou seja, temos Miguilins que são pais de Miguilins. Isso tudo nasceu da Calina, ela que teve essa grande ideia, que eu acho que não vai acabar, porque todo mundo entrou: a Calina com a ideia de ter a Dôra Guimarães, que por sua vez teve a ideia de convidar a Elisa, e agora tem o Fábio. O Fábio tem uma ideia que pode ter outro Miguilim! O filho do Fábio já começa a narrar também.

Os Miguilins são os arautos do Rosa, aqueles que anunciam uma literatura.

Os Miguilins são os arautos do Rosa, aqueles que anunciam uma literatura. Você imagina – eu não sei como seria, a gente desconfia de muita coisa, mas sabe de quase nada – mas eu imagino que o Rosa, onde ele estiver, ou se ele estivesse vendo um projeto desses... Eu estava lendo um dia desses sobre um comentário do Guimarães Rosa, ele estava num evento literário ou sobre diplomacia e as pessoas perguntando alguma coisa para ele. Ele vira para um amigo dele e fala assim: "Olha eu não quero saber de nada, eu quero saber é do sentido da vida!" É isso que a gente procura, o sentido da vida! A gente está aqui para que, né? A gente vai descobrindo para que que as pessoas estão aqui, né? Eu imagino que o Rosa vendo o projeto Miguilim, acho que onde ele estiver está muito alegre!

É um projeto educativo e formativo para esses meninos e meninas numa fase em que às vezes têm dificuldades, nessa passagem pela adolescência, mas no projeto eles encontram a literatura, que dá um suporte, uma orientação. Fora do lar, mas em paralelo...

Eu tenho várias experiências como pai. Um dia desses eu estava conversando com meu filho e ele disse: "Ainda bem que você lembra, pai!" Meus três filhos foram para a Medicina, e esse, o Thiago, o mais velho, é nefrologista. Eu lembro que ele entrou na faculdade muito novo, formou e veio fazer um estágio aqui em Cordisburgo. Todos eles quiseram vir para cá fazer a residência. Ele estava no hospital. E como eu tenho um

projeto, o grupo Caminhos do sertão[5], que faz caminhadas ecoliterárias, mostrando a obra de Guimarães Rosa para as crianças, para as escolas, e naquele dia uma escola veio visitar a Gruta do Maquiné e o Museu, e a gente foi. Eu estava junto com Dayana, o Zé Maria, o Fábio, que faziam parte do grupo. Aí uma criança dessa escola passou mal. Você sabe o que é que é ser professora com 40 alunos, vindos lá de Belo Horizonte, de longe, é muita responsabilidade! Então eu fui levar essa criança no hospital. E foi muito interessante porque fomos, e quando chegou lá era o Thiago, meu filho, que estava de plantão! Eu nem sabia!

Meu filho fazia plantão aqui certos dias na semana, e nesse dia era um dia dele. Depois ele voltava para Belo Horizonte. Quando ele abriu a porta do consultório, me viu, perguntou o que havia. Expliquei que trazia uma menina e tal. "É já que eu vou atender!" E assim ele atendeu a menina, chamou a professora que estava junto, eu fui também. Ele veio com a receita e falou: "Ela vai ter que tomar essa injeção!" Eu olhei, assim e falei: "Thiago, ela vai mesmo ter que tomar essa injeção?" É a coisa do pai! Ele olhou para mim, assim: "Tem pai..." Ele sempre foi muito paciente! "Tem que tomar, pai! A injeção é melhor, faz efeito mais rápido e tal." Depois, passado o susto, eu fiquei pensando e assim ele falou: "Oh, pai! Eu fiquei dez anos estudando, sou formado..."

Mas é isso, foi o que eu disse para ele: tem coisa que você só vai entender quando for pai. Eu acho que naquela hora ele entendeu. Hoje ele é pai. Às vezes eles pediam para ir a uma festa ou num lugar. A gente pensa em proibir, quer explicar o porquê de não ir, que não convém e tal. Você quer que eles vão, mas é duro para gente falar: "Você não vai!" Aí eu falava: "Vocês vão ter filhos, vocês vão entender". Essa coisa de pai a gente só entende quando é pai. É isso, como falou a Darci, minha esposa: o Guilherme narra muito bem, muito bonito! Ela não falou que o outro narrou feio, mas, para ela, como mãe, a narração do filho é a mais bonita, né? Você vê no próprio conto do Miguilim, a mãe com ele, ele entendendo a mãe e a mãe entendendo ele.

Hoje todos os meninos que participaram do Miguilim sabem se virar!

[5] "Grupo artístico nascido nas veredas da terra natal do escritor João Guimarães Rosa. Dedicado a desvendar maiores perguntas sobre a obra do escritor." Disponível em https://www.instagram.com/caminhos_do_sertao/ Acesso em: 7/9/2023.

Então o Projeto Miguilim, da Calina, tem tudo isso por trás. Hoje todos os meninos que participaram do Miguilim sabem se virar! Todos eles foram estudar. A Calina fez outra coisa: ela tinha um apartamento em Belo Horizonte que ela deixou por conta dos Miguilins que fossem estudar em Belo Horizonte, pelo menos nessa parte os pais não teriam despesa, porque é duro, eu sei, eu tive essa experiência. Eu tenho uma loja pequena aqui, e com ela eu estudei os três filhos lá em Belo Horizonte. Um dos meus filhos até morou lá nesse apartamento dela. E o apartamento ficava por conta dos Miguilins que queriam fazer cursinho, vestibular, a universidade.

Depois que a Calina faleceu foi um Miguilim que comprou esse apartamento. Hoje ele mora na França, se chama Felipe, uma pessoa adorável, geólogo, muito amigo dos meus filhos, mora numa cidade na divisa da França com a Suíça, é um apaixonado pela literatura do Guimarães Rosa. Um dia desses ele mandou para mim essa coisa da inteligência artificial, ele perguntou onde é que é a Jijujã, a fazenda que está lá na literatura do Rosa, no *Grande sertão: veredas*. Aí eu brinco com ele, e então, a inteligência artificial sabe? "Não, não sabe, não é assim!" Felipe foi primeiro morar nos Estados Unidos, e agora ele mora na França, tem filhos gêmeos, está esperando os meninos ficarem maior para eles virem para cá.

Para você ver: o projeto da casa da Dôra aqui em Cordisburgo foi feito todo por uma Miguilim que formou em Engenharia. Toda vez que eu passo lá não tem como eu não lembrar da Calina. Outro Miguilim é dentista, outro é professor! Para a gente é encantador esse projeto. Se você visse o respeito que os pais têm por esse projeto! Quantos e quantos pais falam, olha, eu queria que meu filho fosse Miguilim!

Uma vez fui num baile, aquelas festinhas de desfile, os meninos desfilando, aí perguntam o nome, idade, para qual time que torce e para uma das meninas que estava na passarela perguntaram o que ela queria ser quando ela crescesse. Ela falou: "Miguilim!"

A Calina falava assim: "Contar estória é uma desculpa para que esses meninos passem uma adolescência feliz!"

Isso é uma coisa que a gente tem que pensar, que é uma coisa muito simples, entre aspas, claro, é uma coisa assim muito à vontade, uma coisa que nasceu sem

patrocínio, só com a vontade mesmo. E não tem como não dar certo! A Calina sempre solteira a vida inteira, nunca se casou, mas ela entendia isso da família, de como um pai deveria ficar alegre de ter um filho dele no Miguilim. Ela falava assim: "Contar estória é uma desculpa para que esses meninos passem uma adolescência feliz!" A Calina viajava para São Paulo levando crianças de 12, 13 anos de idade! E o mais bonito que eu achava é que para todo lugar que a gente ia as pessoas amigas começaram a acolher os meninos dentro de casa: em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, todos os lugares. Porque se fala, por exemplo, os meninos Miguilim vão aí para a França querem ir para Paris, você vai acolhê-los com carinho como se fossem filhos, né?

E esse projeto que você coordena, o grupo Caminhos do sertão, quando nasceu, como ele acontece?

A culpada foi a Calina também! Quando os meninos inteiram 18 anos, eles vão estudar fora e saem do grupo. Eu lembro que saíram a Dayana, o Fábio, o Zé Maria, que já faleceu, a Mércia, o Felipe, um grupo grande. E eles chegaram e falaram: "A gente queria continuar contando estória, Brasinha!" E aí uma grande amiga nossa, sempre citada em qualquer roda de conversa sobre o Guimarães Rosa, o nome dela é Marily Bezerra – uma grande pessoa, cineasta, ela dizia: "Você é um irmão que eu não tenho!" Ela era uma pessoa encantadora – e um dia ela veio para a Semana Roseana e a gente conversando e tal, a Marily e a Ernestina, Ernestina era professora de Português aqui em Cordisburgo, e aí nós juntos, eu falei com o Fábio, com o Zé Maria: "Vamos mostrar os lugares reais que o Guimarães se inspirou para escrever?"

Vamos mostrar os lugares reais que o Guimarães se inspirou para escrever?

Começamos a passear na rua com as pessoas que vinham, com os visitantes, um grupo de 15, 20 pessoas. E aí narrávamos um conto do Miguilim lá numa estória que Guimarães Rosa contou que a gente sabe que ele está falando daquele lugar. A Marily mais a Ernestina falaram: "Por que você não cria um caminho, uma caminhada mesmo?" E aí veio a ideia, uai! Começamos com o Fábio, eu e um grupo de sete a oito pessoas, começamos a caminhar nos lugares reais que o Guimarães se inspirou para fazer a ficção.

Quando a gente fez isso foi muito interessante, porque tem o outro lado, né? Tem o lado de pai, que eu te falei, e tem o lado da Calina, como uma mãezona desses Miguilins. E quando a gente criou o grupo, fizemos uma camisa, fizemos tudo, e a Calina ficou brava – dei a ela toda a razão e depois nós ríamos muito disso: "Por que vocês estão fazendo isso? Vocês não podem fazer isso, porque já existe um grupo, o Miguilim!" Ela achava que a gente estava fazendo outro grupo. Aí uma amiga dela, hoje ela está no Ceará, a Neuma Cavalcante, conversou com ela, e eu falei: "Calina, os Miguilins são crianças que contam, narram dentro do Museu Casa Guimarães Rosa e a gente está falando do sertão que o Guimarães Rosa fez, saindo de dentro daquela casa, a gente vai contar fora, a gente jamais vai contar lá na casa. O projeto nosso é ir para o campo. Então fica a casa de Guimarães com os Miguilins, e como o sertão é do tamanho do mundo é preciso de ter alguém para contar para o sertão afora!" Ela ficou meio assim e nós seguimos. Depois, quando a gente já estava lá no quinto ano, ela me falou: "O mesmo medo que você teve do seu filho aplicar uma injeção naquela menina, isso é coisa de pai, Brasinha". E aquela reação dela era uma reação de mãe dos Miguilins, né? Depois ela começou a ajudar a gente. Eu lembro que a gente estava fazendo caminhada numa fazenda, tinha um almoço lá na fazenda, Calina pegou os pratos, ajudou em tudo, e aí ela abraçou o projeto do grupo Caminhos do sertão.

Hoje a gente faz caminhadas para todos os lugares, vai para São Paulo, vai para todo lugar que convidam! A gente vai levando esse sertão do Guimarães.

Você começou o grupo Caminhos do sertão em que ano, Brasinha?

Em 1998. O Miguilim começou em 1995 ou 1996, por aí, os meninos entravam com 13, 14 anos, e com mais quatro anos eles saíam. Então a gente começou e eles continuaram. A gente começou o grupo Caminhos do sertão com os Miguilins que deixaram o grupo: Dayana, Fábio, Zé Maria e Mércia, às vezes eles ainda viajavam com os Miguilins que continuaram no grupo, porque eles tinham textos a ser narrados que os outros não tinham, depois ficaram exclusivamente por conta do grupo Caminhos do sertão.

A gente tem feito isso Brasil afora, aqui na cidade, e é encantador você levar 150 ou 200 pessoas para esse mundo, né? Para uma fazenda, um lugar onde eles vão narrando a estória desse caminho.

Tem um amigo da gente que é o Di Souza, ele é músico. E ele começou a ler e percebeu que havia musicalidade na literatura do Rosa! Isso é maravilhoso! Ele compõe, é um músico, e a gente fala para ele: "Olha, Di Souza, você é uma pessoa iluminada, porque você olha a obra com música. Porque tem a musicalidade na obra e você põe isso para fora!" Esses dias a gente está reunindo, planejando a Semana Roseana, tem a caminhada, e aí ele tocou uma música que ele compôs quando ele leu "Entremeio com o vaqueiro Mariano." Foi uma coisa maravilhosa!

Então nessa caminhada eu vou falando, fazendo um resumo do que vai acontecer, do texto que eles vão narrar, e tem a música, e depois a narração. Virou um evento maravilhoso com o grupo Caminhos do sertão.

Então nessa caminhada eu vou falando, fazendo um resumo do que vai acontecer, do texto que eles vão narrar, e tem a música, e depois a narração. Virou um evento maravilhoso com o grupo Caminhos do sertão. Quando vai começar a caminhada eu sempre falo para os visitantes: todos eles foram Miguilins, exceto o músico Di Souza. Mas o Di Souza trouxe para o grupo outra inovação, como eu vejo vários, estou falando dele porque está no nosso grupo, mas você imagina o que é que é uma pessoa que está aqui, também conterrânea do Rosa, conhece esse mundo todo do sertão e ele compor as músicas inspirado por tudo isso!

Guimarães Rosa fez uma leitura da alma do homem do sertão, do interior, da alma humana como um todo, e botou na literatura! Isso foi para o mundo, ficou universal!

O grupo Caminhos do sertão busca mostrar o real que tem dentro dessa ficção, num caminho qualquer que seja. Já fizemos lá no Ibirapuera, em São Paulo, perto de Brasília, a gente anda pelo mundo levando a obra do Guimarães Rosa. Eu sempre vou frisar isso: a obra do Guimarães Rosa, o que é que ele fez? Ele fez uma viagem, ele fez um caminho também!

O Viator, né?

Isso! E nisso ele fez uma leitura da alma do homem do sertão, do interior, da alma humana como um todo e botou na literatura! Isso foi para o mundo, ficou universal!

Tem estórias para contar da presença do Dieter e da Marily aí em Cordisburgo, nessa relação com a obra do João Guimarães Rosa?

A Marily apareceu por aqui quando eles fizeram um caminho pelo sertão. Ela foi uma grande cineasta, uma pessoa de uma alma muito boa, junto com o Dieter também. Ela veio para cá, a gente ficou conhecendo, e ela foi viajando caminho afora. A coisa dela era igual a eu, e Dieter sempre falava que eu e a Marily tínhamos as mesmas ideias, tudo assim na mesma hora que falávamos tudo já virava um projeto. Aí o Dieter, como geógrafo, uma pessoa muito, muito sábia mesmo, sabe bem de literatura, e a Marily fez um filme, uma das coisas mais lindas que já vi.

A Marily tinha isso do real dentro da ficção, nisso a gente se identificou muito, ficamos irmanados por isso. E o Dieter tinha uma pesquisa maravilhosa! Toda pessoa que está estudando Geografia procura o Dieter. Ele fez o caminho geográfico com tudo da literatura do Rosa, mas mostrando que geografia é essa, que matéria é essa, a geografia mesmo das árvores, dos rios, dos campos, veredas, das pessoas. Ele sabe muito de geografia. Uma vez ele falou: "O *Grande sertão: veredas* é uma geografia pura! É um caminho! Você vai e lê "O recado do morro", lá tem geografia".

Certa vez o Dieter trouxe um grupo de alemães, amigos dele, foram visitar o Museu e ouviram os Miguilins narrando um trecho, claro que em português, e os alemães ficaram emocionados! Quase nenhum entendia bem o português, mas é a coisa da alma! Eu tenho umas estórias fantásticas com o Dieter! Quando eu juntava com a Marily, que a gente ia imaginar coisas, e coisas e coisas, e ela falava assim: "Ainda bem que tem você, Dieter, para poder ir abrandando!"

O Dieter puxava você e a Marily para o chão...

Isso! Eu lembro que uma vez a gente foi para Andrequicé, porque a gente estava fazendo o caminho que o Guimarães Rosa fez, as fazendas por onde ele passou, e o Dieter com um grupo de pessoas da Geografia, muita gente, ele era o professor ali, um grande professor, e aí a gente chegou em Andrequicé e a Marily teve uma indisposição

lá e ela não foi com a gente numa vereda. Nós todos saímos no ônibus e a Marily ficou descansando, ficou esperando. Quando a gente chegou, bem mais tarde, nós fomos descendo, a Marily já veio de lá e falou assim: "Brasinha eu já tive uma ideia de um projeto!" O Dieter na hora falou: "Ela sarou, não tem mais nada!"

A paixão de um pelo outro – Dieter pela Marily – era uma coisa maravilhosa! Os dois se davam muito bem.

A paixão de um pelo outro era uma coisa maravilhosa! Os dois se davam muito bem, tanto é que eles compraram uma casa no Morro da Garça, o Dieter mora lá, tem um programa de rádio no domingo, uma pessoa extremamente educada! Uma vez eles apresentaram um teatro aqui, uma peça sobre "O recado do morro", e o Dieter fez o papel do senhor Olquiste, o alemão. Um dia conversando com ele eu disse: "Ô Dieter, todo mundo acha que você fez o papel do alemão, mas eu tô te achando muito parecido com o Guimarães Rosa!" Aí ele falou para mim assim: "Parecido com o Guimarães Rosa?" E ele deu aquela risada dele! E eu falei: "Sabe por que Dieter? Os seus atos, a gente está conversando e falando de coisas, a gente vai falando, falando, porque tem as cores na obra do Guimarães Rosa, tem o berro do boi e tal e você começa a rir! Você dá uma risada!" Porque eu não esqueço que o Guimarães Rosa – as pessoas que conviviam com ele falavam isso – que as pessoas conversando e ele tinha essa mania, ele começava a rir! Ele até pôs lá no *Grande sertão: veredas*: "O senhor dá certas risadas!" O Riobaldo sempre falava isso para o doutor. Aí o Dieter riu muito, que eu falava assim, você dá uma certa risada, pensando assim: "Não tem nada disso que o povo tá falando!"

O Dieter e a Marily trouxeram para o sertão – eu estou falando fisicamente – essa coisa da literatura, foram as primeiras pessoas que começaram a desbravar esse sertão afora, do Morro da Garça até chegar lá no Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Aqui na cidade as pessoas começaram a entender que a literatura do Guimarães Rosa retrata o cotidiano deles, o Dieter e a Marily foram pioneiros nisso aí!

O Dieter é aquilo você falou, pé no chão! Claro, não vamos falar que os outros não têm o pé no chão, mas é nesse sentido mesmo, de ser uma grande pessoa. Ele e a Marily trouxeram para o sertão – eu estou falando fisicamente – essa coisa da literatura, foram as primeiras pessoas que começaram a desbravar esse sertão afora, do Morro da Garça até chegar lá no Parque Nacional Grande Sertão Veredas[6]. Aqui na cidade as pessoas começaram a entender que a literatura do Guimarães Rosa retrata o cotidiano deles, o Dieter e a Marily foram pioneiros nisso aí! A Marily com essa coisa do cinema, com essa coisa – que também é minha – de procurar *o quem das coisas*, de procurar a beleza, e o Dieter com o real, a dureza do sertão, com os caminhos e com as pessoas. Os dois são pessoas importantíssimas dentro dessa coisa de trazer a literatura para as pessoas daqui da região.

Como é a tua relação com a Roda de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP?

Eu vejo a Roda de Leitura, quando começou com a Rosa e o grupo todo, eu vejo como uma roda mesmo, rodando no caminho! É um caminho que as pessoas fazem, a partir dali, para entender a literatura não só do Rosa, mas a literatura em geral. Porque as pessoas começam a sair para o mundo.

É um caminho que as pessoas fazem, a partir dali, para entender a literatura não só do Rosa, mas a literatura em geral. Porque as pessoas começam a sair para o mundo. É uma roda que leva as pessoas, literalmente uma roda que vai numa estrada levando as pessoas para um caminho que nem a gente sabe aonde a gente quer chegar!

Como eu falei certa vez, quando eu li *Cem anos de solidão* eu fiquei querendo ir para Macondo. Quando eu li *A montanha mágica* eu fiquei querendo ir para aquele sanatório! É uma roda que leva as pessoas, literalmente uma roda que vai numa estrada levando as pessoas para um caminho que nem a gente sabe aonde a gente quer chegar! Como Guimarães falou, o que vale são os livros, o escritor não vale nada. O escritor é

[6] Informações em https://www.wikiparques.org/wiki/Parque_Nacional_Grande_Sert%C3%A3o_Veredas Acesso em: 7/9/2023.

um ser a serviço de um ser que ele nem sabe. Eu enxergo essa Roda de Leitura assim. A Rosa Haruco sempre me convida para participar, mas eu tenho uma coisa que me rege, que é a minha liberdade! A Rosa entende isso: se o Brasinha tiver vontade ele aparece, se ele não tiver vontade ele não vai aparecer! Então a Roda de Leitura é uma roda que vai rodando, e mostrando para as pessoas o que é que é a literatura, o quanto faz bem uma literatura.

E dentro desse "bem" que você menciona, a Roda de Leitura coloca em contato todas as pessoas e seus projetos: o Grupo Miguilim, o Museu Casa Guimarães Rosa, o grupo Caminhos do sertão e tantas outras atividades que se alimentam, divulgam e fazem da literatura de Guimarães Rosa algo vivo e pulsante! Tem a coordenação da Rosa Haruco Tane, da Regina Pereira, da Linda Y. Rivitti...

A Rosa Haruco, hoje, tudo isso está com ela. Um dia eu falei isso e ela disse: "Mas está com você também, Brasinha!" Sim, são várias pessoas, mas a Rosa é a pessoa que bota uma ordem na coisa. A Rosa tem muita consciência de como as coisas têm que ser feitas. Eu, por exemplo, tenho uma dificuldade imensa de arrumar documentos para mandar. Uma vez eu fui fazer – a única coisa que eu tenho escrito num livro que se chama *Minas, estado de espírito*[7] – e eles foram conversar comigo para eu escrever o prefácio. São cinco estórias contadas por grandes escritores mineiros da atualidade. Eu escrevi o que eu achava do livro e mandei. A pessoa da editora olhou e falou para mim: "Olha, Brasinha, nós lemos teu texto, depois você manda as correções..." Eu na hora disse: "Não! Do jeito que eu escrevi vocês ponham aí, vocês é que são os donos do texto agora!" Ela falou: "Mas não é assim, Brasinha!" Eu falei: "Não é assim para vocês, os acadêmicos..." E ela riu muito e ficou do jeito que eu escrevi...

[7] Sinopse: "O livro reúne fotografias de José Caldas e textos inéditos de cinco premiados escritores mineiros contemporâneos – Carlos de Brito e Mello, Christiane Tassis, Ana Maria Gonçalves, Murilo Carvalho e Luiz Ruffato –, mostrando a força atual da literatura mineira. O resultado é uma composição rica de visões particulares sobre a identidade mineira, uma obra que oferece, além de um bom dedo de prosa, um olhar profundo e nem sempre convencional sobre esse estado tão importante para a formação cultural do país. Prefácio de Brasinha e apresentação de Milton Nascimento". Disponível em https://www.editoraolhares.com.br/produto/minas-estado-de-espirito/ Acesso em: 2/5/2023.

A Roda de Leitura é uma engrenagem criada para encaixar na roda do sertão e que vira isso, vira literatura. E que se dá todo mundo muito bem!

Eu agora estou lendo, estou muito focado no "Julgamento do Zé Bebelo", do *Grande sertão: veredas.* E tem uma coisa interessante que eu falo, isso das coisas, das pessoas, porque tem um trecho aqui que fala assim: "Adianta querer saber muita coisa? O senhor sabia, lá para cima – me disseram. Mas, de repente, chegou neste sertão, viu tudo diverso diferente, o que nunca tinha visto. Sabença aprendida não adiantou para nada... Serviu algum?[8]" (*Rindo*). Eu acho que é isso, sabe? Você respeita, como diz o Riobaldo, a sabença do outro, do doutor, claro, mas isso tem que se juntar à sabença das pessoas. Esses que são os doutores, os acadêmicos, eles sabem disso! Eles têm a consciência disso, porque se eles não tivessem a consciência disso não tinha aparecido um *Grande sertão: veredas*, não tinha aparecido *A montanha mágica*, não tinha aparecido *Cem anos de solidão*. Eu estou lendo um livro agora que é *A queda do céu*, do Davi Kopenawa. Poxa vida, aquilo é maravilhoso! É isso, é a junção. Por isso eu falo que é uma roda, que encaixa na outra e que faz isso tudo rodar, é uma engrenagem. É isso aí! A Roda de Leitura é uma engrenagem criada para encaixar na roda do sertão e que vira isso, vira literatura. E que se dá todo mundo muito bem!

Para fechar, quero deixar aquela frase do *Grande sertão: veredas*, que resume isso tudo: "O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando[9]". É isso que faz isso tudo acontecer, eu não tenho que corrigir nada de ninguém.

[8] João Guimarães Rosa, Ficção completa, 2017, p. 1071.
[9] Idem. p. 913.

Maria Cristina Ferreira e Rioco Kayano – Grupo Teia de Aranha: natureza, imagens e sentimentos rosianos bordados no pano

Em outubro de 2001, o nosso grupo fez 20 anos de permanência, bordando não só a obra de Guimarães Rosa, mas percorremos outros autores, Euclides da Cunha, com *Os sertões* e também já bordamos aspectos da obra do Ariano Suassuna. Agora a gente está buscando novas inspirações.

Maria Cristina Ferreira[1]

A nossa experiência do Teia de Aranha é que, claro, nós estávamos guiadas por algumas ideias para criar esse grupo, mas era muito baseado no que a gente **não queria**, pelo negativo: não reproduzir esses valores que estão aí na sociedade, nós não queremos competição, não vamos fazer bordado para ganhar dinheiro, nem para uma ser mais importante do que a outra. Era uma série de coisas que a gente não queria. O que é que nós queríamos? Não para aquilo.

Rioco Kayano[2]

[1] Nascida em Campestre, MG. Moradora na cidade de São Paulo desde o ano de 1995, atualmente se encontra aposentada do Serviço Público Federal. Como atividades correlatas, sempre contribui em projetos sociais visando a integração e a promoção humana, no campo e nas cidades. Integra desde 2001 o grupo de bordado Teia de Aranha, contribuindo, junto com um grupo de amigas, na formação do grupo. Em oficinas de bordados interagiu com outros grupos comunitários, ligados a projetos de cunho popular e educativo nas cidades de São Paulo, Ribeirão Preto e em eventos culturais de Andrequicé, Cordisburgo e Morro da Garça, em Minas Gerais, e na Biblioteca Casa Azul, na cidade de Paraty (FLIP de 2019). Participa da Roda de Leitura Guimarães Rosa para aprimoramento e divulgação do acervo e da Biblioteca do IEB/USP.

2 Trabalhou na área de Saúde Mental desenvolvendo atividades educativas, terapêuticas e grupais no Centro de Saúde-Escola do Butantã, da Faculdade de Medicina da USP. Após se aposentar dedica-se à arte da pintura e do bordado criando vários grupos de bordado e desenvolvendo oficinas de bordado

Desde quando vocês conhecem a Roda de Leitura?

Maria Cristina – Eu participo da Roda de Leitura desde o início. Na verdade, a Roda foi um encontro do movimento de ida para Cordisburgo, para participar da Semana Roseana, e depois houve um entrosamento de um grupo de pessoas de São Paulo com essas atividades que aconteciam naquela região de Minas Gerais. Eu fui para Cordisburgo pelas mãos da Rioco, que é do Grupo Teia de Aranha. Ela me convidou para participar da Semana Roseana em 2001, e a partir daí a gente começou a participar das atividades na região do Guimarães Rosa.

Rioco – Fomos a Cordisburgo porque nós tínhamos feito um bordado, eram cinco painéis enormes sobre a obra do Guimarães Rosa para uma apresentação que a Dôra Guimarães e a Elisa Almeida iam fazer em Portugal.

Quando vocês foram para a Semana Roseana, em 2001, vocês já levaram os bordados?

Rioco – Em 2001 nós fomos a Cordisburgo porque nós tínhamos feito um bordado, eram cinco painéis enormes sobre a obra do Guimarães Rosa. Eram painéis para uma apresentação que a Dôra Guimarães e a Elisa Almeida iam fazer em Portugal e nós – metidas – resolvemos fazer um bordado, como se fosse o cenário, para cobrir o palco em Portugal, onde elas iriam narrar. Como nós tínhamos feito esse bordado e a gente tinha que conhecer Cordisburgo – porque o interessante é que nós fizemos esse bordado sem nunca ter ido a Cordisburgo! – inclusive, uma coisa muito interessante, que eu lembro, é que a Cristina é mineira, mas eu nunca tinha visto um buriti, e nós ficamos debatendo horas e horas sobre como seria o talo do buriti. Fomos lá no Instituto Butantã e tinha uma palmeira com uma folha meio parecida, achamos que era folha de buriti e ficamos com essa coisa de pesquisar o que e como seria. A Cristina dizia que o talo era gordinho e eu dizia que era fino, essas coisas! Depois de pesquisar a gente falou

em instituições e comunidades. Como integrante do grupo Teia de Aranha interage com várias ações e eventos culturais em São Paulo e Minas Gerais.

Entrevista concedida quarta-feira, 17/5/2023, 9h30min São Paulo – 14h30min Paris. Única entrevista feita com duas mulheres ao mesmo tempo, ambas do Grupo Teia de Aranha. O início do parágrafo identifica o nome daquela que fala.

que tinha que conhecer, não só o buriti, mas Cordisburgo. Foi aí que a gente fez essa viagem a Cordisburgo.

Rioco – O início da Roda de Leitura está registrado em ata no ano 2004, está lá a nossa assinatura, como um início oficial, mas na minha opinião a Roda de Leitura teve a sua pré-história também! Já existia um grupo que lia lá na Geografia o Guimarães Rosa. Nesse grupo estavam a Regina Sader e a Neuma Cavalcante.

O início da Roda de Leitura está registrado em ata no ano 2004, está lá a nossa assinatura, como um início oficial, mas na minha opinião a Roda de Leitura teve a sua pré-história também! Nós não participamos dessa pré-história, mas um grupo de pessoas estavam lendo o Guimarães Rosa lá no curso de Geografia da USP. Eu acho que a Marily da Cunha Bezerra já participava dessa leitura junto com a nossa amiga Neuma Cavalcante – hoje é professora da Universidade Federal do Ceará. A Marily, a Neuma Cavalcante, a Beth Ziani, em 1995, fizeram aquela viagem famosa para a região do Rosa. Não sei se foi antes ou depois, mas nesse período já existia um grupo que lia lá na Geografia o Guimarães Rosa. Nesse grupo estavam a Regina Sader e a Neuma Cavalcante – foi a Neuma que me falou isso, que eles já estavam lendo Guimarães Rosa.

Aí demorou um tempo teve essa transação, a gente começou a ir a Cordisburgo, levamos o nosso bordado. Depois de algum tempo – eu nem lembrava que era 2004 – então foi formalizado, acho que foi falado assim: vamos registrar aqui, em ata, a formalização dessa Roda. Porque daí marcou horário, dia certo e tal. Foi feito aquele registro em ata. Acho que tudo o que se se estabelece formalmente, qualquer grupo, que não é empresa, mas um grupo de pessoas que tem um propósito comum, eu acho que sempre tem uma história que é antes da formalização! E que eu digo que é a pré-história! Assim como Teia de Aranha também teve a sua pré-história antes de virar grupo de bordado.

Gostaria, então, que vocês falassem: O que é o grupo de bordado Teia de Aranha?

Maria Cristina – O Grupo Teia de Aranha a princípio nasceu como um encontro de mulheres que se propõem, através de alguma atividade, no caso a arte, se reunir e se

encontrar. Nesse caminho o grupo passou por diferentes atividades. Trabalhamos com papéis, entre outras coisas, até a gente encaixar no projeto de bordar literatura, com essa conexão com a turma de Cordisburgo, com a Dôra e a Elisa e a confecção daquele painel fomos nos direcionando a entrar na obra do Guimarães Rosa. A partir daí a gente desenvolveu outros bordados em cima da obra dele. Porque a obra do Rosa nos chama! Além de ser uma imagem de um ambiente, além de ele traçar uma psicologia da alma e do entendimento das pessoas, a obra dele nos ajudou a colocar essas imagens e esses sentimentos no pano, através da linha, traçando cores, traçando os desenhos, buscando a imagem ecológica do ambiente do cerrado. A Rioco pode complementar mais um pouquinho!

Maria Cristina – O Grupo Teia de Aranha a princípio nasceu como um encontro de mulheres que se propõem, através de alguma atividade, no caso a arte, se reunir e se encontrar. Além do Rosa traçar uma psicologia da alma e do entendimento das pessoas, a obra dele nos ajudou a colocar essas imagens e esses sentimentos no pano, através da linha, traçando cores, traçando os desenhos, buscando a imagem ecológica do ambiente do cerrado.

Rioco – A Cristina pegou bem essa parte da pré-história. Nós estivemos juntas com outras pessoas que não permaneceram no grupo do bordado, pois no início era só um grupo de mulheres – a Neuma Cavalcante, a Vera Marcia de Lima, a Sílvia Mithiê, que já faleceu, a Margô Ribas, que é quem estudou a saia para fazer aquele grande rio dos cinco painéis; a Beth Ziani entrou mais tarde com a gente para bordar os painéis porque ela já era estudiosa da obra do Guimarães Rosa. Então eu e a Cristina estivemos desde esse início que eu chamo de a pré-história.

Antes da gente saber o que é que seria propriamente esse grupo, nós queríamos um grupo, porque a gente queria ter uma reunião, um encontro de mulheres para fazer alguma coisa que não estava muito clara. E o interessante é que surgiu a imagem da teia de aranha antes da gente ter uma definição clara do que é que seria esse grupo. E nunca ninguém questionou esse nome!

E como é que surgiu a imagem da teia de aranha?

Rioco – A gente estava conversando, eu lembro direitinho, assim, conversando uma com a outra e tal. Eu lembro das conversas que eu tive com a Vera, com a Cristina, com a Silvinha, ela falou: "A gente tinha que fazer alguma coisa, se juntar, sei lá, não é para ir ao cinema, nada disso, é para fazer alguma coisa juntas, mexer com alguma coisa manual, fazer alguma coisa". E a gente ouvindo, e daí ela falou assim: "Como se fosse uma teia de aranha!". Aí surgiu! Caiu essa imagem!

Rioco – Eu lembro das conversas que eu tive com a Vera, com a Cristina, com a Silvinha, ela falou: "A gente tinha que fazer alguma coisa, se juntar, sei lá, não é para ir ao cinema, nada disso, é para fazer alguma coisa juntas, mexer com alguma coisa manual, fazer alguma coisa". E a gente ouvindo, e daí ela falou assim: "Como se fosse uma teia de aranha!". Aí surgiu! Caiu essa imagem!

Então a primeira atividade que nós fizemos foi a confecção de bonecos, depois a gente queria fazer teatro, depois fizemos arte com papel, até que caiu essa proposta da Dôra e da Elisa que pediram sugestão de cenário para a Neuma Cavalcante, porque elas iam narrar trechos do *Grande sertão: veredas*. Foi aí que a Neuma deu um estalo e falou: "Eu não vou dar sugestão coisa nenhuma! Nós vamos fazer uma coisa para o palco! Nós é que vamos fazer, nós não vamos sugerir nada!". E aí ela veio correndo na minha casa e falou assim: "Nós vamos bordar, vamos usar o bordado!", porque nós estávamos encantadas com os livros ilustrados pela família Dumont, lá de Minas. Ela ganhou um livro deles, a gente conheceu e ficou com aquela coceira. Coincidiu que veio essa proposta das duas e a gente resolveu fazer esses cinco grandes painéis. Por isso a gente fala que foi aí que nasceu, transformou o grupo dessas mulheres em Teia de Aranha, virou grupo "de" bordado, por causa dessa experiência de bordado e o encontro com a literatura. No caso foi com Guimarães Rosa, por isso que a gente fala que ele é o nosso, sei lá, mentor. E as madrinhas são a Dôra e a Elisa. A gente conta essa história para dizer que desde o começo o Grupo de Bordado Teia de Aranha interage com a literatura. Começou com Guimarães Rosa e depois fomos para outros autores.

Rioco – Desde o começo o Grupo de Bordado Teia de Aranha interage com a literatura. Começou com Guimarães Rosa e depois fomos para outros autores.

Maria Cristina – No podcast nº 88[3] do IEB nós falamos do Grupo de Teia de Aranha e da sua relação com a obra do Guimarães Rosa. Até formalizar o grupo como Teia de Aranha, muitas mulheres passaram, algumas não continuaram e algumas ficaram. Com a formalização do grupo, conforme consta nesse podcast, posso citar a Beth Ziani, a Érika Scarpinella, a Maria Alice Rosmaninho, a Nívea Scarpinella, a Rioco Kayano, a Sílvia Mithiê e eu, Maria Cristina. Mais tarde foram incluídas a Edmara Rodrigues, a Anna Amaral, que é a famosa Tia Ana, e a Cláudia Soares. São mulheres que se integraram depois. A Sílvia Mithiê já foi para outras esferas, e nós continuamos até hoje com esse grupo.

Em outubro de 2001 o nosso grupo fez 20 anos de permanência, bordando não só a obra de Guimarães Rosa, mas percorremos outros autores como Euclides da Cunha, com *Os sertões*, e também já bordamos aspectos da obra do Ariano Suassuna. Agora a gente está buscando novas inspirações.

Eventualmente vocês também participavam da Roda de Leitura presencial, no IEB?

Rioco – Sim! Posso falar por mim, pois no começo, desde a assinatura da ata eu participava frequentemente. Eu comecei a espaçar mais porque eu resolvi estudar desenho e pintura, por causa do bordado. Desde o começo a gente fez questão de colocar que era importante a gente mesmo desenhar a imagem para bordar. Lógico que líamos algumas referências, podia até copiar de desenhos ou pinturas feitos, mas nós é que iríamos fazer. Só que ninguém sabia desenhar muito bem, e foi aí que decidi fazer algum curso para aprender a desenhar para bordar. Só que aí eu me encantei com o desenho e a pintura! E até hoje eu continuo pintando e bordando!

[3] "Bordando a literatura: As integrantes do grupo Teia de Aranha, Maria Cristina Ferreira, Rioco Kayano e Beth Ziani, falam sobre a origem do grupo, as principais realizações e o prazer de bordar coletivamente os textos literários". Disponível em https://anchor.fm/difusieb/episodes/088---Bordando-a-literatura--por-Maria-Cristina-Ferreira--Rioco-Kayano-e-Beth-Ziani-ei51bo Acesso em: 19/8/2023.

Rioco – Desde o começo a gente fez questão de colocar que era importante a gente mesmo desenhar a imagem para bordar.

E também fazendo haikais...

Rioco – Nesse curso de pintura eu aprendi com esse professor, que era japonês – ele faleceu o ano passado –, a fazer aquele tipo de haiku, com aquelas regras que ele elaborou. Como eu comecei a ir muito assiduamente no curso de pintura, fui me encantando com a pintura, o meu tempo foi ficando menor, e por isso eu comecei a rarear minhas idas à Roda de Leitura, também porque batia de ser no mesmo dia, quarta-feira. Para eu chegar e já ir direto para o IEB começou a ficar complicado, por isso comecei a faltar na Roda. Eu só ia nos eventos, teve vários, a Rosa Haruco sempre nos puxou para esses eventos culturais relacionados com o Guimarães Rosa. Porque a Roda de Leitura se ampliou, não era só a leitura, convidava gente de fora, e assim eu vi vários eventos muito interessantes. E a Rosa sempre ampliava o convite às pessoas, como ainda é hoje na Roda. Eu ia nessas ocasiões especiais, mas não consegui ir mais toda quarta-feira.

Maria Cristina – Eu já sou mais frequente na Roda de Leitura! Eu participo e gosto muito das leituras em conjunto. Agora os nossos bordados servem de ilustração do texto. Vamos supor: os seminários que se fazem no IEB, que foram muitos em comemoração do *Grande sertão: veredas*, do *Corpo de Baile,* a gente sempre expôs os nossos bordados como uma ilustração, como uma imagem da obra do Guimarães Rosa. Expomos também em outros lugares que a Roda de Leitura participa, em bibliotecas, nos seminários do IEB, nesses eventos o Grupo Teia de Aranha participa com a apresentação dos seus bordados. É o momento em que as pessoas começam a identificar as imagens e relacionar com o texto. E também servem como um projeto educacional. No SESC, quando se expõem os textos do Guimarães Rosa, os nossos bordados acompanham, ilustram, embelezam e chamam a atenção, também, para a obra do Rosa. São eventos que as coordenadoras da Roda de Leitura nos convidam e a gente está aberta para essa participação também.

Maria Cristina – Eu gosto da leitura em conjunto e participo dessas discussões, porque é muita gente

esclarecendo todos os meandros que essa obra contém e que nos ajuda a aperfeiçoar mais os nossos bordados.

Vocês podem comentar sobre o papel do vazio no bordado de vocês?

Rioco – Quando a gente fez os cinco painéis, o nosso primeiro trabalho, aquele que inaugurou o Teia de Aranha como grupo DE bordado, ninguém sabia bordar. Poucas pessoas sabiam bordar, umas duas ou três de um grupo de 20 que participaram da confecção desses painéis gigantes. Então a maioria não sabia bordar. Por isso, por causa do tamanho gigantesco e pelo prazo curto que tínhamos para entregar os painéis, nós usamos aplicação, recorremos a tecido. Teve gente que quase já sete meses depois ousou pegar e fazer algum bordado, foi lembrando. Isso tudo foi um processo muito interessante, porque nós não éramos especialistas em bordados, nós fomos aprendendo a bordar.

Rioco – Quando a gente fez os cinco painéis, nosso primeiro trabalho, aquele que inaugurou o Teia de Aranha como grupo DE bordado, ninguém sabia bordar. Isso tudo foi um processo muito interessante, porque nós não éramos especialistas em bordados, nós fomos aprendendo a bordar.

Eu lembro que eu tive um encontro com uma amiga, que foi apresentada pela Cristina, ela era lá de Belo Horizonte e se chama Gerusa Helena Borges[4], uma educadora, artista, faz muitas artes com papel, também aprecia e é amante do Guimarães Rosa. Quando ela viu o nosso trabalho, ela ficou admirada, como todos começaram a falar: "Nossa tinha alguma coisa de oriental", sei lá, vários comentários. Mas ela foi uma pessoa que falou para mim sobre essa questão do vazio, sobre a importância do vazio. Eu não tinha a menor noção porque nessa época eu não estudava pintura, nada. Então ela foi também uma pessoa que me estimulou a fazer um curso de pintura para compreender o que é esse vazio.

[4] Encontra-se no YouTube uma entrevista concedida por Gerusa Helena Borges, em 2019, importante ilustradora mineira. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=03vYPEF-sGc Acesso em: 20/8/2023.

Rioco – O vazio são os intervalos entre as coisas, e as coisas – tanto faz se você vai pintar ou bordar – são imagens, elas estão em algum lugar. Então esse algum lugar é o vazio. É o ambiente. Nós não tínhamos conceito ou noção dessas coisas, e essa questão do vazio ficou muito na nossa cabeça.

O vazio são os intervalos entre as coisas, e as coisas – tanto faz se você vai pintar ou bordar – são imagens, elas estão em algum lugar. Então esse algum lugar é o vazio. É o ambiente. Nós não tínhamos conceito ou noção dessas coisas, e essa questão do vazio ficou muito na nossa cabeça. Porque no início quando a gente ia fazendo os painéis, era assim: "Ah, mas ali está meio vazio, então vamos botar um passarinho ali, vamos pôr isso ou aquilo". Quer dizer, nos movíamos para a ocupar os vazios. É claro que numa coisa gigantesca como eram os painéis, nós não íamos ocupar, totalmente, todos os vazios. Então tem vazios lá, mas eu acho bacana porque a gente não tinha nenhuma noção desses conceitos, era mais por sensibilidade nossa de ir vendo e fazendo.

Lembro que eu e a Cristina fizemos aquela arara voando, que foi inspirada numa coisa lá de Pernambuco, a gente tinha ido no Carnaval e aí ficamos encantadas com aquelas fitas, a Cristina tinha um chapéu com aquelas fitas, e a gente fez aquela arara, assim, colocamos ela naquele espaço vazio e lá ela ficou muito bem. Então a gente ia se guiando por essa noção de ocupar os espaços daquele painel, preenchendo-o e tinha muito espaço porque é enorme.

Vocês tinham uma preocupação de criar uma narrativa ao colocar essas imagens nos painéis?

Rioco – Não, era simplesmente inspirado no próprio texto, na seleção de textos que a Dôra e a Elisa fizeram e que sugeriam todas aquelas imagens. Claro, se quisesse tinha muito mais. Naquela época nem se falava muito em defesa da natureza, ecologia essas coisas, isso faz mais de 20 anos, mas a gente se encantou com aqueles trechos, porque realmente tinha tudo da natureza, coisas belas, então a gente foi colocando e preenchendo esses vazios. E sobraram vazios!

Eu lembro que a Gerusa fez uma conversa muito interessante comigo, e eu fiquei pensando nisso. E só fui entender melhor isso que eu relaciono, esse vazio, com o ambiente onde as coisas estão, que é o fundo: o fundo de uma pintura é que é o vazio. Só que esse vazio não é vago, porque você trabalha também esse vazio. No nosso caso esse vazio pela escolha, na minha opinião, do próprio material, que é a estopa de tecido de juta, que tem aquela cor de terra, aquela coisa árida, e ali a gente colocou todas aquelas coisas coloridas, com bastante exuberância e tal, que destacaram aquelas sobras, porque fica parecido assim, esses vazios. Eu estou falando isso hoje depois de mais de 20 anos, porque agora eu tenho noção desses conceitos e ideias, mas na época – eu acho bacana isso – a gente fez tudo na base da intuição, fazendo o que a gente achava legal, fomos fazendo, fazendo. É claro que a gente queria uma coisa bonita, mas que não fosse guiado por ideias ou conceitos, nada, mais pela intuição e pela sensibilidade mesmo.

Lembro de algo que li no *I Ching*, um livro de sabedoria oriental, que o vazio é como se fosse um berço de todas as possibilidades, um vazio que abraça todas as coisas...

Rioco – Só mais uma coisa: esse vazio eu também relaciono com o que em japonês se fala "Ma". E o Guimarães Rosa tem muito disso na linguagem dele, que são esses intervalos. O jeito como ele escreve, tem as paradas que você tem que fazer, às vezes não tem vírgula, nada, mas a maneira de você ler, de encadear aquela frase, então, tem a ver com a respiração, pois quando você inspira e expira tem aquele intervalinho. Mesma coisa o "Ma", que também está presente na música, são os intervalos entre uma coisa e outra, pois não é tudo contínuo. Tem uma paradinha, é o que fica, é o vazio. É o entre as palavras, entre as coisas, entre uma coisa e outra.

Rioco – E o Guimarães Rosa tem muito disso na linguagem dele, que são esses intervalos. O jeito como ele escreve, tem as paradas que você tem que fazer, às vezes não tem vírgula, nada, mas a maneira de você ler, de encadear aquela frase, então, tem a ver com a respiração, pois quando você inspira e expira tem aquele intervalinho. Tem uma paradinha, é o que fica, é o vazio. É o entre as palavras, entre as coisas, entre uma coisa e outra.

Na entrevista da Mônica Gama ela diz que esses vazios do Guimarães Rosa são como um convite para os leitores e quer dizer: "Participem!"

Maria Cristina – Eu quero continuar a falar do vazio. No nosso bordado refletimos muito, a gente pega trechos e vai colocando no pano, sem essa preocupação da imagem total daquele ambiente. Elas vão refletir determinados espaços, ali do contexto da obra. Agora quando você fala, por exemplo, um vazio, não é uma Mata Atlântica, nem é uma Floresta Amazônica, porque a região do Guimarães Rosa é o cerrado. É um bioma que tem os seus vazios. Tanto que o Morro da Garça é o farol dos boiadeiros, pois dentro daquele vazio avistam aquele farol de longe, o Morro, para ser um guia.

> **Maria Cristina – E dentro desse espaço de contemplação e de visão ampliada você viaja nas imagens! Você viaja como se fosse num sonho, e, apesar do cerrado ser uma mata rala e com um terreno arenoso, com as montanhas e aquelas coisas longe, tem uma vida imensa ali! Como você descobre aquela vida naquele vazio? E isso está na obra de Guimarães Rosa. E o bordado do Teia de Aranha reflete isso.**

O buriti mesmo, está na vida e na obra do Rosa, está um pouco nas mandalas, nessas conexões dele ficar percebendo um vento nas folhas, sabe? Ele nos dá essa imagem para você ficar com ela, para você ter uma experiência de um vazio: a palmeira está longe e você vê o vento no balançar das folhas! Tudo isso é um canto! Acaba transmitindo um canto dentro da obra dele!

A imagem vem sempre primeiro...

Rioco – O que me encanta nessa nossa experiência do Teia de Aranha é que, claro, nós estávamos guiadas por algumas ideias para criar esse grupo, mas era muito baseado no que a gente **não queria**, pelo negativo: não reproduzir esses valores que estão aí na sociedade, nós não queremos competição, não vamos fazer bordado para ganhar dinheiro, nem para uma ser mais importante do que a outra. Era uma série de coisas que a gente não queira. O que é que nós queríamos? Não para aquilo. E o interessante é que, como a Cristina acentuou, éramos um grupo de mulheres que estavam lá bordando,

e não tinha nenhum assunto proibido, nenhum assunto obrigatório. Então você vai aprendendo com a experiência, inclusive, a elaborar as ideias. Mas o nosso bordado não tinha um conceito, uma coisa que guiasse o nosso bordado. A não ser a literatura.

> **Rioco – Éramos um grupo de mulheres que estavam lá bordando, e não tinha nenhum assunto proibido, nenhum assunto obrigatório. Então você vai aprendendo com a experiência, inclusive, a elaborar as ideias. Mas o nosso bordado não tinha um conceito, uma coisa que guiasse o nosso bordado. A não ser a literatura.**

Isso que a Cristina estava falando, do intervalo, que ela relacionou com a folha balançando ao vento, teve um momento que a gente estava bordando o Guimarães Rosa e aí ela levantou essa pergunta: "Gente, que cor que é o vento?", porque nós estávamos, justamente, discutindo como é que a gente ia integrar várias imagens, e daí achou uma citação em que ele escreve que o vento é verde[5]. Então! Uau! Sabe quando vem: "Que legal, o vento é verde!" Então a gente encontrou uma solução assim: Vamos fazer umas folhas de buriti!

> **Rioco – O que eu acho bacana é isso, o quanto que a gente vai, com a literatura, aprendendo coisas muito profundas. Uma hora é o bordado que obriga a gente a buscar ou aprender uma coisa, outra hora algum pensamento, uma coisa que a gente já tem, ele influencia, então é uma troca, uma interação entre o bordado, que é a imagem, e o texto, a literatura.**

Certamente o Grupo Teia de Aranha sustentou e fortaleceu essas mulheres...

Rioco – Você sabe que agora, ouvindo vocês e também refletindo aqui, o próprio bordado leva a gente a respeitar esses intervalos. O ato do bordado cria intervalos, e o

[5] "Saudades, dessas que respondem ao vento; saudade dos Gerais. O senhor vê: o remoo do vento nas palmas dos buritis todos, quando é ameaço de tempestade. Alguém esquece isso? O vento é verde. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio põe no colo." (ROSA, 2017, p. 1090).

intervalo que eu falo são aqueles momentos de silêncio de que a Beth Ziani fala muito, sobre momento de silêncio. Tem hora que todo mundo fala ao mesmo tempo, fica aquela algazarra, aquela coisa e tal até a gente chegar num ponto. Aí quando cada uma tem o seu bordado – isso no grupo e também quando a gente faz oficina acontece a mesma coisa – tem aquele momento de agitação, que todo mundo tá naquele frenesi e aí de repente se acalma. É a hora do silêncio, quase em estado de meditação, que é como no ritmo da respiração: você inspira e expira. Tem um intervalo entre um e outro. No grupo acontece isso, é o momento que você fica pensando, refletindo, sintetizando aquela conversa bagunçada que às vezes a gente tem, mas que sempre fica alguma coisa para cada uma. E isso durante mais de 20 anos gerou um aprendizado muito rico que é até difícil a gente contar como que é isso, porque é coletivo.

> **Rioco – O ato do bordado cria intervalos, e o intervalo que eu falo são aqueles momentos de silêncio. Tem hora que todo mundo fala ao mesmo tempo, fica aquela algazarra, aquela coisa e tal até a gente chegar num ponto. É a hora do silêncio, quase um estado de meditação, que é como no ritmo da respiração: você inspira e expira. Tem um intervalo entre um e outro. No grupo acontece isso, é o momento que você fica pensando, refletindo, sintetizando aquela conversa bagunçada que às vezes a gente tem, mas que sempre fica alguma coisa para cada uma.**

Maria Cristina – Sobre a potência das mulheres e o que o grupo Teia de Aranha representa para as mulheres nós fizemos uma live que está no YouTube[6] que é a primeira live que fala sobre o Teia de Aranha e a formação dessas mulheres. Lá está bem claro a força e o que é que cada uma representa para outra, em termos de assegurar uma vida de empoderamento e de fortaleza mesmo. Nesse período da pandemia nós fizemos umas lives que estão no YouTube e que tratam do grupo Teia de Aranha e da literatura.

[6] Live Grupo Teia de Aranha: da prosa ao bordado, disponível em https://www.youtube.com/watch?-v=RUuCQiwyFHc Acesso em: 20/8/2023.

Para finalizar, como é olhar para esses 20 anos do grupo Teia de Aranha e ao mesmo tempo para os 20 anos da Oficina de Leitura?

Rioco – Quero falar da importância mesmo da junção entre a Roda de Leitura e o grupo de bordado Teia de Aranha, pois esses dois grupos, essas duas atividades, nasceram mais ou menos num período próximo. Porque tinha a pré-história da Roda e tinha a pré-história do Teia, no começo dos anos 2000 até 2004. Ambos têm a sua própria pré-história, e, também, uma conexão muito forte, porque o nosso grupo se firmou muito por interagir com a literatura, por juntar a expressão verbal com a expressão imagética, com a imagem, que é o bordado. Esse ponto em comum é que faz com que a criatividade fique, assim, muito solta e a cada evento a cada coisa que um ou outro promove sempre um dá suporte para o outro.

Rioco – A Roda de Leitura e o grupo de bordado Teia de Aranha nasceram mais ou menos num período próximo. Ambos têm a sua própria pré-história, e também uma conexão muito forte, porque o nosso grupo se firmou muito por interagir com a literatura, por juntar a expressão verbal com a expressão imagética.

Eu só queria, para finalizar, quando você perguntou no começo quem eram as pessoas que fizeram parte do grupo Teia de Aranha, eu gosto sempre de lembrar a importância de algumas pessoas, como a Dôra Guimarães e a Elisa Almeida sempre falam da Calina Guimarães, que criou o Grupo Miguilim, e nós citamos sempre a Dôra e a Elisa, que nos apoiaram, foram elas que motivaram esse primeiro bordado, e tem também a figura da Marily da Cunha Bezerra, que muita gente que hoje está na Roda de Leitura ou mesmo no Grupo Teia de Aranha não teve o privilégio de conhecer, mas nós convivemos e conhecemos. Ela, em relação ao bordado, foi uma grande entusiasta dessa atividade. Depois eu fiquei sabendo de várias histórias que ela ficou bordando trechos do Guimarães Rosa dentro da cadeia, no período em que foi uma presa política, no presídio Tiradentes, em São Paulo. Ela, pessoalmente, fez alguns bordados que ficaram perdidos, mas eu fiquei muito emocionada, porque eu só soube disso bem depois que ela já tinha partido. Ela foi uma pessoa que deu uma força muito grande para a expressão

do bordado e convidou a gente quando a gente estava iniciando, para sempre sermos incluídas na programação da Semana Roseana. Principalmente nas programações do Morro da Garça, onde ela foi viver uma parte da vida dela, ela sempre incluía as atividades da oficina de bordado nesses eventos culturais. E aí a gente foi aprendendo a importância também dos nossos bordados, sendo compartilhados por um público amplo e inserido dentro de uma programação cultural!

Rioco – A Marily foi uma pessoa que deu uma força muito grande para a expressão do bordado e convidou a gente quando a gente estava iniciando, para sempre sermos incluídas na programação da Semana Roseana. Ela sempre incluía as atividades da oficina de bordado nesses eventos culturais.

Não era o bordado como se fazia antigamente, para ficar dentro de gaveta. Não! São bordados para ser exibidos e compartilhados pelo público, dentro de uma ação cultural. Isso a gente deve muito à Marily, que incrementou muito esses eventos. Em Cordisburgo já existia, mas no Morro da Garça ela e a Fátima Coelho foram umas pioneiras, foram elas que criaram esses eventos, e sempre, desde o começo, nós mal tínhamos criado o grupo Teia de Aranha, a gente já estava lá, fazendo oficina de bordado! E com a Neuma Cavalcante também, pois ela fazia parte do Teia de Aranha. Então essas mulheres foram muito importantes para aquilo que eu chamo de pré-história, mas é também a história.

Rioco – Não era o bordado como se fazia antigamente, para ficar dentro de gaveta. Não! São bordados para ser exibidos e compartilhados pelo público, dentro de uma ação cultural. Isso a gente deve muito à Marily.

Tenho uma dúvida: ainda hoje as mulheres de Cordisburgo bordam. Bordam porque já bordavam ou porque vocês despertaram algo nesse sentido?

Maria Cristina – Na verdade o povo do sertão borda. Todas as mulheres já são bordadeiras de primeira. Mas o que é o bordado que todo mundo faz? É aquela coisa convencional, copiado de revista, de folhinha. O que nós do Teia de Aranha fizemos no encontro com as mulheres do sertão, além de ser uma troca feminina, de mulheres, através da obra do Guimarães Rosa, aprendemos juntas a olhar o entorno, olhar a paisagem, olhar para a vida e o seu cotidiano. A partir disso elas começaram a bordar a sua vida, aquilo que viam, em vez de fazer cópias de revista. Nós não fomos ensinar a bordar, fomos compartilhar as nossas vidas, as mulheres de Cordisburgo com o grupo Teia de Aranha. Principalmente a Beth Ziani, que é uma pessoa que faz muito bem esse elo das bordadeiras de São Paulo com as bordadeiras das cidades do Sertão de Guimarães Rosa, valorizando essas mulheres que têm muito conhecimento e muita sabedoria também.

Maria Cristina – O que nós do Teia de Aranha fizemos no encontro com as mulheres do sertão, além de ser uma troca feminina, de mulheres, através da obra do Guimarães Rosa, aprendemos juntas a olhar o entorno, olhar a paisagem, olhar para a vida e o seu cotidiano. A partir disso elas começaram a bordar a sua vida, aquilo que viam, em vez de fazer cópias de revista. Nós não fomos ensinar a bordar, fomos compartilhar nossas vidas, as mulheres de Cordisburgo com o grupo Teia de Aranha.

Eu ainda quero acrescentar nessa pré-história o nome da Calina Guimarães e do professor Carlos Augusto.

Rioco – Nossa, o professor Carlos Augusto merece todas as menções da nossa parte!

Falemos, então, do querido professor Carlos Augusto[7]!

[7] Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (1927-2022), um dos principais geógrafos e climatologistas brasileiros, era também estudioso da obra de Guimarães Rosa. Para saber mais, indicamos a reportagem de 2021 em que constam dados essenciais sobre este importante rosiano, homenageado no XIV Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, realizado de 10 a 14 de agosto de 2021, organizado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Disponível em https://www.fflch.usp.br/10869 Acesso em: 1/9/2023.

Maria Cristina – O Carlos Augusto nos ajudou muito, ele é geógrafo, estudioso da geografia do Guimarães Rosa. Desde 2001 ele sempre ia para a Semana Roseana, voluntariamente, para ajudar e orientar sobre a obra do Rosa. Ele era um amante da obra do Rosa. A primeira oficina que eu fiz com ele foi sobre "O recado do morro". Eu tenho até o mapa que ele fez sobre esse conto. Como ele era um estudioso do Rosa, ele fez um mapa sobre os planetas, sobre a situação planetária, que é um pouco sobre isso que a novela trata.

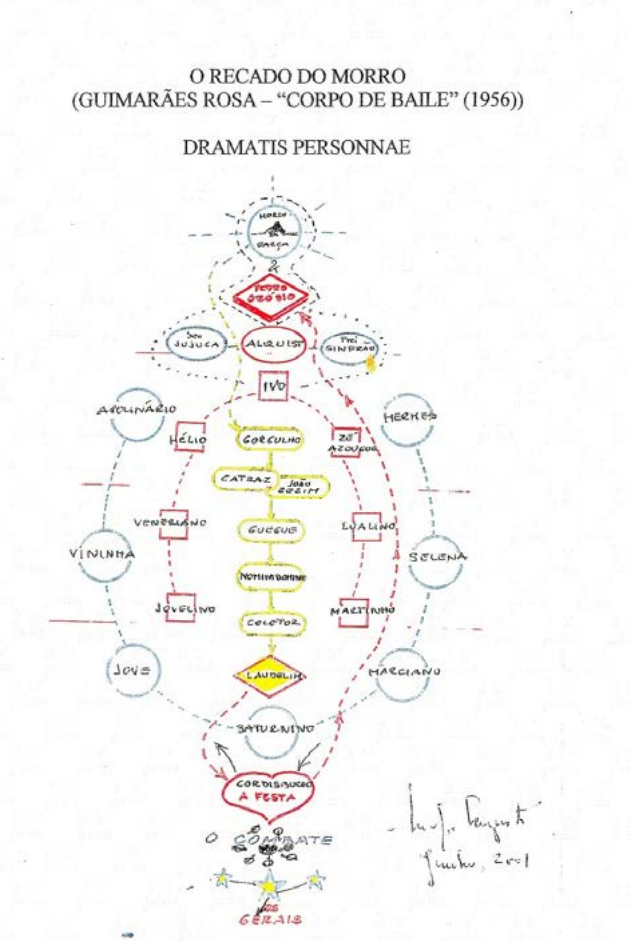


Ilustração feita pelo professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, utilizada em seus cursos.

Rioco – Ele era também um artista, desenhava muito bem, assim como a Marily também desenhava. O professor Carlos Augusto fazia desenhos lindos, magníficos!

Maria Cristina – No mapa da vida e da obra do Guimarães Rosa que foi bordado pelo Grupo Teia de Aranha, numa coordenação da Beth Ziani, foram o Carlos Augusto e a Neuma Cavalcante que deram todas as coordenadas para colocar a vida e a obra do Rosa nesse mapa. São pessoas que o Grupo Teia de Aranha homenageia sempre, a Neuma Cavalcante, a Calina Guimarães, a Marily da Cunha Bezerra, o Dieter Heidemann, o Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a professora Nilce Sant'Ana Martins, que frequentava Cordisburgo, autora do livro *O léxico de Guimarães Rosa.* Além das madrinhas Dôra Guimarães e Elisa Almeida, enfim, todas essas pessoas tinham uma convivência amorosa e afetiva que se juntou para fazer essas Semanas Roseanas tão potentes e de uma certa forma foi alimentando a Roda de Leitura e nós do Teia de Aranha.

Maria Cristina – O mapa da vida e obra do Guimarães Rosa, bordado pelo Grupo Teia de Aranha, foi uma coordenação da Beth Ziani, mas foram o Carlos Augusto e a Neuma Cavalcante que deram todas as coordenadas para colocar a vida e a obra do Rosa neste mapa. São pessoas que o Grupo Teia de Aranha homenageia sempre, a Neuma Cavalcante, a Calina Guimarães, a Marily da Cunha Bezerra, o Dieter Heidemann, o Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a professora Nilce Sant'Ana Martins. Além das madrinhas Dôra Guimarães e Elisa Almeida.

Almir Paraka – "O caminho do sertão": a ideia força que traduz o que é o Brasil

O sertão para a gente é essa ideia força que traduz o que é o Brasil. Não é possível pensar o Brasil, entender o Brasil, sem entender o que aconteceu nesse espaço geográfico que se denominou sertão, onde foi forjada de fato a mistura que resulta no traço da cultura brasileira.

Almir Paraka[1]

Neste dia em que você faz aniversário – 24 de agosto – nós ganhamos o presente de poder ouvir sobre as suas experiências poéticas e políticas no sertão! Parabéns por todas as travessias! E com essa palavra inspiradora – travessia –, eu pergunto: Como é que você conheceu Guimarães Rosa?

Eu sou da região aqui do sertão mineiro, nascido em Paracatu, no meio rural. Morei e tive uma vivência ambientada na roça até os 6 anos, e depois, todas as férias, do primeiro ao último dia, eu ia para a roça, até os 15 anos, quando comecei a trabalhar. Então foi nesse universo rosiano que eu cresci. O meu primeiro contato com a obra do Rosa se deu no vestibular, fazendo cursinho, li o livro *Sagarana*.

[1] Almir Paraca Cristovão Cardoso é bancário, professor e político brasileiro do estado de Minas Gerais. Foi vereador e prefeito de Paracatu e deputado estadual em Minas Gerais. Graduado em História pela UFMG, ativista socioambiental, idealizador d'O caminho do sertão. Do nome da cidade onde nasceu, Paracatu, Almir deriva o apelido Paraka, incorporado ao seu nome, que ele prefere escrito assim, com a letra k.

Entrevista concedida quinta-feira, 24/8/2023 – 10h Minas Gerais – 9h Cuiabá-MT.

E como foi para o jovem que era do sertão quando leu algo ambientado neste sertão familiar?

Foi muito bom, mas eu não me envolvi o suficiente, não me arrebatou o suficiente para criar um vínculo. Esse vínculo acabou acontecendo bem mais tarde. Para o vestibular para o curso de História na UFMG foi aquela leitura pontual e ficou ali estacionado. As informações sobre Guimarães Rosa eram essas informações muito pontuais, amplas e genéricas sobre a literatura brasileira.

O contato mesmo, quando eu me engajei, se deu a partir de 1999, no século passado. Eu era prefeito da cidade de Paracatu e me relacionava muito com dois outros prefeitos aqui da região, esses outros dois da bacia do rio Urucuia, e a minha cidade, Paracatu, fica na bacia do rio Paracatu. São dois rios contribuintes e importantes do rio São Francisco, da margem esquerda. Num determinado momento, já no fim do mandato em 1999, nós começamos uma conversa. Essa conversa já existia, antes, nos anos anteriores, mas ela se afirmou efetivamente, partindo para a ação, a partir da seguinte questão: os municípios tinham áreas grandes, população pequena, parte substantiva da população morando no meio rural, economia baseada em produção primária, assim, municípios pobres, uma região relativamente sem assistência, sem presença do governo federal e do governo do estado, porque também estão muito distantes da capital, Belo Horizonte, e da área de influência de Brasília. Lembrando que Brasília é outra unidade da federação, então não podia ter ingerência nessa região. Com esse cenário, e pensando que alternativas criar para essa realidade, nós começamos a discutir sobre cooperação intermunicipal, algo bem incipiente mesmo: como buscar informação sobre isso, que mecanismos existiam, que legislação era necessária.

Descobrimos um programa de desenvolvimento territorial que tinha no Ministério da Integração Nacional, programa de mesorregiões diferenciadas – eu acho que esse programa existe até hoje. É assim: existem algumas regiões bem demarcadas que têm um polo regional de desenvolvimento, e esse polo recebe a pressão, uma demanda de todo o entorno, em função desse equilíbrio na oferta de serviços públicos. Então uma dessas mesorregiões era Brasília e o seu entorno, que alcançava as duas bacias do rio São Francisco, em Minas Gerais, rio Paracatu e bacia do Paracatu e bacia do rio Urucuia.

Começamos essa discussão. Nesse processo isso vai derivando para um projeto de desenvolvimento territorial, que demora muito a começar e a tomar corpo efetivamente.

Foram dois a três anos, praticamente, de sensibilização e mobilização de diversos atores dos três setores – o público, o privado e as associações – para encaminhar e efetivamente implantar o processo de desenvolvimento regional. Neste processo terminou o meu mandato de prefeito, eu fiquei como voluntário por uns dois anos, praticamente, nesse trabalho de sensibilização, principalmente na bacia do rio Urucuia, e puxamos também na bacia do Paracatu, mas não vingou. Acabamos nos fixando na bacia do rio Urucuia.

Eu era metido a fazer muita coisa: a gente tinha um bloco de Carnaval, vestia de palhaço, animava festas, fazia intervenção de rua, animava esse bloco de Carnaval, criava samba-enredo, compunha, tocava violão, então, assim, tinha muitas frentes, mas com essa pegada me dedicando às artes gráficas e uma comunicação visual voltada para os movimentos sociais, os movimentos populares, para essa questão política no sentido de tentar sensibilizar e mobilizar as pessoas pelo viés artístico, para uma atuação engajada no mundo.

Eu sempre tive uma queda por arte. Antes de entrar na política, eu militei significativamente no campo artístico e ambiental, e depois da política eu fui me afastando da área das artes. A minha praia era o design gráfico e a literatura, um pouco de poesia. Eu era metido a fazer muita coisa: a gente tinha um bloco de Carnaval, vestia de palhaço, animava festas, fazia intervenção de rua, animava esse bloco de Carnaval, criava samba-enredo, compunha, tocava violão. Então tinha muitas frentes, mas com essa pegada, me dedicando às artes gráficas e uma comunicação visual voltada para os movimentos sociais, os movimentos populares, para essa questão política no sentido de tentar sensibilizar e mobilizar as pessoas pelo viés artístico, para uma atuação engajada no mundo. Dessa pegada artística resultou a criação da Fundação Conscienciarte[2], uma palavra só, que existe há mais de 20 anos, trabalhou muito e continua trabalhando muito lá em Paracatu.

[2] Para maiores informações consultar http://www.conscienciarte.org.br/ Acesso em: 9/9/2023.

Todo o território tem que ser necessariamente um território de cultura, território de identidade cultural, porque, se não for assim, ele não se constitui enquanto tal. E, para promover a autoestima das pessoas, desse ponto de vista, era fundamental trabalhar a abordagem cultural, a valorização da cultura regional. Foi aí que encontramos na obra de Guimarães Rosa um suporte para isso.

Neste esforço do desenvolvimento regional, em função desse viés artístico que ficou também meio obstruído, porque no exercício da política eu não conseguia tempo para isso, eu encontrei a oportunidade de assumir a tarefa de trabalhar as questões de identidade do território, portanto identidade cultural, a promoção e a valorização da autoestima do povo sertanejo da bacia do rio Urucuia. Comecei a fazer uma investigação de por qual caminho seria possível realizar essa tarefa. Foi quando, de fato, eu encontrei a obra do Guimarães Rosa. Eu já vinha pesquisando há algum tempo, de maneira ainda muito incipiente, essa discussão do desenvolvimento territorial, como te disse ela começa a acontecer a partir de 1999 a 2000, então dali eu já comecei um pouco a entender esses processos, que todo o território, na verdade, tem que ser necessariamente um território de cultura, território de identidade cultural, porque, se não for assim, ele não se constitui enquanto tal. E para promover a autoestima das pessoas, desse ponto de vista, era fundamental trabalhar a abordagem cultural, a valorização da cultura regional. Foi aí que encontramos na obra de Guimarães Rosa um suporte para isso.

Na medida em que eu comecei a ler e estudar, eu fui descobrindo uma identidade, pessoal com o Rosa muito, muito grande! A visão do Rosa da transformação social, passando pela arte, porque a leitura que eu faço dele, para mim o Rosa é um grande político, só que é um político que, apesar de criticar muito a política convencional, ele era político, sim, porque ele tinha uma leitura correta do Brasil, uma leitura muito profunda,

sociológica, histórica, e a proposta de transformação do país era exatamente a partir da cultura, área a que ele se dedicou, criou uma obra tão importante como essa que conhecemos.

E no sentido da autoestima pegamos o seguinte gancho: essa região aqui é uma região conhecida no mundo inteiro, valorizada no mundo inteiro a partir da obra de Guimarães Rosa. Então, nós que moramos aqui precisamos saber da importância desse lugar e da importância da vida das pessoas desse lugar, porque foi esse modo de viver que influenciou e que foi capturado e registrado e apresentado ao mundo todo na obra do Guimarães Rosa. Essa vida e esse modo de viver têm valor! Esse modo de viver é apreciado, valorizado e conhecido no mundo todo! Foi esse o gancho que nós começamos a trabalhar.

Em 2008 iniciamos uma primeira intervenção mais consistente, que foi a criação do Festival Sagarana – Feito Rosa para o sertão[3]. Era um momento anual de celebração, de intercâmbio com outras experiências similares de desenvolvimento territorial, era um momento de intercâmbio entre os atores diversos que atuavam nesse território com os diversos programas e frentes, um encontro de balanço também das atividades em curso, de definição, de proposição e de amarração de novas intervenções e com a presença dos vários parceiros, sejam aqueles institucionais do campo público – as prefeituras, os vereadores, o governo do estado e o governo federal, pois a presença mais ostensiva de apoio, inclusive financeiro, era do governo federal – e algumas outras organizações do terceiro setor também financiadoras ou não necessariamente financiadoras, mas alguns financiadores do terceiro setor, como a Fundação Banco do Brasil, o Sebrae nacional, entre outros.

Era um grande festival das manifestações culturais, era um espaço onde as manifestações culturais regionais subiam ao palco. Vinham também artistas outros, aqueles que transitam por essa temática sertaneja, desde o sertanejo mais raiz até essas versões mais elaboradas, mais contemporâneas, de artistas que transitam ou que têm as suas obras transitando pelo sertão. Era também um momento de muito debate, as plenárias cheias. O festival durava quatro dias, assim, muito intensos, muito interessantes, além de divertidos, muito potentes do ponto de vista do acompanhamento e da elaboração do conjunto da intervenção.

[3] Conforme consta em https://ocaminhodosertao.com.br/festival-sagarana/ Acesso em: 9/9/2023.

E comecei a descobrir que existia um campo roseano. Eu não tinha essa percepção. Fui percebendo que eram pessoas muito interessantes, em geral. Aí, a partir de um tempo, eu comecei falar: "Olha, todo roseano é gente boa! Não conheço roseano que seja de direita, empedernido, fascista, esse povo agressivo. Não! O povo que gosta de Rosa tem sensibilidade poética e artística, é fraterno, solidário e libertário, em geral".

A partir desse esforço eu fui cada vez mais me aproximando do Rosa, estudando e ficando apaixonado! Virei um fã, um divulgador da obra do Rosa. E comecei a descobrir que existia um campo roseano. Eu não tinha essa percepção. Fui percebendo que eram pessoas muito interessantes, em geral. Aí, a partir de um tempo, eu comecei falar: "Olha, todo roseano é gente boa! Não conheço roseano que seja de direita, empedernido, fascista, esse povo agressivo. Não! O povo que gosta de Rosa tem sensibilidade poética e artística, é fraterno, solidário e libertário, em geral". Fui achando muito interessante isso, percebi que tem um campo organizado, em alguns segmentos e tal, mas tem um campo disperso também de amantes do Rosa. Começamos a buscar meios de nos aproximar, de conhecer esses públicos. Nas leituras que fui fazendo conheci um pesquisador, depois outro, daí alcançava outras informações. Então a aproximação se deu de forma, não sei se essa expressão é correta, mas, talvez, utilitarista, porque era assim: usar a obra do Rosa para tal fim. De sensibilizar e mobilizar um território, era a bacia hidrográfica do rio Urucuia, mas com o tempo eu fui capturado de tal maneira que essa motivação inicial foi ficando em segundo plano.

A partir de 2012 e 2013 as mudanças estruturais que ocorreram na sociedade brasileira – acho até que no mundo como um todo – quando as propostas, o diálogo e as conversas que envolviam solidariedade, sensibilidade, amorosidade, engajamento político e poético, esses valores foram perdendo terreno para o discurso de ódio que já começava a ser implantado com muita velocidade.

Foi aí que começaram a desmoronar as articulações da cooperação intermunicipal.

Tanto é que, após um esforço muito grande, e a partir de 2012 e 2013, essas mudanças estruturais que ocorreram na sociedade brasileira – acho até que no mundo como um todo – quando as propostas e o diálogo, e as conversas que envolviam solidariedade, sensibilidade, amorosidade, engajamento político e poético, esses valores foram perdendo terreno para o discurso de ódio que já começava a ser implantado com muita velocidade. Isso vai quebrando o interesse, vai quebrando o pilar que sustentava toda essa discussão, que é a história da cooperação intermunicipal. Então a ideia de cooperação e de associação, esse esforço coletivo, foi atingido por esse discurso crescente de ódio. Foi aí que começaram a desmoronar as articulações, as articulações vão ficando cada vez mais frágeis, o interesse mais frágil, os políticos regionais e os prefeitos em especial iam sendo substituídos, e se o prefeito anterior participava, o novo já tinha um pé atrás e dizia: "Não, isso é coisa do outro, não vou participar disso!" Em alguns casos, não foram todos. Certo é que a ideia de cooperação, de associativismo e de construção coletiva foi muito abalada nesse processo, e aí foi ruindo a arquitetura que a gente tinha construído, porque a base dela era, de fato, esse interesse.

Resolvemos lançar O caminho do sertão, que era uma ideia que vinha sendo debatida e conversada nesses foros, no festival de Sagarana, para trabalhar também a noção de turismo associado com identidade, autoestima, cultura e turismo.

A partir de 2014, percebendo esse movimento, envolvemos esse campo que eu liderava – artístico e voltado para a questão da identidade e da promoção da autoestima – e resolvemos lançar O caminho do sertão, que era uma ideia que vinha sendo debatida e conversada nesses foros, no festival de Sagarana, para trabalhar também a noção de turismo, associado com identidade, com autoestima, cultura e turismo.

Mais ou menos nessa época eu já tinha tomado a decisão, há uns quatro anos atrás, que no fim daquele mandato – era o meu terceiro mandato de deputado estadual

– eu iria sair da política, abandonar o campo da política formal, eu não ia parar de tudo, mas não ia mais me candidatar. Eu já estava percebendo, também, que estavam se fechando as oportunidades para esse tipo de abordagem: os financiamentos foram ficando cada vez mais restritos e minguados, além desse ambiente anticooperação. E aí, quando eu saísse do mandato de deputado, a minha capacidade de mobilizar pessoas e recursos também iria diminuir, eu tinha clareza disso, que a minha capacidade de trabalho e ação iria diminuir muito.

Assim, O caminho do sertão era uma maneira de tentar continuar o trabalho, numa dimensão menor, restrita às comunidades vinculadas a essa rota. Pegaria Sagarana, que foi onde tudo começou, com essa dimensão cultural. Na verdade, a gente passa por Sagarana por causa do nome, eu digo que a palavra Sagarana nos capturou. Então, se tem uma obra do Rosa com esse nome, o lugar recebeu o nome a partir da obra de Guimarães Rosa.

Tenho até um caso interessante, que pode ilustrar o teu trabalho. Sagarana é um assentamento de reforma agrária, um dos primeiros implantados em Minas Gerais pelo Incra em 1974. Quem decidiu o nome do assentamento foram os técnicos do Incra que, voltando para Belo Horizonte de uma das viagens de implantação, resolveram entrar em Cordisburgo e visitaram o Museu Casa Guimarães Rosa. Um dos técnicos vê a obra exposta lá – *Sagarana* – e fala: "Olha aqui gente, achei o nome que a gente estava procurando para o assentamento: Sagarana!" E fica, então o nome, ele vai para lá dessa forma. É interessante porque com o MST a denominação dos assentamentos passou a ser definida em assembleia pelos próprios assentados, mas nessa época, como ainda estava iniciando todo esse processo, eram os técnicos que definiam o nome.

Então a gente foi fazer esse trabalho em Sagarana por causa do nome. E ali, portanto, já tinha um núcleo muito forte de experiências, de projetos de implementação de processos relacionados com essa ideia do desenvolvimento sustentável, de agroecologia, da própria questão cultural, artesanato ou música, muitas coisas. Por isso ficou o nome: De Sagarana ao Parque Nacional Grande Sertão Veredas. A ideia era pegar esses dois topos regionais que registravam a presença da obra do Guimarães Rosa no território.

Quando eu comecei a propor O caminho do sertão foi porque eu estava lendo o livro do Alan Viggiano, *Itinerário de Riobaldo Tatarana: Geografia e toponímia no Grande*

sertão: veredas, um dos primeiros que, pelo menos se não formulou, foi um dos primeiros que registra e publica a pesquisa de que os nomes dos lugares do Guimarães Rosa são reais, quase todos. Então eu percebi que, quando o Riobaldo vira o chefe do bando e resolve fazer a travessia do Liso do Sussuarão, a rota que ele fez passava no que hoje se chama Sagarana, ou nas imediações, e passava em Arinos, margeando o Ribeirão de Areia, passava no Vão dos Buracos e chegava no Liso do Sussuarão. E aí, apesar da polêmica da localização do Liso – afinal, onde é que está esse bendito Liso? – para a gente, que é da região, estava muito claro onde ele estava, porque a última menção fácil de identificar nesse trajeto era o Vão dos Buracos, e depois que sai do Vão dos Buracos, entra no Liso, atravessa o Liso e chega na casa do Hermógenes, já na Bahia. Então, não tem jeito! O Liso tem que estar entre a Bahia e o Vão dos Buracos, e é onde está localizado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas. A gente até fez uma arte, um painel com esse trajeto que está na parede da minha casa.

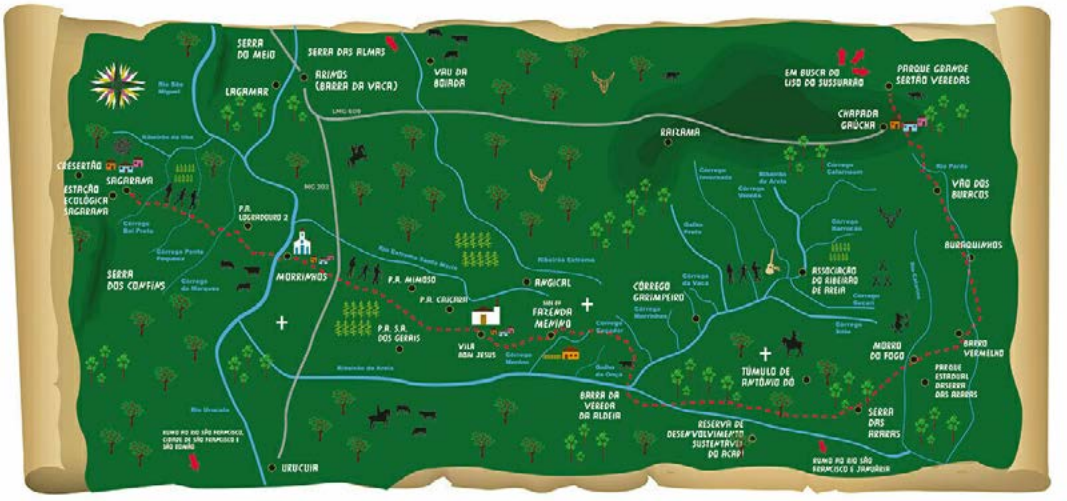
Painel Grande sertão. Acervo pessoal de Almir Paraka.

Esse trajeto saía de Sagarana, passava no Vão dos Buracos e chegava no Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Era também uma viagem, da primeira obra do Rosa, a mais importante delas, e dois topos da região, dois parques, porque Sagarana também é um parque ecológico, além do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. No processo, a gente incorporou duas outras unidades de conservação, passamos em um povoado importante que é a Serra das Araras, passamos em Morrinhos antes de chegar em Arinos, que é o primeiro povoamento da região. Fomos – sem fugir muito da rota, a rota não era muito precisa, mas havia as grandes referências: margeando o Ribeirão de Areia tinha algumas serras e morros que ele menciona no *Grande sertão,* o Vão dos Buracos, então a gente construiu a rota desse jeito, a partir dessas descrições que constam no livro, com a tentativa de preservar o lastro construído nesses anos dessa intervenção mais ampla na bacia do rio Urucuia.

Desse esforço surgiram muitas novas institucionalidades, no campo do terceiro setor, também algumas com caráter público, como o Circuito Turístico Urucuia Grande sertão[4], consórcio de municípios, agência de desenvolvimento regional, cooperativas, escolas e outras organizações culturais e produtivas, associações de moradores e produtores rurais, associações de pequenos produtores e assentados da reforma agrária.

Fomos observando que essa rota trazia uma diversidade de registros da ocupação da terra. A gente saía de um assentamento de reforma agrária já emancipado que era Sagarana, já com problemas sérios de concentração de terra de novo, grandes fazendas dentro do que era o assentamento, pulverização de terra, em alguns casos e dentro do assentamento também, mas a maioria do movimento era de reconcentração. Passava por vários outros assentamentos de reforma agrária, áreas do agronegócio, fazendas antigas no modo de produção antigo, que não se modernizou, passava também por áreas de posseiros e grileiros, áreas que depois foram griladas em grande medida, passava por mais duas unidades de conservação estaduais, uma reserva de desenvolvimento sustentável de um parque estadual, quilombos – tem muitos quilombos na rota – povoados mais tradicionais, como Serra das Araras, um corredor ecológico entre os quilombos e esses parques, e o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, então esse é O caminho do sertão.

[4] Conforme consta em https://arinos.mg.gov.br/web/conteudo/714-Reuniao_Tecnica_de_Alinhamento_RTA_Circuito_Turistico_Urucuia_Grande_Sertao Acesso em: 9/9/2023.



Mapa d'O caminho do sertão – De Sagarana ao Grande Sertão Veredas. Fonte: https://ocaminhodosertao.com.br/o-caminho/

A tentativa era preservar a natureza da intervenção pelo desenvolvimento sustentável, na rota d'O caminho. A gente imaginava possível com os recursos que a gente porventura conseguisse mobilizar para um espaço menor do que o grande território da bacia do rio Urucuia, que já não tinha mais pernas para isso, nem pernas nem ambiente. Era um modelo de resistir com a proposta e a obra do Guimarães Rosa ganhando relevo. Porque O caminho do sertão era um recorte do *Grande sertão: veredas* no território, pensado como uma espécie de inscrição literária no território, com essa perspectiva de que, com o turismo de base comunitária, a gente pudesse atrair roseanos do mundo afora para nos ajudar nesse esforço.

Porque O caminho do sertão era um recorte do *Grande sertão: veredas* no território, pensado como uma espécie de inscrição literária no território, com essa perspectiva de que, com o turismo de base comunitária, a gente pudesse atrair roseanos do mundo afora para nos ajudar nesse esforço.

Gostaria de saber como que você chegou à Roda de Leitura Guimarães Rosa.

Daí, talvez a gente possa dizer – estamos na oitava edição, que acabou de ser realizada agora em 2023 – que chegamos na Roda de Leitura nessa realização d'O caminho. Porque num determinado momento nós ficamos sabendo da Roda de Leitura, que o pessoal ia com frequência em Cordisburgo, e depois começou a ir também em Corinto, em Morro da Garça, Andrequicé e Três Marias. Eu comecei a saber desses relatos: o pessoal de São Paulo que vem aqui, que faz isso, faz assado. Eu pensei: "Uai! Também quero conhecer esse povo!" Não sei exatamente como, mas eu conheci a Rosa Haruco e resolvi ir a São Paulo visitá-la, conhecer o trabalho da Roda de Leitura. A partir daí começaram a vir as pessoas da Roda de Leitura para O caminho do sertão.

Eu imagino a potência desse encontro: Almir Paraka, Rosa Haruco e Guimarães Rosa!

Sim! Imediatamente surgiu com a Rosa uma identidade muito forte: petista, ou seja, do meu partido, com o mesmo ideário mais amplo, essa mesma visão do papel da cultura, da educação na transformação social. E a generosidade da Rosa! A gracinha da Rosa! Me apaixonei pela Rosa também! A gente passou a trocar informações, as pessoas da Roda de Leitura começaram a vir e participar d'O caminho do sertão, sempre que vinha se desdobrava numa ação ou outra. Assim essa relação, para a gente, sempre foi uma relação muito querida, porque a gente tinha convicção da afinidade com o público da Roda de Leitura.

Para finalizar, gostaria que você comentasse essa frase de Alfredo Bosi que está no site d'O caminho do sertão: "Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia".

Olha, uma faceta que eu não te contei é do meu trânsito pela Igreja Católica, com a Teologia da Libertação e os grupos de base da Igreja Católica. A partir de um determinado momento eu me afastei da instituição, mas em momentos específicos eu voltei a ela, porque também é uma força importante de atuação, em alguns pontos aqui da região, grupos associados a esse trabalho da Igreja. Então, essa questão da busca pelo sentido da vida, pelo transcendente, isso também sempre foi um valor para mim, mais forte em alguns momentos, um pouco menos em outros, mas sempre presente.

Uma faceta é o meu trânsito pela Igreja Católica, com a Teologia da Libertação e os grupos de base da Igreja Católica. Então, essa questão da busca pelo sentido da vida, pelo transcendente, isso também sempre foi um valor para mim. E foi essa faceta do Rosa, também, uma das coisas que me conquistou.

E foi essa faceta do Rosa, também, uma das coisas que me conquistou. Fui percebendo que estava tudo ali no Rosa: estavam a dimensão política, a dimensão social, antropológica, cultural e estava a dimensão do transcendente, do mistério e do espiritual. Assim, O caminho do sertão é uma tentativa de traduzir essas diversas facetas, num único instrumento, e essa frase é uma frase estimuladora do caminho. São dois bordões que a gente tem, um é esse da busca e da travessia e o outro é "Pelo cerrado e suas culturas de pé", que é exatamente essa abordagem ambiental.

Fui percebendo que estava tudo ali no Rosa: estavam a dimensão política, a dimensão social, antropológica, cultural e estava a dimensão do transcendente, do mistério e do espiritual. Assim, O caminho do sertão é uma tentativa de traduzir essas diversas facetas.

Nessa pegada socioambiental essa visão do Rosa está toda presente. A questão da busca pelo sentido, a gente sente n'O caminho do sertão, bebendo na literatura rosiana, a partir de uma rota geográfica e incorporando a dimensão literária que seria muito potente – como tem demonstrado ser – no sentido de ajudar as pessoas a uma reflexão num determinado momento da sua vida. Porque a gente fez tudo muito intuitivo, mas a partir de um determinado momento a gente passou a perceber que o exercício de caminhadas de longa distância – já tem muita literatura a respeito disso – provoca um estado alterado de consciência.

A gente fez tudo muito intuitivo, mas a partir de um determinado momento a gente passou a perceber que o

exercício de caminhadas de longa distância provoca um estado alterado de consciência.

Vários dias caminhando à beira da exaustão, saindo do seu ambiente convencional, estando imerso num outro território, numa outra paisagem, em outras relações, dentro de uma vibração de um coletivo muito interessante e muito potente, então essas questões todas associadas amplificam e são muito poderosas. É muito comum, mas muito comum mesmo, relatos de caminhantes que falam: "Olha a minha vida é antes e depois d'O caminho", tamanho o impacto.

Quem conhece o Rosa ou gosta das questões associadas ao O caminho do sertão, não necessariamente só os roseanos, mas de alguma forma aqueles que já vivenciam um processo de interiorização, que gostam da cultura popular, que conseguem respeitar a vida mais modesta de um lado e também respeitam a vida mais sofrida do povo no interior, essas questões ambientais todas implicadas na ocupação do cerrado, como a destruição do cerrado, essa cultura popular engajada, então tudo isso, eu acho que as pessoas que conseguem – porque infelizmente o formato d'O caminho do sertão não é acessível para todos, você tem que conseguir tirar em geral uns dez dias para poder vir para a experiência, lembrando que vem gente do país inteiro, pois na seleção a gente procura privilegiar essa diversidade também territorial, públicos de diferentes faixas etárias e atividades – enfim, fazer O caminho do sertão, acabam tendo acesso e uma oportunidade de um encontro de muitas diversidades do próprio território e de fora do território do país como um todo.

Mas com uma linha que une tudo: de um lado esse vínculo rosiano com a obra do Guimarães Rosa e de outro lado uma pegada de um engajamento prévio, de muitas frentes também, não tem uma unidade, mas é um espírito do caminhante porque invariavelmente ele já está engajado em muitas causas nobres. É comum ter pessoas muito mais experientes com 60, 70 ou até 80 anos, tem os caminhantes mais novos, que estão começando, e os que estão nas faixas etárias distintas. Essa dinâmica do encontro da diversidade, mas com uma linha mestra ligando tudo, animado pelas questões rosianas que estão no caminho todo de muitas maneiras, isso torna o caminho realmente muito potente!

É uma experiência que está em curso. A gente idealiza e sonha em aprimorar muita coisa, mas um dos traços também é botar o pé no chão, olhar para a realidade

das comunidades e tentar fazer com que esse trânsito, por aqui, em graus distintos, mas embalados pela obra do Guimarães Rosa, que reencontre esse território com as pessoas e o ambiente que inspiraram o Rosa. A percepção é essa: para fazer a sua obra Guimarães Rosa se inspirou no sertão, bebeu no sertão, não necessariamente nessa nossa região, que a gente sabe que ele não veio por aqui, mas é o mesmo sertão, na medida em que ele situa o *Grande sertão: veredas*, parte substantiva, aqui nessa região, não tem como dizer o contrário. Então esse sertão inspira o Rosa, ele constrói a sua obra, a obra sai daqui dessa região, ganha o mundo, e O caminho do sertão seria essa obra voltando para o local de onde ela saiu e olhando, como num espelho, e interagindo.

O sertão inspira o Rosa, ele constrói a sua obra, a obra sai daqui dessa região, ganha o mundo e O caminho do sertão seria essa obra voltando para o local de onde ela saiu e olhando, como num espelho, e interagindo.

A leitura que a gente faz d'O caminho do sertão é Rosa voltando e é o personagem mesmo. Não só a obra, mas, assim, muita gente estaria nesse papel de mediação entre a obra e o próprio personagem, a própria figura do Rosa com esse espaço do Brasil e com essa imagem de sertão que ultrapassa, efetivamente, as fronteiras do sertão mineiro. Com tudo que está implicado, porque o sertão para a gente é essa ideia força que traduz o que é o Brasil. Não é possível pensar o Brasil, entender o Brasil, sem entender o que aconteceu nesse espaço geográfico que se denominou sertão, onde foi forjada de fato a mistura que resulta no traço da cultura brasileira.

Pedro B. de Meneses Bolle – A Oficina de Leitura João Guimarães Rosa é um dos braços de um dos acervos mais importantes do IEB

O IEB, principalmente da nossa parte, da Divisão de Apoio e Divulgação, especificamente, a gente está sempre de braços abertos para qualquer tipo de evento, para qualquer tipo de manifestação, enfim, de produção que a Oficina crie.

Pedro B. de Meneses Bolle[1]

Você pode falar sobre a contribuição fundamental da Oficina (na pandemia) com o crescimento digital do IEB, através de podcasts e IEBinários (webinars)?

Na pandemia de 2020, principalmente no início, o IEB teve que buscar novas formas de se apresentar porque, obviamente, por causa do distanciamento social, enfim, da Covid-19, houve todos os fechamentos, de todos os setores, inclusive da universidade. Nós ficamos em teletrabalho por mais ou menos um ano e três meses, alguma coisa assim. A gente teve que se reinventar.

[1] Chefe técnico da Divisão Científica do IEB. Há mais de 20 anos trabalha na USP. Lidera setores como o Laboratório de Conservação e Restauro, Laboratório de TI e setores ligados às comunicações. É editor de uma publicação quadrimestral, editor-executivo de cinco publicações do IEB por ano. Jornalista e analista de sistemas tem pós-graduação em Redes de Alta Velocidade no Laboratório de Arquitetura e Redes de Computadores do Departamento de Engenharia de Computação e Sistemas Digitais da Escola Politécnica (LARC/Poli/USP). Tem especialização na Universidade de Stanford em UX/UI, também é jurado da *Games for Change* e *G4C Latin America.* Atua com gamificação e é do grupo de pesquisa do USP Metaverso. Entusiasta de Prompt Design, Engenharia de Prompt, IA e Game Design.
Pelo aplicativo do WhatsApp enviei as perguntas e recebi as respostas com os áudios, terça-feira, 3/5/2023.

Como a Divisão de Apoio e Divulgação, pela qual sou responsável, tem o setor de Difusão Cultural, nós tivemos que buscar alternativas a tudo que acontecia, antes, de maneira presencial. Como todo mundo, todas as empresas, as escolas e a própria USP. Uma das primeiras ideias foi transformar as aulas e os eventos que passariam, obviamente, para o meio digital, através de plataformas que pudessem atingir o público de casa. Nesse caso, todo mundo já sabe, todo mundo já conhece, todo mundo já participou, só que a gente colocou de uma forma diferente, não só através de plataformas como Google Meet, Zoom ou mesmo o Webex, que são plataformas de grupos de conversa, em que se pode fazer e reuniões etc., a gente pensou numa alternativa, muito mais próxima do formato de um canal de televisão e que estava surgindo também naquele momento. Era uma plataforma nova que estava surgindo e estava crescendo muito naquele momento inicial da pandemia, por volta de abril ou março de 2020. Essa plataforma, que se chama StreamYard, é um local onde a gente consegue ter uma administração do que está acontecendo. Só participam dessa plataforma pessoas que efetivamente estão falando, e tudo é transmitido ao público, a gente conseguiu transformar os nossos webinários, que nós chamamos carinhosamente de "IEBinários" – uma brincadeira e uma analogia ao IEB –, começaram a fazer parte dessa plataforma.

A Roda de Leitura não só faz como fez parte desse início, do uso dessa plataforma, justamente através de lives em que as organizadoras da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa, assim como estudantes, participantes, pesquisadores etc., fizeram parte desse nosso recomeço digital.

E onde entra a Roda de Leitura nisso tudo? A Roda de Leitura não só faz como fez parte desse início, do uso dessa plataforma, justamente através de lives em que as organizadoras da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa, assim como estudantes, participantes, pesquisadores etc., fizeram parte desse nosso recomeço digital, se é que eu posso chamar assim, dessa nossa inovação. Em todo o mundo, todos os setores estavam buscando ideias, buscando formas de interagir, e a Oficina ajudou muito com palestras, com lives e toda a sua expertise nesse momento, que foi um momento crucial de crescimento digital do IEB, de forma geral.

Eu falei a respeito dessas plataformas, principalmente da plataforma StreamYard, em que não só as palestras eram dadas, mas através tanto do Facebook, do YouTube ou qualquer outro meio as pessoas também poderiam participar dos chats. Então, hoje em dia, em 2023, é muito comum você assistir aos podcasts, que são chamados de podcasts filmados, com empresas do tipo Flow, PodPah etc. Esses recursos, hoje chamados de podcasts, estavam justamente surgindo no mesmo momento em que a gente também estava começando essa inovação digital. Nada mais eram do que também conversas, palestras, através dessas plataformas, portanto filmadas, como se fosse uma aula, como se fosse com a interação do público.

> **Não era simplesmente você falar e o público ouvir, mas era interessante receber perguntas, era interessante a gente interagir ao vivo e ao mesmo tempo rapidamente com quem estava lá, com quem chegava, com quem perguntava. [...] Tudo isso fez parte desse início, dessa – digamos assim – minirrevolução digital do IEB dos últimos anos, e a Oficina de Leitura fez parte.**

Isso era muito importante para a gente, porque não era simplesmente você falar e o público ouvir, mas era interessante receber perguntas, era interessante a gente interagir ao vivo e ao mesmo tempo rapidamente com quem estava lá, com quem chegava, com quem perguntava. Poderia interagir de várias formas: interagir lendo a pergunta na hora, respondendo na hora, como também colocando na tela as perguntas para o público também ver e achar mais facilmente. Tudo isso fez parte desse início, dessa – digamos assim – minirrevolução digital do IEB dos últimos anos, e a Oficina de Leitura fez parte, obviamente, dessas lives e desses eventos todos.

Falando em podcasts, hoje em dia eles são bem conhecidos, como essas lives filmadas, mas também tem um lado dos podcasts que são os podcasts do estilo Spotify, que são somente áudios. Também começou nessa época, por volta de meados de 2020. Muitos outros lugares começaram a produzir os seus podcasts, e a gente, no IEB, entrou nesse novo mundo logo no início. Praticamente a gente parou na metade de março de 2020 – 18 de março, se não me engano –, e logo, a partir do início de abril de 2020, todos os dias, sem falta, sem nenhuma lacuna, todos os dias tivemos podcasts relacionados aos

interesses do IEB. E a gente conseguiu essa proeza de fazer esses podcasts diários – com exceção, obviamente, do fim de semana – nos dias úteis, dias de trabalho, a gente tinha um podcast novo.

Foram então chamados de podcasts do IEB, e posso afirmar com toda a certeza que só foi possível para o IEB conseguir que a gente, digamos, tivesse a periodicidade e a própria criação desses podcasts muito por causa da Oficina de Leitura, que contribuiu absurdamente com esse início e com a manutenção desse acervo de podcasts nosso.

Então virou uma rotina de pesquisadores, alunos, professores, entusiastas, estudantes, curiosos, funcionários, membros da universidade, de fora da universidade, membros da Oficina de Leitura, enfim, de ouvirem todos os dias o podcast que tinha sido criado naquele dia. Foram então chamados de podcasts do IEB, e posso afirmar com toda a certeza que só foi possível para o IEB conseguir que a gente, digamos, tivesse a periodicidade e a própria criação desses podcasts muito por causa da Oficina de Leitura, que contribuiu muito com esse início e com a manutenção desse acervo de podcasts.

Eu não sei exatamente se consigo precisar de quantos episódios a Oficina de Leitura participou, porque agora, em 2023, a produção de podcasts diminuiu justamente porque 2020-2021 foi uma fase bastante produtiva, foram mais ou menos uns dois anos até talvez início para meados de 2022. Então agora reduziu, seguimos produzindo, mas num ritmo muito menor do que naquela época. E a Oficina de Leitura Guimarães Rosa foi fundamental para esse início.

Contando hoje que nós temos mais de 200 podcasts, acho que cerca de um quarto desse número foi produzido, e muito bem produzido, e muito bem organizado, por toda a equipe que coordena a Oficina de Leitura.

Contando hoje que nós temos mais de 200 podcasts, acho que cerca de um quarto desse número foi produzido, e muito bem produzido, e muito bem organizado,

por toda a equipe que coordena a Oficina de Leitura. Não vou citar o nome de todo mundo porque posso esquecer alguém, posso ser injusto, mas toda a organização da Oficina de Leitura, de um modo geral, participou e provavelmente deve ter gente que também participou naquela época que hoje também não está mais na própria Oficina, mas foi fundamental para que a gente começasse e mantivesse, por causa justamente da Oficina, essa periodicidade, e por isso acho que cresceu tanto! Porque a gente conseguiu com isso manter a periodicidade, a gente conseguiu então manter com um podcast por dia, com essa excelente ajuda da Oficina, essa parceria fantástica, e com isso a gente conseguiu angariar outros temas, outras ideias, outros conjuntos de textos, de falas e ideias de outros temas que são relacionados ao IEB também.

Com relação ao Guimarães Rosa, nós do IEB somos o maior detentor da guarda do acervo dele, mas também guardamos outros acervos, como os de Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Victor Brecheret, enfim, foram expostos muitos desses nossos outros acervos. Então isso foi fantástico! Acredito que devemos praticamente toda essa questão dos podcasts principalmente à ajuda que a gente teve da Oficina de Leitura.

Como é feita a divulgação das atividades da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP?

A divulgação das atividades da Oficina é feita basicamente quando a própria Oficina nos envia a programação, porque a Oficina é, digamos, um braço do IEB, um braço muito importante, mas que tem uma coordenação própria e que não depende diretamente de nós. A gente se baseia, para a divulgação, no que a equipe de coordenação nos apresenta. Quando a coordenação vai fazer alguma live, algum evento, vai participar de uma atividade na Semana Rosiana, por exemplo, ela planeja e nos passa para divulgação. Quando nós recebemos essas informações, fazemos a divulgação da melhor forma.

A Oficina nos envia a programação, porque a Oficina é, digamos, um braço do IEB, um braço muito importante, mas que tem uma coordenação própria e que não depende diretamente de nós. Quando a coordenação vai

fazer alguma live, algum evento, vai participar de uma atividade na Semana Rosiana, por exemplo, ela planeja e nos passa para divulgação.

Até o momento, sempre que possível, a gente também faz parcerias no sentido de que a Oficina de Leitura, quando precisa de alguma ajuda, alguma coisa, a gente também pode ceder o espaço para eventos, pode ceder o espaço – como sempre foi – para a leitura presencial, principalmente agora, depois que passou o pico da pandemia, embora ela não tenha acabado, agora as atividades já voltaram um pouco mais ao normal – se é que dá para dizer isso –, mas três anos depois da pandemia a gente já voltou um pouco à rotina de antes. Então o IEB, principalmente da nossa parte, da Divisão de Apoio e Divulgação, especificamente, a gente está sempre de braços abertos para qualquer tipo de evento, para qualquer tipo de manifestação, enfim, de produção que a Oficina crie.

Tivemos vários diretores que passaram pelo IEB, desde o nosso vice-diretor Dieter Heidemann – que se não me engano foi um dos que ajudaram a fundar, a criar, a Oficina de Leitura –, nessas mudanças de gestão sempre o IEB apoiou a Oficina de Leitura.

Uma coisa importante a ser destacada é que nesses 20 anos de Oficina de Leitura ela passou por muitos momentos diferentes, em que o IEB estava num prédio um pouco mais antigo, lá nas Colmeias da USP, perto de onde ficava antigamente a moradia estudantil, o IEB passou para a parte nova, já está há bastante tempo no prédio novo. Depois tivemos vários diretores que passaram pelo IEB, desde o nosso vice-diretor Dieter Heidemann – que se não me engano foi um dos que ajudaram a fundar, a criar, a Oficina de Leitura –, nessas mudanças de gestão sempre o IEB apoiou a Oficina de Leitura. Espero que sempre continue apoiando, porque é fundamental, é um dos braços de um dos acervos mais importantes que a gente tem. É um dos, pois a gente tem vários outros acervos, e todos, obviamente, são importantes, mas digamos que o do Guimarães Rosa é um dos acervos mais frequentados, mais visitados e um dos mais conhecidos.

> **A Oficina de Leitura tem coração próprio e, independentemente de qualquer tipo de interação com a direção, em geral, está sempre andando, está sempre em destaque.**

Provavelmente, uma questão que pode ser mais interpretada ou mesmo respondida pela própria coordenação da Oficina é que ela também passou por vários momentos, cada direção do IEB trata de um jeito a Oficina de Leitura, algumas são mais proativas, outras menos, mas, como a Oficina tem coração próprio, independentemente de qualquer tipo de interação com a direção, em geral está sempre andando, está sempre em destaque, e tudo o que a gente puder fazer também por esse grupo, que é fantástico, pelo menos da minha parte, sempre vai ter apoio incondicional.

Como tem sido a relação do IEB com a Oficina? Pode falar das parcerias, da relação com as coordenadoras, com o Arquivo?

O Arquivo do IEB é um setor separado do nosso. Somos a Divisão de Apoio e Divulgação do IEB, que tem diversos braços, como o laboratório de informática, a digitalização, a difusão cultural, imprensa, o laboratório de conservação e restauro de papel e principalmente as publicações. Fazemos oito publicações por ano, entre elas a *Revista do IEB* – em 2022 saiu uma estatística no *Jornal da USP* mostrando que nós fomos uma das 25 revistas científicas mais lidas, mais baixadas e mais vistas da USP, sendo que a USP tem mais de 200 periódicos. Estou falando tudo isso porque a Oficina tem uma parceria muito grande com o Arquivo do IEB.

> **O que posso contar [em relação ao Arquivo] é que basicamente sempre foi uma relação muito harmoniosa, no sentido de que sempre que a Oficina precisa de informações, de documentos, de fotos, de livros – apesar da Oficina de Leitura não ser um grupo especificamente de dentro do prédio, não ter uma sede no prédio, é um braço, com coordenadores externos –, a gente sempre tem, obviamente, um carinho muito grande para abrir esse acesso para algo que faz parte da gente.**

E o arquivo do IEB, como eu estava falando, é um braço um pouquinho diferente, ele é um braço dos acervos, propriamente, e não da nossa divisão. Então é importante, eu acho, perguntar para alguém do Arquivo ou da própria Oficina como é essa relação. O que posso contar, o que eu sei, é que basicamente sempre foi uma relação muito harmoniosa, no sentido de que sempre que a Oficina precisa de informações, de documentos, de fotos, de livros – apesar da Oficina de Leitura não ser um grupo especificamente de dentro do prédio, não ter uma sede no prédio, é um braço, com coordenadores externos –, a gente sempre tem, obviamente, um carinho muito grande para abrir esse acesso para algo que faz parte da gente. Então, eventos como Infinitamente maio, no qual a Oficina estava enraizada, acho que foi em 2019[2], em que Oficina de Leitura participou, teve um grande apoio do Arquivo e foi, além de tudo, feita também uma exposição dentro do IEB, se não me engano, foi a primeira exposição no prédio novo, que é um prédio que deve ter uns dez anos de idade, mas os acervos chegaram faz mais ou menos uns cinco anos, então nesse período foi a primeira exposição em que a Oficina participou ativamente, e com certeza o Arquivo deu todo o apoio possível.

Uma curiosidade: atualmente a Oficina acontece de maneira online e para isso tem usado o e-mail do IEB para acessar a plataforma Meet, para armazenar os materiais, como vídeos no YouTube (palestras, saraus etc.). Quem tem cuidado desse trabalho são pessoas mais novas, todas voluntárias – e que, neste momento de conclusão dos estudos na USP, já estão saindo para o mercado de trabalho. Haveria alguma possibilidade de a Oficina ter um estagiário remunerado (escolhido por meio de edital do IEB-USP) para contribuir nesse trabalho mais técnico?

Essa pergunta eu acho que já posso, de certa forma, responder de uma forma clara pelas informações que tenho baseadas nas nossas reuniões mensais no IEB, que tratam dessa questão de estágio. Você cita que a Oficina de Leitura também funciona, além da coordenação fixa, com a ajuda de alunos e alunas que são obviamente dedicados e voluntários para fazer esse trabalho. Então, muitas vezes, trabalhos que demandam tecnologia, alguma parte de informática, parte do design, parte de outras áreas que não

[2] Conforme consta em https://www.ieb.usp.br/infinitamente-maio/ Acesso em: 12/9/2023.

necessariamente envolvem as áreas de formação das próprias pessoas da coordenação, e que são feitas, como você diz, por estagiários ou por voluntários, e você pergunta se existe alguma possibilidade de que a Oficina tenha um estagiário, digamos assim, pago pelo IEB, por meio de algum edital. Então eu te dou uma resposta simples e uma resposta não tão agradável.

A verba do IEB é limitada, consegue fazer com que nós nos estruturemos de uma forma para extroversão, para os eventos, para as coisas que os funcionários, os professores e os próprios alunos precisam para fazer o Instituto funcionar, mas não é uma verba grande, não sobra dinheiro.

É assim. Tecnicamente sim, é possível, só que na prática, neste momento e nos próximos anos, é impossível. Estamos num momento complicado de repasse de verbas da Universidade para o IEB. Não que isso seja algo grave, mas a verba do IEB é curta, consegue fazer com que nós nos estruturemos de uma forma para extroversão, para os eventos, para as coisas que os funcionários, os professores e os próprios alunos precisam para fazer o Instituto funcionar, mas não é uma verba grande, não sobra dinheiro. Estou falando isso porque mensalmente temos um debate muito intenso com relação a, por exemplo, quem neste ano vai "ganhar" um estagiário. Porque todos os setores do IEB, seja a nossa Divisão, que atualmente, se não me engano, tem quatro estagiários, sejam os acervos do IEB, que têm um ou dois estagiários em cada acervo, sejam outras divisões, ou outros setores, como o acadêmico, que não tem nenhum estagiário, ou a própria divisão financeira, que também não tem nenhum, sempre tem uma discussão muito grande com relação a quem vai ter estagiários, e, o que é mais importante, é muito difícil definir dentro do IEB o que é mais importante! Porque, se você puxa de um lado, você descobre outro – como naquela famosa frase do cobertor é curto – então você puxa o cobertor para cima, a parte de baixo fica descoberta.

Então é uma equação muito complicada! Realmente muito complexa! Todos os meses a gente discute quem

vai receber esse incentivo, que é essa necessidade real de ter um estagiário lá dentro.

Você não tem acervo se não tiver a produção e a dedicação na parte anterior de arquivamento, de conservação, de recebimento desses acervos; você não consegue processar se não tem equipamentos; você não consegue digitalizar se também não tem equipamentos, então, não adianta também investir tudo em equipamentos e depois não conseguir investir em extroversão. Então é uma equação muito complexa! Todos os meses a gente discute quem vai receber esse incentivo, que é essa necessidade real de ter um estagiário lá dentro. E posso dizer com certeza que nunca ninguém fica satisfeito! Todas as vezes, mesmo recebendo alguns estagiários, a gente não está satisfeito, porque seria necessário sempre muito mais!

Então, de onde vem o dinheiro dos estagiários? Não vem propriamente do dinheiro que a USP repassa, porque a USP repassa, em geral, dinheiro para equipamentos, para contratação de serviços de limpeza, segurança, móveis, informática, toda a papelada necessária no Arquivo, na Biblioteca, na Coleção de Artes Visuais, todos os produtos químicos, todas as máquinas e todos os apetrechos de desumidificação, ar-condicionado, manutenção, enfim, não vou citar tudo, mas é uma infinidade de questões que são pagas com esse dinheiro. Assim, muitas vezes, a gente chega num ponto em que a gente fala: Vai ter um estagiário ou a gente vai conseguir fazer a manutenção no ar-condicionado? São coisas desse tipo. Uma questão é ter o fundamental para manter os acervos e a outra é ter uma pessoa que vai ajudar a desenrolar algum problema ou resolver alguma questão – e muitas vezes a gente tem que optar por não ter estagiários.

De onde vem o dinheiro dos estagiários? Não vem propriamente do dinheiro que a USP repassa, porque a USP repassa, em geral, dinheiro para equipamentos, para contratação de serviços de limpeza, segurança, móveis, informática, toda a papelada que precisa no Arquivo, na Biblioteca, na Coleção de Artes Visuais, todos os produtos químicos, todas as máquinas e todos os apetrechos de desumidificação, ar-condicionado, manutenção, enfim,

não vou citar tudo, mas é uma infinidade de questões que são pagas com esse dinheiro.

Estou contando tudo isso para deixar claro que a questão de a gente não ter, hoje, um estagiário para a Oficina de Leitura é uma questão que vai muito além só do dinheiro, é uma questão que a gente tem que pensar em termos de onde vem esse dinheiro para os estagiários. Como estava falando, não vem só da própria USP, parte desse dinheiro vem de uma renda interna do IEB – e aí é uma questão técnica em que não vou me aprofundar, mas que vem de questões, por exemplo, de reproduções. Então, quando uma empresa, vamos supor, vai fazer um livro, e esse livro tem imagens, essas imagens estão no IEB, sob os direitos do IEB, a gente então cobra por elas. Só que nem todo mundo quer pagar! Todo mundo quer imagens de graça, acha que a gente tem que ceder as imagens etc., mas o IEB cobra, porque tem todo o processamento, desde a chegada do acervo, isso tem um custo, tem um custo extra do que a universidade paga. Então, quando alguém paga por imagem um valor x, esse valor fica alocado também para a contratação de estagiários. Então a verba anual necessária para a contratação de estagiários, se não me engano, é hoje em torno de 18 mil reais (por 30h semanais de estágio). Significa que para ter um estagiário você precisa ter uma renda de 18 mil reais, por exemplo, de reprodução de imagens, ou de locação para filmagens lá dentro, ou de outras formas, como a gente tem, para conseguir essa verba.

Tudo isso eu estou falando porque a gente já tem esse problema interno, de estagiários, e, portanto, como conseguir nos próximos anos um estagiário para um braço do IEB que não está lá dentro do IEB, especificamente, no caso, a Oficina de Leitura? Acredito que é muito difícil algum dia, nos próximos dois a três anos, que isso saia do plano das ideias.

Tudo isso eu estou falando porque a gente já tem esse problema interno, de estagiários, e, portanto, como conseguir nos próximos anos um estagiário para um braço do IEB que não está lá dentro do IEB, especificamente, no caso, a Oficina de

Leitura? Acredito que é muito difícil algum dia, nos próximos dois a três anos, que isso saia do plano das ideias. Porque a gente está internamente disputando estagiários e tem que tirar esse dinheiro de algum lugar lá de dentro, então a gente só vai conseguir, por exemplo, ter alguém a mais quando cobrar alguma coisa mais. Os eventos todos do IEB são públicos, são de graça, todas as publicações do IEB são de graça, você pode baixar a *Revista do IEB*, você pode baixar o *Informe IEB*, você pode baixar os livros que o IEB faz, que nós chamamos de *Cadernos do IEB*, tudo, tudo é gratuito! Você tem, por exemplo, imagens para pesquisadores que você consegue isenção, você não paga; para alunos tem uma taxa mínima. Se você for pensar, de uma forma geral, tudo que nós fazemos é gratuito, por ser universidade, por ser público, e por tudo isso já está embarcado naquela verba que o IEB recebe, mas os extras – estagiários são considerados como extras – são dessas outras rendas. Só se a gente conseguir cobrar de alguma forma ou muito mais para ter estagiário sobrando é que a gente vai conseguir embarcar nessa ideia de ter um estagiário para a Oficina de Leitura.

Não é simples manter mais de 500 mil documentos, mais de 270 mil volumes de livros e mais de 9 mil obras de arte – e nós somos 40 funcionários. É muita coisa, é muito trabalho.

É bem complexo! É bem complicado, porque primeiro tenho certeza de que a direção sempre vai priorizar o espaço físico e o que está lá dentro (acervos), sempre vai fazer isso. Os braços – porque a Oficina de Leitura não é o único braço, o IEB tem muitos braços, em todos os sentidos, em todos os lados, e muita gente que precisaria de estagiários também. A disputa é grande! Estou contando toda essa história para dizer que infelizmente, nesses próximos anos, pessoalmente acredito que seja bem difícil conseguir essa verba. E, mesmo que tivesse essa verba, que fosse usada para alguns dos braços, sendo que lá dentro mesmo a gente tem essa necessidade. Não é simples manter mais de 500 mil documentos, mais de 270 mil volumes de livros e mais de 9 mil obras de arte – e nós somos 40 funcionários. É muita coisa! É muito trabalho! E a gente precisa, lá dentro, internamente, realmente desses estagiários.

A Oficina de Leitura não é o único braço, o IEB tem muitos braços, em todos os sentidos, em todos os lados, e muita gente que precisaria de estagiários também. A disputa é grande!

Não estou falando que não seja importante, não estou falando que não seja interessante pensar nisso, mas estou falando que neste momento financeiro é difícil, é bem difícil. Eu acho que uma solução – sempre a gente tenta arrumar soluções para esse tipo de problema – é, por exemplo, a Oficina de Leitura de alguma forma se vincular a algum professor da casa, temos cerca de 13 professores ativos hoje no IEB. Isso não vai ser fácil porque os professores já têm as suas pesquisas, os seus propósitos, os seus trabalhos, as suas aulas, mas isso seria um passo muito importante, acho que uma Oficina 2.0 seria esse vínculo com algum dos professores. E, com isso, talvez uma alternativa seja a Oficina de Leitura fazer parte de algum tipo de projeto que seja financiado. Isso é possível. Uma alternativa também é a Oficina cobrar por algum evento e essa verba ser usada para a contratação dessa pessoa.

Eu acho que uma solução – sempre a gente tenta arrumar soluções para esse tipo de problema – é, por exemplo, a Oficina de Leitura de alguma forma se vincular a algum professor da casa. Eu comentei do BNDES, mas existe a CAPES, o CNPq, a FAPESP, que acolhem muitos projetos desse tipo, projetos da área de humanas, e que talvez seja interessante começar a pensar.

É muito difícil, mas é possível, do jeito que nós tivemos há dois anos um aporte muito grande do BNDES para um projeto chamado Projeto Manuel Correia de Andrade, que é produção do acervo dele, desde a chegada até a extroversão, até colocar num site, restauro, enfim, desse projeto. Foi um projeto que levou anos para a gente conseguir que isso virasse e saísse do papel! Por isso acho que algum dia, numa versão 2.0 ou até numa versão 3.0 da Oficina de Leitura, isso seja possível através de um projeto, que iria um pouco além só da leitura – não estou dizendo que a leitura seja pouco, ela é

fundamental e é o que mantém a Oficina esse tempo todo –, mas que vá além disso para alguma outra atividade acadêmica, que isso possa fazer parte de algum outro projeto e esse outro projeto tenha algum aporte externo.

Nesse caso eu comentei do BNDES, mas também existe a CAPES, o CNPq, a FAPESP, que acolhem muitos projetos desse tipo, projetos de humanas, e talvez seja interessante começar a pensar a partir desses 20 anos da Oficina de Leitura em algo que possa ser um pouco mais sustentável para a própria Oficina crescer, financeiramente falando. Porque ela já tem toda a estrutura para ser um grande centro, falta um local, falta um pesquisador vinculado à universidade, faltam algumas coisas-chave que eu acho que não são complicadas. São difíceis, tem que batalhar para conseguir, mas não são impossíveis! E a partir daí uma nova versão da Oficina de Leitura que integre de certa forma mais a universidade em si, e não só o IEB, com a própria Oficina. Aí talvez até outras oficinas, de outros institutos, enfim, as ideias são muitas, mas a gente acha que vai ter que começar a pensar nisso para que justamente a contratação do que vocês chamam de estagiários, digamos, para algum tipo de ajuda para a Oficina se torne um projeto mais sustentável nesse sentido de que seja possível no futuro ter uma verba própria.

Porque a Oficina de Leitura já tem toda a estrutura para ser um grande centro, falta um local, falta um pesquisador vinculado à universidade, faltam algumas coisas-chave que eu acho que não são complicadas. São difíceis, tem que batalhar para conseguir, mas não são impossíveis!

O que nós fizemos a partir de 2021 foi o aprimoramento desse braço do IEB, chamado de Oficina de Leitura, que tem um corpo próprio, tem pensamento próprio, tem uma atividade própria, que foi a gente integrar com um e-mail institucional, que você consegue, a partir daí, ter um vínculo mais formal. Tudo isso eu acho que é muito válido para a gente mexer na Oficina dessa forma, de uma forma mais profissional e de uma forma que contemple mais a academia e a comunidade em geral.

Talvez seja importante a própria Oficina de Leitura pensar como vai ser, como eles querem ou elas querem a Oficina de Leitura daqui a cinco anos, dez ou 20 anos. Quem cuida? Como ela se mantém? São questões um pouquinho mais filosóficas, mas que trazem para a realidade talvez as necessidades de uma sustentabilidade da própria Oficina.

Essas são as ideias que eu tenho. Agora, infelizmente, simplesmente pegar um estagiário e alocar nesse braço eu acho bem difícil. Acho que esses projetos que eu citei são o futuro, acho que a gente tem que pensar a partir disso, a partir desse ponto. Não é fácil, mas é possível. Para colher os frutos daqui a uns cinco anos, alguma coisa assim. Talvez seja importante a própria Oficina de Leitura pensar como vai ser, como eles querem ou elas querem a Oficina de Leitura daqui a cinco anos, como eles querem a Oficina daqui a dez anos, como eles querem Oficina daqui a 20 anos. Quem cuida? Como ela se mantém? São questões um pouquinho mais filosóficas – e também práticas –, mas que trazem para a realidade talvez as necessidades de uma sustentabilidade da própria Oficina. E aí é outra conversa, é outro momento para a gente discutir o que fazer e o que Oficina vai se tornar, porque ela já é grande, ela já é importante, mas começar a pensar talvez daqui para a frente o que vai ser, como vai ser e para quem vai ser, de uma forma um pouquinho diferente. Penso que tem tudo para dar certo e que é uma coisa muito legal para a gente pensar!

Marise Soares Hansen – Para quem gosta de ouvir a palavra

A gente está falando de uma experiência, na Roda de Leitura, que não tem muito limite, que não tem medo de expansão, porque ela vai crescendo e se moldando e adquirindo novas formas e formatos, inclusive como online.

Marise Soares Hansen[1]

Como você chegou à Oficina de Leitura do Guimarães Rosa?

Eu cheguei via Cordisburgo. Via Brasinha. Eu não conhecia a Oficina de Leitura, eu nem tinha começado nem tinha formalizado a pesquisa sobre o Rosa, mas estava sentindo aquele chamado! Eu lia muito! Tinha feito o mestrado sobre o Machado de Assis, mas eu lia muito Guimarães Rosa. Em 2010, quando eu fui para Cordisburgo com a minha família, a gente foi à Loja do Brasinha e ele falou: "Você deve conhecer, então, a Rosa, da Roda de Leitura do IEB?" E eu falei: "Não!" E aí ele falou no IEB, assim, assado, eu não lembro nem se ele passou algum contato, não era nem essa época de passar o WhatsApp, contato, nada disso, nem redes sociais.

Eu adorei essa coisa da leitura em voz alta, da roda mesmo, a gente disposta em círculo lá. E eu achei

[1] Mestre e doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH – USP, com trabalhos sobre Machado de Assis e Guimarães Rosa. Na mesma faculdade lecionou como professora adjunta e, para a UNIVESP, criou a disciplina Literatura e Cultura Brasileira. Coordena a Motirõ – Escola de Criação Literária da Oceanos Cultura. De poemas, publicou os livros *Porta-retratos* (2015), pela Ateliê Editorial, a ser reeditado neste ano, e *A palavra acre* (2022), pela Editora Patuá.
Entrevista concedida quinta-feira, 9/5/2023 – 10h17min São Paulo – 15h17min Paris.

interessante isso de ter de ir para Cordisburgo, para lá em Cordisburgo me falarem da Roda do Rosa aqui em São Paulo. Foi assim.

Eu não lembro como é que foi, mas eu devo ter ido direto lá no IEB. Era lá na outra sede antiga, o Iebinho, que eles chamavam. Eu lembro que eles estavam lendo, eram poucas pessoas: a Rosa, o Moisés, o Daniel, a Linda. A Regina parece que nessa época não estava indo, eu conheci a Regina depois. Eu adorei essa coisa da leitura em voz alta, da roda mesmo, a gente disposta em círculo lá. E eu achei interessante isso de ter de ir para Cordisburgo, para lá em Cordisburgo me falarem da Roda do Rosa aqui em São Paulo. Foi assim.

Você já tinha feito mestrado, nessa época que você começou a participar, e aí veio o interesse de estudar o Rosa...

Eu já estava, como disse, sentindo essa vontade, já que gostava tanto desse autor. Mas o que me fez mesmo decidir que seria com o Rosa que eu queria fazer o doutorado foi ter ido para Cordisburgo, naquela viagem que eu mencionei. Depois na Roda você vai também se embrenhando, você vê pessoas interessadas e a gente em contato com o texto do Rosa.

E que aspecto do Rosa você estudou no doutorado?

Eu fiz muita pesquisa: fui aqui em São Paulo ao IEB, à Brasiliana, no Rio de Janeiro à Biblioteca Nacional, ao Instituto Rui Barbosa, fui atrás de periódicos. O meu interesse são os periódicos em que o Rosa publicou. Eu pesquisei bastante coisa, mas acabei escolhendo a revista *Senhor,* onde ele publicou sete das suas novelas[2]. Fiz essa seleção, e na tese fiz um estudo sobre a revista *Senhor* e a relação entre esse periódico e o Guimarães Rosa, pensando no autor, na figura e na representação do autor. Tem até um pouco a ver com o trabalho da Mônica Gama, sobre a representação do autor, um pouco da recepção desses textos pela revista. Também fala um pouco de outros periódicos, nessa questão da recepção, para ver como é que aquela literatura e aqueles

[2] "Guimarães Rosa e a revista Senhor: Uma poética da integração" Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-06022019-124129/pt-br.php Acesso em: 8/8/2023.

textos dialogam ou não, corroboram ou não, com uma espécie de discurso cultural da época que é muito representado pela revista, que é muito moderna, muito vanguarda, principalmente no aspecto do design gráfico. O que é que faz um autor como o Rosa ali? Como que isso é visto, ali, pelos leitores da revista e do próprio Rosa? Como é que essa publicação que se dá originalmente ali pode trazer elementos para compreender, para fazer certas leituras desses textos que depois figurarão em volume, pois aparecem no *Primeiras Estórias* e depois em *Estas estórias*.

Você é uma professora, estudiosa do Guimarães Rosa, poderia falar dessa experiência de ser colaboradora na Roda de Leitura, para falar como especialista?

Eu adoro! Porque são leitores do Guimarães Rosa. Primeiro: é gente sempre muito interessada. Segundo: é gente que tem um repertório de leitura e que pode, portanto, sempre contribuir. Vira uma conversa. Então é muito legal, adoro! E isso também foi alguma coisa que foi mudando na Roda. A Roda de Leitura é muito orgânica, nesse sentido, o que é ótimo, não tem uma rigidez, porque quando eu comecei – que foi quando eu te conheci também – a gente basicamente lia o livro.

Mas eu lembro que recebíamos alguns convidados eventuais: eu lembro da Sandra Vasconcelos, da Adélia Bezerra de Meneses, o Tiago, do Grupo Miguilim, se apresentou uma vez, lembro de você também...

Pois é, já havia isso, essa mescla. E assim a Roda ela vai alargando, ela vai crescendo, neste sentido. Então acho que a gente tem hoje, pelo que eu vejo, uma diversidade muito grande de convidados para falar: artistas, músicos, como o Jean Garfunkel, atores, como é o caso do Gilson de Barros. Sem falar da abertura propiciada pelo formato online.

E assim a Roda ela vai alargando, ela vai crescendo, neste sentido. Então acho que a gente tem hoje, pelo que eu vejo, uma diversidade muito grande de convidados para falar. Eu já fui algumas vezes, e são sempre experiências muito boas!

Sobre essa questão de colaborar na Roda de Leitura, eu já fui algumas vezes, e são sempre experiências muito boas! A última vez foi em 17 de abril de 2023: "Ele proseava poéto: poema e poesia em Guimarães Rosa", mas já apresentei sobre o *Cara-de-bronze*. Faz algum tempo que eu não consigo participar das leituras, por causa do trabalho. Particularmente gosto muito mais da forma presencial, gostaria muito de participar, tem outra energia, sinto falta de a gente estar ali juntos, mas por outro lado tem que pensar nas pessoas que não teriam oportunidade, então pensando nessas pessoas que estão longe, claro que a gente tem que achar bom também. Acho que todos nós ficamos um pouco cansados de tela durante a pandemia, não é?

E tem a Marise que, além de professora e pesquisadora, é também poeta. Como é o seu percurso criativo, ele se alimenta da literatura, da vida?

Às vezes não parece que está tudo meio ligado, mas até mesmo o pedalar, às vezes eu fico pensando, qual é a relação entre as coisas. Mas com a poesia é muito fácil de perceber, de sentir. Por exemplo, a leitura que eu faço de Guimarães Rosa passa diretamente pelo fato de eu ler muita poesia e escrever poesia. Então o olhar que eu tenho, aquilo que me atrai, que me chama a atenção, é um olhar que passa diretamente pelo fato de eu me expressar pela poesia. A gente acaba tendo um olhar e um ouvido muito atentos para determinadas coisas. Por isso é muito prazeroso fazer uma fala como aquela que junta o texto rosiano com a questão da linguagem poética. Porque junta tudo isso para o qual eu venho me dedicando.

Por exemplo, a leitura que eu faço de Guimarães Rosa passa diretamente pelo fato de eu ler muita poesia e escrever poesia. Então o olhar que eu tenho, aquilo que me atrai, que me chama a atenção, é um olhar que passa diretamente pelo fato de eu me expressar pela poesia.

E na minha pesquisa a questão, claro, diz mais respeito ao texto, nunca deixo de considerar o texto, isso não faria nenhum sentido, mas amplia um pouco no sentido de perceber essas circunstâncias mais materiais, sociais e históricas da produção da obra. Mas aí, quando eu tenho que falar do texto, a coisa até flui mais facilmente, por causa desse esse meu lado "B", por causa desse ofício de ser poeta.

Sertão[3]

I. Sertão

SERtranscendenTAO

II. Mito

Eu quase nem não acredito:
estudei – verdade ou mito? –
na Rua João Guimarães Rosa.

[3] Os quatro poemas da série "Sertão" (Sertão, Mito, Torvelim e Nonada) fazem parte do livro *Porta-retratos*, publicado pela Ateliê Editorial em 2015, com reedição prevista para 2024. O volume, que tem apresentação do poeta Ricardo Aleixo e quarta-capa de Arnaldo Antunes, apresenta tanto formas convencionais quanto experimentações gráficas, como a do poema em espiral ou "redimunho".

III. Torvelim

91

IV. Nonada

Sal na lesma
Água no sal
Fogo na água
Vento no fogo
Muro no vento
Pedra no muro
Ferro na pedra
Fogo no ferro
Água no fogo
Terra na água
Vento na terra
Nada no vento
Voo no nada.

A literatura tem essa capacidade de fazer a gente se aproximar de questões que são profundas e também de questões que são do cotidiano...

Acho que sim, acho que é um convite, sim, a literatura do Rosa faz esse convite. Quando eu vou para as viagens de bicicleta a maior parte delas primeiro foi para lugares de Minas Gerais. São trilhas o tempo inteiro em meio àquela vegetação, àquele relevo. Tem horas que as coisas se mesclam muito, você olha para aquelas coisas e parece que você está sentindo uma inspiração rosiana. Você fica muito impregnada por um determinado olhar atento, desperto e também por uma determinada linguagem. Nesses momentos a gente acaba fazendo poesia mesmo. Pode não fazer ali na hora, descer da bicicleta e anotar, mas alguma coisa já surge ali.

Destaco abaixo a foto com o professor Dieter Heidemann, quando escrevíamos à mão a biografia de Rosa, no chão, pondo em números e palavras o que a turma do

bordado do Teia de Aranha fez tão lindamente no painel "Do Danúbio ao São Francisco". Isso foi logo que o IEB mudou de endereço.

Que recado final você deixa para alguém deseja entrar nesse caminho e desvendar essa maravilha que é ter contato com a literatura do Guimarães Rosa?

Eu agradeço a você pelo convite para participar, fico feliz de participar. Tudo o que vem com essa marca da Roda de Leitura já me anima, me entusiasma. Então saber

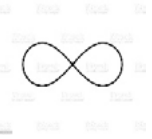
que você está fazendo um livro sobre isso, que coisa mais importante, fazer um registro acadêmico e formal de tudo isso. Nada mais rosiano também do que pegar e estabelecer essa ponte, esse diálogo entre uma coisa que se dá dessa forma mais descontraída, na forma de conversa, de leitura, sem preocupações, que é como se dão as leituras na Roda, mas trazer isso para esse outro espaço, para esse outro universo, para que as pessoas conheçam, para deixar isso registrado, isso é muito rosiano. Parabéns!

Nada mais rosiano também do que pegar e estabelecer essa ponte, esse diálogo entre uma coisa que se dá dessa forma mais descontraída, na forma de conversa, de leitura, sem preocupações, que é como se dão as leituras na Roda, mas trazer isso para esse outro espaço, para esse outro universo, para que as pessoas conheçam, para deixar isso registrado, isso é muito rosiano!

Agradeço sempre aos convites da Rosa. É sempre um prazer estar na Roda de Leitura, é aquela história: para quem gosta de Guimarães Rosa ou para quem gosta de ouvir, a palavra – numa referência paródica à Palavra-revelação – é lugar de convite, é um lugar muito convidativo porque a partir dali você pode vir a conhecer pessoas, vir a conhecer textos, é uma troca muito intensa que pode descortinar e te levar para outras coisas, para outros lugares e até outras pessoas!

Outras pessoas vão se agregando, num movimento sem limite que não tem como não nos remeter ao próprio símbolo do infinito que eu acho que é muito isso, aquilo vai e volta, entram e saem pessoas. O orgânico é isso, parece um organismo vivo em que algumas células, vamos dizer assim, às vezes se desagregam para depois voltar, e outras partem, mais novas chegam, mas existe sempre ali um corpo. Existe sempre esse corpo vivo, e esse trânsito e esse movimento infinito que vai acontecendo ali. Por

isso que eu falei que não tem rigidez, nem de número de participantes, nem de quem são os participantes. E segue em pleno movimento!



TRAVESSIA V - Participantes

Recorte do projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*

Uiara Sabrina Miranda – Algumas estórias vivas

O que eu observo lá na Roda online é que a gente é tudo igual, ali num tem professor, não tem doutor, não precisa ter doutorado, todo mundo aprende junto, não precisa ter conhecimento da obra pra estar participando!

Uiara Sabrina Miranda[1]

Como você começou a participar da Roda de Leitura online, uma vez que você mora em Andrequicé, distrito de Três Marias[2]**?**

Olha eu já participava da Roda de Leitura presencial de Andrequicé, aí veio a pandemia. Eu recebi o convite através da Rosa Haruco, ela colocou no grupo do WhatsApp e fez o convite para eu entrar na Roda online, eu comecei a receber links e, pronto, entrei e gostei, estou até hoje. Durante a pandemia participar da Roda foi importante, muito mesmo, demais!

Como é que o Guimarães Rosa entrou na tua vida? Foi na escola, foi pela Roda de Leitura daí de Andrequicé?

Foi pela Roda de Leitura de Andrequicé. Eu sempre era convidada para participar da Roda aqui em Andrequicé, mas eu nunca tive interesse de ir. Porque eu

[1] Participante da Oficina de Leitura no formato online. Moradora de Andrequicé, distrito de Três Marias. Entrevista concedida sexta-feira, 14/4/2023 – 8h Três Marias-MG – 13h Paris.

[2] Andrequicé é a cidade onde viveu o vaqueiro Manuel Nardi, o Manuelzão. Guimarães Rosa conheceu Manuelzão em 1952, quando fez uma viagem pelo sertão conduzindo uma boiada. Manuelzão é o personagem principal da novela "Uma estória de amor". Atualmente em Andrequicé encontra-se o Museu Manuelzão, um importante espaço que preserva as memórias e a cultura desse vaqueiro e personagem que inspirou Guimarães Rosa.

achava chato! Até a festa que tinha todo ano do Manuelzão e tinha as apresentações sobre a literatura dele, eu ia na festa, aí tinha os contadores de estórias, tinha as apresentações, e eu não entendia nada. Porque eu não lia. Então, quando eu participava da Semana Cultural, eu achava uma chatice. O pessoal daqui formou o grupo da Roda de Leitura. A menina que eu trabalho com ela sempre falava para eu ir, mas eu falava: "Não vou, não! Esse trem é chato demais! Eu não entendo nada!" Mas ela sempre me convidava. Aí teve um dia que ela convidou e eu disse: "Vou lá!" Eu fui. Cheguei lá, fiquei observando, aí eu já interessei. Peguei um livro, comecei a acompanhar, comecei a fazer pesquisa, fui fazendo pesquisa. Aí eu falei: "Eu vou é comprar o livro!" Comprei o box do João Guimarães Rosa e comprei o livro *Sagarana*. Aí eu comecei a ler, fui lendo, e fui apaixonando, e fui fazendo pesquisa.

Até a festa que tinha todo ano do Manuelzão e tinha as apresentações sobre a literatura dele, eu ia na festa, aí tinha os contadores de estórias, tinha as apresentações, e eu não entendia nada. Porque eu não lia.

Quando comecei a ler e comecei a entender eu lembrava, quando eu lia os trechos, principalmente "Campo geral", eu lembrava do pessoal na festa que apresentava! Aí eu falava: "Ah, tá aqui ó". Porque fica na memória da gente, não é? Eu comecei a entender tudo! Aí eu fui falei: "Gente!" Eu começava a ver o povo falar que não entendia nada de João Guimarães Rosa e eu falava assim: "Compra o livro! A gente tem que ler!" E tem uma coisa: eu não tenho dificuldade para ler ele porque é o que a gente vive no dia a dia, o que acontece ao nosso redor, tudo! Tem algumas palavras diferentes? Tem, mas não precisa preocupar com essas palavras para entender!

Eu começava a ver o povo falar que não entendia nada de João Guimarães Rosa e eu falava assim: "Compra o livro! A gente tem que ler!"

Faz tempo que você participa da Roda de Leitura de Andrequicé?

A Roda de Leitura de Andrequicé neste ano (2023) fez sete anos. Quando eu comecei a participar dela eu acho que já tinha uns dois anos que ela estava acontecendo. E eu participo até hoje. Inclusive dia 4 de abril foi até aqui em casa, e foi um encontro emocionante! Muita gente divertida, alegre, feliz e querendo participar da Roda. Teve bolo, teve cachacinha, teve cerveja, teve tudo! E teve leitura! Teve até serenata para a Maria Nardi, a filha do Manuelzão, fomos todos lá para a porta da casa dela fazer serenata.

Tem uma estória de "Garrá comer", como é que é?

"Garrá comer, garrá cantar, garrá ler", é tudo assim! Essa Roda nasceu a partir da Roda de Leitura do IEB, e a Rosa Haruco é a madrinha dessa nossa Roda. Esse é um projeto tão bonito, eu acho que as pessoas daqui podiam garrar mais, sabe? Fazer mais pesquisa... Igual, tem até crianças que participam de tudo, há algumas que estão ali olhando, a gente vê que estão meio perdidas, tem hora... Montar um grupo de pesquisa, ler o trecho, falar sobre aquele trecho, entendeu?

São muitas pessoas que participam da Roda em Andrequicé?

São muitas! De todas as idades! Pelo lugar ser tão pequeno, tem muita gente! E as crianças parece que não, mas elas estão ouvindo, né? Do jeito delas elas estão aprendendo.

Você troca mensagens de WhatsApp com algumas pessoas da Roda de Leitura do IEB, principalmente durante a pandemia...

Menina! Todo dia! Eu tava igual o Grivo! Eu mandava foto de cá, elas mandavam foto de lá, a Regina Pereira, a Rosa Haruco! A Regina é uma pessoa assim muito importante na minha vida, porque sempre que eu tive dúvida, não só ela, como outras, você, a Rosa, com essas que eu tenho mais contato, sempre que eu tinha dúvida e tudo aí eu corria lá: "Regina, esse negócio tá assim, assim, assim..." Aí ela vinha, explicava e falava assim: "Pesquisa para você ver, vê se acha o seu jeito!" Nossa! Sou apaixonada com ela, porque nesse momento de pandemia, não só de pandemia, foi uma amizade que a gente fez, né?, online, virtual. Não conheço ela pessoalmente, mas é a mesma coisa que eu conhecesse!

Você é nascida e viveu toda a vida aí em Andrequicé, os seus antepassados também?

Sim, sou nascida e criada aqui. Minha vó é benzedeira e raizeira, só que agora ela não mexe mais com isso, porque ela já vai fazer 90 anos. As raízes ainda quando ela vem ela tira, mas benzer não porque ela falou que ficou fraca. Ela conhece tudo! Minha avó quando ela chega aqui as pessoas não deixam ela quieta não, ficam atrás dela: "Eu preciso de canelinha-de-perdiz, eu preciso de orelha-de-onça, eu preciso..." Tudo que tem no cerrado que é medicamento o pessoal fica querendo. Ela tem que sair cedo, às vezes chega já quase à noite.

E você também conhece esses medicamentos do cerrado?

Alguns eu conheço! Quando eu era mais jovem eu conhecia mais porque a gente ia muito com ela, aí a gente cresceu, o cerrado também foi mudando, acabando tudo ao redor. Tem hora que eu passo perto de algumas eu lembro, só que esqueci bastante. Mas a gente ia junto com a vó para tirar tudo... Esses dias eu estava plantando aqui uns remédios, aí um menino chegou e falou: "Nossa você é igual a sua avó, só anda atrás de remédio para estar plantando!" Remédio natural, né?

Qual o ponto forte, para você, ao participar da Roda de Leitura online?

O que eu observo lá na Roda online é que a gente é tudo igual, ali num tem professor, não tem doutor, não precisa ter doutorado, todo mundo aprende junto, não precisa ter conhecimento da obra pra estar participando! Além de tudo a gente fez e continua fazendo grandes amizades importantes na vida através da Roda.

Me diz uma coisa: para você Guimarães Rosa inventou as estórias que ele pôs nos livros ou tem algo de verdade?

Tem muita coisa a ver! Oh, tem hora que tem trechos assim, oh, é a mesma coisa de eu tá vendo a minha mãe contando, o meu pai, as pessoas mais velhas. Tudo o que ele colocou ali nos livros existe! Tem tudo a ver! Ele não inventou nada, não! É verdadeiro!

Quando o Rosa era menino ele ficava embaixo do balcão da venda do pai dele ouvindo as conversas das pessoas...

Ouvi dizer isso mesmo! Eu também gosto de ouvir. Tem hora que tem umas pessoas... aqui tem uns dois senhores, eles já devem ter uns 80 e tantos anos e gostam de ficar contando estórias, a hora que eu vejo eles já chego perto pra estar ouvindo. E é a mesma coisa, assim, de você pegar o livro de Guimarães, passando as folhas e lendo! Eu falo: "Gente, como que pode? Existe mesmo!"

Aí tem lá, assim, a parte do diabo: o diabo, ele existe ou não? Pra mim existe! Tanta gente que fala que já viu ele! Existe! Existe! Toda a vida pra mim ele existiu, e a gente também não pode nem ficar pronunciando o nome, tem que colocar apelido, porque senão... Eu nunca vi, não! Mas meu pai falou que viu!

Você lembra da estória?

Uai, eu era criança, a gente morava numa fazenda, aí ele tinha feito queijo e veio vender, trouxe os queijos pro Andrequicé pra vender, né? Só que o meu pai gostava de uns golinhos. Ele saiu cedo lá de casa numa charrete. Aí ficou aqui no Andrequicé, entregou esses queijos e montou a cara na cachaça! Deu tarde da noite, deu hora de ir embora... Essa fazenda é mais de uns 8 quilômetros daqui lá... De madrugadão minha mãe acordou com ele gritando na porteira, assombrado. E mãe perguntava o que é que era e ele falava que tinha visto o diabo, que o diabo apareceu para ele, no meio do caminho! Aí ficou aquela dúvida: não sabe se ele viu mesmo ou se foi o efeito da cachaça! Ele morreu falando que viu!

Você participa das festas que tem aí, como a Folia de Reis, a Congada?

Não. Tem a Folia de Reis, mas eu não participo não. Eu já fui em algumas apresentações e tudo, mas eu não participo. Eu participo só mesmo, assim, quando tem a Semana Cultural, que sempre acontece em julho, às vezes adianta, às vezes não, aí eu participo. Agora, Folia de Reis, Pastorinhas, as Ciganas, tem isso, mas eu não participo. Minha participação é mais na Roda de Leitura.

Como é que a obra de Guimarães Rosa dialoga contigo?

A literatura do Guimarães mudou muito a minha vida! E vem mudando, sabe por quê? Eu não tinha interesse nenhum pela leitura. E eu já estou aprendendo a ver as coisas com outro olhar. O hábito de ler regularmente me fez mudar em diversos aspectos.

Em que aspectos? Você prestava atenção na natureza, por exemplo?

Não, não prestava atenção! Aí agora através da leitura... a Mônica Meyer falando! Gente! Tem hora que eu vejo uma formiga passando, eu tô lá observando a formiga! Esses dias eu ia matar uma galinha, eu fiquei com dó da galinha! Eu falei: "Guimarães Rosa está fazendo a gente ficar com o coração mole!" Sério! Com dó! Eu fui olhando assim pro olho da galinha, fui olhando: a galinha tem vida, tem sentimento, tem tudo! E eu com dó! Aí teve uma pessoa que foi e falou assim: "Gente, em tal lugar tem umas cotia!" Eu falei: "Não mata, porque aquelas bichinhas, se a gente pegar elas e domesticar, elas ficam igual cachorro, não pode matar! Eu tenho dó!" Guimarães, nossa, tá deixando eu mole!

E a Mônica, né? A Mônica Meyer dá uma aula que eu vou te contar! Menina do céu! Hora que ela começa a falar dá até vontade de ficar só escutando, escutando! É bom demais, não é? Ela falando sobre a natureza? Pois é! E a pessoa já nasce com o dom, ela tem o dom! O que ela começa a falar, assim, aquilo já vai entrando... É música no ouvido da gente quando ela começa a falar. Tudo tem vida! E eu tô aprendendo a observar isso tudo, sabe?

Tem no "Miguilim", ele tinha dó quando matavam tatu. Meu pai era caçador, e às vezes eu paro e fico pensando assim: "Gente, pai matava!" Eu vi esses dias um vídeo do tatu, é tatu fêmea que a gente fala, né? Com os filhotinhos, ela num amor com os filhotes dela! Eu pensei assim: "Gente! Quantas tatu pai matou e largou os bichinhos tudo órfão?" Eu já comi a carne de tatu, hoje em dia eu não como mais! Por aqui ainda existe gente que caça: tatu, paca, bandeira, mixirra, meu Deus, não como mais! Neihm!

Tem algum dos livros ou contos do Rosa que você gosta mais?

O livro que eu mais gosto é o *Grande sertão: veredas,* e o conto que eu mais gosto, eu gosto demais do "Campo geral". Gosto de todos, né? Mas eu acho que o *Grande sertão* e o "Campo geral", aquilo ali hora que eu começo ler eu escuto, dentro de mim, vai acelerando, acelera demais!

Agora, na hora de ler, toda vez é aquele negócio! Vocês que não sabem! Já tem um tempão que eu estou participando da Roda online, né? Já vai para três anos! Aí toda vez que a gente tá lendo ali, eu estou acompanhando, tô acompanhando, hora que vai chegando perto do meu nome o coração, os batimentos cardíacos, puff, puff, puff, não

sei por que, eu tento controlar, mas eu não consigo, vai subindo um aceleramento, um frio assim, ó, passando na garganta, na barriga. Às vezes eu começo a engolir a palavra, aquilo ali é porque o coração está bastante acelerado.

Será que na escola aí as professoras apresentam o Rosa para os alunos?

A diretora daqui está participando da Roda de Leitura agora, eu já vi. Teve duas Rodas que eu não participei, aconteceu um negócio não deu pra eu ir. Eu vi ela. Aqui em casa teve e ela veio. Ela é nova na escola e tem pouco tempo aqui, e ela é muito interessada, sabe? Eu tô achando que ela está interessada em desenvolver algum projeto de leitura com os meninos. Ela lê! Eu acho ela bem entusiasmada! Bem interessada na leitura do Guimarães Rosa.

E eu só gosto dele! Eu não gosto de outro não! Não gosto de outra literatura, não! Eu gosto só da dele. Só olhando pra mim já dá! Eu tenho outros livros aí, eu comecei, falei: "Neihm!!! Esse trem não me cativou!"

Áudios de WhatsApp enviados após a gravação da entrevista

Escrevi e vou ler: O hábito de ler regularmente me fez melhorar em diversos aspectos, como na minha vida pessoal, no interesse despertado por uma vida intelectual e principalmente por me fazer rever meus posicionamentos como cidadã. Afinal, quando lemos abrimos mão da nossa realidade para algo totalmente novo e desafiador.

Quando veio a pandemia eu já participava da Roda de Leitura presencial, aqui em Andrequicé, sertão de Manuelzão e de João Guimarães Rosa. Então chegou como presente para mim, que vivia fechada no meu mundo que já se encontrava sem sentido, fui ficando inebriada das leituras. No grupo me vi com esta oportunidade de leitura online. Pelas redes sociais voltei a me encontrar como pessoa, como sertaneja, como amante da obra e do autor, e esta experiência veio como luz que chega no sertão depois de uma noite sem estrelas. E veio iluminar o meu caminho. Pude trocar novas e redobradas esperanças.

O sertão é Ser Tão tudo, é sertão na base, na harmonia com a natureza bruta, forte, cheia de vida e beleza de quem já aprendeu a amar cada frase de Guimarães Rosa. Quem conheceu o personagem Manuelzão e ouviu os seus causos aprendeu a amar e saber que a alegria está na busca e não no achado, e está em horinhas de descuido, e aqui no sertão ela pode ser curta, mas ser infinita.

Além de tudo a prática da leitura me fez ganhar novas e boas amizades. De todas as formas possíveis eu tenho tido ganho, e a transformação que esse costume me causa é extremamente positivo.

A chegada da literatura na minha vida de adulta através do escritor João Guimarães Rosa me fez refletir sobre diversas áreas e conceitos da minha vida e principalmente me tornou uma pessoa mais motivada e disposta a aprender mais todos os dias.

Envio de mais áudios avulsos – algumas estórias e agradecimentos

Sabe o que é que eu quero pegar de jeito aqui pra você ver? Os canarinhos e as rolinhas. Menina! A gente trata, né? Você não tem noção o tanto que as rolinhas é encrenqueira. É assim. A gente coloca comida os canarinhos vêm. Elas corre e assenta lá. Aí quando a gente da fé ouve assim: Wrrruuuuppp... qualquer coisinha elas sai voando, assim, faz um barulhão com as asas: Wrrruuuuppp... Aí a hora que elas volta, já volta com as asas abertas. Elas abriu uma asa e rodou, pode sair da frente que o pau quebra! E elas briga! Eu fico ali um tempão sentada olhando! Eu vou filmar pra você ver direitinho!

Deixa eu te falar! Eu tava falando da minha vó que era benzedeira, né? Minha vó era, que ela não benze mais, mas raizeira ela é até hoje! Deixa eu te falar! Aqui tem um córrego que chama Fonte Grande, é uma coisa só, tudo conectado, mas destruiu tudo, tá? Agora o povo fez uma ponte lá. Fonte Grande onde tinha um pé de angá, que era mais em cima. A gente fala assim: "A gente vai lá no pé de angá lava roupa!" É assim um lugar rasinho, do lado tem um pezão de angá. Mais abaixo, a Fonte Grande, onde que todo mundo, as mulher todas do Andrequicé de antigamente, tudo lavava roupa lá! Eu lavei roupa lá, ali eu passei a minha infância! Aí abaixo a gente falava escorrego, era uma pedrona. Eu fui lá uns tempo atrás. Engraçado, quando eu era menor eu achava a pedra enorme, e o dia que eu cheguei lá era tão pequena! Uai! O que que aconteceu? Era onde que a gente buscava tabatinga, barro branco, pra passar... A gente tinha essa missão lá em casa, buscar o barro branco, era do lado do escorrego, tinha a pedra e tem um barranquinho. O dia que eu olhei tinha esse lugar lá ainda, eu não sei se eles mexeram, fizeram uma ponte e depois que fez a ponte eu não fui lá mais. E abaixo tinha um poção. Aí que eu vou te contar.

Abaixo do Poção o córrego segue, né? Aí nós tucaiô uma paca. Aí avisamos o pai. O pai era caçador, né? Aí é vai: eu, minha mãe, meus irmãos, minha avó, aquela confusão, menina! E chegou lá tinha umas abelhas perto. Aí minha avó foi falou assim... Aí a gente falou: "Tem que fazer fumaça, pra mexer e tudo, tem que fazer a fumaça, né?" Aí vó foi falou assim: "Não, não precisa não, que eu sei benzer." Ai nós: "Vóóóó!!!" "Não, eu sei!" E minha avó arrumou um ramo e ia nessa caixa e era um tal de zum zum zum zum zum zum! Menina! Porque a gente já conhecia o córrego na palma da mão! Essa enxame veio e nós que era mais novo, né?, pulou do barranco lá embaixo dentro da água, e minha avó sobrou! A orelha dela, a boca, você não tem noção o tamanho que ficou! Vó é doida, pegou o ramo saiu batendo na caixa de abelha, abelha Europa! Sai fora! Pegou ela que ela ficou com as orelhas enorme, os beiços...

Tanta coisa que eu passei na minha infância, assim, minha infância, adolescência, pré-adolescência, tudo junto, que você não tem noção! Você vai pensar assim: "Ah, ela deve ter uns 60 anos de idade já!" Menina foi tanta coisa! A época que eu aproveitei bem melhor foi essa! Eu tenho que pegar meus irmãos pra contar junto! Quando a gente reúne, aí a gente lembra das estórias, aquilo ali vira piada, você não tem noção!

Tirava caranguejo, lá no fundo do quintal do tio Joaquim, a gente falava: "Vamo tirar caranguejo?" Tem um córrego que passa lá no fundo também! Aí, tem as casinhas deles, é um negocinho duro, a gente puxava e arrumava um capim, molhava com a saliva e punha lá dentro e balançava, balançava e deixava quieto. Hora que a varinha balançava a gente então puxava! CPT[3] de caranguejo! Era a coisa mais divertida que nós fazia!

No conto "São Marcos", falou sobre os cipós, né? Sem mentira, aqui abaixo do poção, bem lá pra baixo, tinha uns poço mais cabuloso, aí a gente andava, né, nas beirada, nós cortava esse Guará, que o córrego deságua no Guará. Tudo na perna. E tinha uma parte, lá tinha um poção assim, ele era bem cercado de mata, e mais abaixo você não tinha noção o que que era de cipó dependurado. Aí minha mãe, minha avó, ia e falava assim com nós: "Olha, hora que cês chegar num lugar que tem bastante cipó, que que vocês deve fazer? Arruma um pau, coloca alguma peça suas de roupa e encosta, porque tem cobra disfarçada de cipó". Aí assim nós fazia, hora que chegava, nós pegava uma camisa dos menino, alguma coisa e colocava na vara e encostava. Era um cipó tão

[3] Sabrina explicou que CPT é um dizer local que significa que algo é grande, que é muito, que é bastante!

trabalhado! Tem ainda, na beira de Guará tem demais! Você olhava assim, você via uma cobra per-fei-ta! É porque a minha mãe falava assim que teve um homem que foi andar e tinha um cipó e ele olhou, olhou, achou que era um cipó, quando ele passou era uma cobra, ela foi pulou no pescoço dele e mordeu. E a gente que é criança, né?

Agradecimentos!

Eu sou muito agradecida à Rosa Haruco, porque foi através dela que eu entrei para esse grupo, que mudou a minha vida totalmente para melhor. Agradeço a ela de coração por tudo que ela fez e por tudo que ela faz por mim. Ela sempre foi uma pessoa que acreditou nos meus objetivos, sempre me deu força. A gente conversa bastante também pelo WhatsApp e troca coisas como vídeos e outras coisas! Sou tão grata por ela e por ter ela na minha vida que todas as palavras que eu falar vai ser pouco, pela gratidão que eu tenho!

Se não fosse a Rosa eu não estaria nesse mundo da leitura online, que é tão mágico, que transforma tanta gente. Então sou grata demais! Demais! Ela me colocou no grupo, fez os convites, eu entrei, eu lembro que no início eu entrei lá uma vez e fiquei meio assim, umas duas vezes eu não entrei, depois eu entrei e aí engrenei. Eu falei: "Olha aqui é o que eu quero". Porque eu gosto da obra, eu gosto do escritor, é aqui que eu vou aprender, eu vou aprender e também vou ensinar. Cada um tem o seu modo, cada um tem o seu jeito, então, estou feliz demais! Mas demais mesmo!!!

Fernanda Rivitti – O encanto de ser corpo e suporte para o texto literário e para a partilha

> A minha memória, a minha voz, o meu olhar, o meu gesto, a minha postura, o meu ritmo! Eu serei o suporte do texto. Então, neste trabalho de preparar para narrar de cor, eu vou repetindo muitas vezes para memorizar, mas eu também vou encontrando as pausas, os respiros, a entonação, o volume, as sutilezas: Ah, vai mudar um pouquinho o grave e o agudo desse personagem para aquele ou do personagem para o narrador, tudo muito sutil.
>
> Fernanda Yazbek Rivitti[1]

Preâmbulo

Antes de começar a nossa conversa quero fazer esse preâmbulo: a tua presença na Roda de Leitura, quando ela acontecia de maneira presencial no antigo IEB – momento em que eu estava em São Paulo para o doutorado na USP –, foi algo que me marcou muito. Você foi a primeira pessoa que eu ouvi narrar o Rosa de cor, e foi na Roda de Leitura. Eu nunca tinha visto nada igual àquilo que você fazia que era narrar de cor um texto literário. Depois eu ouvi o Tiago, a Dôra Guimarães, a Elisa Almeida, mas

[1] Formada em Letras e mestre em Literatura Brasileira pela USP. Pós-graduada em "A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática", pela Casa Tombada. Graduanda em *Expressive Arts Therapy* pela *Lesley University*; é professora, narradora de estórias e dançaterapeuta. Atua como professora desde 2005, com enfoque em Literatura Brasileira, e como narradora de histórias orais e de literatura em espaços culturais, bibliotecas, rodas de leitura e eventos privados. Leitora e pesquisadora da obra de Guimarães Rosa há 17 anos, faz travessias pelo sertão rosiano para encontrar "o quem das coisas". Acredita na palavra, no que podemos fazer com ela e no que ela faz conosco.
Entrevista concedida segunda-feira, 1º/5/2023, 9h Massachusetts-EUA – 15h Paris

você foi a primeira. Aquela tua entonação, a forma, o ritmo, a tua representação, o som e a melodia da tua voz ficaram, para mim, como uma das experiências que ampliaram o gosto estético pela literatura e pela poética de Guimarães Rosa. Meu muito obrigada!

Como você chegou à Oficina de Leitura do Guimarães Rosa do IEB-USP?

Eu que agradeço, eu fiquei muito feliz com o seu convite para participar deste projeto. Bom! Em 2005 eu entrei na graduação de Letras da USP. Em finalzinho de 2006 eu já tinha feito cursos de literatura brasileira com a professora Yudith Rosenbaum – que você também conhece – e já estava me apaixonando por Guimarães. Fiz os meus trabalhos com contos do *Tutaméia* no fim do ano e a professora me perguntou se eu não queria fazer uma iniciação científica, pois ela viu que aquele trabalho dava uma iniciação científica. Aí o bichinho do Rosa já tinha me pegado, né? A gente fala que o Guimarães Rosa é um desses autores que... algum dia nós vamos ter estudos na interface da psicologia e da antropologia para entender o que é que acontece com as pessoas nesse encontro com o Rosa que vira uma espécie de devoção, vira caminho sem volta mesmo.

Paralelamente a isso eu descobri a Semana Roseana. Na verdade, em 2006 eu já tinha ouvido os Miguilins em São Paulo narrando, porque eram as comemorações dos 50 anos do *Grande sertão: veredas* e do *Corpo de baile*, houve ciclos de palestras, então fiquei sabendo desse universo que existia em algum lugar de Minas Gerais, na cidadezinha Cordisburgo, e que acontecia esses trens lá, dos Miguilins narrando estórias e dessa Semana. E vi que o tema da Semana Roseana de 2007 ia ser justamente o *Tutaméia*! Falei: Ah, pronto! Eu vou! Foi assim, estava começando então em 2007 a minha pesquisa de iniciação científica com *Tutaméia*, ia estudar alguns contos e ia para a Semana Roseana.

Chegando lá foi... Foi uma redescoberta do Rosa para mim, porque eu tinha o Rosa dentro de um contexto muito acadêmico, por mais que na USP, dependendo dos professores, você pode ter algo muito vivo, com muita alma, mas você está ali naquele estudo de crítica literária do texto, da análise, e eu caí dentro do universo do Guimarães Rosa com os cheiros, com as paisagens, com a oralidade toda ali, que ao mesmo tempo é e não é o Rosa dos textos, claro, ele recria tudo, mas não deixa de ser a pulsação viva que está lá. E ver os Miguilins narrando lá no Museu é uma experiência muito diferente de vê-los retirados daquele contexto e dentro de uma sala de teatro, da academia, com

aquela luz branca. Lá era o quintal da casa do Guimarães Rosa, tem os sons dos pássaros e os cheiros, e a sonoridade das árvores, ali misturados, tudo está ali reverberando naquele ambiente para nós, os visitantes! E aí eu me encantei com essa possibilidade de narrar literatura!

De alguma forma você se viu uma Miguilim, nesse lugar de narradora...

Eu me vi, exatamente, querendo narrar, porque eu já tinha um certo caminho. Eu sempre fui um pouco inquieta, essa é que é a verdade. Eu vou para um lado, eu vou para outro, estava muito feliz com meu curso de Letras, estava me sentindo muito realizada de poder fazer uma faculdade inteira focada em literatura e língua, enfim, mas eu ainda queria algo, eu ainda me incomodava com a universidade às vezes muito fechada nela mesma, o texto muito fechadinho nele. Então, quando eu descobri essa possibilidade de narrar a literatura, que é trazer o texto literário para o corpo e para a partilha, a comunhão com os ouvintes, aquilo me encantou! Eu falei: "Ah, eu também quero!" Não sabia muito bem como, nem por quê, nem em que contexto, porque eu não estava me mudando para Cordisburgo para entrar no projeto Miguilim, mas assim começou.

Então quando eu descobri essa possibilidade de narrar a literatura, que é trazer o texto literário para o corpo e para a partilha, a comunhão com os ouvintes, aquilo me encantou!

Foi lá nessa Semana Roseana, inclusive, que eu descobri a Roda de Leitura do IEB, porque eu me inscrevi, tinha muitas atividades sendo oferecidas nesses primeiros anos ainda. Tinha patrocínio da Petrobras, então tinha também uma possibilidade ampla, e eu me inscrevi numa oficina de leitura. Quando cheguei lá estavam a Rosa Haruco – eu ainda não a conhecia – e a Mônica Gama. Se eu não me engano na época a Mônica Gama estava fazendo o mestrado com o *Tutaméia* também, ela já estava na universidade de Ouro Preto e estava facilitando essa Roda de Leitura que para mim foi um deleite absoluto!

Eu não mencionei, mas a minha mãe, a Linda Rivitti, que também é uma das entrevistadas, ela foi comigo nesse primeiro ano. Ela também tinha se encantado com o

Rosa, teve essa sincronia bonita, ela já tinha feito uns cursos na Casa das Rosas, em São Paulo, com as *Primeiras estórias*, então quando eu falei que queria ir ela falou: "Ah, eu vou também!" Nós duas fizemos a Oficina com a Rosa e a Mônica, e para mim foi um presente esse encontro com a Roda, porque eu acho que teria sido muito triste sair da Semana Roseana e de repente: Cadê? Cadê essa outra possibilidade de ler o Rosa num outro contexto?

E a Roda acabou sendo também para mim uma oportunidade de exercitar essa contação, de oferecer e compartilhar isso.

E a Roda acabou sendo também para mim uma oportunidade de exercitar essa contação, de oferecer e compartilhar isso. Era um lugar em que eu podia ir, a Rosa era superaberta, quando ela viu que eu comecei a narrar, ela acolheu essa oportunidade. Porque aí eu comecei por conta própria a preparar uns textos. A gente deu um jeito de trazer a Dôra Guimarães, do Grupo Miguilim, para dar uma oficina de narração: juntamos um grupo de pessoas interessadas em São Paulo e ela deu uma oficina de narração de estórias, uma oficina curta, era um dia e meio, porque era o tempo que a gente tinha: começamos numa sexta à tarde e fizemos sábado e domingo de manhã. Foi a primeira vez que eu narrei um trechinho do Guimarães Rosa, um trechinho do *Grande sertão: veredas* no final dessa oficina.

Eu falei: "Ah, eu vou tentar, Dôra! Me dá esse trem aqui que eu vou tentar!" Ela falou: "Nossa, mas você vai fazer decorado?" E eu falei: "Ah, vamos ver! Vamos ver!" Então eu almocei com o texto, almoçando e decorando! E aí narrei!

A Dôra propunha que quem quisesse, para encerrar a oficina, poderia narrar alguma coisa, podia ser qualquer coisa, não precisava ser literatura, podia ser um trechinho de uma estória oral. Entre os textos que ela tinha trazido tinha esse trechinho que a gente chama do "Nascimento do menino." E a gente tinha, assim, aquela manhã

para decorar, para preparar o que quer que a gente fosse fazer! Ela deu os textos de manhã, acho que por volta das 9 horas, e depois do almoço a gente já ia apresentar! Eu falei: "Ah, eu vou tentar, Dôra! Me dá esse trem aqui que eu vou tentar!" Ela falou: "Nossa, mas você vai fazer decorado?" E eu falei: "Ah, vamos ver... Vamos ver!" Então eu almocei com o texto, almoçando e decorando! E aí narrei. Minha mãe estava lá também. Eu só terminei de narrar eu olhei: estavam a Dôra e a minha mãe, as duas, com as lagriminhas assim... Foi um momento lindo! Falei: "Ah, gente, deu certo! Deu certo!" É isso. A partir daí comecei a preparar textos. E a Roda de Leitura era o meu espaço de oferecer, ou quando a gente fazia algum sarau fora, alguma coisa, eu comecei a oferecer as narrações.

Nesse tempo em que estava fazendo a graduação você conseguia ir com frequência à Roda de Leitura?

Você sabe que no começo, aqueles primeiros anos depois que a gente voltou da Semana, no meio de 2007 – a semana era em julho –, pelo menos nesses primeiros dois anos, até 2009, eu ia toda quarta-feira. Era ainda no IEBinho, no prédio antigo atrás da reitoria, numa sala pequena, era muito gostoso. Eu ia toda quarta. Depois que me formei, veio o trabalho, e a USP, um pouco mais longe, então eu fui mesclando, às vezes ia numa semana e não ia na outra, mas por um bom tempo eu fui bem assídua.

Eu ia perguntar como nasceu o gosto pela narração, mas você já contemplou um pouco esse percurso...

Eu vou acrescentar que eu também fui descobrindo um pouco por mim mesma. Primeiro que era um trabalho raro, de ver a narração literária de cor.

Eu vou acrescentar que eu também fui descobrindo um pouco por mim mesma que, primeiro, era um trabalho raro, esse da narração literária de cor. Eu tenho tentado, e vejo um esforço também de quem está envolvido com isso, fazer essa diferenciação entre narrar de cor ou contar estórias da tradição oral em que você não necessariamente tem um compromisso com o texto, não fica colada a ele. Tem autoras como a Regina Machado, a Ana Maria Machado, entre tantas, que reescreveram contos de tradição oral e trabalharam o texto de uma maneira muito bonita, mas você pode ou não "colar"

nesse texto escrito. E a graça de narrar de cor é cada contador colocar a sua palavra, o seu tempero ali, naquele texto, e contar diferente a cada vez. Mas com o texto literário é outra proposta, você narra com as palavras do autor. Eu vim dessa escola.

Você dizia que isso é raro...

Porque, claro, o tempo que você precisa dedicar para preparar um texto literário para ser narrado de cor é maior, é muito maior do que o tempo que você dedica para uma estória oral. Então eu entendo que quem trabalha com isso, quando vai montar uma apresentação de contação de estórias, vai oferecer em vários lugares, quer dizer: quantos você consegue oferecer? Um por mês? Se você vai ter uma agenda intensa, como um contador de estórias profissional no SESC, outros centros culturais, bibliotecas, por exemplo, é mais difícil manter um amplo repertório de textos literários decorados...

Mas daí eu descobri, por exemplo, o trabalho do Jean Garfunkel e da Joana Garfunkel. Eles fazem o Canto Livro[2], no trabalho eles mesclam música em diálogo com o público, mas é o texto literário narrado de cor: do Manuel Bandeira, do Jorge Amado com músicas do Dorival Caymmi, do *Grande sertão: veredas*, é um espetáculo, digamos assim! Tem a música, vai sustentando a apresentação com muitas outras coisas e não precisa também de uma quantidade tão grande de texto.

Eu fui tentando também achar o meu jeito, porque a gente se alimenta muito de ouvir outros narradores.

Eu fui tentando também achar o meu jeito, porque a gente se alimenta muito de ouvir outros narradores. Tinha também outro grupo que eu descobri, mas eu nunca consegui vê-los ao vivo, eu nem sei se eles continuam, era do Rio de Janeiro, que se chama Morumbetá[3], eles fizeram por exemplo o Machado de Assis, eu achei alguns vídeos no YouTube narrado de cor, isso foi quando eu já estava na pós-graduação.

[2] Para saber mais sobre o Projeto Canto Livro de Literatura e Música recomenda-se acessar o canal do YouTube: https://www.youtube.com/playlist?list=PLGP7EhvlnYg24CFq8dsgcYNhCbJw3vbgd E também a página do Facebook: https://www.facebook.com/cantolivro/ Acesso em: 15/5/2023.

[3] Grupo criado por Celso Sisto no Rio de Janeiro, escritor brasileiro, ilustrador contador de histórias, ator, arte-educador, Doutor em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Para maiores informações indica-se a entrevista "O que é e qual a importância da contação de histórias", disponível em https://www.escritacriativa.com.br/?apid=9183&tipo=140&dt=--1&wd= Acesso em: 15/5/2023.

Porque depois de um tempo eu fui fazer uma pós-graduação em Narração de Histórias, lá na Casa Tombada[4], um espaço hoje bem conhecido, eu quis fazer a minha pesquisa lá para compreender essas diferenças entre a literatura lida em voz alta, essa que a gente chama de mediação de leitura ou da partilha, e a literatura narrada, sem o suporte do livro. Tem diferenças. Muita gente perguntava: "Mas para que você vai decorar? O texto já está escrito". Eu vejo assim: quando eu preparo um texto literário para narrar, primeiro que isso me exige um convívio com o texto muito intenso!

Quando eu preparo um texto literário para narrar, primeiro que isso me exige um convívio com o texto muito intenso!

O que é que você chama de convívio intenso com o texto?

Um convívio com o texto. Eu estou repetindo, estou repetindo, eu estou memorizando, eu estou internalizando. Eu não tenho nenhum outro suporte! Eu vou ser suporte daquele texto! A minha memória, a minha voz, o meu olhar, o meu gesto, a minha postura, o meu ritmo... Eu vou ser o suporte do texto. Então, neste trabalho de preparar para narrar de cor, eu vou repetindo muitas vezes para memorizar, mas eu também vou encontrando as pausas, os respiros, a entonação, o volume, as sutilezas: Ah, vai mudar um pouquinho o grave e o agudo desse personagem para aquele ou do personagem para o narrador; tudo muito sutil. Porque é diferente também do teatro, não é que eu estou encarnando, digamos assim, uma terceira personagem. É tudo na voz, no corpo, numa mudança de postura minha enquanto narradora. É curioso isso, porque é onde se encontram a narradora de estórias e a professora de Literatura, pois no fim também é o que eu continuei perseguindo e trabalhando.

Eu estou repetindo, estou repetindo, eu estou memorizando, eu estou internalizando. Eu não tenho nenhum outro suporte. Eu vou ser suporte daquele texto!

[4] "Inaugurada em 18 de julho de 2015 pelos artistas e educadores Ângela Castelo Branco e Giuliano Tierno, A CASA TOMBADA - Lugar de Arte, Cultura e Educação - se sustenta na convicção de que a oralidade e a escritura são urgências e necessidades humanas." Disponível em https://acasatombada.com.br/sobre/ Acesso em: 16/5/2023.

É tudo na voz, no corpo, numa mudança de postura. É curioso isso, porque é onde se encontram a narradora de estórias e a professora de Literatura.

Muitas vezes trechos que eu já tinha lido várias vezes no *Grande sertão: veredas*, frases... Porque o Rosa, eu falo para os meus alunos: não queiram entender absolutamente tudo! É parte da experiência do Rosa você lidar com certa frustração, com frases inconclusas, com lacunas, com o não sei, então vão em frente e confiem que tem algo no som ou no ritmo ou no contexto ou no tempo que às vezes vai falar era isso. Quando estou preparando para narrar, de tanto repetir, por estar tão dentro do fio narrativo e da experiência da personagem, daquela linguagem mesclada entre a fala mineira de Cordisburgo, o português arcaico, línguas estrangeiras etc. é que de repente eu entendia. Por causa de eu ter achado uma prosódia para aquele trecho, de súbito o sentido antes obscuro também se revelava: "Ah! É isso o que ele quer dizer!"

Quando estou preparando para narrar, de tanto repetir, por estar tão dentro do fio narrativo e da experiência da personagem, daquela linguagem mesclada é que de repente eu entendia. Por causa de eu ter achado uma prosódia para aquele trecho, de súbito o sentido antes obscuro também se revelava: "Ah! É isso o que ele quer dizer!"

Eu lembro direitinho, tem um trecho que a gente chama de "Mundo misturado", em que o Riobaldo está refletindo sobre as questões do bem e do mal, depois da primeira guerra, ele mata gente, ele está lá com aquela dúvida: "Mas será que gente está com Deus?" Não pode ser, nessa vida de jagunço e tal. E tem uma hora que ele pergunta para o Jõe Bexiguento sobre Deus e o Diabo, e Joe responde: "Quem é que pode querer divulgar o corisco de raio do borro da chuva, no grosso das nuvens altas?[5]" Eu já tinha

[5] ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. Volume 1: Sagarana; Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém; Noites do sertão. Volume 2: Grande sertão: veredas; Primeiras estórias; Tutaméia (Terceiras estórias); Estas estórias; Ave, palavra! p. 1046.

lido aquilo várias vezes! Quando chegou na hora de decorar eu falei: "Gente, mas eu não sei se eu sei o que ele está querendo dizer... Divulgar o corisco de raio do borro da chuva? Que é que é o corisco de raio do borro da chuva?" E aí, de tanto eu repetir, eu disse: "Não, gente! Não é isso! Não é uma coisa só! O que ele está falando é quem é que pode querer separar, quer dizer, distinguir – divulgar ele usa – o corisco de raio do borro da chuva no grosso das nuvens, porque o 'raio' (luz) e o 'borro' (trevas) lá no alto/ céu, está tudo misturado!

Isso que você está dizendo é pura fenomenologia! Quando alguém com a fenomenologia tenta explicar é assim também, é tentar divulgar o corisco do raio, de como é que se dá compreensão, que é sempre numa junção de fenômenos e de repente você diz: "Compreendi!"

A narração, para mim, também é um caminho de compreensão e de interpretação literária.

Exato! E não existe separação, só existe junto. Quem é que pode querer separar, distinguir... e para mim, no ato de narrar, só o fato de eu ter inserido uma pausa entre uma coisa e outra deu o sentido! Então tem essas coisas, a narração, para mim, também é um caminho de compreensão e de interpretação literária!

Isto é um caminho de autoconhecimento? Você trabalha em seus cursos também nesta perspectiva?

Esta é outra dimensão da minha inquietação, quer dizer, eu achei a contação de estórias, a literatura, mas de novo eu tinha dificuldade de me ver perseguindo a carreira acadêmica, embora tenha feito o mestrado[6]. Foi um processo muito especial para mim, mas de novo ele veio também de um vivido, já que você perguntou dos cursos, o que é que passou a acontecer para mim? Eu tinha dificuldade em me ver perseguindo a carreira acadêmica tradicional. Depois que eu me formei na USP eu não entrei no mestrado direto, eu fui fazer contação de estórias, fui fazer a especialização em contação de estórias.

[6] "Coisicas diminutas: figurações da existência infantil em João Guimarães Rosa". Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-08032021-200903/pt-br.php Acesso em: 16/5/2023.

E eu percebia que o que me chamava para trabalhar com literatura e o que me encantava na literatura era como ela me devolvia a mim, era como ela ampliava as minhas dimensões internas, as minhas imagens internas, as minhas possibilidades de nomear e de dialogar com experiências humanas.

No meio do caminho eu tinha descoberto a dançaterapia, do método de uma argentina chamada Maria Fux[7], viva, com 101 anos, outro dia ela ainda entrou no estúdio dela – agora já são as alunas que dão aula – e ainda deu um pouquinho de dança. E eu percebia que o que me chamava para trabalhar com literatura e o que me encantava na literatura era como ela me devolvia a mim, era como ela ampliava as minhas dimensões internas, as minhas imagens internas, as minhas possibilidades de nomear e de dialogar com experiências humanas! Porque não tem nada mais pulsantemente humano do que o que está ali na literatura, mas está lá de forma estética. Está lá filtrado, digamos assim, formatado, é dada uma forma, como diz o nosso Antonio Candido maravilhoso... Mas é não só o aspecto de coisa organizada, que ele diz que a literatura nos dá, organizando o nosso caos, mas a questão estética, o quanto tudo o que está ali nos impacta pela beleza!

Porque não tem nada mais pulsantemente humano do que o que está ali na literatura, mas está lá de forma estética!

Tem uma frase do Goethe que é tão bonita, a Yudith usou essa citação uma vez em um artigo, por sinal, sobre o Rosa, em que o Goethe diz: "Por mais que a dor me constranja ao silêncio, um Deus me deu o poder de expressar o que sinto". É essa possibilidade que a arte nos dá de nos espelharmos, nos devolvendo a nós mesmos, às nossas próprias questões, mas com camadas e dimensões a que sozinhos nós não teríamos chegado. E não só sozinho no sentido de "sem a arte", mas eu comecei a querer tanto esse encontro com a literatura de forma partilhada, e o que começava a acontecer

[7] Para saber mais sobre o Centro Internacional de Dançaterapia de Maria Fux pode-se consultar o site oficial: https://www.dancaterapia.org/ Acesso em: 16/5/2023.

para mim era: a experiência de leitura se amplia com a experiência de narração, mas também uma imagem daquilo que eu li é uma imagem no método de dança da Maria Fux em que você pode, pelo movimento criativo – porque não são passos de dança, muito longe disso – é uma possibilidade de entrar em contato, de pelo movimento explorar imagens e aspectos pelo movimento, que eu falei: "Eu também quero essa ponte... essa ponte com outras janelas de expressão".

> **Tem uma frase do Goethe que é tão bonita, a Yudith usou essa citação uma vez num dos trabalhos dela, por sinal, com o Rosa, em que o Goethe diz: "Por mais que a dor me constranja ao silêncio, um Deus me deu o poder de expressar o que sinto". É essa possibilidade que a arte nos dá de nos espelharmos, nos devolvendo a nós mesmos, às nossas próprias questões, mas com camadas e dimensões a que sozinhos nós não teríamos chegado.**

E aí eu comecei isso, quando eu estava no sul de Minas, lá onde eu fui morar depois, no Vale do Matutu; numa pousada, cuja dona eu descobri que era muito apaixonada por Rosa também, eu ofereci, falei para ela: "Mara, você quer? Eu narro alguns trechos do Rosa! Se você quiser eu narro para você uma tarde aqui, a gente se senta no banquinho..." Ela passou um rádio – na época não tinha internet ainda no Vale, era por *walkie talkie* que as pessoas se comunicavam –, ela passou um radinho para os amigos, para quem estava em volta, veio uma turma, nos sentamos lá no gramado e eu narrei. E eu percebi que eu tinha até então preparado muitos textos do *Grande sertão: veredas*. Não foi proposital. Acho que porque eu tinha uma relação forte, eu tinha depois feito outro curso com a Yudith sobre o *Grande sertão: veredas* e acabei escolhendo textos dele ao longo desse tempo de preparo.

Quando você fala que tem preparado muitos textos, poderia comentar sobre eles?

Eu tinha trechos mais longos. A Rosa Haruco me deu essa incumbência uma vez, eu não lembro bem o que é ia ter lá na Roda e ela falou: "Fernanda você não quer

preparar o Primeiro encontro?" O Primeiro encontro do Riobaldo com o menino Reinaldo dá uns 15 ou 16 minutos de narração! Parece pouco, mas para a narração de texto literário é longo, é bastante coisa. Eu tinha, por exemplo, só o Primeiro encontro, já era uns 15 ou 16 minutos, depois alguns outros trechos mais curtos de 8 a 10 minutos, então eu devia ter uns quatro trechos, o que já dá aí por volta de uns 40 minutos, já dava uma apresentação! E eu ia recheando, costurando um pouquinho de um contexto em volta do trecho, porque não necessariamente todo mundo tinha lido o *Grande sertão: veredas* e eu também não queria dar *spoiler*, então eu tinha que fazer esse trabalho de contar não contando, só para aquela narração fazer sentido.

> **A Mara falou: "Fernanda, tem gente aqui que eu tô insistindo para ler Guimarães Rosa há anos e eles pegam, falam que é difícil, que não dá, aí agora que eles ouviram eles querem mais! Você não quer inventar um curso aí, um trem pra você vir dar aqui, um fim de semana, com o Guimarães? O que você quiser!"**

Depois disso a Mara veio falar comigo, muitas dessas pessoas que estavam lá ouvindo vieram falar comigo, e a Mara propôs: "Fernanda, tem gente aqui que eu tô insistindo para ler Guimarães Rosa há anos e eles pegam, falam que é difícil, que não dá, aí agora que eles ouviram eles querem mais! Você não quer inventar um curso aí, um trem para você vir dar aqui, um fim de semana, com o Guimarães? O que você quiser!" E eu fiquei pensando e falei: "Bom, vou fazer com o *Grande sertão: veredas* que é o que eu, primeiro, já tenho mais textos preparados, já convivi muito com o livro. Foi aí que eu quis que não fosse um curso, sabe, eu queria essa possibilidade: o que é que o *Grande sertão: veredas* me dá, de mim, o que é que ele me conta de mim – você perguntou do autoconhecimento – então, quais são as nossas possibilidades enquanto o grupo lendo essa obra, convivendo por três dias, quais são também as nossas possibilidades de diálogo.

Não de uma forma superficial... porque tem isso, também, como eu venho da literatura tenho um cuidado muito grande com isso de "usar" um texto: Ah, o texto vai ser só assim uma "ilustração", eu pinço uma imagem e aí eu faço um trabalho de

conhecimento, autoconhecimento, desenvolvimento. Não! Eu queria um mergulho profundo na obra. Eu trazia várias referências de crítica literária, de tantos que já tinham se debruçado sobre o livro, dos múltiplos sentidos e significados daquela imagem, referências históricas, leituras psicanalíticas, e a gente mergulhava, ampliava as camadas de leitura e aí ia para diálogos. Que diálogos que nós podemos ter com o texto. E com vivências, a gente ia às vezes para uma vivência corporal ou às vezes ia para uma vivência de escrita criativa.

> **Foi aí que eu quis que não fosse um curso, sabe, eu queria essa possibilidade: o que é que o *Grande sertão: veredas* me dá, de mim, o que é que ele me conta de mim – você perguntou do autoconhecimento – então, quais são as nossas possibilidades enquanto o grupo lendo essa obra, convivendo por três dias, quais são também as nossas possibilidades de diálogo.**

A questão do pacto que eu acho que é tão forte, para mim era muito significativa. Sempre que eu passava pelo pacto do Riobaldo eu pensava: "Que pactos que eu tenho?" Todos nós temos pactos. Tem uma hora que o Riobaldo fala: "Tudo é pacto!" Tudo é pacto mesmo, desde a gente pensar com o que é que eu compactuo na minha existência e que faz sentido ou de repente não faz sentido com as minhas crenças, mas estou vendendo minha alma, né? Aqui, estou compactuando com isso, por receios, por medos e que pactos que eu quero desfazer? Porque ele fala uma hora: "E se eu fizer outro pacto com Deus?" "Então não desmancha, na rás, tudo o que em antes se passou?" Isso é a nossa existência! O tempo todo nós estamos sendo confrontados, querendo firmar certezas, ter garantias, "contratos". A questão do pacto tem muito isso: É ou não é? Mas não há certezas, o fluir da vida é processual.

> **Tem uma hora que o Riobaldo fala: "Tudo é pacto!" Tudo é pacto mesmo, desde a gente pensar com o que é que eu compactuo na minha existência e que faz sentido ou de repente não faz sentido com as minhas crenças, mas estou**

vendendo minha alma, né? Aqui, estou compactuando com isso, por receios, por medos, e que pactos que eu quero desfazer?

A Walnice Nogueira Galvão tem um texto muito lindo, seminal, naquele livro *As formas do falso*, em que ela toca justamente nesta questão: o demoníaco do pacto está na gente querer firmar uma certeza – porque aí se o cujo está do teu lado você vai ganhar a batalha de todo jeito – quando o fluir da vida é processo! Não existe na dimensão da existência essa certeza fixa. Isso é o demoníaco! Não tem nada mais autoconhecimento do que isso, do que mergulharmos nesta imagem!

O demoníaco do pacto está na gente querer firmar uma certeza, quando o fluir da vida é processo!

Então isso me interessa! A literatura me interessa nesse lugar, no lugar em que ela me permite voltar a me sentir, a me perceber e perceber a vida em mim, me perceber em relação com meu meio, com o meu país, com a minha cultura, com o quanto – ainda mais com o Rosa – o quanto do Brasil eu pude entender, por causa do Rosa, o quanto do meu lugar enquanto brasileira. O Riobaldo fala: "O sertão me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca." Todos nós que nascemos no Brasil de certa forma ou outra, não importa se a gente for jagunço, se não for jagunço, estamos informados, impregnados daquela cultura, seja na posição de senhores, seja na posição de explorados, de todos os preconceitos, todas essas imagens estão em nós.

A literatura me interessa nesse lugar, no lugar em que ela me permite voltar a me sentir, a me perceber e perceber a vida em mim, me perceber em relação com meu meio, com o meu país, com a minha cultura.

Muitas vezes as pessoas pensam que a literatura do Rosa trata apenas de um sertão profundo e imagina que o jagunço está lá no interior do Brasil, mas há jagunços em Brasília, na Avenida Paulista, em todas as cidades e também está lá nos bairros periféricos...

Sim! E não só o jagunço, mas aquela figura do seu Habão, que representa o encontro com o capitalismo que está ali se aproveitando daquele inútil utilizável!

E o Rosa vai desfiando essas imagens, por exemplo, os preconceitos em relação aos negros aparece quase como figuras de coro numa tragédia, ou seja, de vez em quando você escuta as vozes deles, assim como dos ciganos...

Sim! As crianças, os idosos, os leprosos, as prostitutas, os bêbados, os loucos! Nossa! É uma galeria de personagens, de loucos luminosos, também da literatura do Rosa.

E as pessoas te acompanham nesse teu mergulho, Fernanda, isso é sensacional...

E é incrível! Depois desse primeiro encontro que eu fiz em 2014, era essa ideia para mim, de poder viver a literatura em várias dimensões. Eu ainda tive a sorte de ter esse espaço com uma natureza exuberante! Não era o sertão, mas era Minas e era a presença das montanhas, das águas, o falar mineiro em volta.

Nessa pousada, como a Mara, uma das donas, era muito entusiasmada com o Rosa e ela que cuidava da cozinha, eu perguntei: "Você topa, Mara, a gente fazer um menu inspirado no Rosa? – era cozinha vegetariana na pousada – Vamos tentar fazer?" Olha como é você estar no lugar e as possibilidades das colaborações! Na Oficina de Leitura do Guimarães Rosa, no IEB, eu tinha conhecido a Tânia Biazoli[8], que na época estava fazendo pesquisa sobre referências culinárias na literatura. E aí eu ativei a Tânia: "Você recolheu algumas referências culinárias do *Grande sertão: veredas*?" Ela me passou alguma coisa depois eu ainda pesquisei e fui achando, conforme fui lendo o livro, fui achando outras, e, a partir das referências culinárias que apareciam, eu e a Mara montamos um menu inspirado no *Grande sertão: veredas*. Então nós íamos nesses três dias ter as refeições inspiradas também no livro.

E aí eu passei a oferecer esse curso-vivência do *Grande sertão: veredas*. Fiz em 2014, depois em 2015 em outra pousada em Minas, mais perto de São Paulo, em 2016 eu fiz numa fazenda no interior de São Paulo, era uma pessoa que eu também conhecia, a gente ia divulgando no grupo, teve uma vez um grupo de umas 20 e poucas pessoas

[8] "Receitas para o amor, por Aracy e João Guimarães Rosa" Disponível em http://sossegodaflora.blogspot.com/2022/05/receitas-para-o-amor-por-aracy-e-joao.html Acesso em: 16/5/2023.

nos três ou quatro dias, e a gente ainda estendeu, porque sempre falta tempo, então fizemos de quinta a domingo.

Depois fiz esse mesmo curso em São Paulo mesmo, no espaço da Unipaz. Aí aconteceu de professoras de escola Waldorf terem participado e falado: "Nossa! Isso tem tudo a ver com a nossa forma de trabalhar, mais integrada, mais holística, de compor com os alunos!" E então, em Campinas, fiz para os professores da escola Waldorf essa vivência.

Painel bordado por Marcia Alves Macedo, de Andrequicé. Acervo pessoal de Fernanda Rivitti.

Eu sempre levava, esse que você está vendo, esse painel, desde o primeiro curso em 2014, como eu já tinha ido muitas vezes para Cordisburgo era para mim outro encanto, de outra dimensão da obra, as bordadeiras que bordavam e bordam cenas da obra do Rosa, então eu já tinha comprado alguns, entre eu e a minha mãe a gente já tinha adquirido alguns ao longo desses anos: sempre que ia para Andrequicé ou para Cordisburgo me encantava com algum bordado, e então desde 2014 eu preparava a sala do encontro com a arte também daquela região. Isso era ainda outro mergulho para os participantes.

Eu lembro que uma vez uma professora – foi depois do encontro da Waldorf – ela falou: "Nossa! Todo esse trabalho que você traz de arte, tendo em volta os bordados

– às vezes eu levava placas de xilogravura do Poti – tem algo tão belo, tão delicado e às vezes o conteúdo do livro é tão denso e violento!" Eu falei: "Pois é, isso é o Guimarães Rosa!" Eu achei bonito como ela viveu essa experiência do "mundo misturado" na minha forma de propor, por tudo que estava em volta, por aquilo que também é produto do sertão, tanto o bordado delicado quanto o jagunço!

Você contemplou uma boa parte da tua experiência, falou da dançaterapia, dos teus estudos na parte mais acadêmica, do mestrado, dos cursos e de tudo o mais. Tem mais alguma coisa que você gostaria de destacar? Quem sabe teus projetos e desejos...

Este caminho "entre", esse caminho misturado, algo que eu sempre busco é uma forma de juntar, de reunir campos da experiência... com a pandemia, a possibilidade dos encontros presenciais estava suspensa, e eu continuei oferecendo esses encontros online.

Então tenho o curso do *Grande sertão: veredas*, tem o encontro que veio do meu mestrado, o Veredas da infância, e também o Augusto Matraga, que foi muito forte! Quando eu montei quis fazer quatro encontros só com o mesmo conto, porque foram tantas dimensões de sentidos e sentires que achei lá.

Eu acabei não falando, queria também puxar esse gancho, mas depois do *Grande sertão: veredas* eu comecei a montar outro curso. E aí me veio essa coisa com as crianças! Eu falei: "Nossa vou fazer um mergulho pelas imagens de infância, pelos contos que trazem crianças! Que crianças são essas que aparecem na obra do Rosa?" Foi quando surgiu a oportunidade do mestrado com a Yudith Rosenbaum. Eu estava para me inscrever no mestrado e ela perguntou se eu tinha alguma coisa que podia ser projeto. Eu falei, olha eu estou montando algo – não estava nem pensando em pesquisa acadêmica, estava pensando nesses encontros vivenciais, com essas imagens, com essa ideia, explorar o aspecto infantil... Ela falou: "Ah, isso dá um mestrado!" Então foi daí que surgiram ao mesmo tempo o mestrado e o percurso vivencial com a infância, o que eu chamei de Veredas da infância.

Agora eu estou com um grupo fazendo *Primeiras estórias*, que se chama Primeiras estórias através do espelho. Chegou uma hora que eu ficava tão intrigada com essa coisa do espelho no meio e dos pares de contos, no curso da Infância eu também tinha

estudado "As margens da alegria" e "Os cimos", então falei: "Deixa eu pegar outros pares e ver isso". E daí surgiu... Fora que espelho por si só já dá pano para manga no nosso mergulho do autoconhecimento e dessas reflexões. E aí eu descobri uma formação aqui nos Estados Unidos, onde eu estou, que se chama *Expressive arts therapy*, artes expressivas, como eles chamam, que é essa possibilidade de um caminho terapêutico, de um caminho de autoconhecimento, dentro da área *mental health counseling*, aconselhamento na saúde mental, na qual você pode transitar e integrar diferentes formas de expressão artística: plástica, cênica, narrativa, corporal, a música e disso se faz esse caminho de autoconhecimento e de saúde.

No fim, para mim, tudo isso é para que a gente possa existir melhor. Tudo, a literatura inclusive, está nesse lugar para mim. A literatura me permite ser eu mesma de uma forma melhor, me dá palavras e imagens para eu abarcar o inabarcável, que é a existência. E estar com o outro. Estar no mundo e estar com o outro, qualificando os nossos sentimentos, a nossa possibilidade de expressão, de encontro, de troca. Para mim é isso que está no centro.

No fim, para mim, tudo isso é para que a gente possa existir melhor! Tudo, a literatura inclusive, está nesse lugar para mim. A literatura me permite ser eu mesma de uma forma melhor, me dá palavras e imagens para eu abarcar o inabarcável, que é a existência. E estar com o outro. Estar no mundo e estar com o outro, qualificando os nossos sentimentos, a nossa possibilidade de expressão, de encontro, de troca. Para mim é isso que está no centro. Então por agora eu pretendo continuar esse caminho com a literatura e promover esses encontros em que a gente pode mergulhar em várias dimensões. Vivenciar textos literários, estórias...

Eu acredito que essas várias dimensões vão contemplar cada um onde cada um está: um caminha mais por aqui, outro mais por ali, mas todos caminham de alguma forma...

Exato! É uma travessia. E o que cada um traz também, cada pessoa, se eu tenho um grupo, agora esse do "Primeiras estórias" é um grupo de 30 pessoas! Imagine o que são 30 pessoas juntas? Lendo um conto, são 30 reflexos, multiplicidades de espelhos!

Estamos chegando ao fim, temos que encerrar essa entrevista...

Ah, não! Vou fazer que nem o Rosa quando o Günter Lorenz o convidou para uma entrevista e o Rosa falou: "Ah, não chama de entrevista, eu só aceitei sentar aqui com você porque você me chamou para uma conversa!" E eu falo demais, você sabe, é próprio de quem é professora: gostar de conversar!

E que alegria te escutar!

Gabriel Brigagão Ábalos – Eu fico só escutando, mas aprendo pra caramba!

> Naquela parte que as pessoas conversam, depois da leitura, cada um tem uma impressão, às vezes até dá uma discórdia, mas é normal, porque cada um pode ter uma interpretação, né? É um momento muito rico para mim, aprendo muito, faço algumas amizades.
>
> Gabriel Brigagão Ábalos[1]

Preâmbulo

Nas nossas Rodas de Leitura online temos em média uma frequência de 60 pessoas. A maioria fica com a câmera aberta para a leitura do texto, porém muitas pessoas participam apenas ouvindo e quase nunca abrem a câmera, não participam perguntando ou contribuindo com as discussões que seguem após a leitura. Eu sempre pensava: "O que será que essas pessoas têm para dizer? O que será que elas aprendem apenas ouvindo? Quem são essas pessoas?" E foi numa conversa com uma participante da Roda em que eu comentava sobre essas minhas questões que ela mencionou o Gabriel, um amigo de longa data da sua família. Eu então pedi que ela perguntasse se ele aceitaria ser entrevistado, para contar a sua experiência, e assim chegamos a essa entrevista presencial. Gabriel me recebeu em seu apartamento, em Perdizes, na cidade de São Paulo, quando eu voltava de Paris, e a entrevista foi gravada apenas em áudio. Temos assim mais um registro das diversas formas de participação na Roda de Leitura.

[1] Tenho dois irmãos, Felipe e Esteban. Fui aluno Waldorf no Colégio Waldorf Micael de São Paulo. Sou jornalista com pós-graduação em Sociologia.
Entrevista gravada em áudio dia 7/7/2023.

Você já conhecia Guimarães Rosa antes de entrar na Roda de Leitura online?

Conhecia como um nome famoso, mas eu não participava de nenhum grupo de estudos. Um dia uma amiga, a gente estava conversando, ela disse que participava de um grupo de estudos sobre o Guimarães Rosa, e como ela sabe que eu gosto de estudar e de aprender, ela também disse que nesse grupo tinha bastante gente que sabe bastante sobre o Rosa, mas que também tinha gente que não sabia nada, que tem gente de todo jeito, mas ela disse que seria legal se eu participasse. E aí eu topei, quarta-feira umas 2 horas por semana – eu pensei: "Vou pelo menos para escutar, mesmo sem dar palpite, só de escutar a gente aprende, né?" Foi assim que eu comecei a participar desse grupo de estudos.

Você pode dizer o nome dessa amiga que o convidou?

Foi a Yara Fleury que me chamou para o grupo, porque ela já estava há mais tempo. Somos grandes amigos, eu estudei com o filho dela na escola por nove anos, ele foi meu colega de classe, sou muito amigo do filho dela e dela também, temos uma amizade de muitos anos. Foi assim, ela sugeriu, eu topei e estou gostando. Ultimamente eu parei de participar porque eu estou estudando para um concurso, mas depois eu vou voltar, com certeza.

Você disse que participou de uns cinco ou seis encontros, só ouvindo. Você lembra de algo que de alguma forma o marcou nessas reuniões de leitura?

Eu lembro de termos lido "O burrinho pedrês", esqueci o que lemos depois. Mas eu fui aprendendo. Tem uma professora de Minas Gerais que sabe muito, a Mônica Meyer. Quando eu escuto ela falar eu admiro o tanto que ela sabe, a experiência dela. É interessante como que o Guimarães descreve em detalhes, da maneira que ele enxerga o cerrado e tudo o mais. Eu acho muito legal, fantástico mesmo! Ele usa bastante figuras de linguagem, expressões que ele inventa, entre aspas. Eu gosto muito, estou aprendendo bastante e quando eu voltar vou pegar firme para aprender mais.

Naquela parte que as pessoas conversam, depois da leitura, cada um tem uma impressão, às vezes até dá uma discórdia, mas é normal, porque cada um pode ter uma interpretação, né? É um momento muito rico para mim, aprendo muito, faço algumas amizades, como você, o Gilson de Barros. Eu queria ter visto a peça dele aqui em São

Paulo, mas, como eu tenho problema de locomoção, fica um pouco difícil. Eu gosto muito do trabalho dele, já vi ele no *Jornal da Cultura*. Então, assim, eu vejo que as pessoas da Roda são bem instruídas e educadas, porque tem uma diferença entre instrução e educação. Mas eu vejo assim que todos têm muito respeito.

Tem aquele outro senhor que eu não lembro o nome, enfim, são muitas pessoas, cada uma de uma área, e tem eu lá, vou fazer 39 anos, sem muita experiência de Guimarães Rosa, mas aprendendo. Sou cadeirante, mas apesar disso não tenho a parte cognitiva afetada. Pude fazer a escola normal, fiz todo o caminho de estudante de classe média, tive todo apoio da minha família. Tenho muitos amigos da escola até hoje.

E você gosta de literatura?

Gosto, gosto muito! Tive uma professora no curso de Jornalismo, Monica Martinez, ela fez doutorado na USP, ela tinha umas análises literárias muito interessantes, como se descreve os textos jornalísticos de forma mais literária. Eu fiz Jornalismo e pós-graduação em Sociologia na Faculdade Estácio de Sá, fiz online.

Eu sempre pergunto, nas entrevistas: Como é que o Guimarães Rosa chegou na sua vida?

Eu li o Guimarães Rosa para o vestibular, eu curti aprender sobre ele, mas eu já disse que eu não sou um grande leitor do Guimarães Rosa, mas eu gosto de aprender, e só esses encontros que eu fui já me enriqueceram muito. Eu nunca tinha pegado um livro dele para ler, mas como eu gosto de estudar a Yara me chamou, ela disse que seria interessante, que eu iria me enriquecer, que eu iria aprender, e eu estou curtindo muito.

Eu lembro do conto "O burrinho pedrês", do rio, que eles vão atravessar o rio e morrem no rio, mas um deles segura pela cauda do burrinho, e depois teve uma comparação com o budismo que o príncipe saiu do palácio para conhecer o mundo e sai segurando uma cauda do cavalo também. Eu estava naquela Roda de Leitura com aquele professor francês da Sorbonne. A professora Monica Martinez sempre falava da Sorbonne também, alguma coisa sobre jornalismo literário. Ela era uma pessoa muito boa e qualificada.

Eu só não pude contribuir muito porque estou muito no começo, eu fico só escutando, mas aprendo pra caramba! Cada vez que eu escuto eu aprendo muito,

prefiro não palpitar muito porque eu não sei muito, mas só de escutar para mim já é maravilhoso. Para mim está valendo! Cada um absorve da maneira que consegue, até porque o Guimarães Rosa não é muito fácil de interpretar, então estar com quem tem mais experiência, consegue entender melhor, inclusive porque precisa ter outras leituras, eu vejo que as pessoas fazem muitas comparações de um livro para o outro. Tudo que eu disse aqui é o que eu sinto, que eu estou gostando, e a Yara veio contribuir com isso.

TRAVESSIA VI - Equipe técnica

Recorte do projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*

Renata Oliveira Ribeiro – Alguns desdobramentos da Oficina de Leitura

Hoje eu posso dizer que a principal contribuição, o que de melhor a Oficina de Leitura trouxe para a minha vida foram as pessoas!
Renata Oliveira Ribeiro[1]

Como você chegou à Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP?

No ano de 2017 eu entrei na Universidade de São Paulo para cursar História, e em 2018 eu recebi um e-mail da comunicação interna da faculdade falando sobre a Roda de Leitura João Guimarães Rosa, do IEB. Era um autor que eu tinha lido de forma independente, tinha lido *Grande sertão: veredas* e ficado muito encantada, mas eu não conseguia conversar com ninguém sobre o livro. Os meus colegas na época não leram, e os que leram não gostaram. Na época, havia algumas leituras obrigatórias para o vestibular, então eles leram obrigados e não curtiram. A partir daquele e-mail eu achei fascinante a possibilidade de poder ler em voz alta e compartilhar a experiência de leitura. Foi assim que eu tive conhecimento da Roda, por um comunicado interno da FFLCH.

A partir daquele e-mail eu achei fascinante a possibilidade de poder ler em voz alta e compartilhar a experiência de leitura. Foi assim que eu tive conhecimento da Roda, por um comunicado interno da FFLCH.

[1] Graduada em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora, pesquisadora e produtora cultural.
Entrevista concedida sexta-feira, 28/4/2023 – 8h São Paulo – 13h Paris.

E o que mudou quando você começou a participar da Oficina de Leitura?

Olha, muita coisa mudou! Primeiro eu era um tanto antissocial, não tinha muitos colegas, um ou dois com quem eu fazia os trabalhos. Ter os encontros semanais presenciais, conhecer todas as pessoas, tomar um café com o pessoal antes dos encontros foi de grande relevância na minha vida. Não só nesse sentido social, mas os desdobramentos disso.

Você pode falar desses desdobramentos?

Foram muitos e tantos! É importante falar para ver a dimensão que a Roda toma. A começar por conhecer o próprio sertão roseano, esse sertão cerrado que eu não fazia ideia da existência dele. Eu venho do sertão caatinga, nasci num povoado do sertão baiano chamado Onça, que é caatinga, que é seco.

> **Eu venho do sertão da caatinga, nasci num povoado do sertão baiano chamado Onça, que é caatinga, que é seco. Eu não tinha a dimensão que existia outro sertão, o sertão das veredas, com água.**

Primeiramente, claro, por intermédio da nossa querida Rosa Haruco Tane. Foi ela que me levou para conhecer o sertão. Conheci Morro da Garça, Cordisburgo e toda aquela região mais central, e depois também por incentivo da Rosa eu fiz O caminho do sertão[2] no ano de 2019. Foi outra surpresa, que causou grandes mudanças na minha vida. Após fazer O caminho do sertão eu tive experiência com inúmeras histórias, eu entrei num projeto para fazer um livro sobre a vida de uma senhora moradora da região noroeste de Minas[3]. Ela tem uma história muito incrível. Ao entrar neste projeto para fazer o livro da vida dessa senhora encontrei fontes para a minha pesquisa. Então, durante a graduação em História na FFLCH eu fiz uma iniciação científica, e agora

[2] "O Caminho do Sertão: De Sagarana ao Grande Sertão Veredas é uma trilha sócio-eco-literária que oferece uma imersão no universo de João Guimarães Rosa, na literatura, na geografia, nos saberes e fazeres dos habitantes dos vales dos rios Urucuia e Carinhanha, no noroeste e norte de Minas Gerais." Informação retirada do site https://ocaminhodosertao.com.br/ Acesso em: 7/9/2023.

3 Conforme consta no site https://ocaminhodosertao.com.br/projetos/livro-e-documentario-vo-geral-da/ Acesso em: 7/9/2023.

já estou prestes a entrar no mestrado, só que na FAU, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, pelo desdobramento dessa pesquisa que me levou para a história da arquitetura. E bom, aqui estou! Veja só quanta coisa, o conhecimento desse sertão profundo, geográfico, projetos variados...

O livro já está quase pronto?

O livro está pronto, a próxima etapa agora é a revisão. A Cecilia Marks vai iniciar a revisão dele. Não escolhemos o título ainda, são muitos títulos dados pela própria vó Geralda ao longo de todo o depoimento dela, mas ainda não definimos um nome. Sim, fizemos uma vaquinha para poder custear a revisão, a diagramação e a publicação. Não tem como fazer de forma independente. O que tinha para fazer de forma independente a gente fez, e agora estamos no final. É provável que ainda neste ano este livro seja lançado.

Foram muitas contribuições mesmo, desde a construção de amizades, o encontro com a Rosa, com o Dieter...

É! O mais importante eu acabei não citando aqui, que são as pessoas, as amizades que ficam para a vida. A Rosa Haruco, assim, que incrível! Eu me sinto muito, muito privilegiada de conhecer, conviver com a Rosa. Praticamente todos os dias a gente se fala, quase toda semana a gente se vê, e é uma grande, grande amiga! Muita sorte por tê-la como amiga! Muita sabedoria, muitos ensinamentos, é incrível! E, claro, o Dieter também, demais, incrível! Hoje eu posso dizer que a principal contribuição, o que de melhor a Oficina de Leitura trouxe para a minha vida foram as pessoas!

A Rosa Haruco, assim, que incrível! Eu me sinto muito, muito privilegiada de conhecer, conviver com a Rosa. Praticamente todos os dias a gente se fala, quase toda semana a gente se vê, e é uma grande, grande amiga! Muita sorte por tê-la como amiga! Muita sabedoria, muitos ensinamentos, é incrível!

Quando você atendeu ao chamado daquele e-mail, em 2018, você foi para participar da Oficina. Quando é que você passou a fazer parte da equipe técnica?

Eu já tinha percebido, em 2019, que a Rosa incentivava uma maior participação da minha parte em alguns eventos. Ela demonstrava a vontade de trazer mais para perto pessoas mais jovens no sentido de que a Oficina tinha um núcleo mais duro, de pessoas que estavam lá semanalmente, e basicamente as discussões ficavam muito restritas. Então ela achava que trazer pessoas mais jovens poderia expandir essas discussões. Esse movimento da Rosa não foi só comigo, tinha outras pessoas que na época também frequentaram.

A Rosa demonstrava a vontade de trazer mais para perto da Oficina pessoas mais jovens, para expandir as discussões.

Eu comecei a integrar esse núcleo técnico quando começou a pandemia: não podia mais sair de casa, a USP fechou, e daí eu fui para a casa dos meus pais. Eu me lembro da Rosa conversando comigo, para a gente tentar fazer um encontro da Oficina online. Mas eu não sabia nada disso, e ela insistiu que eu poderia ajudar. Fiquei pensando: "Como é que a gente faz?" No início foi bem difícil! Foi bem complicado! Porque a nossa comunicação por e-mail era bem escassa. A Rosa usava um e-mail pessoal para entrar em contato com as pessoas, ela mandava alguns e-mails esporadicamente para o pessoal da Roda. Então era uma coisa que não tinha uma organização. E foi com a pandemia que começamos a nos organizar para fazer com que a Oficina pudesse ocorrer de forma online. Foi nesse momento que de fato eu comecei a integrar essa equipe técnica.

Quero entrar no assunto dos podcasts. É um dos pontos fortes do trabalho que você, a Paula Felice e a Gabriella Radoll fizeram. Fiz um levantamento: foram produzidos 59 podcasts sobre JGR. Desses, 51 foram produzidos com o selo da Oficina e oito por outras pessoas, mas sobre o JGR. No total foram 7 horas, 7 minutos e 34 segundos só de material organizado por vocês da equipe técnica. Como é que foi operacionalizar tudo isso, Renata?

Caramba! Teve o trabalho de nós três, mas teve mais pessoas, porque a Rosa e a Regina também tiveram papel importante neste trabalho. Eu não sei como é que a história do podcast surgiu dentro do IEB, não me recordo, o que eu me recordo é que chegou um e-mail do Pedro Bolle nos convidando – a Oficina – e a Rosa me encaminhou o e-mail e falou: "Renata, eu não entendi nada do que ele falou! Você me ajuda? Me explica o que é isso?" E daí a gente conversou, você sabe, a Rosa adorou a ideia de poder produzir esses podcasts, e foi a Rosa que tomou a frente, convidando as pessoas. Ela é que chamava os colegas, convidava para gravar, era a articuladora para convidar, passar propostas, para explicar como é que funcionava. A partir disso tinha algumas orientações que geralmente eu passava para a Rosa no início, e depois a Rosa já passava automaticamente para falar dessas orientações, ou seja, não ultrapassar 15 minutos de áudio, ir para um lugar silencioso para não entrar ruídos na gravação, que podia fragmentar os áudios em partes. Em geral a grande maioria das pessoas mandava por WhatsApp, uma ou outra enviava por e-mail.

Teve o trabalho de nós três – Renata, Paula e Gabriella –, mas teve mais pessoas, porque a Rosa e a Regina também tiveram papel importante neste trabalho. A Rosa adorou a ideia de poder produzir esses podcasts, e foi a Rosa que tomou a frente, convidando as pessoas.

No início foi difícil fazer essa operação porque era o início, e depois ficou simples. Então era assim: a Rosa convidava a pessoa, a pessoa gravava os áudios e mandava para a Rosa e ela me mandava. Eu ia colocando esses áudios no drive do Oficina. A Gabi e a Paula faziam a edição desses áudios. Eu fiz uma pasta para cada podcast de cada participante, colocava os áudios, a sequência dos áudios, colocava uma anotação na pasta do que eu tinha feito para que elas pudessem ir lá e ver se uma ou a outra já não estava editando esse podcast. Cada pessoa que fazia alguma modificação tinha que anotar – Renata: estou fazendo tal coisa; Gabi estou editando... para não ter trabalho duplicado.

Além disso, ainda tinha um documento de Word que tinha uma descrição curta desse áudio. Esse trabalho era feito pela Regina. Então, na verdade, eram seis pessoas: Rosa convidava as pessoas, Paula, Gabriela e eu na edição dos áudios, a Regina com os

textos e depois enviava tudo para o Pedro Bolle no IEB. Basicamente eu organizava tudo. A Regina ouvia todos os podcasts para poder fazer a descrição numa linguagem bem concisa, uma linguagem jornalística, direta, porque a gente tinha um limite de caracteres, não podia ultrapassar e a própria plataforma não aceitava textos grandes.

Você já sabia usar essas plataformas de edição de podcasts?

A maior parte de todo esse aparato a gente aprendeu junto, assim, na hora, no momento que precisou usar. Aprendemos a fazer fazendo.

O drive do Google sim, eu sabia. O Google Meet – na verdade antes da pandemia nem era Google Meet, tinha outro nome que eu não lembro e não era o que é hoje – eu já tinha usado uma vez para uma reunião, mas foi só isso. A maior parte de todo esse aparato a gente aprendeu junto, assim, na hora, no momento que precisou usar. A questão dos podcasts foi mais ou menos isso. Aprendemos a fazer fazendo. Não sei se a Gabi e a Paula já tinham esse conhecimento prévio de edição, mas eu aprendi fazendo mesmo. Bom, e daí no fim do processo, quando eu via lá na pasta que a edição já estava completa, eu encaminhava para o Pedro Bolle, no IEB, escrevendo: olha podcast da pessoa tal, título, descrição e o download do áudio. E aí o Pedro é que subia o material para as plataformas – Apple Podcasts, Castbox, Google Podcasts, Overcast, RadioPublic, Spotify, Copiar RSS.

É realmente um trabalho muito bem orquestrado que acabou por reunir uma produção significativa de pessoas da Oficina de Leitura. O primeiro foi publicado em 11/5/2020 e o último em 23/8/2021. Em um ano e três meses foi uma produção fenomenal!
E teve também todo o trabalho de aprender a usar a plataforma do Google Meet para que a Oficina de Leitura pudesse acontecer online, e vocês, da técnica, também foram importantes nesse processo. Fale um pouco sobre isso.

No início a Marília tinha uma conta profissional paga, e então ela ofereceu o domínio dela. Eu lembro que até tentei criar uma conta não vinculada ao IEB, mas não

adiantou muito porque tinha limite de tempo e de pessoas pelo Google Meet. Até que pedimos ao IEB uma conta de e-mail institucional, e aí sim os encontros começaram com o e-mail oficial do IEB.

A partir daí os participantes começaram a receber os e-mails toda terça-feira, com o link e os avisos...

Sim, criamos uma dinâmica. Os e-mails são restritos a mim e à Rosa: toda segunda ou terça ela finaliza o rascunho, vai lá no e-mail coloca tudo o que vai entrar e aí eu reviso, coloco algumas coisas que ela não consegue – links, cartazes de divulgação de eventos, eventualmente um encontro gravado – então nós duas já estamos bem treinadas, ela põe algumas observações entre parênteses, às vezes ela não sabe passar uma coisa para o e-mail aí eu passo. Agora funciona bem, mas no início foi difícil.

Para conseguir fazer com que esse tanto de gente entre na sala pelo link, uma coisa que foi importantíssima foi fazer o banco de e-mails da Oficina.

É importante falar também do nosso banco de e-mails, porque, para fazer uma comunicação dessas, para conseguir fazer com que esse tanto de gente entre na sala pelo link, uma coisa que foi importantíssima foi fazer o banco de e-mails da Oficina para que essas pessoas recebam os e-mails e os convites pelo Google Meet. Esse foi um passo importante, foi bem trabalhoso registrar todos esses e-mails, mas hoje em dia a gente só atualiza.

É um trabalho voluntário, quietinho...

É, sim, é um trabalho de bastidor! Muitas vezes quem vê, quem assiste a Oficina acontecendo não entende a dimensão do trabalho por detrás daquilo, são pouquíssimas pessoas, mas algumas cobram, fazem algumas cobranças descabidas sem entender que realmente tem muito trabalho ali.

Que dificuldades você percebe, até como maneira de apontar caminhos, pois você vai para o mestrado, está prestando concurso, enfim, vai seguir a vida e não vai conseguir continuar atendendo da mesma forma...

É muito interessante essa questão que você me faz, porque eu acho que tem que ser uma questão que as coordenadoras da Roda têm que ter em vista e tem que ser conversado, principalmente a partir de agora.

É muito importante que se conseguisse fazer a Roda de forma híbrida, mas sem apoio técnico a gente não consegue.

Eu queria abrir duas questões. A primeira é sobre a Roda híbrida. É muito importante que se conseguisse fazer a Roda de forma híbrida, mas sem apoio técnico a gente não consegue. Teria que ter um apoio técnico do IEB, no sentido instrumental de equipamento, local, aparelho de som, computador. Isso é uma coisa, mas teria que ter uma pessoa também para executar isso, e no momento nós não temos nenhum, nem outro, ou seja, não temos equipamentos nem uma pessoa que tenha disponibilidade e conhecimento para isso. O IEB não fornece nenhum funcionário – até por causa do horário do expediente, que vai até as 18 horas, e a Oficina até as 20 horas. Então isso é um problema, sim, para realmente fazer a Oficina híbrida. E é a nova realidade! Tudo está sendo híbrido, mas sem apoio não funciona, não vai funcionar. Por nós mesmos seria bem difícil fazer isso realmente acontecer. Teria que ter realmente apoio institucional.

Eu entendo que as coordenadoras têm que ser independentes, elas têm que conseguir fazer a Oficina, os encontros online independentes da gente. Isso já é parcialmente uma realidade. A Rosa já consegue fazer muita coisa, não consegue fazer tudo ainda, mas consegue fazer a maior parte.

Um segundo ponto que eu sinto é que a Oficina não pode continuar dependente tecnicamente de, por exemplo, como eu, de favores. Eu entendo que as coordenadoras têm que ser independentes, elas têm que conseguir fazer a Oficina, os encontros online independentes da gente. Isso já é parcialmente uma realidade. A Rosa já consegue fazer muita coisa, não consegue fazer tudo ainda, mas consegue

fazer a maior parte. Mas a Linda e a Regina ainda tem um pouco de dificuldade, e isso dificulta essa independência da Roda.

Eu entendo – tenho feito essa reflexão ultimamente – que será um fator primordial as coordenadoras da Oficina entenderem minimamente desses mecanismos e conseguirem fazer a Roda online sem precisar, necessariamente, de outras pessoas. Isso será fundamental para o futuro da Roda, na medida em que o meu tempo vai ficar mais difícil e o da Paula e da Gabi também. Gabi está dando aulas, está terminando o doutorado, é muito difícil para a gente! Então vai chegar um momento em que as coisas vão ficar muito difíceis para nós da técnica, e daí as coordenadoras têm que conseguir tocar sozinhas. Eu vejo uma limitação, eu entendo que coordenadoras precisam olhar para isso. A Rosa já está quase 100%, mas eu entendo que a Regina e a Linda precisam também caminhar nessa direção. É incrível a Rosa! Que mulher! No início não sabia absolutamente nada, mas ela se dispôs a aprender, tudo ela me perguntava e queria saber, queria fazer, queria aprender. Ela faz tudo.

Esse movimento do entra e sai dos alunos da USP sempre vai acontecer, então a coordenação tem que ter essa autonomia...

Essa é a palavra: autonomia.

Hoje vocês constituíram um acervo muito grande de vídeos da produção da oficina. Isso tudo está organizado?

Sim, está tudo no drive. Alimentado, digo aqui, principalmente pela Rosa. Já era uma ideia antes da pandemia de organizar esse material, mas isso não foi possível. Acabou sendo formado durante a pandemia, no drive da Oficina de Leitura, e a Rosa principalmente é quem alimenta esse acervo. Semanalmente ela envia materiais, desde livros, artigos, teses, vídeos, cada apresentação que ela recebe, se ela recebe um Miguilim narrando ela vai sobe no drive, então, tem bastante coisa.

Você recebeu alguma bolsa de estudo, algo do gênero, do IEB?

Não! De forma alguma, não! A questão é que oficialmente a Oficina de Leitura não compõe o IEB, compõe no sentido espacial, mas é uma ligação que não é oficial, não está prevista de forma oficial. Eu sinto, das coordenadoras principalmente, que elas têm

receio de perder a liberdade de desenvolver as suas atividades de forma completamente autônoma. Na medida em que institucionalizar vem uma série de burocracias, esse é um ponto.

Talvez, uma coisa que a Rosa tem bastante ressalvas, mas talvez chegue o momento de fazer uma associação para a Oficina, no sentido de receber essas contribuições voluntárias que vão subsidiar o trabalho de uma pessoa, de um técnico, sim, e remunerar dignamente, porque aumentou muito a demanda de trabalho. Você veja, são quase 200 pessoas no banco de e-mails da Oficina, são algumas coisas que têm que ser conversadas. Pensando em tudo que eu já vi e ouvi, em todos os contras – eu trabalhei dentro da administração da FFLCH, pude entender, mais ou menos, como funcionam os trâmites dentro da universidade pública – então, para não perder isso, talvez pensar a possibilidade de fazer uma espécie de associação para a Oficina. Daí resolveria também essa questão da autonomia, na medida em que tem um valor ali, para poder pagar um técnico ou uma pessoa para fazer tudo. Ficaria autônoma de favores de pessoas que trabalham de forma voluntária.

A parte dos vídeos você também cuida, todo esse processo de salvá-los no YouTube...

Sim. Fiz e faço tudo isso. É, realmente, se eu fosse contabilizar, de fato, é bastante trabalho! Enfim, a gente segue tocando na medida do possível, porque eu pessoalmente sou muito ligada à Oficina e às pessoas da Oficina, e sigo fazendo o possível, às vezes até o impossível. Neste sentido eu já quero deixar aqui o meu agradecimento a você por ter trazido essas questões, elas são fundamentais para o futuro da Oficina. Esse trabalho no geral, não precisa nem falar, tem uma grande importância e relevância, mas você se dispor nesse momento a fazer esse mapeamento técnico, porque é isso, as pessoas veem a Oficina acontecendo e não têm noção de que é realmente é um trabalho muito grande!

Gabriella Roesler Radoll – Na equipe técnica um trabalho respeitado e enriquecedo

Sempre foi muito enriquecedor! A gente sempre fez nesse ímpeto, pela Roda de Leitura, não por estar vinculada a algum retorno financeiro, mas pela vontade mesmo.
Gabriella Roesler Radoll[1]

Como é que você chegou à Oficina de Leitura do Guimarães Rosa do IEB-USP?

Eu estava até resgatando isso na minha memória! Primeiro eu tinha ouvido falar da Roda de Leitura por causa do meu doutorado. Eu tenho uma interface em relação ao *Grande sertão: veredas*, porque estudo o sertão norte mineiro. Um certo dia eu estava no teatro do SESC Vila Mariana e a minha cunhada, na época, sabendo da minha pesquisa, comentou que existia uma Roda de Leitura do Guimarães Rosa e que seria muito interessante participar. Enfim, na verdade a roda que ela indicou não era essa, mas pesquisando sobre roda de leitura eu tinha encontrado essa e ficou no meu radar. Acho que foi em 2018 que eu vi que eles se reuniam às quartas-feiras lá no IEB, e às quartas pela noite eu estava dando aula, então eu não estava conseguindo acompanhar. E no primeiro semestre que eu deixei de ser escalada nas quartas-feiras, resolvi aparecer lá.

[1] Graduada e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Doutoranda do programa de pós-graduação em Planejamento e Gestão do Território na UFABC com estudo acerca das identidades territoriais no sertão roseano face às dinâmicas territoriais recentes. Professora das disciplinas de Arquitetura e Urbanismo na UNIP.
Entrevista concedida quarta-feira, 3/5/2023 – 6h30min São Paulo – 11h30min Paris.

Naquele ano [2016] eu tinha sido condutora [d'O caminho do sertão], então eu conheci a Renata e a Cecilia lá no norte de Minas. Quando eu cheguei na Roda de Leitura [2018] elas já estavam lá! Foi uma recepção superótima, foi supergostoso! Às quartas-feiras no IEB eram sempre superagradáveis! Foi aí que eu conheci a Regina, a Rosa e a Linda, além da Cecilia e da Renata.

Na verdade, demorou entre eu saber da Oficina e começar a participar, já tinha acontecido mais um O caminho do sertão[2]", eu tinha participado da terceira edição, que foi em 2016, e aí foi até por causa disso que depois o meu doutorado foi lá para o norte de Minas. A Renata tinha participado da caminhada, eu lembro da Cecilia Marks, e que a Rosa iria, só que ela tinha lesionado algo, e por isso ela acabou não participando d'O caminho. Naquele ano eu tinha sido condutora, então eu conheci a Renata e a Cecilia lá no norte de Minas. Quando eu cheguei na Roda de Leitura elas já estavam lá! Foi uma recepção superótima, foi supergostoso! Às quartas-feiras no IEB eram sempre superagradáveis! Foi aí que eu conheci a Regina, a Rosa e a Linda, além da Cecilia e da Renata.

Você pode falar um pouco do teu doutorado, nessa interface com O caminho do sertão?

Eu estou estudando Guimarães Rosa, o *Grande sertão: veredas*, como uma literatura real e ficcional, justamente entendendo que o autor se apropria tanto dos diários que ele foi realizando como de diversas pesquisas que ele fazia sobre a região para escrever as obras dele. *Grande sertão: veredas* é ambientado nesse grande sertão norte mineiro que pega a Bahia e um pouco de Goiás. Eu fiz esse recorte justamente no norte e noroeste de Minas por causa d'O caminho do sertão. O caminho parte de uma

[2] Conforme consta no site, onde se pode conferir maiores informações: "O Caminho do Sertão: De Sagarana ao Grande Sertão Veredas é uma trilha sócio-eco-literária que oferece uma imersão no universo de João Guimarães Rosa, na literatura, na geografia, nos saberes e fazeres dos habitantes dos vales dos rios Urucuia e Carinhanha, no noroeste e norte de Minas Gerais. Propõe-se uma jornada de 186 km, a ser percorrida a pé, em 7 (sete) dias, saindo do distrito de Sagarana, no município de Arinos-MG, para chegar à cidade de Chapada Gaúcha, onde se situa parte substantiva do Parque Nacional Grande Sertão Veredas." Disponível em https://ocaminhodosertao.com.br/ Acesso em: 6/8/2023.

vila chamada Sagarana e chega até Chapada Gaúcha, é um caminho a pé. Foi a partir desse caminho, nesse momento eu tinha começado a ler o livro *Grande sertão: veredas*, por causa d'O caminho do sertão, sendo que eu não tinha terminado a leitura quando eu fui, em 2016. Aí eu resolvi seguir lendo Guimarães Rosa.

Quando eu retornei à academia para fazer o doutorado surgiu essa possibilidade de tornar ele uma referência. Como a gente tem poucos relatos históricos sobre essa região, eu estou me ancorando nele também como uma possibilidade de compreensão histórica.

Você vem da arquitetura?

Isso! Só que eu estou fazendo o doutorado na UFABC na área de Planejamento e Gestão do Território, mas eu estou trazendo os elementos da paisagem que sempre foram a minha toada dentro da arquitetura.

Você pode contar como é que você foi alçada à equipe técnica da Roda de Leitura?

Pois é! Quando a gente vê já foi! Foi por causa da pandemia que a gente começou a fazer os encontros virtuais, e aí nesses encontros virtuais as coordenadoras comentaram, principalmente a Rosa, que estavam precisando de um auxílio para fazer os podcasts. Tinham recebido o convite do IEB para a Oficina participar com alguns episódios para os podcasts, como uma forma de manter uma produção durante o isolamento social. E a Rosa comentou que precisava de alguém para auxiliar nisso. Eu disse que não entendia muita coisa, mas edição, um pouquinho, se fosse só cortar e inserir e tudo mais, isso seria viável. Não poderia fazer grandes coisas, porque não é da minha alçada, mas eu entendo um pouco desses programas. Ela disse que era isso mesmo que ela precisava, não precisava de nada superelaborado, era só para fazer cortes e união de trechos para o podcast. Foi por aí a entrada, ajudei nisso. Eu e a Renata fizemos uma agenda na época, combinamos quem editava o quê, e depois de um tempo começou a ter um volume muito grande de trabalho...

Pois é! Quando a gente vê já foi! Foi por causa da pandemia que a gente começou a fazer os encontros virtuais, e aí

nesses encontros virtuais as coordenadoras comentaram, principalmente a Rosa, que estavam precisando de um auxílio para fazer os podcasts. Era só para fazer cortes e união de trechos para o podcast. Foi por aí a entrada, ajudei nisso. Eu e a Renata fizemos uma agenda na época, combinamos quem editava o quê, e depois de um tempo começou a ter um volume muito grande de trabalho...

Por um lado, vocês fizeram um grandioso trabalho nos bastidores e por outro lado era uma coisa que as coordenadoras não conseguiam fazer...

Muita coisa aos poucos elas foram assimilando, mesmo essa questão de abrir a sala, de controlar as salas virtuais, no início elas sempre pediam auxílio para a Renata. Nossa! Ela trabalhou intensamente em toda a organização de tudo que foi produzido. Hoje está tudo no Drive da Oficina, se tornou um acervo também que a Rosa, a Linda e a Regina foram coletando, de contribuições das mais diversas pessoas. Então hoje se você abrir o Drive tem um universo lá dentro!

A Rosa, além de acolher, estimula as pessoas a fazer, a contribuir, então era muito material que chegava! Foi nesse ponto que a Rosa, de novo, fez um pedido durante os nossos encontros para ver se mais uma pessoa se juntava à equipe técnica, e foi aí que veio a Paula, e foi nessa de "Estou aqui, estou disposta a contribuir!"

A Renata sempre trabalhou muito próxima da Rosa, sempre ajudando muito ela nessa questão com tecnologia. Até por causa desse volume que estava tendo, que todo mundo queria ajudar a criar podcast, todo mundo queria enviar material e participar, porque a Rosa, além de acolher, ela estimula as pessoas a fazer, a contribuir, então era muito material que chegava! Foi nesse ponto que a Rosa, de novo, fez um pedido durante os nossos encontros para ver se mais uma pessoa se juntava a nós, e foi aí que veio a Paula e foi nessa de "Estou aqui, estou disposta a contribuir!"

Todo um trabalho voluntário, mas que também trouxe muitos aprendizados...

Sempre foi muito enriquecedor, a gente ouvia todo esse material de antemão, se divertia! Fora todos os convites que vieram para eventos, acho que foi o *Janelas Roseanas*, que teve financiamento. Os demais não tiveram, mas tanto faz, a gente sempre fez nesse ímpeto, pela Roda de Leitura, não por estar vinculada a algum retorno financeiro, mas pela vontade mesmo.

Eu lembro da tua contribuição na elaboração dos fôlderes...

A gente trabalhou na elaboração do material de divulgação dos seminário Canto, encanto e leveza, também do Infinitamente maio, numa edição do IEB para um IEBinário, e outro que eu fiz com a Marília.

Que dificuldades você enfrentou como participante da equipe técnica?

Nesse período todas nós da então chamada equipe técnica – Renata, Paula e eu – trabalhávamos, mas sempre foi muito tranquilo pelo fato de que todas as solicitações sempre foram no sentido de uma contribuição, mas entendendo as nossas limitações de tempo. Então a gente até tentava fazer alguns combinados entre nós, quem mandava o que até tal dia, neste sentido foi sempre supertranquilo. E eu dava as minhas possibilidades reais, dizendo: "Olha, agora não dá, agora eu consigo fazer isso". Tanto é que a gente foi se revezando bastante também.

Todas as solicitações [das coordenadoras] sempre foram no sentido de uma contribuição, mas entendendo as nossas limitações de tempo. Então a gente até tentava fazer alguns combinados entre nós, quem mandava o que até tal dia, nesse sentido foi sempre supertranquilo. E eu dava as minhas possibilidades reais, dizendo: "Olha, agora não dá, agora eu consigo fazer isso". Tanto é que a gente foi se revezando bastante também.

De uns tempos para cá eu realmente dei uma sumida, primeiro porque nas quartas-feiras eu estou fazendo outro curso, então não estou conseguindo participar da

Roda de Leitura, e mesmo por estar nessa fase de fechar o doutorado, além de eu ter começado um trabalho novo, enfim, teve umas mudanças significativas! E tudo isso sempre foi super-respeitado!

Há um movimento de pessoas que entram e saem da Roda de Leitura até por causa da finalização dos estudos na USP e da entrada no mercado de trabalho...

Com certeza, e é uma forma também de sempre ir se alimentando por outras pessoas, outros conhecimentos, outras contribuições, mas você também nunca se sente desvinculado, sempre pode voltar.

Você também cuidou da edição dos vídeos no YouTube?

Sim, sim, principalmente dos eventos online que a gente foi acompanhando. Era isso, era acompanhar no YouTube, era alimentar o YouTube, fazer vinheta, auxiliar nisso. Mesmo o fôlder que eu fiz com a Marília, ele alimentava a vinheta, então a gente tentava fazer uma separação de imagens para mandar para a Paula, para ela montar a vinheta e subir no YouTube.

Uma parte que a gente tentava, de uma forma não muito consciente, mas que seria essa orientação para o uso dessas tecnologias, pelas diversas pessoas que participavam da Roda de Leitura. Então mesmo quando a gente usava aquela plataforma StreamYard, que foi uma das ferramentas que a gente utilizou, a Renata ainda fez muitos encontros antes do evento para familiarizar todos os participantes com a ferramenta, para explicar como é que funcionava.

Muita coisa nós trocávamos entre nós, foi supertranquilo o contato com a Renata, com a Paula. Apesar de que, assim, a Paula..., você sabe que eu tenho dúvidas se eu já a encontrei pessoalmente? Eu preciso perguntar para ela, se ela tem alguma memória sobre isso... Eu tenho a sensação de que talvez a gente tenha se visto, mas é isso, vai criando uma familiaridade que às vezes até substitui o encontro real. E foi isso, assim, nossas conversas entre nós sempre foram muito tranquilas.

Vocês eram uma espécie de uma agência de produção. Eu diria que era meio orgânica e espontânea, mas tudo funcionava muito bem...

É. Na verdade quem tem mais a ideia do todo é a Rosa Haruco, ela é que vai imaginando onde é que cada um pode contribuir e vai acionando e vai cutucando e a coisa sai...

Quando eu te perguntei dos desafios eu pensava também nas coordenadoras que apresentavam um pouco de dificuldade com as tecnologias...

Sim, elas têm, mas ao mesmo tempo, elas foram se aventurando em aprender. Eu acho que faz parte também porque cada momento vai exigindo um tipo de interação diferente, um aprendizado diferente, mas até isso – que eu não sei se segui esse pensamento, mas era por aí que eu estava indo – eu senti que, talvez, a gente nunca fez momentos de reflexões sobre tudo que estávamos fazendo, nunca fizemos uma avaliação sobre como é que a gente poderia melhorar, o que a gente poderia aprimorar enquanto equipe. Fizemos, sim, enquanto organização do evento, nós pensávamos o que poderia melhorar no evento, quais foram as dificuldades daquele momento, mas enquanto equipe, por exemplo, mesmo isso: seria uma possibilidade, a gente que nem é tão instruída nessas coisas, mas sabe onde procurar ou teria algum início de ideia de formular encontros para introduzir mesmo informações sobre o layout das plataformas... Eu sei que a Renata faz isso bastante com a Rosa particularmente.

A gente nunca fez momentos de reflexões sobre tudo que estávamos fazendo, nunca fizemos uma avaliação sobre como é que a gente poderia melhorar, o que a gente poderia aprimorar enquanto equipe.

E tem uma questão geracional também, ou seja, os participantes da Oficina são mais maduros...

Essa é uma diferença que eu acho bastante distinta do presencial. Explicar isso virtualmente eu acho mais difícil, ou seja, você explicar como é o funcionar do virtual virtualmente do que presencialmente! Até essa questão de mostrar onde fica um botão virtualmente fica muito mais difícil do que estar presencialmente, do lado, e falar: "Olha, é ali, clica ali!"

Esse trabalho de vocês sempre foi voluntário, vocês nunca receberam bolsa?

Sempre foi um trabalho voluntário, sim! Eu acho que você vê tantas pessoas envolvidas e querendo contribuir das formas mais interessantes que isso motiva. Na verdade, quando houve dinheiro eu acho que foi mais problemático. É ruim isso porque é difícil contar só com voluntarismo, até pela produção que tem, pelo volume de possibilidades e de muito trabalho! É impressionante assim: entra em uma e nem bem finaliza e já vai para outra tarefa, evento ou atividade. E se a gente fizer isso? Outra diz: E se fizer aquilo?

> **Porque a Rosa é uma turbina para ter ideias! Impressionante, porque é agenda cheia! Se você pensar, é um evento atrás do outro! Você está organizando um, já está vindo com outro, já está recebendo o convite dali e daqui, então, assim, é difícil! Acho que é ainda muito mais difícil para as coordenadoras.**

Porque a Rosa é uma turbina para ter ideias! Impressionante, porque é agenda cheia! Se você pensar, é um evento atrás do outro! Você está organizando um, já está vindo com outro, já está recebendo o convite dali e daqui, então, assim, é difícil! Acho que é ainda muito mais difícil para as coordenadoras. Mas até nesse sentido o nosso tempo sempre foi bastante respeitado em termos das nossas disponibilidades para encaixar dentro das atividades outras dos nossos trabalhos pessoais.

Para finalizar eu pergunto como você vê a relação da Oficina de Leitura com o IEB?

> **No conjunto, as atividades que a Oficina realiza é uma coisa que a universidade busca, essa inserção na sociedade, que é a extensão completa. É isso um paradoxo, se pensar bem, a forma que a Roda de Leitura melhor trabalha é estando "desinstitucionalizada"! Então tem uma acolhida, sim!**

Eu confesso que eu não tenho muita apreensão desse vínculo. Na verdade, eu comecei achando que era o IEB que a apoiava e a constituía, até porque era dentro do IEB, só depois que eu fui entendendo que é outra presença que tem o IEB, que é muito mais no sentido de ceder algumas ferramentas e espaços para a Oficina acontecer, mas a Oficina é muito mais independente do IEB do que eu imaginava. No conjunto, as atividades que a Oficina realiza é uma coisa que a universidade busca, essa inserção na sociedade, que é a extensão completa, e uma das coisas que está sendo superpontuada é a extensão. É isso um paradoxo, se pensar bem, a forma que a Roda de Leitura melhor trabalha é estando "desinstitucionalizada"! Mas tem uma vantagem, de certa forma, não sei se o IEB coloca isso propriamente como uma extensão, não tão apoiada, mas de certa forma tem essa extensão, e eu acho que, de certa forma, o nome, o peso e a credibilidade ficam colocados pelo IEB. Mesmo se pensar nas atividades do Arquivo, agora que voltou a receber visitas presenciais, a Oficina foi uma das primeiras convidadas a visitar novamente. Então tem uma acolhida, sim!

Paula Felice – Dos conhecimentos básicos para a superação da técnica

> No início [as coordenadoras] tinham um pouco essa dependência, mas aí elas foram superinteressadas em aprender, a superar os desafios, inclusive dessa distância geracional com relação ao acesso à tecnologia. Foi um orgulho muito grande ver esse desenvolvimento delas e a facilidade que elas têm hoje.
>
> Paula Felice[1]

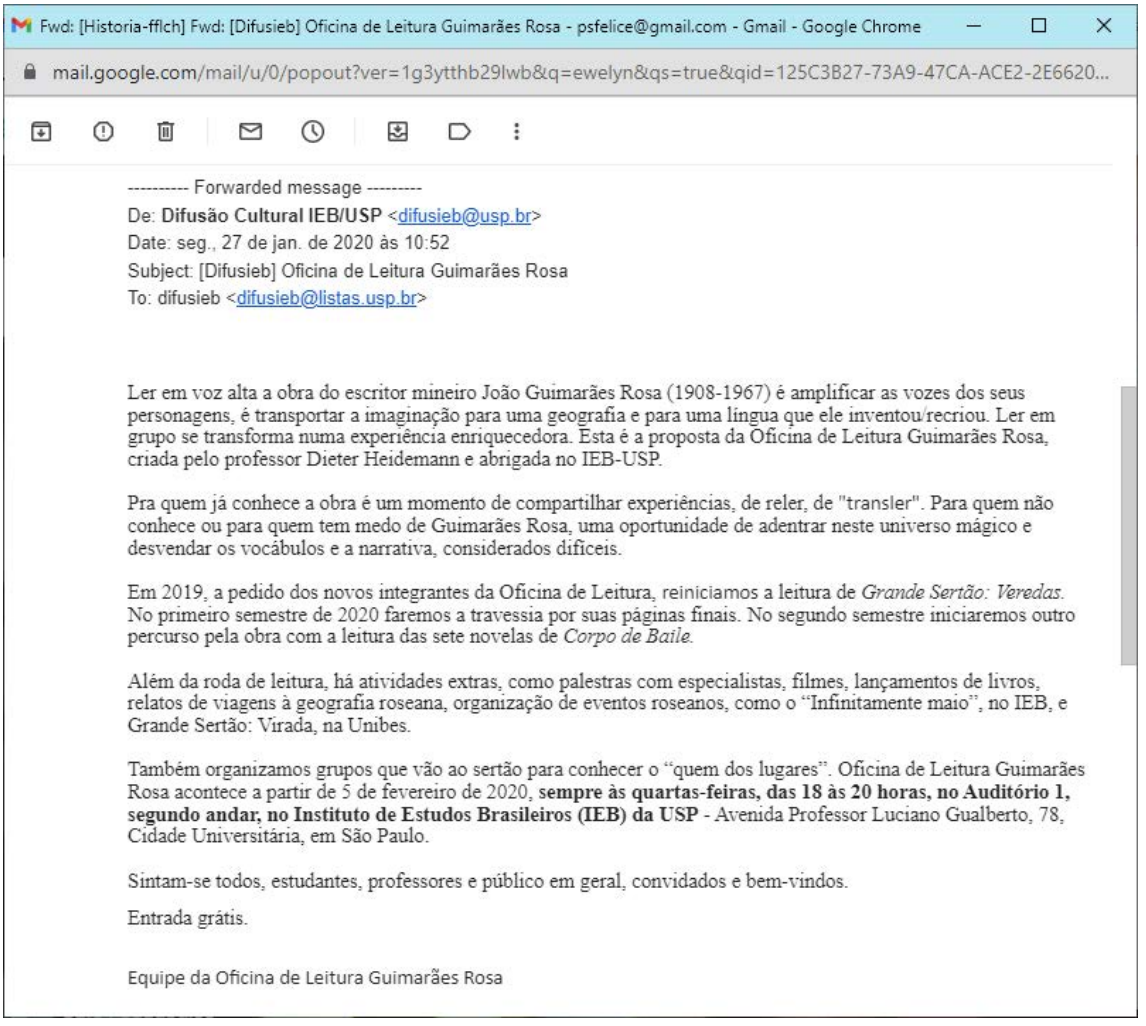
Como é que você chegou à Roda de Leitura?

Eu cheguei à Oficina de Leitura por meio da Élida Marques, em 2018 ou 2019, não lembro bem, mas fui assistir uma apresentação dela que se chamava *O grande encontro*, mas só fui para prestigiá-la. Conheci o grupo da Oficina de Leitura naquele dia, mas como me descuidei demais naquela apresentação não me ative que fazia parte de uma programação permanente e de resistência de um grupo que se encontrava há 15 anos para ler João Guimarães Rosa. Me descuidei, afinal "felicidade se encontra é em horinhas de descuido".

[1] Graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, possui especialização em Gestão de Bibliotecas Públicas e em Literatura para Crianças e Jovens pelo Instituto Vera Cruz (em andamento). Atua como bibliotecária na Biblioteca Pública Centro Educacional Unificado – CEU de Paraisópolis. Tem interesse e pesquisa nas áreas de mediação e incentivo à leitura, feminismo negro, políticas públicas do livro, leitura e bibliotecas. Participa do Grupo de Trabalho Serviços de Biblioteca para Pessoas Vulneráveis – GT SBPV da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições – FEBAB. Atua voluntariamente na Oficina de Leitura Guimarães Rosa com apoio à edição de vídeos, podcasts e encontros virtuais.
Entrevista concedida quarta-feira, 3/5/2023 – 15h São Paulo – 20h Paris.

Sabe uma memoriazinha que veio? Em 2019 O *Grande sertão: veredas* foi relançado pela Companhia das Letras, e o Mia Couto foi convidado para fazer o lançamento no SESC Pinheiros. Eu não havia conseguido retirar os ingressos antes, mas resolvi ir com a esperança de ter vagas sobrando, afinal eu gosto muito do Mia Couto e, também, queria essa nova edição. Chegando lá encontrei a Élida Marques na frente do SESC, e ao contar que eu não tinha ingresso para entrar ela disse que tinha umas amigas que eram apaixonadas por Guimarães Rosa que estavam lá também e com certeza tinham algum ingresso sobrando. De fato, tinha o tal ingresso e eu consegui ver Mia Couto e comprar o meu futuro companheiro de uma travessia pela literatura do Rosa. Que engraçado lembrar que naquele dia vi alguns rostos que conheceria depois e que me ajudaram sem saber quem eu era…

Já em 2020, como minha irmã estava fazendo História na FFLCH, ela recebeu um e-mail divulgando a Oficina de Leitura, e com as informações de como fazer para participar. Ela então encaminhou o e-mail para mim, uma mensagem muito acolhedora e como eu estava na travessia obtusa de ler o *Grande sertão: veredas*, acredito que foi mais um dos "chamados do sertão".



Fwd: [Historia-fflch] Fwd: [Difusieb] Oficina de Leitura Guimarães Rosa - psfelice@gmail.com - Gmail - Google Chrome

mail.google.com/mail/u/0/popout?ver=1g3ytthb29lwb&q=ewelyn&qs=true&qid=125C3B27-73A9-47CA-ACE2-2E6620...

---------- Forwarded message ---------
De: **Difusão Cultural IEB/USP** <difusieb@usp.br>
Date: seg., 27 de jan. de 2020 às 10:52
Subject: [Difusieb] Oficina de Leitura Guimarães Rosa
To: difusieb <difusieb@listas.usp.br>

Ler em voz alta a obra do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967) é amplificar as vozes dos seus personagens, é transportar a imaginação para uma geografia e para uma língua que ele inventou/recriou. Ler em grupo se transforma numa experiência enriquecedora. Esta é a proposta da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, criada pelo professor Dieter Heidemann e abrigada no IEB-USP.

Pra quem já conhece a obra é um momento de compartilhar experiências, de reler, de "transler". Para quem não conhece ou para quem tem medo de Guimarães Rosa, uma oportunidade de adentrar neste universo mágico e desvendar os vocábulos e a narrativa, considerados difíceis.

Em 2019, a pedido dos novos integrantes da Oficina de Leitura, reiniciamos a leitura de *Grande Sertão: Veredas*. No primeiro semestre de 2020 faremos a travessia por suas páginas finais. No segundo semestre iniciaremos outro percurso pela obra com a leitura das sete novelas de *Corpo de Baile*.

Além da roda de leitura, há atividades extras, como palestras com especialistas, filmes, lançamentos de livros, relatos de viagens à geografia roseana, organização de eventos roseanos, como o "Infinitamente maio", no IEB, e Grande Sertão: Virada, na Unibes.

Também organizamos grupos que vão ao sertão para conhecer o "quem dos lugares". Oficina de Leitura Guimarães Rosa acontece a partir de 5 de fevereiro de 2020, **sempre às quartas-feiras, das 18 às 20 horas, no Auditório 1, segundo andar, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP** - Avenida Professor Luciano Gualberto, 78, Cidade Universitária, em São Paulo.

Sintam-se todos, estudantes, professores e público em geral, convidados e bem-vindos.

Entrada grátis.

Equipe da Oficina de Leitura Guimarães Rosa

Aí em 2020, com esse e-mail que recebi da minha irmã, acabei indo no meu primeiro e único encontro presencial de 2020 com a Oficina! E aí veio a pandemia da Covid-19, atravessaríamos o Liso do Sussuarão...

Você já conhecia o autor Guimarães Rosa?

Já conhecia, mas nunca tinha parado para ler adentro, lembro de ter lido o conto "A terceira margem" e conhecia, assim de gostar muito, as frases do *Grande sertão: veredas,* e esse livro eu já tinha tentado iniciar a leitura, mas achei muito difícil. E aí eu

lembro sempre que por uns dois anos eu começava, lia, e eu parava lá pela página 100, era tanta informação, eu ficava fazendo um esforço danado para compreender algumas coisas que ficavam reverberando no peito com a leitura, sabe? Aí eu sempre parava.

Foi muito engraçado porque quando eu comecei na Roda de Leitura estava perto dessas partes em que eu sempre parava. E assim eu pude continuar a leitura. Foi uma coisa assim de serendipidade[2]. E assim consegui, com o apoio de todos, conseguimos terminar de ler o *Grande sertão: veredas!* Naquele ano atravessamos e fomos atravessados pelo Liso do Sussuarão, mas o narrar Guimarães talvez tenha feito com que resistíssemos mais.

A partir de quando você assumiu essa parte do trabalho técnico, junto com a Renata e a Gabriella?

> **Como eu ainda não conhecia ninguém, meu contato era só aquele virtual no momento da leitura, então eu respondi: "Olha eu sei, mas assim, o básico". E aí eu acabei me predispondo a apoiar também. Achava interessante, mas eu ficava com receio, por conhecer tão pouco. Só que aí, fazendo os podcasts, eu consegui me aprofundar, consegui fazer outras coisas, porque os meus conhecimentos eram muito básicos.**

Então, eu não tinha contato, não conhecia ninguém na Oficina de Leitura. Entrei no grupo em meados de março, fizemos aquele primeiro encontro, e aí eu não sei se já tinha começado com essas ideias do podcast do IEB, mas por vezes nos encontros online eu via que as coordenadoras pediam ajuda e apoio de quem conhecesse a questão de edição de áudio para podcast. Só que eu já estava e sempre estou envolvida em alguma coisa, e não consegui dizer sim ali naquele primeiro momentinho entre março e abril. Eu acho que acabei aceitando em meados do mês de maio, vendo que a Rosa tinha postado mais uma vez um pedido de apoio para as edições. Como eu ainda não

[2] Ato ou capacidade de descobrir coisas boas por mero acaso, sem previsão. Circunstância interessante ou agradável que ocorre sem aviso, inesperadamente; casualidade feliz; eventualidade. Conforme https://www.dicio.com.br/ Acesso em: 10/8/2023.

conhecia ninguém, meu contato era só aquele virtual no momento da leitura, então eu respondi: "Olha eu sei, mas assim, o básico". E aí eu acabei me predispondo a apoiar também. Achava interessante, mas eu ficava com receio, por conhecer tão pouco. Só que aí, fazendo os podcasts, eu consegui me aprofundar, consegui fazer outras coisas, porque os meus conhecimentos eram muito básicos.

Mas uma coisa legal é que os podcasts tinham uma poética muito potente, e acabei aprendendo algumas coisas a mais de edição, como incluir sons de passarinho, água correndo, algum trechinho de música do pessoal da Oficina de Leitura. Tudo isso se tornou uma parte muito bonita do fazer a parte técnica do audiovisual, afinal eu não sou nem nunca fui dessa área.

Eu conheci a ferramenta de edição de áudio com um projeto chamado Mediação e linguagem, que acompanhei em Sorocaba no meu trabalho anterior na Secretaria de Educação do Estado, em que crianças e jovens tinham oficinas de edição de vídeos e áudios para fazer algo como radionovelas de contos, vídeo animação, podcasts. Era muito divertido acompanhar a criatividade deles e o resultado dos trabalhos, então ali eu tive uma noção dessa parte de edição de áudios e vídeos. Acho que talvez eu tentava transpor um pouco da poética nos áudios e vídeos que fiz com a Oficina, era uma tentativa de "escutar a cor dos passarinhos" tal como poetisa Manoel de Barros. Lembro que muitas vezes as coordenadoras e demais participantes da Roda vinham e agradeciam pelas edições, acho que esqueci muitas vezes de agradecer por editar também e estar escutando a cor dos passarinhos.

Você aprendeu a fazer fazendo, a partir desse básico conseguiu ampliar. E aí você com a Renata e a Gabriella contribuíram na construção de um grande acervo de podcasts, pois de 11/5/2020 a 23/8/2021, portanto, em 15 meses foram produzidos 51 podcasts com o selo da Oficina de Leitura. Mais de 7 horas de áudios.

A gente foi organizando e reconstruindo esse acervo pelo Google Drive. Tanto dos áudios, das fotos, como dos vídeos. Nós tínhamos um combinado que era, conforme a disponibilidade, cada uma pegava um determinado arquivo de áudio que era completo, então ele tinha a introdução, o texto ou alguma música ou alguma coisa assim. E a gente puxava para nossa pastinha, fazia uma marcação e ia editando. Era muito livre, muito tranquilo, de acordo com a disponibilidade mesmo de cada uma. Eu pelo menos nunca me interessei de fazer essa métrica, um levantamento de quantas edições fiz.

Acho que em 2020 as produções eram bem grandes, toda semana praticamente tinha uns três podcasts esperando para ser produzidos, as coordenadoras faziam toda a parte de curadoria do material, e isso facilitava bastante o processo. Eu, Renata e Gabi criamos as nossas dinâmicas de trabalho com muito respeito, sabe? Acho que por ser algo voluntário, algo que nós acreditávamos e que tinha uma rede apoiando, contribuindo, apreciando.

Com a volta das atividades presenciais você tem conseguido participar da Roda de Leitura, que continua online?

Infelizmente, agora não é uma participação mais tão constante, porque, enfim, eu tenho o meu trabalho presencial que tem as suas próprias dinâmicas, então às vezes eu acabo não conseguindo entrar no horário. Como moro em São Paulo, a famosa Selva de Pedra, temos um tempo de deslocamento que é quase perverso, né? Muita gente gasta 3 horas de transporte em cada trajeto, eu gasto menos, mesmo assim, com o retorno ao presencial e algumas demandas que surgem, eu nem sempre consigo sair na hora do trabalho. Aí acabei me afastando um pouco, mas sempre que eu tenho oportunidade e que consigo chegar a tempo, eu entro na Roda. Continuo em contato com o grupo, com a Renata, com a Rosa, e também dando apoio nas edições de vídeos de alguns encontros online, então ainda tem essa aproximação coletiva em conversas e trocas.

Mesmo afastada da Roda eu não estou longe da literatura, eu vou lendo outras autoras e autores também. Passei a ler mais escritores negros, de autoria feminina e LGBTQIAPN+ como missão, mas tenho Guimarães na cabeceira. Outro dia li *Ponciá Vicêncio,* da Conceição Evaristo, escritora e mulher negra, então consegui sentir uma poética comum de ambos. Eu sou bibliotecária, e felizmente a literatura sempre atravessa minha vida.

Vocês nunca receberam nenhuma bolsa, nenhuma ajuda de custo?

Não! Sempre foi um trabalho voluntário.

Como alguém que participou da equipe técnica você sente necessidade de que haja alguém para fazer esse suporte?

Aí eu acho que entra o que talvez você já conversou com a Renata e a Gabriella, que é a própria superação das coordenadoras terem essa autonomia, de se interessar em aprender. E autonomamente elas estão dando continuidade com o manejo do Meet para realizar os encontros, estão dando conta sozinhas de realizar a Roda de Leitura online! Desde a organização da lista de e-mail, tudo foi um aprendizado. No início tinha um pouco essa dependência, mas aí elas foram superinteressadas em aprender, a superar os desafios, inclusive dessa distância geracional com relação ao acesso à tecnologia. Foi um orgulho muito grande ver esse desenvolvimento delas e a facilidade que elas têm hoje.

Tem algum trabalho teu que se desdobrou a partir da Oficina de Leitura ou do Guimarães Rosa?

Eu me inscrevi para participar d'O caminho do sertão deste ano de 2023 e fui selecionada, estou ansiosa porque acho que vai ser uma experiência incrível. Para participar a gente tem que enviar uma carta escrita à mão, uma carta de afetos, "um relato com as suas inquietações, reflexões ou desejos para participar desta vivência[3]". Eu cito a Oficina na Carta, acho que ela faz parte desse caminho.

Eu acho que, até mesmo pelo meu trabalho na biblioteca, o Guimarães Rosa vai atravessando também. Sempre que eu posso faço alguma exposição relacionada ao Guimarães Rosa, coloco algum livro dele em termos de indicação, nas conversas. Então, no meu trabalho em si tem esse desdobramento quase natural por gostar de literatura.

Lembro que em 2020, no Sarau da Oficina, eu fiz um compilado de todos os trechos que tinha a palavra sertão, ficou uma prosa bonita. Eu tenho esse apego com a palavra "sertão", nasci em Januária, lá no norte de Minas Gerais, e na ilustração cartográfica do Poty no livro do Guimarães Rosa tem Januária, então o ser sertão começou a fazer um pouco parte de mim, fortaleceu uma conexão bonita com a terra,

[3] Fonte: EDI-TAO 2023. VIII Edição d'O caminho do sertão: De Sagarana ao Grande Sertão Veredas. Disponível em https://ocaminhodosertao.com.br/edital-de-inscricao/ Acesso em: 16/9/2023.

essa terra que é ancestral, me ajudou nessa coisa bonita que é a identidade com o lugar, o lugar sertão, ser tão. Acho que o Guimarães também influencia um pouco nas minhas tentativas de escrita, às vezes eu rascunho alguns poemas e certamente alguns saem bem roseanos! O sertão está dentro da gente, né? Guimarães também. Notudo.

UM JUNTADO DE ALGUMAS FRASES COM A PALAVRA SERTÃO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

O senhor tolere, isto é o SERTÃO. Uns querem que não seja! que situado SERTÃO é por os campos-gerais a fora a dentro.

Então, o aqui não é dito SERTÃO?

Lugar SERTÃO se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.

O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniães...

O SERTÃO está em toda a parte.

SERTÃO é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...

SERTÃO. Sabe o senhor! SERTÃO é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...

SERTÃO! Estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra.

E o miôlo mal do SERTÃO residia ali, era um sol em vazios.

No SERTÃO, até enterro simples é festa.

O SERTÃO é do tamanho do mundo.

Primeiras estórias. Recorte do projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*

Epílogo: louvor à leitura e à literatura de Guimarães Rosa

> Como profissionais, o construtor, o jardineiro, o cozinheiro, o alquimista e o pintor não estão tanto impondo forma à matéria quanto reunindo diversos materiais e combinando ou redirecionando seu fluxo na expectativa do que pode surgir.
> Tim Ingold, *Estar* vivo, 2015, p. 305.

Como professora de uma universidade pública brasileira, me ocupei, durante o estágio de pós-doutorado, do trabalho de reunir pessoas e as suas estórias e histórias ao longo desta trilogia. O meu pedido foi para que contassem a sua experiência com a Oficina de Leitura Guimarães Rosa. E cada uma se esmerou e fez o seu melhor. Como lembra Tim Ingold na epígrafe, a minha tarefa foi reunir esses diversos materiais, combinando as suas partes, na esperança de que fizessem algum sentido. A trilogia dos livros *Travessias I, II e II* é o que emerge deste esforço. É chegado o momento de pôr um ponto final à colheita. Difícil tarefa de conter o vivo, pois a Roda de Leitura continua os seus movimentos sem cessar, uma soma grandiosa de pequenos e grandes acontecimentos. Há mais de 20 anos, toda quarta-feira, das 18 às 20 horas, horário de Brasília, mais de 60 pessoas lendo Guimarães Rosa. Além das múltiplas atividades que se desenvolvem em paralelo, como se pode constatar ao longo das narrativas destes três livros.

Deixo o leitor com dois textos finais, porém não os últimos, pois a Roda de Leitura continua viva: os delicados excertos do diário de Kátia Caiado que nos dão

notícias de como uma pessoa chegou à Roda de Leitura, nela ficou antes e depois da pandemia e resistiu, mesmo após a perda de um familiar muito amado para a Covid. O intervalo, a falta de palavras e voz, a ausência, a dor da perda e como a Roda de Leitura e a literatura ofereceram algum alento, mesmo no silêncio de quem apenas acolhe e escuta ou se ausenta, para que, finalmente, Kátia conseguisse entregar o seu texto no fim de dezembro de 2023 e assim ainda compor conosco, reunindo-se aos demais textos e autores neste epílogo. E por fim a poesia de Marise Hansen que dá conta das celebrações dos 20 anos da Oficina e do lançamento do **Livro I** no Instituto de Estudos Brasileiros e no Museu da Língua Portuguesa: "Riacho que nunca seca!".

Esta trilogia se apresenta como um louvor à leitura e à literatura. À beleza do trabalho coletivo, ao trânsito entre os saberes da cidade e do sertão, enfim, um louvor à Guimarães Rosa e à Oficina de Leitura.

Permaneçamos lendo, Guimarães Rosa e muitos outros autores, sempre e cada vez mais, na tentativa de desvelar um tanto o mistério de estar vivo.

Travessias.

Durante o inverno de Paris e o verão de Cuiabá, janeiro de 2024.
Que venham as próximas estações! Infinitamente!
Elni Elisa Willms

O Rosa, a Roda, a pandemia e eu: excertos de um diário

Kátia Regina Moreno Caiado[1]

Para o Leonel e o Matteo, meus netos.

Dezembro de 2020, sábado.
Escrevi para Rosa Haruco, ela coordena uma "Oficina de Leitura" que lê a obra do Guimarães Rosa. Sei que é uma atividade que acontecia no IEB/USP. Pedi mais informações para ela, acho que agora são encontros semanais online. E viva a vida em tela online...
A Rosa apresentou a Oficina ontem no fechamento da leitura do *Grande sertão: veredas*. Quarenta semanas lendo aquele livrão com a Élida Marques... toda sexta-feira, das 20 às 21h, entramos em sua casa e ouvimos a Élida ler, se emocionar, cantar para nós a longa saga no sertão... sem ela eu jamais teria atravessado esse texto... preciso reler, acho que triler... calma, Kátia!

Domingo... e a Rosa já respondeu! A Oficina entrou de férias, retornará em fevereiro, me avisará por e-mail! Começarão a ler "Corpo de Baile", vou comprar já.

1 Professora aposentada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), docente colaboradora do Programa de Pós-graduação em Educação, campus Sorocaba. E-mail: caiado.katia@gmail.com

Janeiro de 2021, terça-feira.
O e-mail da Oficina chegou hoje. Os encontros retornam em duas semanas, sempre às quartas-feiras, das 18 às 20h.
Não sei se conseguirei participar, a vida está tão estranha. Ontem tinha um aviso do síndico no elevador: tem uma família infectada no prédio, solicita que os cuidados sejam redobrados; mas... já estamos passando álcool até nas cascas das frutas... e quem será que pegou? Queria levar uma canja... será que eles comeriam? Como desinfectar a canja da vizinha? Afff!! E a esperada vacina nessa fila enorme...

Fevereiro de 2021, terça-feira.
Márcio, pegou Covid. Não tinha vaga nos hospitais daqui, foi para Amparo, cidade vizinha. Visitas proibidas, 40 anos juntos e visitas proibidas. O médico vai nos telefonar todo dia às 17h. Esperar notícias... Espera na modalidade tortura. Avisei o Guilherme[2], a Europa começa a fechar as fronteiras.
Tento reler *O recado do morro*. Meu pensamento foge a cada linha e daí releio e daí ele foge e daí releio... Talvez deva ler depois da aula de yoga, de manhãzinha será que estarei mais concentrada? Ou devo ler um conto novo? Esse foi o conto que li quando fiz a Viagem Literária, com a Noemi Jaffe, parece que foi noutra vida, janeiro de 2019. Ônibus cheio, de São Paulo até Morro da Garça daí até Cordisburgo e volta para São Paulo, num falatório sem fim, sem máscaras, sem medo.
Que horas são agora? Na Alemanha 19:10h. Guilherme espera a transmissão das notícias diárias, não contaram para os meninos. Tomara que o médico não atrase hoje. Ontem as notícias foram de melhoras, deve ir para o quarto na quinta-feira.

Fevereiro de 2021, domingo.
Márcio na UTI, o médico autorizou a visita do Guilherme. Corrida para vir e voltar em 10 dias. A pergunta engasgada, calada: e se a Alemanha fechar antes?
Preciso escrever para a Rosa e explicar minha mudez na Roda. Não consigo ler e nem falar nada... tento acompanhar a leitura no grupo. Depois, sozinha releio e daí releio. Miguilim, Miguilim...

2 Nosso filho.

Fevereiro de 2021, quinta-feira.
Guilherme chega amanhã de manhãzinha. O médico marcou a visita para 11h. Preciso abastecer o carro, calibrar os pneus. Hoje cedinho avancei no texto *Campo geral*, mas daí o Dito morreu... e eu choro e choro e choro pelo Dito, pelo Miguilim, pela Nhanina... pelo Márcio, pelos netos que desenharam para o vovô. Choro pelos mortos do mundo inteiro, choro e choro e choro...
Dito querido... mas criança não pode morrer...

Março de 2021, sábado.
Márcio morreu.

Maio de 2021, sexta-feira.

> Foi no meio de uma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciozinho que ele fez, a pontuda falta da toada, do barulhinho. Acordaram, se falaram. Até as crianças. Até os cachorros latiram. Aí, todos se levantaram, caçaram o quintal, saíram com luz, para espiar o que não havia. Foram pela porta-da-cozinha. Manuelzão adiante, os cachorros sempre latindo. – "Ele perdeu o chio..." Triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios, ele tinha ido s'embora, o riachinho de todos. Chegado na beirada, Manuelzão entrou, ainda molhou os pés, no fresco lameal. Manuelzão, segurando a tocha de cera de carnaúba, o peito batendo com um estranhado diferente, ele se debruçou e esclareceu. Ainda viu o derradeiro fiapo d'água escorrer, estilar, cair degrau de altura de palmo a derradeira gota, o bilbo. E o que a tocha na mão de Manuelzão mais alumiou: que todos tremiam mágoa nos olhos. Ainda esperaram ali, sem sensatez; por fim se avistou no céu a estrela-d'alva. O riacho soluço se estancara, sem resto, e para sempre. Secara-se a lagrimal, sua boquinha serrana. Era como se um menino sozinho tivesse morrido.
>
> João Guimarães Rosa*, Uma estória de amor.*

Junho de 2021, quarta-feira.
Resolvi ler hoje, foi minha primeira leitura na Roda online. Não imaginava o tamanho da ansiedade ao esperar minha vez... a letra k se aproximava, Iara, Izair, Jean, Júlio e daí seria eu... de novo repassei os passos: abrir o microfone, encadear na linha certa, ler devagar sem tropeçar, antecipar a pontuação para entoar...
Pronta para desistir, ouço o aviso da Linda:
— Katia, precisa abrir o microfone...
Suava. Entornei a xícara de chá. Abri o microfone. Li minhas 10 linhas, ou será que li a mais?! Me ouvi tropeçar, tanta palavra nova...
Mas, li mesmo o quê?!... será que junto com meu paladar, meus cabelos, meu coração, se foi minha atenção?... E o que mais esse Covid levará de mim?
Amanhã releio tudo em voz alta outra vez e daí encontrarei o fio da meada dessa estória... nem que precise bisler até entender...
Mas... confesso que hoje, quando a roda terminou, percebi uma alegriazinha no meu coração.

> Alegria tinha de ser chamada à força. Era preciso chamar a alegria, como se chama a chuva, na desgraça de uma seca demorada.
>
> João Guimarães Rosa, *A estória de Lélio e Lina.*

Dezembro de 2022, quarta-feira.
Hoje será a última Roda do semestre. Retomaremos *Corpo de Baile* em março, e já será 2023. Encontro especial: quem tiver o que partilhar tem *a hora e vez*... (será que apaixonei?! *rs rs rs*...).
Decidi oferecer uma singeleza, lerei *Sagatrissuinorana.* Alice R. preparou o *powerpoint*; Renata, no controle das tecnologias, me ajudará a passar as páginas enquanto leio... Será que deveria ter pedido autorização ao autor Nelson Cruz para colocar o livro dele na tela?! Agora é tarde... amanhã apagarei o arquivo. Preciso avisar a Alice e a Renata para apagarem também.

11 de dezembro de 2022, domingo.
Hoje foi mágico. Conheci a "Ocupação 9 de julho" (MSTC), em São Paulo. Fomos Sabrina, Waldir, Marise (ainda de máscara) e eu. Os Miguilins vieram de Cordisburgo (MG) para cá com a Elisa Almeida. Ontem se apresentaram no Museu da Língua Portuguesa e hoje na Ocupação. Se não bastasse tudo isso e misturado: estar em Sampa com os amigos de desde o movimento estudantil e do PCdoB; conhecer a Ocupação; rever e reouvir os Miguilins... E ainda vi presencial e ABRACEI, pela primeira vez, algumas das amigas da Roda na tela... Rosa, Cleisa, Susana, Elisa, Neli... e o Esdras, fotografando...
Magia pura. Ah... e a cozinha da Ocupação é tudo de bom mesmo. Que delícia de domingo!

Fevereiro de 2023, quarta-feira.
Hoje na Oficina, a Elni apresentou seu projeto de pós-doutorado, que será sobre a Roda. Pediu contribuições em prosa, poesia, bordado, foto... Acho que vou escrever, como eu teria sobrevivido até aqui sem a Roda? Sem esse tal Guimarães Rosa? A cada dia contando os mortos, a cada semana esperando a Roda, o Rosa.
Sim, vou escrever sobre o meu encontro com a Roda. Essa Roda que precisou se reinventar online quando entramos no isolamento e que ressignificou seus encontros nesse tempo tão sombrio... vou escrever...

Fevereiro de 2023, quinta-feira.
Tive uma baita insônia.
Pois é, dona Katia... a cada dia contando os mortos, a cada semana esperando a Roda. Mas a cada suspiro lembrando o Márcio... lembrando a dor dos netos que não puderam se despedir do avô amadomolequebrincalhão...

> Afinal, morto amado, quando para de morrer?
> Rita Carelli, *Terrapreta.*

Não encontrarei o "textopalavra" que fale disso tudo misturado. E não sei poetar, nem bordar, nem fotografar. Já aprendi que nem tudo tem palavra. Melhor me desculpar com a Elni, porque ontem anunciei para ela que escreveria. Santa burrice...

O sério é isto, da estória toda — por isto foi que a estória eu lhe contei —: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome.

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas.*

Oficina de Leitura – 20 anos

Marise Hansen[1]

"Ia haver a festa", e houve.
Ouve! Doces vozes, de longe vindas
Cheias de estórias lindas
Lindas Marias – Antônia e Eduarda,
Isabela, Bernardo e Heitor,
Sem falar de "Dito" e Dôra,

- Sem falar de Dôramor.

Os lugares de doutores,
Os redutos de pesquisa,
O espaço do Museu
Tudo se "transformoseava":
Élida e Jean, seus tambores-tins e tons
Sons do jongo de Tia Anna

[1] Mestre e doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH – USP, participante da Oficina de Leitura. Poema escrito em 27/11/2023, após a celebração dos 20 anos da Oficina de Leitura no Instituto de Estudos Brasileiros (24/11/2023) e no Museu da Língua Portuguesa (25/11/2023). Os trechos entre aspas são do conto "Uma estória de amor – Festa de Manuelzão", de João Guimarães Rosa. "Dito" é carinhoso apelido sertanejo do prof. Dieter Heinz Heidemann, cofundador da Roda de Leitura Guimarães Rosa.

- E o balanço da ciranda.

Ouve e vê: ouvê,
Que a festa também é pros olhos
Linhas e cores em tela
Linhas e cores na teia, na mesa
Mestras de textos, postais e tramas
Onde havia o vazio,

- Vão criando beleza.

Elni e seu livro, filho
E fruto de muito trabalho
O livro nosso e o vivo
Valor do que é coletivo
Em que a gente conhece
E então reconhece

- "O tamanho da alma de toda pessoa."

Em tudo, o que se vê é Rosa:
Nas flores para a democracia
Nas Dôraflores mirins
No legado do Rosa
No reger de Rosa
No girar da Roda, este

- "Riacho que nunca seca."

Painel elaborado pelo grupo "Papo de Bordado": Maria Maria Inês Mur, Marisa Durante, Iara Martins, Eleni Isabel Lima e Cleisa Rosa.

Organizadores

Elni Elisa Willms se constituiu professora nos diferentes níveis de ensino, a partir da formação em Pedagogia em 1984, na UFMT, onde também fez o mestrado em Educação, em 2000. Concluiu o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, em 2013. Foi durante a estadia em São Paulo que conheceu a Roda de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP. Com a pandemia, através do formato online, pode voltar a participar da Roda, toda quarta-feira, das 17 às 19h do horário de Cuiabá-MT, cidade onde reside e atua como professora no curso de Pedagogia da UFMT e no PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.

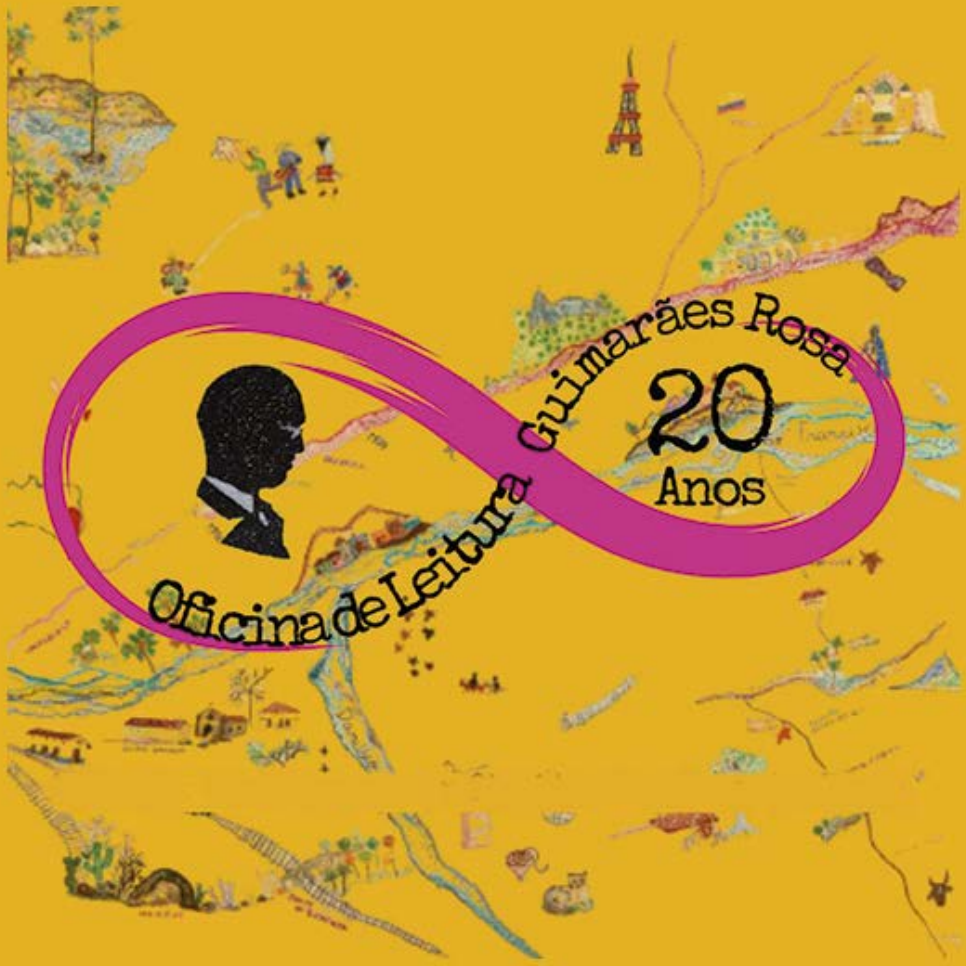
Este livro organizado com Rogério de Almeida e Michel Riaudel é um dos frutos de seu estágio pós-doutoral, sob supervisão do professor Michel Riaudel, junto à Sorbonne Université, onde esteve como professora visitante vinculada ao CRIMIC (Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les mondes ibero americains et contemporains), de setembro de 2022 a julho de 2023, em Paris-França.

É mãe de dois filhos - Otávio e Augusto - e avó do Miguel e do Heitor.

Rogério de Almeida é Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Coordena o Lab_Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura) e o GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura). Atualmente é Chefe do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (EDA) e Editor Colaborador da Revista Machado de Assis em Linha e atuou como Editor da Revista Educação e Pesquisa (FEUSP) (2017-2021). Bacharel em Letras (1997), Doutor em Educação (2005) e Livre-Docente em Cultura e Educação, todos os títulos pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutoramento na Universidade do Minho (2016). Trabalha com temas ligados a Cinema, Literatura, Filosofia da Educação e Imaginário.

Michel Riaudel é Titular da "agrégation" de Letras na França, fez doutorado em literatura comparada (Paris X) e é hoje professor responsável do departamento de estudos lusófonos e diretor da UFR de Estudos ibéricos e latino-americanos de Sorbonne Université. Membro do CRIMIC, publicou em 2017 um livro sobre os avatares históricos, míticos e literários da figura de Caramuru: Caramuru, un héros brésilien entre mythe et histoire, Paris, Petra, 2017 (2ª ed. revista). Com Laura de Mello e Souza, Cláudia Damasceno e Antonella Romano, coorganizou Le Moment 1816 des sciences et des arts. Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis et le Brésil, Paris, Sorbonne Université Presses, 2022. Sua pesquisa volta-se para a literatura brasileira, as circulações literárias, questões de intertextualidade, recepção, transferência, tradução e regimes de conhecimento. Traduziu também Ana Cristina Cesar, Modesto Carone, José Almino, Milton Hatoum, João Guimarães Rosa, entre outros autores.

Este livro utilizou as fontes tipográficas
Crimson Text e DIN Next LT Pro,
e foi terminado em janeiro de 2024,
em São Paulo.



20 ANOS
OFICINA DE LEITURA GUIMARÃES ROSA

UFR

PPGEdu
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LETTRES
SORBONNE
UNIVERSITÉ

CRIMC

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
CHAIRE PAUL TEYSSIER

CAPES

lab_arte

FEUSP

UFMT